

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KELLY CAROLINE APPELT

PENSAMENTO LIBERTINO E CIÊNCIA NO SÉCULO XVII: *VIAGEM À LUA* E *VIAGEM
AO SOL* DE CYRANO DE BERGERAC

CURITIBA

2019

KELLY CAROLINE APPELT

PENSAMENTO LIBERTINO E CIÊNCIA NO SÉCULO XVII: *VIAGEM À LUA* E *VIAGEM
AO SOL* DE CYRANO DE BERGERAC

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Doré.

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Appelt, Kelly Caroline

Pensamento libertino e ciência no século XVII : a *Viagem à Lua e Viagem ao sol* de Cyrano de Bergerac. / Kelly Caroline Appelt. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Profª. Drª. Andréa Carla Doré

1. Bergerac, Cyrano, 1619 – 1655 – Crítica e interpretação. 2. Literatura
francesa – História e crítica. 3. Pensamento – História – Sec. XVII.
4. Libertinos na literatura. I. Doré, Andréa Carla. II. Título.

CDD – 843.4



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **KELLY CAROLINE APPELT**, intitulada: **PENSAMENTO LIBERTINO E CIÊNCIA NO SÉCULO XVII: VIAGEM À LUA E VIAGEM AO SOL DE CYRANO DE BERGERAC**, sob orientação da Profa. Dra. ANDRÉA CARLA DORÉ, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 06 de Setembro de 2019.


ANDRÉA CARLA DORÉ
Presidente da Banca Examinadora


AMANDA CIESLAK KAPP
Avaliador Externo (UNIBRASIL CENTRO
UNIVERSITÁRIO)


SILVIA REGINA LIEBEL
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MINAS GERAIS)



Para meus avós Arcenio, Delvina e Horacília (*in memoriam*), com todo o meu amor e
carinho.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido ao longo dos dois anos da pesquisa de mestrado serviu para provar, mais uma vez, a importância das amizades, das camaradagens e das relações que os seres humanos tecem em suas trajetórias de vida. Diante disso, o que me cabe aqui é agradecer a todas as pessoas que permaneceram ao meu lado e, é claro, para aqueles que eu conheci durante o percurso.

Primeiro agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa cedida, que sem o seu apoio financeiro seria difícil permanecer na pós-graduação e prosseguir com a pesquisa.

Gostaria de agradecer a professora Andréa Doré que me recebeu muito bem na UFPR, me orientou de uma maneira verdadeira e cuidadosa e teve muita paciência ao ler os meus textos e me direcionar em momentos que eu me sentia imersa em um mar aberto de ideias, pensamentos e reflexões sobre o objeto de estudo. Também não posso deixar de mencionar o legado e o encantamento que a sua orientação deixam comigo: os saberes sobre Michel de Certeau e o conhecimento sobre as várias produções desse pensador. Que fique aqui registrado o meu muito obrigado!

Sou muito grata à professora Silvia Liebel, principalmente por ser a minha conselheira e pela sua amizade. Agradeço os seus precisos apontamentos, as suas importantes críticas e as generosas sugestões que foram feitas na qualificação. O empréstimo de livros e os compartilhamentos de referências também foram indispensáveis para o desenvolvimento da minha pesquisa. Obrigada!

Do mesmo modo, agradeço a professora Beatriz Zechlinski pela sua clareza e os ricos apontamentos na qualificação. Sou grata pelas suas primorosas sugestões de bibliografia, que eu apreciei muito, e pela grande gentileza que teve ao emprestar os seus livros para que eu pudesse digitalizá-los.

Também sou grata à professora Amanda Kapp pelas suas importantes contribuições, o aceite para compor a banca de defesa e o cuidado que teve ao ceder as suas observações em uma versão impressa para mim. Obrigada!

Agradeço imensamente aos meus pais, Leni e Rosalvo, meu eterno porto seguro, que me deram todo apoio possível, do emocional até o financeiro, para que eu pudesse realizar o meu sonho de fazer o mestrado. Eles estiveram do meu lado em todos os momentos, me auxiliando na mudança para Curitiba, me dando atenção e carinho nos finais de semana em que eu vinha visitá-los em Florianópolis, me guiando quando eu fraquejava ou me distanciava

da pesquisa. Serei eternamente grata pelos seus esforços para que eu pudesse voar. Juntamente com o núcleo familiar, sou grata à minha cachorrinha Fofa, que ficou ao meu lado nos momentos de escrita quando eu estava de volta à Floripa, e a sua doação de carinho incondicional aos humanos. Também agradeço a minha tia Elite que sempre me incentivou a buscar por uma profissão prazerosa e pelas suas demonstrações de interesse sobre os meus estudos.

Sou extremamente grata ao meu companheiro Zenir, o meu grande refúgio, que sempre me incentivou a seguir os meus sonhos, me aconselhou, me encorajou, encarou os meus desesperos e ansiedades com a vida acadêmica, as minhas lágrimas de preocupações e de alegrias, os meus devaneios com o passado, as minhas dúvidas, os meus desejos e a minha eterna ânsia pelo conhecimento. A distância que enfrentamos nos tornou mais forte e expandiu a nossa ligação. Ademais, agradeço à minha sogra Zenira, pelas palavras de incentivo e pelos deliciosos pães e bolos; à Poliana, ao Alexander, e agora à pequenina Pietra, que me trazem a alegria das crianças; à Nataliya e ao Adiel, que me incentivaram durante o processo de entrada para o mestrado, ouviram as minhas lamentações com a vida e me ajudaram com a tradução do resumo; e à Taisa e ao Taciano, pelos papos, risadas e almoços em família.

Aos amigos que conquistei em Curitiba, na linha Espaço e Sociabilidades, colegas de profissão e de reflexões, à Mariana, à Marlova, ao Otávio, ao Victor, ao Wallas, e ao infiltrado Valdemir, e obrigada à Pamela, Patrícia, Francielle e Marcia pelo apoio, compartilhamento de angústias, divagações cereteunianas e conversas sobre terapia e nossos objetos de pesquisa ou outros temas. Agradeço a todas/os pelos momentos compartilhados e as risadas! Também sou grata por ter conhecido, através do grupo de estudos, Amanda, Brenda, Eric, Luís, Mariana e Sabrina, que compartilham do mesmo gosto que o meu pelo estudo da Época Moderna; e ao André que sempre se mostrou disposto a me ajudar com as digitalizações no Cedope.

Aos amigos que permanecem em minha vida, só tenho a agradecer ao Fernando, que sempre mergulhou comigo nos papos filosóficos; ao Lennon, à Ira, à Gabriela, à Amanda e à Bárbara. Aos colegas de graduação que se tornaram grandes amigos: à Marina, que sempre mostra para mim o lado positivo das coisas, ouve as minhas lamentações e me trouxe para o mundo da criação, a costura; à Nayara e à Jhenifer, que se fizeram sempre presentes, mesmo estando longe, e que me proporcionam um espaço seguro para debater os percalços e conquistas da vida; ao Carlos, que sempre que podemos papeamos sobre a árdua vida acadêmica, à Silvana, à Rosana e à Priscila, o nosso grupo ainda vive. A todas/os eu devo

desculpas pela minha ausência, mas lembrem-se, foi por uma boa causa! E à Livia que, assim como eu, ama comer pão de queijo e estudar o século XVII.

Devo agradecimento às contribuições feitas pela professora Ana Cláudia Romano Ribeiro, quando eu estava no início do mestrado e cheia de dúvidas, sobre as edições das obras de Cyrano e a indicação de referência do professor Luís Filipe Silvério Lima.

Por último, agradeço à revisora Luísa Menin que me ajudou a tornar o texto mais agradável para a leitura.

O mistério gera curiosidade e a curiosidade é a base do desejo humano para compreender.

Neil Armstrong

RESUMO

A presente dissertação volta-se para a investigação do livre-pensamento no século XVII, através da análise de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, escritos que foram publicados postumamente, nos anos de 1657 e 1662, e tratam das viagens empreendidas por um viajante para a Lua e o Sol, locais que são considerados mundos e são povoados por seres que possuem hábitos totalmente contrários aos humanos. As obras são da autoria de Cyrano de Bergerac, escritor entendido como um livre-pensador, um representante do grupo dos libertinos — modo como foram nomeados posteriormente pela historiografia. As narrativas de Cyrano propõem uma nova maneira de exercer o pensamento, empregando a imaginação como uma modalidade possível para o entendimento do real. Assim, com um suporte teórico-metodológico baseado no campo da história cultural e numa perspectiva da esfera da cultura escrita, o objetivo aqui é examinar como o pensamento libertino foi exprimido pelo escritor e como ele compreende a sua realidade e interpreta o conhecimento sobre o mundo. Tal análise também buscou entender o contexto em que os libertinos do século XVII estavam imersos: um período que perpassou pela instauração do absolutismo, que ocasionou o recrudescimento da ordem, com a subordinação dos indivíduos ao poder e governo do Estado e que, ao mesmo tempo, vivenciou a emergência da dúvida — em decorrência do abalo sofrido pelas instituições religiosas, em virtude do cisma causado pela Reforma, e face às descobertas científicas que minaram as concepções sobre a formação do mundo defendidas pelo cristianismo.

Palavras-chave: Pensamento libertino. Cyrano de Bergerac. Viagem à Lua. Viagem ao Sol. Século XVII. Imaginação.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate freethought in the 17th century by analyzing *Voyage to the Moon* and *Voyage to the Sun*, writings that were published posthumously, in 1657 and 1662, and that describe journeys undertaken by a traveler to the Moon and the Sun, places that are considered worlds, inhabited by beings with habits completely contrary to those of humans. These works were authored by Cyrano de Bergerac, a writer who is considered a freethinker and a representative of the group of libertines — who were named so later by historiography. Cyrano's narratives introduce a new way of exercising thought, using imagination as a possible tool for understanding reality. Thus, by means of a theoretical and methodological support grounded in cultural history and from a written culture perspective, the aim here is to examine how the libertine thought was expressed by the author and how he perceives his own reality and interprets knowledge about the world. This analysis also sought to understand the context in which the 17th century libertines lived: a time period that saw the rise of absolutism, which caused the invigoration of order and the subordination of individuals to the power and government of the state, and that simultaneously witnessed the emergence of doubt — as a consequence of the jolts experienced by religious institutions, because of the schism caused by the Reformation, and in the face of the scientific discoveries that undermined the ideas on the origins of the world defended by Christianity.

Keywords: Libertine thinking. Cyrano de Bergerac. *Voyage to the Moon*. *Voyage to the Sun*. 17th century. Imagination.

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour objectif l'investigation de la libre-pensée au XVII^{ème} siècle en analysant le *Voyage à la Lune* et le *Voyage au Soleil*, écrits publiés à titre posthume en 1657 et 1662 et décrivant les voyages entrepris par un voyageur sur la Lune et le Soleil, des lieux que sont considérés comme des mondes, habités par des êtres aux habitudes tout à fait contraires à celles des humains. Ces ouvrages ont été écrits par Cyrano de Bergerac, un écrivain qui est considéré comme un libre-penseur et un représentant du groupe des libertines — ainsi nommés plus tard par l'historiographie. Les récits de Cyrano introduisent une nouvelle façon d'exercer la pensée, employant l'imagination comme un possible outil pour la compréhension du réel. Il s'agit donc ici d'examiner, à travers un support théorique et méthodologique enraciné dans l'histoire culturelle et dans une perspective de la culture écrite, comment la pensée libertine a été exprimée par l'auteur et comment il perçoit et interprète la connaissance du monde. Cette analyse a cherché également à comprendre le contexte dans lequel vivaient les libertins du XVII^{ème} siècle: une période qui a vu la montée de l'absolutisme, ce qui a provoqué le renforcement de l'ordre et la subordination des individus au pouvoir et gouvernement de l'État, et qui a simultanément assisté à l'émergence du doute, à la suite des soubresauts subis par les institutions religieuses, à cause du schisme causé par la Réforme, et face aux découvertes scientifiques qui ont sapé la conception sur la formation du monde défendue par le christianisme.

Mots-clés: Pensée libertine. Cyrano de Bergerac. Voyage à la Lune. Voyage au Soleil.
XVII^{ème} siècle. Imagination.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenhos de Thomas Harriot que demonstram o terreno acidentado da Lua.....	111
Figura 2 – Os mapas lunares de Galileu e a representação de suas imperfeições	111
Figura 3 – Os mapas da Lua de Harriot e as suas costas	112
Figura 4 – A Lua de Van Langren e a denominação de suas regiões.....	112
Figura 5 – Um dos mapas da Lua do livro <i>Selenographia</i> (1647) de Hevelius	113
Figura 6 – Mapa da Lua em <i>Almagestum novum</i> (1651), ilustração de Francesco Maria Grimaldi.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – O LIVRE-PENSAMENTO NO SÉCULO XVII E AS VIAGENS DE CYRANO.....	30
1.1 CYRANO DE BERGERAC E A HISTÓRIA DAS OBRAS: VIAGEM À LUA DE 1657 E VIAGEM AO SOL DE 1662.....	30
1.2 CULTURA LETRADA NA FRANÇA DO SÉCULO XVII E O PENSAMENTO LIBERTINO	41
1.3 A REPRESSÃO SOFRIDA PELOS LIBERTINOS ATRAVÉS DO CASO DO VIAJANTE DYRCONA DE <i>VIAGEM À LUA</i> E <i>VIAGEM AO SOL</i>	59
CAPÍTULO 2 – UM CONTEXTO NEBULOSO PARA A IMAGINAÇÃO DE MENTES LIVRES	65
2.1 A DESSACRALIZAÇÃO DOS CÉUS E A INVERSÃO DO PENSÁVEL: CONDIÇÕES PARA A EMERGÊNCIA DE UMA NARRATIVA DESCRITIVA DA REALIDADE.....	65
2.2 ATEUS E EPICURISTAS: O LUGAR DE DEUS NA FILOSOFIA LIBERTINA E A POSSIBILIDADE DA DESCRENÇA.....	81
CAPÍTULO 3 – ENTRE A CARAVELA E A LUNETA: CONHECIMENTO SOBRE O MUNDO NA PRIMEIRA MODERNIDADE	90
3.1 MAPEAMENTO DO UNIVERSO: NARRATIVAS DE VIAGEM E CARTOGRAFIA	90
3.2 OS PARAÍÇOS TERRESTRES E AS UTOPIAS.....	104
3.3 A DESCOBERTA DA LUA E A SELENOGRAFIA	107
3.4 A CIÊNCIA COMO FICÇÃO: A LUA E O SOL LITERÁRIOS	113
CAPÍTULO 4 – SABER E IMAGINAÇÃO NA LUA E NO SOL DE CYRANO DE BERGERAC	121
4.1 OS EXCESSOS IMAGINÁRIOS DE <i>LA POINTE</i> : EXCEDER O SENTIDO PARA IMPULSIONAR A COMPREENSÃO	121
4.2 LER O MUNDO EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO ATRAVÉS DAS VIAGENS	137
CONCLUSÃO.....	148
REFERÊNCIAS	154

INTRODUÇÃO

“É preciso crer que, assim como daqui vemos Saturno e Júpiter, se estivéssemos num ou noutro descobriríamos muitos mundos que não percebemos daqui, e que o universo é eternamente construído dessa maneira”.¹ O autor dessa frase é o personagem Dyrcona, narrador de *Viagem à Lua*. Ele profere tais palavras para o sr. Montmagny, o vice-rei da Nouvelle France², evidenciando como a percepção sobre um outro mundo é possível desde que se altere a perspectiva ou o local de observação acerca dele e, ainda, anuncia como o universo possui muitas coisas que ainda estão para serem descobertas pelos seres humanos. Dyrcona, personagem que tem seu nome revelado apenas na obra *Viagem ao Sol*, debate essas questões justamente durante o seu processo de deslocamento para o mundo da Lua, o que explica o seu interesse por outros mundos. Além disso, o trecho narrado pelo viajante é tocante, pois sintetiza o que *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* propõem enquanto ficções literárias e introduz o contexto do debate em que as obras estavam inseridas durante o século XVII: a busca pelo conhecimento sobre o mundo habitado e a reflexão sobre o que constitui o saber – questões que indicam tentativas de se ultrapassar o pensamento único e inquestionável sobre as coisas.

O objetivo desta dissertação é investigar, através das ficções *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, como Cyrano de Bergerac, o escritor das obras, entendido aqui como um livre-pensador do século XVII, compreende a sua realidade e interpreta o conhecimento sobre o mundo. O presente trabalho reconhece o autor como pertencente ao grupo que veio a ser denominado, posteriormente, pela historiografia francesa, como ‘libertinos’. As viagens imaginárias são os suportes para que o escritor expresse a sua ânsia e a sua busca pela liberdade de pensamento em um mundo que não o permitia ser completamente livre. Os escritos também expressam as suas dúvidas e contradições em uma conjuntura em que os indivíduos, animados com as expansões territoriais pela Terra, foram atraídos pelo inexplorado céu, pois, nessa época, o ser humano supera as descobertas do espaço terreno e quer conhecer as regiões ainda desconhecidas ou pouco estudadas.

¹ “Il faut donc croire que comme nous voyons d’ici Saturne et Jupiter, si nous étions dans l’un ou dans l’autre, nous découvririons beaucoup de mondes que nous n’apercevons pas d’ici, et que l’univers est éternellement construit de cette sorte.” CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 23-24. Tradução livre da autora. E CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 26.

² Nome das possessões francesas no Canadá durante os séculos XVII e XVIII.

Aqui se faz necessário atentar como as narrativas de Cyrano são fontes emblemáticas de um contexto demarcado pela emergência do questionamento dos valores e do direito à dúvida que atingia os sujeitos do século XVII. As certezas estavam se desgastando, elas estavam sendo corroídas por um espírito crítico, que ao se instaurar favorecia o aumento do ceticismo. Tal processo se relaciona com o que Georges Minois afirmou, de que, entre os anos de 1600 e 1640, ocorreu a primeira crise de consciência europeia, conforme a proposição de Paul Hazard.³ Com relação a isso, é importante ressaltar que a possível crise foi decorrente de um processo que já havia se iniciado séculos antes, ao menos desde o século XV e XVI, com as reflexões feitas pelos humanistas e os traumas causados pelas guerras de religião, uma ideia que também foi proposta por Minois. Os dois elementos elencados podem ser reconhecidos como algumas das ocorrências que se somaram e promoveram tensões, desgastes, rupturas e até mesmo mudanças no plano intelectual, social e político dos Seiscentos. O momento, diante dos acontecimentos, vivenciava um contexto nebuloso – denominação que serviu de título para o capítulo 2 da presente dissertação – e fez com que os indivíduos buscassem maneiras para lidar com as indagações que surgiam e questionavam os costumes, as práticas e os valores, que vinham sendo transmitidos ao longo do tempo e defendidos pelas instituições de poder.

Outro fator que se somou ao estado de reflexão e questionamento vivido pelo momento foi o surgimento da nova astronomia, que propiciou a investigação do céu e permitiu que os astrônomos anunciassem descobertas e apontassem novos pontos de vista sobre os astros, e do desdobramento da ciência mecanicista, questões que desestabilizaram as divisões de mundo, celestial e terrestre, defendidas pelo cristianismo. Foi no século XVII que alguns dos paradigmas são quebrados, principalmente no caso das enunciações da ciência mecanicista, porém também é preciso atentar para o fato de que esse processo já havia sido iniciado momentos antes, séculos XV e XVI. Com relação a isso, Jean Delumeau anunciou que a época perpassou pela dessacralização do céu, o que quer dizer que o espaço não era mais visto, apenas, como o local da morada dos anjos ou o destino das almas, mas sim como um ambiente que poderia ser observado e investigado pelos seres humanos.⁴ O heliocentrismo, ideia que já se encontrava em discussão, ainda que de maneira sutil nos períodos anteriores, foi comprovado pelos astrônomos durante o século XVII, o que gerou um

³ MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 213.

⁴ DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 454.

abalo dos dogmas defendidos pela Igreja, pois retirava a centralidade da Terra. A questão da centralidade da Terra era uma visão alimentada pelos sacerdotes e também era uma ideia aceita em outros círculos, como entre alguns cosmógrafos e pilotos, exemplos indicativos da profundidade do sismo que se instaurou naquele momento. A proposição de Delumeau sobre o contexto em questão é significativa para a análise proposta aqui, pois permite que se compreenda o cenário em que os libertinos estavam imersos, o que possibilita atestar como as obras de Cyrano possuem inspirações nos discursos científicos e são reempregadas nos seus escritos para criticar a sociedade em que o escritor vivia. Além do mais, a consolidação da ciência mecanicista durante o século XVII despertava o interesse das mentes do período pelo conhecimento do universo e da natureza que as cercavam, como as ficções de Cyrano atestam, pois o escritor também utiliza das suas narrativas como um espaço de divulgação científica, para fazer com que o seu público leitor tome conhecimento dos avanços da ciência.

As reflexões desenvolvidas por Michel de Certeau, sobre como o contexto do século XVII vivenciava um momento de reavaliação e de crítica, diante dos abalos sofridos pelas instituições religiosas em decorrência da Reforma e também em meio às descobertas científicas – principalmente com a afirmação do heliocentrismo –, servirão como um amparo para explicar a nova situação perpassada pelo século XVII.⁵ Ademais, os apontamentos de Certeau sobre o estabelecimento e o desenvolvimento da escrita historiográfica e sua explicação sobre o processo que envolve a escrita e a diferenciação de uma narrativa ficcional para uma histórica, também servirão como aporte teórico para a análise das fontes empreendida ao longo desta pesquisa.

Já para o entendimento do contexto político, será acionado o estudo de Reinhart Koselleck sobre a afirmação do absolutismo, visto que ele auxilia na reflexão sobre o momento em que Cyrano e os seus escritos estavam imersos.⁶ O autor auxilia na compreensão do momento em que se deu a instauração do Absolutismo, situação em que o Estado absoluto se transformou em uma esfera máxima com o objetivo de integrar a sociedade francesa, que passava por discordâncias advindas das guerras de religião. A mudança foi que nenhuma instância poderia ser maior ou superior ao monarca, a não ser Deus, e todos os indivíduos deveriam se submeter ao seu poderio.

⁵ CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução Maria Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017, p. 140.

⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução Luciana Villas- Cyrano de Bergerac é o autor de Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999, p. 22.

Pode-se dizer que o nome de Cyrano, escritor de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, ficou conhecido através da peça teatral *Cyrano de Bergerac* (1897) de Edmond de Rostand, que se baseou na vida do escritor do século XVII para criar o herói e personagem principal da sua peça, o que permite esclarecer que Rostand criou um Cyrano fictício e não se preocupou em versar sobre os aspectos biográficos do “verdadeiro” Savinien de Cyrano de Bergerac. Além disso, foi através da tela do cinema que o nome de Cyrano de Bergerac pode ser mundialmente conhecido, com a adaptação da peça de Rostand para a película. Entretanto, o sucesso da obra de Rostand e do filme posterior não foi suficiente para que o verdadeiro Cyrano e as suas produções ficassem totalmente conhecidas, ou fossem estudadas com a mesma abundância que, por exemplo, as obras de Molière e Racine foram.

A carência de estudos sobre a figura de Cyrano pode ser verificada, em um primeiro momento, quando numa busca pela sua biografia, pois não se encontra quase nenhuma produção recente sobre o tema em língua portuguesa, além da dissertação de Maria Machado com *La Mort d’Agrippine, de Cyrano de Bergerac: uma tragédia sem eternidade* de 2002 e do artigo de Silvia Liebel intitulado *Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta-cabeça em Cyrano de Bergerac* de 2016.⁷ Apesar disso, pode-se verificar uma quantidade maior de produções na língua francesa. Os estudos que versaram ou contribuíram com o conhecimento biográfico sobre o escritor podem ser identificadas desde o século XVII, tendo obras que discorrem sobre o tema ao longo dos séculos XVIII e XIX, até chegar ao século XX, em que se podem destacar as pesquisas mais recentes como a pioneira feita por Jean Lemoine⁸ em 1911 e as investigações mais atualizadas, notadamente dos registros militares e atos notoriais empreendidas por Madeleine Alcover, como muito bem destacou Liebel.⁹ Na opinião de Alcover¹⁰, quem fez a primeira biografia de teor histórico sobre

⁷ MACHADO, Maria. *La Mort d’Agrippine, De Cyrano de Bergerac: Uma Tragédia Sem Eternidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002; LIEBEL, Silvia. *Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta-cabeça em Cyrano de Bergerac*. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, v. 11, n. 2, 2016.

⁸ LEMOINE, Jean. Le patrimoine de Cyrano de Bergerac. *La Revue de Paris*, 1911.

⁹ LIEBEL, Silvia. *Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta-cabeça em Cyrano de Bergerac*. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, v. 11, n. 2, 2016, p. 491.

¹⁰ Diante da vasta produção de Madeleine Alcover pode-se destacar ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970; ALCOVER, Madeleine. *Cyrano relu et corrige*, Genève: Droz, 1990; ALCOVER, Madeleine. Un gay trio: Cyrano, Chapelle, Dassoucy. In: HEYNDELS, Ralph et WOSHINSKY, Barbara. *L’autre au XVII^{ème} siècle. Actes du 4^e colloque du Centre International de Rencontres sur le XVII^e siècle*. University of Miami 23 au 25 avril, Biblio 17, 1998. ALCOVER, Madeleine. Cyrano et les dévots. In: BENITEZ, Miguel; MCKENNA, Antony; PAGANINI, Gianni et SALEM, Jean. *Materia actiosa. Antiquité, Âge classique, Lumières*. Mélanges em l’honneur d’Oliver Bloch. Paris: H. Champion, 2000. CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres complètes*. Édition critique, textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: H: Champion, 2000.

Cyrano foi Frédéric Lachèvre, com *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac* em 1921.¹¹ A partir daí tiveram outras produções como às biografias de Jacques Prévot, com *Cyrano de Bergerac poète et dramaturge* (1978); de Michel Caroze, com *Cyrano de Bergerac. Libertin libertaire* (1994); e de Anne Germain, com *Monsieur de Cyrano-Bergerac. Biographie littéraire* (1996), apenas para destacar as principais.¹²

O escritor de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, advindo de uma família do núcleo burguês e parisiense, nasceu no ano de 1619 e viveu apenas até o ano de 1654. Antes de Cyrano se dedicar ao ofício das letras, em 1639, ele fez uma passagem breve pela carreira militar ao lado do seu amigo Henri Le Bret. Mas logo em 1641, Cyrano renuncia a vida dos combates, pois ele se encontra no exercício da escrita literária, atividade que lhe serviu como um meio para lançar as suas críticas contra o catolicismo, o dogmatismo e tudo aquilo que parecia inadequado ou abusivo para o escritor. O aspecto crítico do pensador pode ser reconhecido em mais de uma das suas narrativas como *La Mort d'Agrippine* [A Morte de Agripina], *Les Entretiens Pointus* [As conversas afiadas], *Lettres* [Cartas] e *Le Pedant Joué* [O pedante enganado], títulos que foram publicados em 1654 na coleção *Les oeuvres diverses* [As obras diversas], exceto o primeiro.

A posição questionadora de Cyrano está aliada com o uso da imaginação e da proposta de uma escrita *pointue*, que garante uma argumentação prazerosa, o que significa que o escritor emprega as palavras conforme os seus mais variados sentidos, de modo a promover um “maravilhamento” e uma verdadeira revolta de significado através das suas obras.¹³ *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* também testemunham a inspiração do autor no libertinismo florescente na literatura francesa do século XVII¹⁴, que pode ser caracterizado pelo questionamento máximo dos dogmas e da busca pelo rompimento com um pensamento único sobre as coisas. Os libertinos deste século estavam preocupados em promover a dúvida, a possibilidade do “quem sabe?”, do “talvez” ou do “por que não?” sobre os temas que pretendiam discutir. Elemento que indica como os libertinos são representantes da busca por uma autonomia moral frente à autoridade religiosa e política do século XVII. Em sua maioria,

¹¹ ALCOVER, Madeleine. Biographie. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. XV. Ver LACHÈVRE, Frédéric. *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac*. Précédées d'une notice biographique. T. I e II. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1921.

¹² PRÉVOT, Jacques. *Cyrano de Bergerac poète et dramaturge*. Paris: Eugène Belin, 1978; CAROZE, Michel. *Cyrano de Bergerac. Libertin libertaire*. Éditions Jean-claude Lattès, 1994; e GERMAIN, Anne. *Monsieur de Cyrano-Bergerac. Biographie littéraire*. Lausanne-Paris: Éditions Acatos, 1996.

¹³ BLANCHARD, Jean-Vincent. *L'optique du discours au xvii^e siècle*. De la rhétorique des jésuites au style de la raison moderne (Descartes, Pascal). Canada: Presses Université Laval, 2005, p. 65.

¹⁴ LIEBEL, *op. cit.*, p. 491.

eram instigados pelo ceticismo, que minava as crenças da época e constava a falência dos grandes sistemas dogmáticos e que permitia com que eles questionassem os preceitos dados como verdadeiros, o que autoriza reconhecer em suas narrativas uma espécie de “audácia intelectual” e da reivindicação pelo debate.¹⁵ O livre-pensamento trabalha com o dito e o não dito, questões que decorrem de uma estratégia de escrita, que foi considerada por Isabelle Moreau e Joan Dejean como um elemento essencial para se compreender as reflexões propostas pelos libertinos do século XVII.¹⁶

O exercício do livre-pensamento é entendido aqui como uma expressão da conjuntura vivida pelos libertinos, que é transportado para a escrita. No caso de Cyrano, temos na literatura o emprego da *la pointe*, que utiliza as palavras considerando as suas várias acepções, não se prendendo aos seus significados e colocando-as em um jogo de oposições. O resultado é uma narrativa controversa, cheia de ambiguidades que gera ironia e humor. As viagens de Cyrano exemplificam muito bem isso, pois as sociedades lunares e solares, mesmo apresentando personagens que são partidários de opiniões materialistas, atomistas, naturalistas, céticas ou exclusivamente críticas, ainda mantêm uma estrutura governamental semelhante à situação política da época; e há a presença dos sacerdotes, que sempre interrogam o viajante, aspecto que revela a inspiração do escritor no sistema jurídico da Igreja atuante nas sociedades europeias com o objetivo de combater a heresia. Os clérigos atuaram de forma categórica denunciando os escritos dos libertinos e acusando-os de ateus. O que se pode resumir disso tudo é que as obras de Cyrano podem ser entendidas como espelhos disformes da sociedade francesa do século XVII, pois os escritos trazem inversões de aspectos que representam aquela coletividade, dando destaque para as críticas.

Uma consequência da atitude questionadora dos libertinos foi o modo como eles foram descritos e entendidos pelos seus contemporâneos, como ateus e avessos ao regime em que viviam. No século XIX, por exemplo, eles foram interpretados como autores controversos e extravagantes, o que fez com que eles e as suas obras não ganhassem destaques monumentais no *hall* da literatura clássica. As leituras controversas sobre suas vidas e seus escritos sobreviveram até a contemporaneidade, o que fez com que o conceito de libertino, que no século XVII era definido a partir de uma noção negativa, se mantivesse até o século XX e XXI ligado à transgressão ou perversão da moral e das regras. O sentido negativo esteve

¹⁵ MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 212.

¹⁶ MOREAU, Isabelle. *Stratégies d'écriture et pouvoir politique le cas de La Mothe Le Vayer, Littératures classiques*, n. 55, 2004 e DEJEAN, Joan. *Libertine strategies. Freedom and the novel in seventeenth-century*. Columbus: Ohio State University Press, 1981.

tão infiltrado que houve uma distinção entre a “libertinagem de costumes” e a “libertinagem erudita”, formulação apresentada por René Pintard em sua obra *Le libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*, publicada em 1983.¹⁷ A diferenciação apresentada por Pintard indica que a “libertinagem de costumes” remete a uma conotação vulgar, ligada à licenciosidade, ao sujeito que estaria entregue aos prazeres mundanos. A “libertinagem erudita” sugere a contestação dos dogmas cristãos e da política vigente, através da escrita e da reflexão filosófica, o que representaria os autores libertinos do século XVII.¹⁸ A literatura optou pela segunda concepção e o fez com o intuito de demonstrar que os escritores, assim denominados, se caracterizavam pelo extremo questionamento das ordens da sociedade do Antigo Regime, desmistificando a ideia de que os libertinos estavam apenas entregues aos prazeres mundanos.

De acordo com Jean-Pierre Cavaillé, autor que teceu apontamentos fundamentais sobre o estudo da categoria da libertinagem, o aspecto negativo do termo ‘libertino’ advém do emprego acusatório feito ainda durante o século XVII, sobretudo na obra do padre François Garasse, *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps* (1623), em que o termo foi utilizado para acusar e demonizar os escritos de Théophile de Viau.¹⁹ Para Cavaillé, a constituição da categoria historiográfica estabelecida no fim do século XIX manteve a ideia dos séculos anteriores, o que impediu que as publicações dos autores libertinos fossem interpretadas para além do aspecto provocador da ordem do Antigo Regime. As principais referências sobre o tema da libertinagem são Frédéric Lachèvre, Antoine Adam e René Pintard, autores que desenvolveram grandes teses sobre o assunto e contribuíram com a descoberta de fontes e com o início dos debates sobre os libertinos e sua atuação no século XVII, apesar de Cavaillé ser extremamente crítico às obras desses estudiosos, pois para ele os pesquisadores mantiveram, não intencionalmente, a imagem dos libertinos como autores apologeticos.²⁰ Com o intuito de romper com o aspecto negativo atribuído aos libertinos e

¹⁷ De acordo com Françoise Charles-Daubert, o conceito de “libertinagem erudita” foi formulado por René Pintard. CHARLES-DAUBERT, Françoise. *Les libertins érudits em France au XVIIe siècle*. Paris: PUF, 1998, p. 5. Ver também PINTARD, René. *Le Libertinage érudit dans la première moitié du XVIIe siècle*. Paris: Boivins, 1943.

¹⁸ A distinção de “libertinage de mouers et libertinage érudit” foi feita por René Pintard. In: DUPAS, Matthieu. *La sodomie dans l’affaire Théophile de Viau: questions de genre et de sexualité dans la France du premier XVII^e siècle*. *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], 2010, p. 1.

¹⁹ GARASSE, François, *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou pretenduz tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à l’Estat, à la Religion et aux bonnes Mœurs, combattue et renversée par le P. François Garassus de la Compagnie de Jésus*. Paris: Sébastion Chappelet, 1623.

²⁰ CAVAILLÉ, Jean-Pierre. *Libertinage, irrégion, incroyance, athéisme dans l’Europe de la première modernité (XVI^e-XVII^e siècles)*. Une approche critique des tendances actuelles de la recherche (1998-2002). *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], 2007, p. 8. As obras que Cavaillé se refere são: LACHÈVRE, Frédéric. *Le libertinage au*

partidário de uma história social sobre a libertinagem, o autor referencia uma pergunta de Jacques Prévot, que também estudou as obras de Cyrano, que diz: “a categoria de libertinos não teria servido para lançar os escritores e os escritos para a margem da história, e manter quimicamente puro o século mais grosseiramente idealizado de nossa história?”. Cavaillé responde de forma afirmativa, o que faz pensar sobre como a categoria de ‘libertino’ reconstruída no século XIX teve um grande protagonismo em diminuir a importância dos escritos libertinos e na maneira como o termo foi interpretado negativamente.²¹

As constatações de Cavaillé sobre as interpretações do conceito e da figura dos libertinos se relacionam com as poucas produções, em âmbito nacional e internacional, que são encontradas a respeito do pensamento libertino. No âmbito da historiografia ainda é um tema pouco priorizado, tendo uma concentração maior na esfera dos estudos literários e, principalmente, com produções na língua francesa e, em segundo lugar, na inglesa. Dentre os autores mais recentes, que estudam o pensamento libertino e as suas obras, pode-se apontar para as pesquisas empreendidas por Antony McKenna, Alain Mothu, Isabelle Moreau, Matthieu Dupas, Joan Dejean e Stéphane Van Damme. Autores que, em sua maioria, advieram do campo da literatura, alguns da história, ainda que todos apresentem análises que conjugam o aspecto literário com o histórico. Os autores, assim como Cavaillé se ocuparam em estudar os libertinos a partir de um olhar crítico, que reconhece como algumas das análises anteriores, principalmente aquelas do século XX, perverteram as nuances que existem na categoria de libertino e em suas obras. Os pesquisadores anteriormente citados fizeram análises que abrangem as muitas significações do termo “libertino” e dos escritores libertinos, para compreender os livre-pensadores como pensadores expoentes de uma reflexão filosófica sobre o conhecimento humano e de apreciação do pensamento como tal.²² O debate historiográfico em torno da categoria de ‘libertino’, de modo geral, possibilitou o

XVII^e siècle. Mélanges. Paris: E. Champion, 1920; PINTARD, René. *Le Libertinage érudit dans la première moitié du XVII^e siècle*. Paris: Boivins, 1943; ADAM, Antoine. *Les Libertins au XVII^e siècle*. Paris: Buchet/Chastel, 1943.

²¹ “la catégorie de libertins ‘n’aurait-elle pas servi à rejeter dans la marge de l’histoire des écrivains et des écrits, et à maintenir chimiquement pur le siècle le plus grossièrement idéalisé de notre histoire?”. Ibid., p. 9. Tradução livre da autora.

²² MCKENNA, Antony. Les manuscrits philosophiques clandestins à l’Age classique. *Actes du colloque de l’Université Jean Monnet Saint-Etienne du 29 septembre au 2 octobre 1993*. Paris, 1993; MOTHU, Alain. Le manuscrit philosophique clandestin existe-t-il ? *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Secret et mensonge, 2009; MOREAU, Isabelle. “Guérir du sot”. *Les stratégies d’écriture des libertins à l’âge classique*. Paris: Champion, 2007; DUPAS, Matthieu. La sodomie dans l’affaire Théophile de Viau: questions de genre et de sexualité dans la France du premier xvi^e siècle. *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], 2010; DEJEAN, Joan. *Libertine strategies. Freedom and the novel in seventeenth-century*. Columbus: Ohio State University Press, 1981; VAN DAMME, Stéphane. Subversive Freedom: Libertine Anthropology and the Geography of Knowledge in Seventeenth-Century France. *Early Modern French Studies*, v. 37, n. 2, 2015.

enriquecimento das pesquisas sobre o livre-pensamento do século XVII e fez com que os estudiosos do século XXI vissem outras possibilidades de estudos sobre o tema, com destaque para as análises que abrangem a importância das produções escritas libertinas, os estudos que versam sobre a sociabilidade do grupo de autores, da relação entre o exercício libertino e o poder, a questão dos costumes e da sexualidade e as suas atuações sociais no Antigo Regime.

Ainda com relação ao debate historiográfico em torno da libertinagem, o pesquisador Stéphane Van Damme reconheceu como a reflexão sobre a categoria ‘libertino’ e a sua reconfiguração permite que o fenômeno não seja mais visto através de uma história da irreligião, que, em muitos casos, tendeu a fazer do libertino um grupo equivalente a uma minoria irreligiosa que praticava a blasfêmia. Sendo assim, repensar a categoria permitiu refletir sobre as ações desempenhadas por esses sujeitos históricos e os aspectos que os envolvem, trazendo complexidade para as análises concernentes.²³ Ademais, a proposta da presente dissertação se insere nessa perspectiva de oferecer maior complexidade para o estudo do pensamento libertino e na busca pela ampliação desse debate no âmbito dos estudos historiográficos e no interior da produção acadêmica brasileira sobre a Época Moderna.

Pensando nas fontes aqui analisadas, as narrativas do mundo da Lua e do Sol detalham os percursos, as conversas e as percepções sobre os modos como os habitantes dos outros mundos vivem, assim como relatam a forma como os lunares e os solares recebem o viajante, que se assemelha ao modo como o Estado e os sacerdotes julgavam os sujeitos, considerando-os como desregrados ou descrentes. As viagens concentram uma multiplicidade de assuntos, trazendo à tona debates científicos, políticos, filosóficos e literários. A pluralidade de temas reivindicados pelo escritor é uma característica do princípio libertino e serve para que ele se recuse a decidir entre os diferentes sistemas de explicações sobre o mundo. A atitude não impede que o escritor se posicione. Ele opta pela defesa de um materialismo mesclado com o naturalismo, mas cabe frisar que a tese materialista de Cyrano não é proposta dogmaticamente, ela é construída ao longo das narrativas, no seio da literatura, onde tudo é possível e extraordinário.²⁴

O interesse pelo céu é o que impulsiona o viajante para o deslocamento. Os trajetos que percorre são possibilitados por máquinas espaciais construídas por ele mesmo. Na primeira viagem, com destino para a Lua, Dyrcona decola através de frascos cheios de

²³ VAN DAMME, Stéphane. La mappemonde sceptique: une géographie des « libertins érudits », *Littératures classiques*, v. 92, n. 1, 2017, p. 77.

²⁴ TORERO-IBAD, Alexandra. *Libertinage et science dans le premier XVIIe siècle: le matérialisme de Savinien Cyrano de Bergerac*. Paris: Centre d'Etudes en Rhétorique, Philosophie et Histoire des Idées (CERPH), Institut d'Histoire de la Pensée Classique, 2006, s. p.

orvalho. Após uma aterrissagem inesperada em Nouvelle France, constrói uma máquina que é acionada pelo fogo e o transporta até o paraíso terrestre. O que faz com que o viajante chegue até o mundo da Lua é a ingestão da maçã da Árvore da Ciência do Paraíso. O fruto é coberto por uma casca que produz ignorância em quem a saboreia. Cyrano, inspirado na história bíblica de Adão e Eva, faz com que o fruto proibido leve Dyrcona para o mundo da Lua, onde tudo é vivido ao contrário da Terra: os habitantes respeitam os sujeitos mais novos, não temem a morte, se comunicam através dos movimentos corporais ou através das notas musicais, e os filósofos são críticos dos dogmas cristãos e inspirados pelas ideias atomistas e naturalistas.

A viagem para o mundo solar conta com a experiência do primeiro deslocamento vivido por Dyrcona e o viajante constrói o seu meio de transporte. O mecanismo é denominado de Icosaedro e ascende aos céus em direção ao Sol, após os espelhos da máquina serem atingidos pelos raios solares. Depois de quatro meses de viagem, o aventureiro chega até a mácula, como são denominadas as manchas escuras da superfície solar. Logo depois, Dyrcona continua o seu deslocamento até o momento em que é absorvido pelo Sol, mediante um processo de diáfaneidade que o torna transparente. O astro luminoso, considerado pelo narrador como o pai dos humanos e o autor de todas as coisas, abriga as mais variadas espécies de seres: aqueles que se metamorfoseiam e habitam as regiões luminosas, as aves governantes do Sol que vivem nas regiões opacas, as árvores que falam grego e descendem dos carvalhos da Dordonha, e as almas dos filósofos Campanella e Descartes, que vivem na Província dos Filósofos.

Viagem à Lua, publicada no ano de 1657, foi editada por Henri Le Bret (1619-1710), amigo de Cyrano também responsável por redigir o prefácio da obra e uma breve biografia do escritor. Ao ser comparada com as três versões manuscritas que sobreviveram ao tempo²⁵, a edição impressa revelou discordâncias textuais em alguns de seus trechos, o que confirmou a censura sofrida pela obra durante a publicação. Com relação a isso, a pesquisadora Madeleine Alcover, especialista no estudo das obras *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, atentou para o fato de que se deve ler a edição da primeira partir de um olhar questionador, pois esta, enquanto um documento histórico, comprova as modificações sofridas pelo escrito durante o seu processo de publicação, o que faz suscitar dúvidas sobre a credibilidade do editor do prefácio, a veracidade da biografia nele contida e, essencialmente, a autenticidade do texto escrito que é

²⁵ Cada manuscrito está em um local diferente. O manuscrito de Paris encontra-se na Bibliothèque Nationale de France (BnF); o manuscrito de Munich está na Bayerische Staatsbibliothek (BSB); e o manuscrito de Sydney localiza-se na Fisher Library – The University of Sydney Library.

apresentado como sendo de Cyrano.²⁶ Do mesmo modo, *Viagem ao Sol* foi publicada postumamente, no ano de 1662, sob a responsabilidade de Charles de Sercy, livreiro que também publicou obras de Cyrano quando ele ainda era vivo. Diferente do escrito sobre a Lua, a narrativa do Sol “é a única edição conhecida de uma obra da qual nenhum manuscrito sobreviveu”.²⁷ O fato de não serem encontrados os seus manuscritos deixa questões em aberto sobre o processo de publicação da edição póstuma. Apesar de não haver manuscritos sobreviventes que ofereçam um elemento de comparação, Alcover verificou anormalidades nas páginas do escrito do Sol, o que a fez pensar que as últimas páginas do romance foram alteradas.

As obras contêm histórias que representam o momento literário em que foram produzidas. Uma época em que havia, no processo de publicação, “colaboração frequente entre autores, reutilização de conteúdo usado anteriormente, lugares-comuns familiares e fórmulas tradicionais, junto com contínua revisão e prosseguimento de obras que permaneceram abertas”.²⁸ Para a época, os manuscritos não necessariamente mereciam conservação, as obras não eram propriedades dos seus autores e as experiências de vida dos autores não eram registradas em qualquer biografia literária, apenas em coleções de anedotas. Para Roger Chartier, a situação mudou quando a afirmação da originalidade criativa entrelaçou a vida do autor e suas obras, situando-as dentro de um contexto biográfico e tornando os sofrimentos e momentos de felicidade do autor a matriz de sua escrita.²⁹ Tal apontamento aciona a reflexão sobre a questão da autoria, que no século XVII era entendida de um modo diferente do que se estende sobre ela na contemporaneidade. Na obra *O que é o autor?*, Chartier retoma de Michel Foucault a ideia de “função-autor” – equivalente a “uma função de classificação dos discursos” – para explicar que a figura do “autor” e a hipótese de que existe apenas um único produtor responsável pela criação e publicação de uma obra literária, não se aplica as noções que existiam nas sociedades do Antigo Regime.³⁰ Com relação a isso, o historiador alerta para a necessidade de considerar o autor como uma função

²⁶ CHARTIER, Roger. Livros falantes e manuscritos clandestinos. As viagens de Dyrcona. In: *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 188.

²⁷ ALCOVER, Madeleine. Critique Textuelle. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. CXXVII.

²⁸ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 10.

²⁹ *Ibid.*, p. 10.

³⁰ CHARTIER, Roger. *O que é um Autor? Revisão de uma genealogia*. Tradução Luzmara Curcino; Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012, p. 27.

variável e complexa do discurso, pois naquele período havia uma variação dos lugares em que as obras eram produzidas. E, como destacado inicialmente, havia a colaboração constante entre os escritores, o que permitia revisões constantes, com alterações de conteúdo ou a sua reutilização. Inclusive, muitas das obras impressas primeiro tinham uma circulação em versões manuscritas. Os materiais impressos também passavam por um processo de produção, com a editoração, que nem sempre mantinha o estado da versão manuscrita inicial ou de uma primeira edição impressa, sem falar que o aparato de censura montado pelas instituições do Estado, também permitia que os escritos passassem vários tipos de modificações para que se adequassem ao esperado ou fossem publicadas sem causar maiores problemas para os seus impressores.

As reflexões de Chartier são importantes para este trabalho, pois oferecem contribuições para pensar a importância do escrito no Antigo Regime, a relação que os humanos estabeleceram com ele e as razões que levaram a produção e distribuição de cópias manuscritas durante o século XVII, como foi o caso dos textos de Cyrano e de outros escritos libertinos, atestando como o manuscrito não foi esquecido na era da impressão. Para mais, é necessário atentar para o fato de que a investigação de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, para uma compreensão do exercício de livre-pensamento proposto por Cyrano, parte da perspectiva metodológica inspirada na história cultural e nos estudos sobre a cultura escrita. Diante disso, para uma análise cultural e diante da sua importância para o estudo da literatura, o conceito de representação orienta a análise das fontes desta pesquisa. Tal conceito pode ser entendido através da retomada feita por Chartier das acepções da palavra contidas no *Dicionário universal* (1721) de Antoine Furetière (1619-1688), que atestaram como o significado da palavra possui duas famílias de sentido um pouco contraditórias: por um lado, a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.³¹ O que se pode entender com essas significações é que a representação trabalha com uma presença e, ao mesmo tempo, com uma ausência, e por causa disso, ela pode ser entendida como “uma presentificação do ausente” ou “uma apresentação nova que dá a ver uma ausência”, o que implica reconhecer no seu significado a questão de substituição, que “recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”.³² Tal reflexão subentende que as obras aqui estudadas, *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, sejam

³¹ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, n.5, n. 11, 1991, p. 184.

³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 9.

compreendidas como representações e não como cópias exatas da realidade, do meio em que foram produzidas ou por quem as produziram, elas são representações que encenam os discursos de sujeitos específicos sobre uma situação específica.

Assim sendo, dentre as várias abordagens que poderiam ser privilegiadas para a investigação do pensamento libertino do século XVII e para a análise das obras *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, aqui se optou pelos estudos históricos que identificam a importância da escrita como um campo em que se operam as reflexões dos indivíduos sobre o mundo vivido, elementos que se encontram numa perspectiva histórico-cultural e também entre os tópicos de investigação do âmbito da cultura escrita. Mais uma vez se deve atentar para o fato de que aqui se baseou nas reflexões apontadas por Michel de Certeau – sobre a produção escrita, a constituição do campo histórico e a diferenciação entre a ficção e a produção de um texto científico, assim como os seus apontamentos sobre a conjuntura em que as fontes analisadas estavam incluídas – e de Roger Chartier – historiador consagrado pelas suas pesquisas no âmbito da cultura escrita, da história da leitura, da literatira e do livro durante a Época Moderna.³³ As investigações sobre o campo literário e a produção literária dos libertinos de Isabelle Moreau, ao lado das reflexões no âmbito dos estudos literários de Jean-Charles Darmon e da filologia por Madeleine Alcover,³⁴ serão importantes para pensar na narrativa como um campo que propicia a possibilidade do exercício filosófico, assim como as investigações de Alexandra Torero-Ibad, Eric Harth, Florent Libral e Stéphane Van Damme também apontam.³⁵ Dessa forma, as fontes são aqui entendidas como contribuintes para o debate sobre o conhecimento cosmológico e filosófico durante o período moderno e são anunciantes da reflexão de Cyrano de Bergerac sobre a relação do ser humano com a sua consciência e a busca pelo saber.

³³ CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011; CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017; CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

³⁴ MOREAU, Isabelle. Stratégies d'écriture et pouvoir politique le cas de La Mothe Le Vayer. *Littératures classiques*, n. 55, 2004; DARMON, Jean-Charles. *Le songe libertin*. Cyrano de Bergerac d'un monde à l'autre. Paris: Klincksieck, 2004; ALCOVER, Madeleine. Critique textuelle e Analyse. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.

³⁵ TORERO-IBAD, Alexandra. *Libertinage et science dans le premier XVIIe siècle: le matérialisme de Savinien Cyrano de Bergerac*. Paris: Centre d'Études en Rhétorique, Philosophie et Histoire des Idées (CERPH), Institut d'Histoire de la Pensée Classique, 2006; HARTH, Erica. *Cyrano de Bergerac and the polemics of modernity*. Columbia University Press, New York and London, 1970; LIBRAL, Florent. Entre science et fiction: le voyage cosmique comme exercice spirituel (Cyrano et Kircher). In: BALESTRIERI, Fulvia; MARZI, Eleonora (éds.). *Science et fiction*. *RILUNE* — Revue des littératures européennes, n. 11, 2017; VAN DAMME, Stéphane. La mappemonde sceptique: une géographie des "libertins érudits". *Littératures classiques*, v. 92, n. 1, 2017.

Com o intuito de compreender o pensamento de Cyrano de Bergerac longe de uma visão que condena os libertinos como hereges ou enquanto pensadores que estavam desconectados da reflexão filosófica e intelectual do século XVII, aqui se propõe que o exercício do livre-pensamento congrega a imaginação e a filosofia, sem que um exclua o outro, pois ambos são necessários. As obras de Cyrano são entendidas como insinuações do interesse pelo conhecimento e da ânsia pelo saber, questões que advinham do desejo de interpretação do mundo vivido naquela conjuntura. Dessa forma, para explorar tais elementos, a presente dissertação está dividida em quatro partes. O primeiro capítulo é onde serão apresentadas as obras *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, a história das edições póstumas e uma breve biografia do autor. Também se pretende abordar mais especificamente o grupo dos libertinos, o florescimento do livre-pensamento através dos encontros entre autores e as discussões que os impulsionavam. Além disso, o último item trata da perseguição sofrida pelo viajante no mundo imaginário da Lua e do Sol, situação que no século XVII ocorria com os libertinos e os pensadores que tratavam de temas polêmicos, uma ideia que é reempregada por Cyrano para criticar a sociedade repressiva em que vivia.

O segundo capítulo contempla o contexto da dessacralização dos céus, proposição interpretativa de Delumeau, e do abalo sentido pelas instituições religiosas, conforme apontou Michel de Certeau, vivenciado pela sociedade francesa do século XVII, questões que ajudam a explicar a emergência da libertinagem na época de Cyrano. A segunda reflexão do capítulo é a problematização da associação feita entre os libertinos e a possível incredulidade dos autores, ideia que limita a compreensão sobre a atuação e a reflexão feita por esses autores em suas obras.

O terceiro capítulo objetiva compreender a interação de Cyrano com outros escritos emergentes da época. Aqui são abordados quatro temas: a narrativa de viagem e o conhecimento cartográfico; a projeção de paraísos terrestres e a proliferação das narrativas de conteúdo utópico; o conhecimento astronômico sobre a Lua e a aparição dos escritos selenográficos; e, por último, a ciência como ficção, reconhecida nas viagens de Cyrano. Todos os temas se manifestaram nas viagens para a Lua e o Sol e oferecem indícios sobre o interesse no deslocamento, além de demonstrar como outras narrativas teceram influências sobre Cyrano, de modo a impactar na construção narrativa de suas viagens imaginárias.

O quarto e último capítulo se detém sobre a prática escriturária de Cyrano, *la pointe*, que permite o exercício do livre-pensamento do autor. O estilo de escrita de Cyrano revela a sua crítica e a sua ironia em meio ao pluralismo de ideias, que serve como uma metodologia para que o escritor legitime a sua proposta de leitura de mundo. Por último, analisa-se como a

viagem imaginária proporciona uma alternativa para o autor expor a sua ideia materialista de mundo, que se entendeu que poderia ser relacionada com a ideia do ser humano enquanto agente do próprio conhecimento, pois é o que o viajante Dyrcona faz ao se lançar no espaço desconhecido em busca da descoberta de novos mundos.

CAPÍTULO 1 – O LIVRE-PENSAMENTO NO SÉCULO XVII E AS VIAGENS DE CYRANO

O pensamento libertino do século XVII representou a contestação da norma, pois ele buscou promover a dissociação e a desconstrução das ideias pré-estabelecidas sobre o mundo. Por conta das opiniões e dos posicionamentos questionadores, as ações e os escritos dos autores libertinos sofreram com a repressão política e religiosa. O clima hostil às suas publicações impactou na repercussão e no reconhecimento, posterior, de seus escritos no campo da filosofia moderna. Compreendendo a importância dessas narrativas, elas são aqui identificadas como representantes da busca pela compreensão do mundo e do conhecimento humano e sua relação com o universo habitado, já que o contexto em que os libertinos viveram foi demarcado por uma reflexão geral da sociedade nos âmbitos da filosofia, da literatura e da ciência.

Para a investigação do livre-pensamento em *Viagem à Lua* (1657) e em *Viagem ao Sol* (1662) de Cyrano de Bergerac, este capítulo contextualiza as fontes, dissertando sobre a breve vida do escritor e apresentando os seus escritos e a trama que envolve as obras. Foi através da esfera literária e do exercício das letras que Cyrano e os seus colegas literatos encontraram os meios para expressarem as suas inquietações sobre a época em que viviam e colocarem em prática o livre-pensamento, questões que serão tratadas no segundo item, para pensar as relações que eles estabeleceram entre si ao estarem imersos na cultura letrada francesa do século XVII. O terceiro item analisa a perseguição sofrida pelo viajante Dyrcona no mundo da Lua e do Sol, questão que exemplifica a repressão estatal e religiosa vivida pelos pensadores que propunham ideias diferentes da norma.

1.1 CYRANO DE BERGERAC E A HISTÓRIA DAS OBRAS: VIAGEM À LUA DE 1657 E VIAGEM AO SOL DE 1662

Cyrano de Bergerac foi o herói da peça teatral de Edmond de Rostand, que estreou em 1897. Em sua obra, Rostand construiu um personagem e não se preocupou em tratar dos aspectos biográficos do real Savinien de Cyrano de Bergerac, o escritor. Apesar disso, a peça possibilitou que os estudiosos buscassem informações sobre o “verdadeiro” Cyrano; e as

fontes utilizadas por Rostand auxiliaram nas investigações posteriores sobre a vida do autor em questão.³⁶

Madeleine Alcover foi quem se dedicou ao estudo filológico – cotejando os manuscritos e os impressos póstumos – e genealógico dos escritos da Lua e do Sol, além de ter se debruçado sobre os atos notariais, que detinham informações sobre a família materna e paterna do escritor. A pesquisadora reconheceu que foi Frédéric Lachèvre, no ano de 1921, quem fez “a primeira biografia de Cyrano de teor histórico”.³⁷ Apesar disso, ela destacou que os estudos biográficos, tais como o de Lachèvre, focaram muito mais nos documentos da família paterna do escritor do que da materna e nos outros sujeitos que estabeleceram contato com Cyrano durante a sua vida.³⁸ Nesse sentido, ela se dedicou a investigar outros documentos, concernentes à família materna, assim como os dos indivíduos que estiveram próximos ao escritor.³⁹ Com isso, ela demonstrou como a bibliografia e os estudos sobre as obras do autor continham ausências. A explicação para isso seria a tendência que certos autores mantiveram ao criar discursos infundados sobre Cyrano. A solução seria que os estudiosos tratassem o escritor do mesmo modo que tratam Molière ou Racine, isto é, reconhecendo a importância dos escritos de Cyrano e mantendo o compromisso com as investigações e afirmações feitas sobre ele.⁴⁰

³⁶ ALCOVER, Madeleine. Biographie. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover, Paris: Honoré Champion, 2004, p. XV.

³⁷ “la première biographie de Cyrano à teneur historique”. Ibid., p. XV. Tradução livre da autora. A obra de Lachèvre sobre Cyrano se dividiu em dois tomos, pois além de tratar das suas obras traz a biografia do escritor. Ver LACHÈVRE, Frédéric. *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac*, T. I, II. Paris: Champion, 1921.

³⁸ Sobre a documentação, Madeleine Alcover trouxe em nota que, em 1894, Joseph Roman descobriu e analisou os documentos conservados no Cabinte de títulos da Biblioteca Nacional da França (BnF); Em 1898, Pierre Frédy de Coubertin, descendente da família, trouxe à tona os arquivos do vale de Chevreuse, região em que viveu Cyrano com a sua família. Em 1910, Charles Samaran descobriu e publicou o ato de morte de Cyrano em Sannois; Em 1911, Jean Lemoine estudou as minutas notoriais. Com relação às biografias, a autora citou Jacques Prévot, *Cyrano de Bergerac poète et dramaturge*, Paris: Eugène Belin, 1978; Michel Caroze, *Cyrano de Bergerac. Libertin libertaire*, Editions Jean-claude Lattès, 1994 e Anne Germain, *Monsieur de Cyrano-Bergerac. Biographie littéraire*, Lausanne-Paris: Éditions Acatos, 1996. Apesar da última referência ser criticada, pois negligenciou algumas informações históricas em sua biografia. Além dessas, nas páginas finais da edição crítica de *Les États et Empires de la Lune et du Soleil*, Alcover lista referências sobre Cyrano e as suas obras. Ibid., p. XV-XVII.

³⁹ Sobre as principais produções de Alcover: ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970; ALCOVER, Madeleine. *Cyrano relu et corrigé*, Genève: Droz, 1990; ALCOVER, Madeleine. Un gay trio: Cyrano, Chapelle, Dassoucy. In: HEYNDELS, Ralph et WOSHINSKY, Barbara. *L'autre au XVII^{ème} siècle. Actes du 4^e colloque du Centre International de Rencontres sur le XVII^e siècle*. University of Miami 23 au 25 avril, Biblio 17, 1998. ALCOVER, Madeleine. Cyrano et les dévots. In: BENITEZ, Miguel; MCKENNA, Antony; PAGANINI, Gianni et SALEM, Jean. *Materia actiosa. Antiquité, Âge classique, Lumières*. Mélanges em l'honneur d'Oliver Bloch. Paris: H. Champion, 2000. CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres complètes*. Édition critique, textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: H: Champion, 2000.

⁴⁰ ALCOVER, *op. cit.*, p. XV.

O comprometimento com os estudos sobre a figura de Cyrano está relacionado com o acesso às fontes e com as informações que elas podem oferecer ao pesquisador. A questão sobre os indícios das fontes lembra o que Joan Dejean escreveu sobre como o reinado de Luís XIV, o *grand siècle*, tentou eliminar o que foi considerado posteriormente como a “mancha” e o “defeito” dos escritores libertinos. De acordo com ela, isso foi feito da seguinte forma: primeiro, foi criado um clima hostil à publicação e à distribuição das obras dos autores que tinham uma postura filosófica heterodoxa; segundo, esses autores foram considerados “indesejados” e excluídos da literatura *mainstream* por um desprezo aos seus talentos; e, terceiro, o grande século removeu os seus sobrenomes, a marca do pai, da família e da herança.⁴¹ Como muito bem definido por Dejean, essas constatações fortaleceram a imagem negativa dos libertinos. Tal reflexão implica que os documentos, tais como os notariais utilizados por Alcover, são produtos desse mesmo século que procurou eliminar a existência dos autores libertinos, o que torna o estudo sobre eles algo ainda mais complexo.

Em vida, Cyrano publicou *La Mort d'Agrippine* [A Morte de Agrippina], *Les Entretiens Pointus* [As conversas afiadas], *Lettres* [Cartas] e *Le Pedant Joué* [O pedante enganado]. A primeira edição dessas obras foi publicada no ano de 1654. Todos os títulos, exceto o primeiro, foram publicados na coleção *Les oeuvres diverses* [As obras diversas], no mesmo ano. As obras publicadas postumamente foram *Histoire Comique, contenant Les Etats et Empires de la Lune* [História Cômica, contendo Os Estados e Impérios da Lua], em 1657, e *Les Nouvelles Oeuvres, contenant l'Histoire comique des Etats et Empires du Soleil, plusieurs lettres et autres pieces divertissantes* [As novas obras, contendo a História cômica dos Estados e Impérios do Sol, muitas cartas e outras peças divertidas], em 1662. O póstumo *Fragment de Physique* [Fragmento de Física] foi publicado em conjunto com a última edição mencionada.

No prefácio de Henri Le Bret, amigo do escritor, quem se encarregou da publicação do escrito póstumo da Lua, apresenta o autor de *Viagem à Lua* e de *Viagem ao Sol*.⁴² Le Bret inicia o seu texto declarando que Cyrano não é um morto comum, ele não está coberto pela tristeza ou “qualquer um dos absurdos que dizem os outros mortos assustadoramente tolos”.⁴³

⁴¹ DEJEAN, Joan. *Libertine strategies*. Freedom and the novel in seventeenth-century. Columbus: Ohio State University Press, 1981, p. 5.

⁴² CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique: contenant les états et empires de la Lune* par M. Cyrano de Bergerac. Paris: Éditeur Charles de Sercy, 1657, s.p.

⁴³ “aucune des fadaises dont on dit que les autres morts épouvantent les sots”. Appendices. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 479. Tradução livre da autora.

O apresentador prefere reconhecer que, ao contrário dos mortos tristes, Cyrano era bem humorado e isso poderia ser constatado conforme a leitura de sua obra. Le Bret crê que diante do bom humor do autor o pesar dos mais críticos com relação àquela obra seria suspenso, “porque haveria dupla covardia ao insultar as almas tão cheias de benevolência e tão cuidadosos com o divertimento dos vivos”.⁴⁴ Além de destacar o espírito bem-humorado do escritor, Le Bret revela a proximidade com Cyrano, que teria iniciado durante a educação, quando eles ainda moravam no campo. Uma das suas lembranças sobre aquela época é que Cyrano, ainda jovem, tinha aversão ao padre que lhes ensinava. O livre pensador julgava que ele seria incapaz de ensinar qualquer coisa a ele, por causa do pensamento e das inclinações religiosas daquele homem. A leitura de Le Bret continua com a alegação de que a incapacidade de Cyrano de fazer as suas lições e correções fez com que o seu pai lhe enviasse para Paris, onde permaneceu até os seus dezenove anos. Para Le Bret, a idade que o escritor tinha na época é quando a natureza se corrompe mais facilmente, o que fez com que Cyrano, imerso no que chamou de “uma grande liberdade”, se entregasse a um “perigoso pecado”. O amigo do escritor diz ter sido o responsável por interromper a possível “inclinação perigosa” e propor que ambos fossem servir na companhia de M. de Carbon Castel-Jaloux. Aqui é um dos momentos, no prefácio, que Le Bret enaltece a bravura de Cyrano, devido aos combates que teve durante a sua estada no exército. Em decorrência, o escritor sofreu com ferimentos durante os cercos de Mouzon e em Arras. Contudo, a atividade militar logo foi abandonada pelo “grande amor pelos estudos” de Cyrano. Os estudos e a sua dedicação às letras foram as únicas atividades que, de acordo com Le Bret, realizou o escritor até a sua morte. O prefácio, de modo geral, aponta as principais atividades feitas em vida por Cyrano e anuncia uma percepção tendenciosa de Le Bret sobre a figura dos libertinos.

A riqueza do relato de Le Bret está em conter a pequena biografia de Cyrano e os relatos das apreensões da época e dos limites entre o vivido e o representado. As principais informações fornecidas pelo amigo do escritor também são verificadas pelo pesquisador Frédéric Lachèvre. Ele forneceu os detalhes sobre o lado paterno da família de Cyrano. Conforme a sua pesquisa, o primeiro Cyrano a ser conhecido na França foi Savinien I de Cyrano, um notável burguês, comerciante de peixes, que foi privado de seu ofício por professar a fé protestante durante as guerras de religião. Conseguiu voltar ao seu ofício com o édito de pacificação e depois se tornou o notário e secretário do rei. Possuiu rendas do clero, o

⁴⁴ “parce qu’il y aurait double lâcheté d’insulter à des manes si remplies de beinveillance et si soigneuses du divertissement des vivants”. Ibid., p. 479. Tradução livre da autora. Optei por traduzir a palavra *mânes* como almas para se referir as almas dos entes queridos já falecidos.

que possibilitou a compra de terras, como o feudo de Bray e o feudo de Boiloisseaux. Os feudos de Mavières e de Bergerac foram adquiridos apenas no ano de 1582 e foram herdados pelo pai do escritor. O avô de Cyrano se casou com Anne Le Maire com quem teve quatro filhos, o primeiro foi Abel I de Cyrano, a segunda foi Anne, o terceiro Pierre I e o quarto Samuel II.⁴⁵

O mais velho dos filhos de Savinien I foi o pai de Cyrano. Abel I foi advogado do Parlamento de Paris e nasceu em 1567. Ele se casou com Espérance Bellanger, filha de Catherine Millet e de Etienne Bellanger, tesoureiro das finanças em Paris. O casamento de Abel I e Espérance, realizado no ano de 1621, ocorreu nas dependências de Denis Feydeau, quem também assinou o contrato da união. Entre as testemunhas do lado do marido estavam os seus irmãos, Samuel e Pierre, tesoureiros de devoção do rei; a sua irmã Anne com o esposo Jacques Scoppart, também tesoureiro; e o seu primo em primeiro grau, Séraphym I Mauroy, pai do futuro indente das finanças. Do lado da esposa estava o seu primo Denis Feydeau, receptor geral das finanças de Amiens em 1596 e em Soissons no ano de 1604; o genro de Denis, Pierre de Maupeau, senhor de Bruyères e primo de Espérance através da sua mulher Marie; o seu primo Guy Robineau, senhor de Becquencourt, irmão uterino de Jean e Sebastien Zamet, dois dos filhos do riquíssimo Zamet, grande amigo e provedor de fundos de Henrique IV.⁴⁶ A descrição das testemunhas indica a presença de “nobres homens” que ocupavam altos cargos na corte e uma possível superioridade social de Espérance em relação ao seu esposo, questões que anunciam o meio social da figura materna e paterna do escritor de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*.

Abel I e Espérance tiveram quatro filhos. Savinien Cyrano de Bergerac é o quarto filho da união. Nasceu em 6 de março de 1619. Cyrano teve uma vida breve e morreu em 25 de julho de 1655. Os motivos que levaram à sua morte ainda são desconhecidos, embora existam indicações de que ele se feriu em 1654 durante o ataque ao veículo do duque de Arpajon, seu protetor na época. Em 1639, Savinien entrou para o *Regimento dos Guardas do Rei*, com Henri Le Bret. Devido aos ferimentos, em 1641, assim como relatado no prefácio de sua obra, Savinien renunciou à carreira militar e se inscreveu no ensino de retórica no Collège

⁴⁵ LACHÈVRE, Frédéric. *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac*. Précédées d’une notice biographique. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1921, p. XVII-XIX.

⁴⁶ ALCOVER, Madeleine. Biographie. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. XXI-XXII.

de Lisieux.⁴⁷ Alcover descobriu, entre os documentos dos Arquivos Nacionais da França, uma fonte datada de 18 de junho de 1641, que, além de atestar que Savinien estudou naquele colégio, expõe que o jovem escritor se livrou junto de “um cúmplice, aos excessos e agressões contra um “pobre estudante” do colégio de Montaigu, chamado de Le Heurteur”.⁴⁸ De acordo com a descoberta, é possível concluir que Savinien interrompeu a sua escolaridade quando se envolveu com o exército e que por isso não terminou os seus estudos, o que impossibilitou que ele seguisse outras carreiras. Ademais, o autor vivia entre os bancos dos jovens de três ou quatro anos mais novos que ele, o que explica como o escritor conheceu Claude-Emmanuel Luillier, chamado de Chapelle (1626-1686). Foi com Chapelle que Savinien frequentou o círculo em torno de Pierre Gassendi durante os anos de 1641 e 1643, questão que também explica o possível abandono das aulas de retórica no colégio de Lisieux.

O ano de 1648 é quando que se tem registro da primeira peça reivindicada por Cyrano de Bergerac. A obra foi publicada, com o nome de Hercule de Bergerac, em conjunto com os paratextos de *Jugement de Paris* [Julgamento de Paris]⁴⁹, de Charles Dassoucy, amigo do autor.⁵⁰ A data é importante, pois precisa quando Cyrano redigiu outros escritos, tais como as viagens para os mundos imaginários. O que se pode afirmar é que *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* provavelmente foram escritas entre os anos de 1650 e 1654. A primeira data é a que mais oferece informações sobre as atividades literárias do escritor. Inclusive, o nome de Cyrano aparece citado nos prefácios de Jean Royer de Prade e Dassoucy. Esse último é um dos amigos que compõe o “gay trio”, denominação criada por Madeleine Alcover para se referir à amizade estabelecida entre Cyrano, Chapelle e Dassoucy e a possível homossexualidade. Esses autores teceram relações muito próximas, tais como atestam as suas obras, com menções e citações, e também quando dos desentendimentos que tiveram e repercutiram em seus escritos, com trocas de acusações. Os anos de 1650 e 1651 são importantes no que concerne à relação de Cyrano e Dassoucy. A ruptura que tiveram se deu nesse momento. Para Alcover, o papel de Le Royer de Prade parece ser revelante: é ele quem forja o anagrama Soucidas, em referência a Dassoucy, e em *Oeuvres poétiques* critica a obra *L'Ovide en belle humeur*, rejeitando publicamente o burlesco empregado pelo escritor. No manuscrito de 1651

⁴⁷ ALCOVER, Madeleine. Éphémérides ou biographie sommaire de Savinien de Cyrano de Bergerac. *Les Dossiers du Grihl* [En ligne]. Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Libertinage, athéisme, irrégion. Essais et bibliographie, 2010, s. p.

⁴⁸ “avec un complice, à des excès et voies de fait contre um “pauvre écolier” du collège de Montaigu. ALCOVER, *op. cit.*, p. XXXII. Tradução livre da autora.

⁴⁹ DASSOUCY, Charles. *Le Jugement de Paris em vers burlesques de Mr. Dassoucy*. Paris: Chez Toussaint Quinet, 1648.

⁵⁰ *Ibid.*, p. XXXVIII.

das *Lettres* [Cartas], de Cyrano, se encontra o escrito *Contre Soucidas*, que revela uma violência e uma grosseria desconhecidas até o momento. A causa da ruptura entre eles foi considerada um reflexo das rivalidades pessoais e possíveis decepções amorosas.⁵¹

A amizade e as relações escriturárias estabelecidas entre Cyrano, Chapelle e Dassoucy trazem à tona a questão da homossexualidade do escritor. Essa foi uma ideia assegurada entre os pesquisadores das suas obras, questão que também foi insinuada por Le Bret ao relatar no prefácio do escrito da Lua que o seu amigo possuía uma “inclinação perigosa”. Foram nessas perspectivas que Alcover reconheceu em *Viagem à Lua* e em *Viagem ao Sol* as anunciações da dificuldade de Cyrano em viver em um mundo que não permitia que ele fosse quem ele realmente era. Foi nesse sentido que ela lançou questões como: “ele viveu o que escreveu?”; “ele é o homem do porquê não?”; “o seu contexto ou o seu ambiente familiar poderia ter alimentado a revolta que se faz aparente nas viagens imaginárias?”.⁵² Michèle Rosellini, ao investigar a homossexualidade e o “espírito forte” na primeira metade do século XVII, atestou que a homossexualidade masculina era um fenômeno difundido na elite social da época. A tendência não impediu o estabelecimento do casamento ou da paternidade. Rosellini considerou que as pesquisas atuais desenvolvidas pelos historiadores atestam que a homossexualidade masculina, nesse período, pode ser entendida como uma consequência da homosociabilidade dominante em uma sociedade que era fundamentalmente não mista, ainda que não seja possível avaliar a profunda implicação dessa identidade subjetiva dos indivíduos. O que se deve destacar é que a homossexualidade de certos autores libertinos pode ser entendida como um traço social, de acordo com os modos de comportamento dos círculos que eles pertenciam ou frequentavam.⁵³

No escrito de *Viagem ao Sol* é possível reconhecer a “elaboração mítica da homossexualidade” de Cyrano. O escritor se utiliza da mitologia para figurar a homossexualidade, ele cria as peças e “deturpa” aquelas dadas pela mitologia e reescreve as metamorfoses dando ao fenômeno uma origem homossexual. A sua audácia é grande, mas ela é atenuada pela evidencia da ficção e o viés bem-humorado do escrito. Exemplo disso pode ser reconhecido na história das “Árvores Amantes” que trata da união de duas árvores gêmeas através dos seus ramos e de suas raízes, o que permite que elas se transformem em um só. A

⁵¹ ALCOVER, Madeleine. Un gay trio: Cyrano, Chapelle, Dassoucy. In: HEYNDELS, Ralph et WOSHINSKY, Barbara. *L'autre au XVIIème siècle. Actes du 4e colloque du Centre International de Rencontres sur le XVIIe siècle*. University of Miami 23 au 25 avril, Biblio 17, 1998.

⁵² ALCOVER, *op. cit.*, p. LXXVII.

⁵³ ROSELLINI, Michèle. Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du XVII^e siècle: indices poétiques d'une « invisible affinité ». *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], v. 1, 2010, s.p.

fábula é contada ao viajante pelo descendente das árvores da Dodone, durante a sua passagem pelas regiões opacas do Sol, onde se encontra o Reino das Árvores. O viajante declara que ao observar as “plantas de amor”, percebe que as folhas das duas árvores estão ligeiramente agitadas por uma emoção quase voluntária, excitadas e estremecidas por um murmúrio trêmulo e um sussurro delicado, na tentativa de comunicação entre um e outro.⁵⁴ De acordo com Roselline, a fábula pode ser interpretada como um deslocamento do povo vegetal exemplar para o lado da homossexualidade e também pode ser entendida como uma explicação da origem do amor e da diversidade das suas formas.⁵⁵

A obra *Viagem à Lua* foi publicada em 1657 sob os cuidados de Henri Le Bret, também responsável por redigir o prefácio da obra. Além da edição impressa, existem outros três manuscritos, possivelmente datados do século XVII, hoje preservados em Paris, Munich e Sydney. O primeiro foi confeccionado como um exemplar legível e que, possivelmente, estava suscetível à reprodução. O segundo, com algumas faltas grosseiras que indicam a natureza do seu copista, foi escrito com o intuito de ser destinado a um colecionador. O último manuscrito foi identificado como um documento que adveio e circulou entre os libertinos, de Chapelain-Gassendi, um material que serviu para a difusão de ideias.⁵⁶

A edição de *Viagem à Lua* de 1657 possui dois manuscritos. Um deles está em Harvard, em seu estado original, o segundo está na Biblioteca Nacional da França, que foi censurado. Essas obras são consideradas como autoridades, pois as passagens censuradas nunca foram reimpressas, por isso, elas revelam uma condição de “quase inéditas”.⁵⁷ As modificações verificadas nas obras foram atestadas conforme a comparação entre as diferentes versões manuscritas e impressas. Além disso, a edição póstuma passou por alterações quando da sua publicação. As constatações foram feitas no ano de 1994, quando foi possível consultar um dos exemplares de Harvard que permitiu atestar que o prefácio de Le Bret estava diferente do exemplar da Biblioteca Nacional da França. Acreditou-se por muito tempo que este último era o único exemplar que restou. Com a descoberta, a obra foi questionada e Henri Le Bret passou a ser suspeito pelas modificações, já que ele foi o responsável pela publicação das obras. Porém, o responsável pelas alterações ainda é

⁵⁴ CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 280.

⁵⁵ ROSELLINI, *op. cit.*, s. p.

⁵⁶ ALCOVER, Madeleine. Critique textuelle. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. CXVII.

⁵⁷ *Ibid.*, p. CXXII.

desconhecido, restando apenas especulações, pois a rede de conhecidos de Cyrano era recheada de devotos e indivíduos que gostariam de atenuar as críticas do escritor. Entre os suspeitos, estariam o irmão mais velho Abel II, o livreiro Charles de Sercy, os padrinhos e os primos do autor, o que quer dizer que quase toda a rede de Cyrano está sob desconfiança.

A edição de *Viagem ao Sol*, publicada em 1662 pelo livreiro Charles de Sercy, autor do prefácio, não possui os manuscritos anteriores à edição póstuma, mas os seus exemplares impressos tiveram mais publicações do que o escrito da Lua. Existe uma suspeita de que os seus manuscritos foram roubados do cofre de Cyrano, quando ele estava doente e muito debilitado. Além disso, no exemplar da Biblioteca Nacional da França existem muitas páginas que não contém o mesmo número de linhas e que não correspondem à mesma correção que a impressa, o que leva a crer, conforme as pistas materiais, que a conclusão da obra foi alterada.⁵⁸ A história que envolve as obras é indicativa do desconforto que os familiares devotos e o irmão de Cyrano tiveram com os trechos que continham críticas mais severas à religião ou às partes que são “difamatórias de pessoas”.⁵⁹ Sendo assim, a genealogia dos escritos indica como eles estiveram imersos em uma conjuntura complexa e que *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, antes das suas publicações, podem ter passado por um “processo de fabricação” por parte dos seus editores. As alterações dos escritos de Cyrano reinteram, mais uma vez, que os seus conteúdos possuem aspectos críticos, que fizeram com que os seus editores buscassem atenuá-los nas versões impressas.

Diante dos indicativos que afirmam o caráter heterodoxo das obras, se faz essencial apresentar o conteúdo que compõe os mundos imaginados da Lua e do Sol. A obra *Viagem à Lua* é narrada em primeira pessoa por um viajante, que no primeiro romance não revela o seu nome, mas no início da segunda narrativa sobre o Sol, se apresenta como Dyrcona. A denominação é um anagrama do nome de Cyrano, o que não quer dizer que o personagem represente Cyrano. Ele pode ser entendido como um pseudônimo estratégico, que serve para que o que está sendo narrado seja associado ao personagem-narrador. Em relação aos personagens de Campanella⁶⁰ e de Descartes⁶¹, que aparecem como os filósofos do mundo do

⁵⁸ Ibid., p. CXXVII.

⁵⁹ ALCOVER, Madeleine. Éphémérides ou biographie sommaire de Savinien de Cyrano de Bergerac. *Les Dossiers du Grihl* [En ligne]. Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Libertinage, athéisme, irréligion. Essais et bibliographie, 2010, s. p.

⁶⁰ Tommaso Campanella (1568-1639), pensador italiano, foi um teólogo dominicano e um filósofo inspirado pelo naturalismo. Dentre as suas principais obras pode-se destacar *De sensu rerum et magia* (1620), *A cidade do Sol* (1602), *Apologia de Galileu* (1622) e *Atheismus triumphatus* (1631). Alguns dos escritos de Campanella tiveram boas recepções entre os livre-pensadores do século XVII, o que explica a inspiração de Cyrano ao criar um personagem denominado Campanella enquanto um habitante do mundo solar na *Viagem ao Sol*.

Sol, eles também podem ser entendidos a partir dessa explicação e, também, como referência aos filósofos reais.

A obra está estruturada da seguinte forma: (1) introdução, onde o narrador anuncia o interesse e o desejo do viajante em conhecer a Lua. Nesse momento, Dyrcona apresenta a sua teoria de que a Lua é um mundo habitado, assim como a Terra. (2) A primeira parte da obra, que trata do deslocamento entre Paris e Canadá. O viajante, envolvido em frascos cheios de orvalho que facilitam a sua ascensão aos céus, consegue se deslocar até a Nova França, referência à colônia francesa no Canadá. Naquele local, ele encontra M. de Montmagny, o vice-rei da colônia com quem tece diálogos sobre o heliocentrismo, o movimento da Terra, a possibilidade da pluralidade de mundos, a infinidade do universo e a corruptibilidade da estrela solar. Ainda na colônia, o viajante projeta um meio de transporte, que ao ser acionado pelo fogo, possibilitou mais um deslocamento de Dyrcona pelos céus. (3) Na segunda parte está a narração sobre a chegada do viajante ao paraíso terrestre, localizado na Lua. O narrador descreve o que encontra no ambiente e o seu processo de instantâneo rejuvenescimento. Lá encontra Elias, habitante que lhe informa que, até aquele momento, naquele local só haviam entrado seis pessoas: ele, Adão, Eva, Enoch, Elias e São João Evangelista. Esse momento da narrativa é repleto de diálogos explicativos sobre o empíreo, que são proferidos pelo profeta Elias e absorvidos com muita atenção por Dyrcona. O paraíso é o ambiente onde o viajante encontra a Árvore da Vida e a Árvore da Ciência. Esta última oferece o conhecimento de todas as coisas do mundo, mas o seu fruto só pode ser consumido com a condição de ser descascado, pois a casca, se ingerida, causa ignorância naquele que a prova. O viajante, por engano, come a maçã sem descascá-la e com isso é transportado para o mundo da Lua. (4) Na terceira parte da obra, Dyrcona finalmente chega à Lua. Esta seção descreve os modos de vida dos lunares, que são contados conforme as experiências são vividas pelo narrador. O relato sobre a chegada contém a descrição da fisionomia dos lunares, os selenitas. Já no mundo lunar, o viajante faz amizade com o gênio de Sócrates, habitante solar que vive na Lua e que lhe serve de guia para que o viajante conheça os costumes dos lunares. Devido à aparência de Dyrcona, ele é recebido naquele mundo com certa desconfiança por parte da corte. Os lunares não sabem definir qual a sua natureza, se humana ou animal. Diante da dúvida, lhe consideram como a fêmea do animal da rainha. Dyrcona é então considerado um macaco e é

⁶¹ René Descartes (1596-1650), filósofo e físico francês que propôs o cartesianismo e influenciou no pensamento e desenvolvimento da ciência natural moderna. Ele foi autor de obras como *Discurso sobre o Método* (1637), *Meditações sobre Filosofia* (1641), *Princípios de Filosofia* (1644) e *As Paixões da Alma* (1649). Apesar de Descartes e dos libertinos do século XVII possuírem algumas discordâncias em suas reflexões sobre o uso da razão ou em seus entedimentos sobre o vácuo, os pensamentos do filósofo certamente influenciaram Cyrano, o que fez com que ele aparecesse como um dos personagens de *Viagem ao Sol*.

decretado que seja a fêmea de outro homem, também considerado macaco. O “homenzinho”, como assim Dyrcona o denominou, era nativo da Castela, Espanha. Esse personagem é uma clara alusão ao personagem da obra *The Man in the Moone* de Francis Godwin, escrita em 1638, que também é espanhol.

Durante o seu percurso pela Lua, o viajante conhece dois acadêmicos que lhe explicam que naquele mundo devem ser respeitados os mais novos e não os mais velhos. Em meio aos diálogos, Dyrcona tece reflexões profundas sobre a eternidade do mundo, a partir da perspectiva atomista. Durante uma manhã turística, descobre os livros lunares, que são ouvidos e não lidos; como os selenitas entendem a morte e fazem os seus sepultamentos. No final da obra, o viajante se detém sobre a negação do milagre, da imortalidade e da espiritualidade da alma; e refuta a existência de um Deus cristão.

Viagem ao Sol segue o modelo do escrito da Lua. A introdução da obra é onde Dyrcona, que ali se nomeia, chega a Toulon para visitar a casa de Colignac, amigo que lhe incentiva a redigir um escrito sobre a viagem à Lua. O viajante se declara recém-chegado de uma viagem espacial e animado para redigir as aventuras vividas no outro mundo. Porém, a sua estada em *Toulosain*, que corresponde à primeira parte da obra, não é tão tranquila quanto ele imaginava, pois os rumores sobre a sua história de deslocamento interestelar chegam até as autoridades, que o consideram um feiticeiro. Por causa disso, sofre com as hostilidades das autoridades civis e eclesiásticas, principalmente de um dos sacerdotes amigo de Colignac. Devido a desentendimentos, Dyrcona acaba preso. Após negociar a sua liberdade se instala em um apartamento privado no topo de uma torre, onde consegue espaço e os materiais suficientes para construir a sua máquina.

A segunda parte da obra é o momento em que o viajante consegue ascender aos céus em direção ao Sol. Aqui o narrador faz observações astronômicas em comparação com a viagem feita para o mundo da Lua. Ao se aproximar do Sol, o viajante chega às manchas solares, que eram assim descritas pelos astrônomos da época. Após breve passagem pelas máculas, Dyrcona parte novamente em direção ao Sol com auxílio de sua máquina, mas assim que se aproxima do astro é absorvido pela força magnética. A terceira e última parte da obra narra o que Dyrcona encontra no mundo solar, onde conhece as regiões luminosas e as regiões opacas do local. Nesses ambientes, ele se encontra com seres que se metamorfoseiam, com pássaros e com árvores, com as quais consegue se comunicar através de uma conversa em grego, até se encontrar com o filósofo Tommaso Campanella (1568-1639), pensador italiano

que pode ter inspirado Cyrano com a obra utópica *A cidade do Sol* (1602)⁶², que trata de uma sociedade que adora o Sol como se ela fosse à imagem de Deus, e o seu pensamento naturalista, que lhe explica o funcionamento do mundo solar e onde descobre a Província dos filósofos. A obra se encerra de forma abrupta após o momento em que o viajante se encontra com Descartes, sem que o filósofo faça as suas considerações sobre o local.

As obras de Cyrano atestam a importância da escrita para os libertinos, pois eles existem e tecem as suas críticas através das letras, elas são os meios pelos quais os livres pensadores exercem as suas constatações. A narrativa é um elo comum que une os autores pelo desejo comum do questionamento das verdades, mesmo que os seus escritos tratem de diversos temas e explorem diferentes tipos de abordagens filosóficas. O pensamento libertino, emergente e desenvolvido durante o século XVII, e as suas escritas são investigadas aqui através de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* de Cyrano, pois são dois temas que devem ser entendidos em conjunto, pois eles existem um através do outro. A apresentação de Cyrano e de suas narrativas, explorada neste item introduz o cenário em que o escritor e as suas ficções estão inseridas e, além disso, anuncia a importância da cultura letrada, espaço que permitiu elaboração dos mundos imaginados da Lua e do Sol, um tema que será abordado em subsequente.

1.2 CULTURA LETRADA NA FRANÇA DO SÉCULO XVII E O PENSAMENTO LIBERTINO

As ideias consideradas heterodoxas e irreligiosas que eram debatidas pelos libertinos demonstraram como esses autores estavam tratando de temáticas profundamente caras às instituições religiosas e políticas do século XVII. Havia, porém, uma diversidade de temas, como o ceticismo de Gabriel Naudé (1600-1653) e François La Mothe Le Vayer (1588-1672). O primeiro, em *Apologie pour tous les grands personnages qui ont esté faussement soupçonnez de magie* [Apologia para todos os grandes personagens que foram falsamente suspeitos de magia] (1625), obra dedicada ao conselheiro do rei, demonstrou como deveriam ser interpretadas as obras dos considerados historiadores da magia, fazendo uma crítica ao modo como alguns autores eram classificados. O segundo, em *De la liberté et de la servitude* [Da liberdade e da servidão] (1643), obra dedicada ao cardeal Mazarin, trouxe considerações sobre o que era desconhecido para as pessoas que viviam um estado de servidão: a liberdade. Em seu escrito, o autor propôs como a liberdade poderia ser exercida e no que consistia a

⁶² CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol*. São Paulo: Martin Claret, 2004

servidão.⁶³ Já Pierre Charron (1541-1603), em *Traité de la Sagesse* [Tratado da Sabedoria] (1601), falou sobre a sabedoria e como ela deveria ser entendida através da prudência, questão importante para que o ser humano agisse de maneira cautelosa e sábia.⁶⁴ Pierre Gassendi (1592-1655), em *Syntagma philosophicum* [Composição filosófica] (1648), demonstrou o seu projeto epicurista e a sua crítica ao aristotelismo. O libertino também se debruçou sobre a filosofia de Epicuro na obra *De vita et moribus epicuri* [Da vida e moral de Epicuro] (1647). Para além de suas obras, Gassendi ficou conhecido pelo seu embate filosófico com Descartes e a sua crítica ao cartesianismo, pois tinham divergências filosóficas sobre as concepções da matéria e do vazio. De fato, o pensador dedicou boa parte da sua vida refletindo sobre como reconciliar a teoria dos átomos com a possibilidade da comprovação da existência de Deus.⁶⁵ Os autores citados, todos pertencentes aos círculos aristocráticos, ficaram conhecidos como os libertinos do século XVII, representantes dos anos de 1600-1640, grupo que, para o historiador Georges Minois, não possuía uma unidade de pensamento, como ficou evidente a partir da apresentação das suas obras.⁶⁶

Frente à perseguição política e religiosa, os libertinos mantinham encontros discretos, nos quais teciam discussões sobre os mais variados temas com o intuito de examinarem hipóteses sobre assuntos que lhes interessavam. Por volta do ano de 1630 se formou um pequeno grupo em torno de Gassendi, La Mothe Le Vayer, Naudé e Diodat, círculo que ficou conhecido como Tétrada, apesar de o ambiente onde ocorriam os encontros ser nomeado Academia Puteana. Segundo Maria Machado, os letrados se reuniam no palácio dos irmãos Dupuy que, todos os dias, recebiam os seus amigos. Lá conviviam todos os eruditos e letrados de Paris, espaço em que podiam conversar sobre os autores da Antiguidade, sobre as obras eruditas mais recentes, as *belles lettres*, e sobre a política europeia, além de receber e transmitir as notícias sobre a República das Letras e informações das regiões estrangeiras. O

⁶³ NAUDÉ, Gabriel. *Apologies pour tous les grands personnages qui ont este faussemment soupçonnez de magie*. Paris: A La Haye, 1653, obra que foi publicada originalmente em 1625. LA MOTHE LE VAYER, François de. *De la liberté et de la servitude*. Paris: Sommaville, 1643.

⁶⁴ CHARRON, Pierre. *De la sagesse*, trois livres. Nouvelle edition, publié avec des sommaires et des notes explicatives, historiques et philosophiques par Amaury Duval. Paris: Rapilly, passage des panoramas, 1827.

⁶⁵ Grande parte das suas obras foram publicadas em latim. Ver GASSENDI, Pierre. *Opera Omnia*. Ed. Tullio Gregory. Stuttgart-Bad Cannstatt: Friedrich Frommann Verlag, 1964 e GASSENDI, Pierre. *De vita et moribus Epicure libri octo*. Ed. Hagae-Comitum: Adrianum Vlacq, 1656.

⁶⁶ MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 212.

círculo intelectual também era receptivo aos novos avanços da ciência, à ciência da Natureza e à Filosofia.⁶⁷

A questão das reuniões entre os pensadores está relacionada com a República das Letras, também chamada de Comunidade do Saber. Ela foi entendida por Peter Burke como uma comunidade imaginada, no sentido dado por Benedict Anderson, que também foi descrita por meio de uma metáfora política ampliada em que a República conta com um senado, leis e outros implementos. Para o autor, ela teria sido um estado igualitário imaginado, visto que houve tentativas de abolir ou, pelo menos, suspender distinções sociais entre os estudiosos proibindo-se demonstrações de deferência nos seus encontros. Nesse sentido, ele entende que a imagem de uma república não era pura ficção, pois havia costumes e instituições que facilitavam a colaboração ou, pelo menos, a cooperação e a distância, como por exemplo, a escrita de cartas em latim, rompendo a barreira das línguas vernáculas europeias; as doações de publicações e informações; a visita de outros estudiosos quando se viajava.⁶⁸ Na perspectiva de Hélène Merlin-Kajman, a República das Letras foi entendida a partir da ideia de reino, como se existisse um rei que era claramente designado pelas leis fundamentais e pelo seu povo, que eram claramente sujeitos às leis fundamentais do seu rei.⁶⁹

Nos encontros, de portas fechadas, ocorriam os principais debates sobre as possíveis contradições que os pensadores identificavam sobre a religião ou o sistema político que vivenciavam. Com relação a isso, Minois atenta como eram esses os ambientes que possibilitavam que os autores experimentassem por uma liberdade intelectual, prática que permitia que os letrados comparassem os sistemas religiosos, levantassem contradições e examinassem os dogmas.⁷⁰ As suas inquietações filosóficas eram nutridas por meio da leitura, da retomada dos textos clássicos, que eram, ao mesmo tempo, comparados com os escritos contemporâneos sobre diversos temas, como a nova Astronomia, a Filosofia, a Matemática e a Literatura. A criação de um espaço protegido, que era frequentado, majoritariamente, pelos seus pares, permitia que os letrados articulassem ideias que inspiravam a escrita de suas obras. Beatriz Zechlinski, ao analisar a produção literária e as sociabilidades letradas nos salões franceses do século XVII, identificou como as reuniões literárias oportunizavam aos seus

⁶⁷ MACHADO, Maria. *La Mort d'Agrippine, De Cyrano de Bergerac: Uma Tragédia Sem Eternidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p. 15.

⁶⁸ BURKE, Peter. A República das Letras Europeia, 1500-2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, 2011, p. 277.

⁶⁹ MERLIN-KAJMAN, Hélène. *Public et littérature en France au XVII^e siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004, p. 126.

⁷⁰ MINOIS, *op. cit.*, p. 213.

frequentadores uma sociabilidade que escapava do controle monárquico, pois foi uma maneira que aristocracia encontrou para manter a sua própria autonomia e as liberdades individuais, sem entrar em confronto com o regime absolutista ou manter o absolutismo como a forma ideal de governo em seu imaginário.⁷¹ A alternativa dos salões literários é uma questão muito importante para pensar o caso dos libertinos, que estavam justamente buscando por espaços que permitissem exercer as suas reflexões e questionamentos sobre o mundo.

Em sua maioria, os autores libertinos que participavam das reuniões eram protegidos pelas suas condições sociais, pois eram bibliotecários dos príncipes, aristocratas que teciam relações muito próximas com os homens que ocupavam altos cargos de poder. Foi o que identificou Isabelle Moreau a partir do caso de La Mothe Le Vayer e, do mesmo modo, Gabriel Naudé. Ambos tinham proximidade com a política de Richelieu e de Mazarin e os círculos de poder. La Mothe Le Vayer, inclusive, investia no espaço público de maneira original e se dividia entre colocar a sua pluma e as suas competências a serviço do rei e em publicar obras por iniciativa própria, com o risco de gerar algum conflito de autoridade com o discurso dominante e as instituições políticas e religiosas que o garantiam.⁷²

À vista disso, se faz importante contextualizar a questão política vivenciada pelos libertinos após o ano de 1626, ou a chamada “crise de 1626”, quando a filosofia libertina passou por uma modificação. O pensamento libertino sofreu com a repressão do Estado e da Igreja a partir da condenação de Théophile de Viau em 1625, autor que foi acusado de sodomia pela escrita de *Parnasse satyrique* (1623) [Poesia satírica], uma coletânea de poemas “licenciosos”, sendo que um deles foi concluído com o voto de praticar exclusivamente a sodomia.⁷³ Esse período foi marcado pela censura e pelo aumento da coerção, conforme atestou a obra *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou pretenduz tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à l’Estat, à la Religion et aux bonnes Mœurs* [A doutrina curiosa dos bons espíritos deste tempo, ou assim pretendidos, contendo muitas máximas perniciosas ao Estado, à Religião e aos bons costumes] do padre François Garasse,

⁷¹ ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. Produção literária e sociabilidades letradas nos salões franceses do século XVII. In: DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos. (Orgs) *O que é sociabilidade?* São Paulo: Intermeios, 2019, p. 93.

⁷² MOREAU, Isabelle. Stratégies d’écriture et pouvoir politique le cas de La Mothe Le Vayer, *Littératures classiques*, n. 55, 2004/3, p. 147.

⁷³ “se clôt sur un vœu de pratiquer la sodomie de manière exclusive”. DUPAS, Matthieu. La sodomie dans l’affaire Théophile de Viau: questions de genre et de sexualité dans la France du premier XVII^e siècle, *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], 2010, s. p.

publicada em 1623.⁷⁴ Segundo o estudo feito por Moreau, o que Garasse fez com a sua produção foi “julgar os costumes e as crenças de uma pessoa por seus escritos, deliberadamente confundindo o julgamento doutrinal e o julgamento penal”. Os libertinos, em resposta, desenvolveram uma arte de escrita em que a evasão retórica lhes permitia escapar das acusações de uma libertinagem declarada. Eles enfrentaram o sistema de censura posto em prática por Richelieu, que foi “suficientemente coercivo”, a ponto de influenciar de forma duradoura as práticas editoriais dos autores em questão.⁷⁵

A represália aos libertinos ocorreu concomitantemente à intensificação da caça às bruxas. Entre os anos de 1623 e 1640, houve um aumento considerável das obras que advogavam contra os descrentes, o que indicou uma preocupação específica, por parte da Igreja e do Estado, com o controle dos comportamentos dados como dissidentes, daqueles indivíduos que ultrapassavam os limites da crítica ou tinham opiniões conflitantes com os discursos religiosos e políticos.⁷⁶ De acordo com Robert Muchembled, o século XVII foi um período em que os indivíduos vivenciaram um mundo obscurecido pelo discurso do mal e do ódio, que foi desencadeado tão seguidamente contra as pretensas feiticeiras e que produzia uma unanimidade de fachada entre os governantes, os doutos, os médicos, as pessoas da Igreja e os membros das comunidades envolvidas que assistiam ao impressionante espetáculo da fogueira. Para ele, nada prova que todos vissem as coisas da mesma maneira, mas cada um tinha que se comportar segundo um papel esperado, dando uma imagem de si adaptada às exigências dos demonólogos e dos homens da justiça.⁷⁷

Na *Viagem ao Sol*, o viajante anuncia a publicação do manuscrito intitulado *Etats et Empires de la Lune* [Estados e Impérios da Lua], em Toulouse. Nesse momento da narrativa, o viajante tinha acabado de voltar de sua viagem para o mundo da Lua, portanto a sua publicação objetiva narrar e transmitir para os habitantes da Terra o que ele vivenciou no outro mundo. A repercussão da obra produz opiniões discordantes por parte dos habitantes,

⁷⁴ GARASSE, François, *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou pretenduz tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à l'Estat, à la Religion et aux bonnes Mœurs, combattue et renversee par le P. François Garassus de la Compagnie de Jésus*. Paris: Sébastien Chappelet, 1623.

⁷⁵ “Garesse prétend juger des mœurs et des croyances d’une personne par ses écrits, en confondant volontairement jugement doctrinal et jugement pénal” e “suffisamment coercitif, pour infléchir durablement les pratiques éditoriales des auteurs”. MOREAU, Isabelle. *Guérir du sot. Les stratégies d’écriture des libertins à l’âge classique*. Paris: Honoré Champion, 2007 apud CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Le “libertinage érudit”: fertilité et limites d’une catégorie historiographique. *Les Dossiers du Grihl* [En ligne]. Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Libertinage, athéisme, irréligion Essais et bibliographie, 2011, p. 158.

⁷⁶ Ver MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 221. O autor traz os dados a respeito do aumento dos julgamentos dos pensadores considerados ateus e das suas obras.

⁷⁷ MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001, p. 197.

eles se dividem entre lunares e antilunares, o que corresponde às pessoas que gostam e às que reprovam a sua obra. Os parlamentares da região são partidários da reprovação e acusam o viajante de ser um feiticeiro. Os acusadores, que vestem toga longa, protestam:

[...] o feiticeiro que nós acusamos é o autor dos Estados e Impérios da Lua; ele não pode negar que é o maior mago da Europa, depois do que ele mesmo confessou. Como! subiu até a lua! Isto pode ocorrer sem a intervenção de... Eu não ousaria nomear a Besta; porque, enfim, me diga, o que ele faria na lua?⁷⁸

A acusação que Dyrcona – esse tema é explorado com mais detalhes no item 1.3 deste capítulo – experimenta ilustra três questões importantes. A primeira é a semelhança inegável com as acusações de ateísmo que os libertinos sofreram ao longo do século XVII. A passagem pode ser uma referência de Cyrano ao caso de Viau, que viveu exilado da França após sofrer acusações contra a sua pessoa baseadas no que escreveu. Também pode ser uma referência ao caso de Giulio Cesare Vanini, discípulo de Pomponazzi condenado à fogueira pela Inquisição no ano de 1619 em Toulouse, mesma cidade em que o viajante se localiza quando da publicação da obra. Do mesmo modo, seria uma alusão a Giordano Bruno, que foi sentenciado e morto no ano de 1600 em Roma. De qualquer forma, o local escolhido por Cyrano é justificado conforme essas referências.

A segunda questão pertence ao tema do sobrenatural e da bruxaria que, ao ser convocada por Cyrano, expressa a sua negação. De acordo com Alcover a acusação de feitiçaria no século XVII, e antes, tornou-se um pretexto eficaz para se livrar dos hereges e indesejáveis. Ainda de acordo com ela, ao reivindicar o tema o escritor não somente recusa crer em feiticeiros, como, ao se acusar, ele revela as razões profundas dos pretendidos defensores da ortodoxia e da fé. Os índices sobre os quais o pároco e seus paroquianos se fundem para acusar Dyrcona de magia negra parecem pouco críveis para quem lê as acusações.⁷⁹ As razões escolhidas para acusar o viajante demonstram a trivialidade que acompanha as condenações feitas pelos homens da fé. Ao mesmo tempo em que Cyrano dirige uma crítica para a crença no sobrenatural, ele recupera um tema que os libertinos de

⁷⁸ “[...] le sorcier que nous accusons est l’auteur des Etats et Empires de la Lune, il ne saurait pas nier qu’il ne soit le plus grand magicien de l’Europe, après ce qu’il avoue lui-même. Comment! avoir monté à la lune! Cela se peut-il sans l’entremise de... Je n’oserais nommer la Bête; car enfin, dites-moi, qu’allait-il faire chez la lune?” CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 169. Tradução livre da autora.

⁷⁹ ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970, p. 95.

século XVII e muitos autores sofreram: a repressão da Igreja para com as coisas que se mostravam conflitantes com o que diziam as Sagradas Escrituras. O escritor também demonstra como os protetores da fé podiam tecer acusações apoiados sobre qualquer coisa que fosse considerada contraditória, como a citação muito bem evidencia quando o viajante é acusado por afirmar ter subido até a Lua.

Em meio ao contexto repressivo, Minois considerou os anos de 1640 até 1670 como a segunda voga dos libertinos clandestinos, época anunciante do interesse dos autores por uma crítica expressiva aos poderes religiosos e políticos que tentavam refreá-los.⁸⁰ Cyrano de Bergerac (1619-1655), François Tristan L’Hermite (1601-1655), Claude-Emmanuel Luillier, conhecido como Chapelle (1626-1686) e Charles Dassoucy (1605-1677) são reconhecidos como os representantes desse momento. Os seus encontros contavam com a presença de François Bernier (1625-1688), Paul Scarron (1610-1660) e Pierre Gassendi. O círculo jovem foi introduzido às ideias científicas e filosóficas a partir de uma variedade de textos e ideias, ainda indisponíveis na França daquela época, por intermédio de Gassendi, pensador doutorado em teologia que lecionava filosofia em Aix-en-Provence e era professor catedrático de matemática no Collège Royal de Paris.⁸¹

Louis Monmerqué (1780-1860) declarou em uma carta endereçada a Lacroix, datada de 5 de julho de 1857, que Cyrano fazia parte de um círculo supostamente filosófico com outros autores literários do seu tempo.⁸² A declaração estava correta, pois de fato o escritor frequentava os espaços de discussão literária e era instruído a partir das sessões em torno de Gassendi. Inicialmente, o filósofo que ficou conhecido por reviver o debate sobre o epicurismo durante o século XVII era tutor de Chapelle, porém, sua função logo se estendeu ao grupo de amigos íntimos de Chapelle, a maioria dos quais mais tarde reimpregou os ensinamentos do pensador em seus romances. Primeiro, Chapelle conheceu Cyrano, que o apresentou a Dassoucy. Depois, foram incluídos no grupo Tristan, Bernier e Scarron.⁸³ As reuniões foram significativas para os jovens autores e, independentemente da orientação filosófica das discussões do grupo, traziam-se à luz reflexões importantes que reverberaram

⁸⁰ MINOIS, *op. cit.*, p. 262.

⁸¹ DEJEAN, Joan. *Libertine strategies*. Freedom and the novel in seventeenth-century. Columbus: Ohio State University Press, 1981, p. 12.

⁸² “Cyrano faisait partie d’une coterie prétendu philosophique avec d’autres littérateurs du temps, sur laquelle je lèverai quelques voiles” (Arsenal, ms 9623, carton XVI, 1369) apud ALCOVER, Madeleine. Biographie In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. LI. Tradução livre da autora.

⁸³ DEJEAN, *op. cit.*, p. 11 e 12.

em seus escritos. Cyrano é um exemplo disso, pois em *Viagem à Lua* e em *Viagem ao Sol* vêm à tona a ideia do atomismo, do naturalismo e até mesmo reflexões sobre a concepção do vácuo, que era um ponto de discordância entre Gassendi e Descartes.

As sociedades científicas, que emergiram na Europa do século XVII com a função de divulgar o saber científico e oportunizar o debate sobre diversos textos, também estavam relacionadas com as reuniões empreendidas pelos libertinos, pois elas tinham em comum os seus frequentadores e compartilhavam os mesmos gostos pelo debate e pela difusão do conhecimento. Na França, o primeiro grupo científico foi criado em Aix-en-Provence, no ano de 1620. Os encontros aconteciam na casa do padre Claude Peiresc (1580-1637), dos quais Gassendi também participou junto do frade franciscano Marin Mersenne (1588-1648). Este último, do mesmo modo, se destacou pelo círculo que reuniu em sua casa para discussões sobre temas matemáticos e científicos. Foi por intermédio do grupo que ficaram conhecidas em território francês as obras de Galileu. Mersenne, defensor da ciência experimental e adepto do pensamento de Francis Bacon, manteve uma extensa correspondência com os homens de letras do seu tempo, “informando-os dos avanços das pesquisas dos outros matemáticos e filósofos naturais, facilitando as consultas e a comparação dos trabalhos entre os especialistas”, o que demonstrou o seu importante papel para o estabelecimento de contato entre os cientistas dos países da Europa. Após a morte do franciscano, as reuniões do grupo foram transferidas para a casa de Gassendi, que era interessado e simpatizante das temáticas científicas.⁸⁴

As reuniões, formadas por aqueles que tinham interesse na argumentação dos mais variados temas, demonstraram como os letrados do século XVII estavam interessados na ampliação do conhecimento. Tal prática já acontecia ao menos desde o século XVI, com os humanistas. No caso de Andréa Doré, ela identificou, na sua investigação sobre as sociabilidades dos humanistas em torno do saber geográfico, como a conformação da comunidade de letrados se desenhou de forma mais consistente a partir do século XV em torno dos valores humanistas e da filologia, que reunia indivíduos de diferentes origens e que compartilhavam de interesses comuns e do conhecimento dos textos clássicos. A autora também reconheceu através do que defendeu Carlos Ginzburg, como os integrantes dessas comunidades de letrados se sentiam cada vez mais integrantes de uma cosmopolita *respublica litteratorum*, o que indicava como a pesquisa de verdade estava se tornando um compromisso

⁸⁴ ROSA, Carlos Augusto de Proença. *História da ciência*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, v. 2, p. 71.

político em si mesmo. Relacionado a isso, Doré ainda atestou como a sociabilidade era um valor cultivado, como a própria definição da condição humana, o que quer dizer que, enquanto um ser sociável, o ser humano buscou por espaços em que pudesse compartilhar ideias e estabelecer relações duradouras.⁸⁵ A amizade foi considerada por Dejean como um dos mais sagrados de todos os valores para os autores que, afortunados o suficiente para serem iniciados nas reuniões, também contavam com a hospitalidade da amizade que foi livremente estendida a todos os indivíduos perseguidos por causa das suas crenças intelectuais. Talvez a perseguição também tenha possibilitado algumas admissões no círculo interno. A autora alega que Tommaso Campanella, fugindo da Inquisição, foi imediatamente pego por Peiresc, que o apresentou a Gassendi, que por sua vez o levou aos irmãos Dupuy.⁸⁶ Para mais, os núcleos revelam as relações que foram estabelecidas entre os libertinos através de uma sociabilidade que permitia que eles trocassem ideias.

As citações entre os autores, uma atividade recorrente, são onde se encontram os seus possíveis vínculos, questão verificável nas viagens de Cyrano de Bergerac, como ilustra a conversa que Dyrcona estabelece com o demônio de Sócrates. O conselheiro afirma que quando esteve na Terra teve a oportunidade de conhecer e conviver com grandes homens como La Mothe Le Vayer, Gassendi e Tristan L'Hermite.⁸⁷ As referências são claramente uma alusão de Cyrano ao núcleo dos libertinos, atestando o seu conhecimento e a familiaridade com os pensamentos e as obras desses indivíduos. Ao analisar as obras desses autores, a pesquisadora Madeleine Alcover reconheceu como foi possível, em alguns casos, reconstituir a atuação de determinados grupos em certa época. As obras de Dassoucy e Le Royer de Pradre são exemplos que revelam como nos anos de 1648 a 1650 os libertinos, além de atuarem de forma rigorosa, formavam um conjunto de autores que operavam a prática de escrita e se destacavam, como: Scarron, Du Pelletier, Chapelle, La Mothe Le Vayer filho, Tristan L'Hermite, Chavannes, Le Bret, Rotrou, de Ris Mareuil, Hector de Brissailles, Abel de Sainte-Marthe, Le Vayer de Boutigny, La Mothe le Vayer pai. Através da leitura dos paratextos e dos textos de Cyrano, é possível encontrar os nomes de Scarron, Chapelle, La Mothe Le Vayer filho, Tristan L'Hermite, Chavannes, Le Bret, Hector de Brissailles, Abel de Sainte-Marthe, La Mothe Le Vayer pai, Dassoucy e de Prade.⁸⁸ Ao analisar esses nomes –

⁸⁵ DORÉ, Andréa. Damião de Góis, Sebastian Münster e a sociabilidade dos humanistas em torno do saber geográfico. In: DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos. (Orgs.) *O que é sociabilidade?* São Paulo: Intermeios, 2019, p. 73-76.

⁸⁶ DEJEAN, *op. cit.*, p. 16.

⁸⁷ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 49.

⁸⁸ ALCOVER, *op. cit.*, p. iij.

entre eles estão alguns que foram citados por Cyrano –, é possível reconhecer como existia uma circularidade literária, o que indica que as obras de Cyrano não representam casos isolados da expressão libertina, mas sim que são decorrentes de atividades simultâneas e conjuntas, ligadas aos encontros que ocorriam entre os pensadores.

Na busca pelos sinais e pelas pistas sobre a sociabilidade entre os autores e a circularidade do saber e de suas ideias, os escritos são fontes ricas. As primeiras páginas de uma obra literária, onde se encontram os chamados paratextos, revelam informações importantes sobre os autores e as relações que os escritores estabelecem. Os escritos iniciais revelam dados importantes sobre a obra: quem foi o editor, a quem a obra foi dedicada, quem foram os autores responsáveis por escrever os sonetos, os epigramas e os prefácios que preenchem as páginas. Em *Viagem à Lua* é possível encontrar essas informações. A obra foi publicada em 1657, tem como editor Charles de Sercy e foi dedicada a Tanneguy Renault des Boisclairs: “cavaleiro, conselheiro do rei em seus conselhos e grande reitor de Bourgogne e Bresse”. A dedicatória se encerra com a seguinte frase: “seu muito humilde e muito aficionado servo”, contendo a identificação do seu redator, Le Bret, que também foi o responsável por redigir o prefácio da obra.⁸⁹ *Viagem ao Sol* também foi editada por Charles de Sercy e publicada em conjunto com outras obras de Cyrano. Sercy é igualmente o redator do prefácio, se identifica como: “seu muito humilde e obediente servo” na dedicatória e dedica os textos ao Cyrano de Mauvières, o irmão do escritor Abel II.⁹⁰

Os prefácios, que podem incluir textos como prólogos, avisos, declarações, anúncios e discursos preliminares⁹¹, são entendidos como escritos que fornecem informações significativas a respeito do conteúdo de determinada obra e da relação social literária dos autores. No caso específico dos libertinos, os seus textos revelam pistas sobre a sociabilidade e a condição da expressão libertina. Embora os escritos revelem as concepções sobre o público, reconhecidas nos prefácios que se preocupavam com o leitor, eles também revelam

⁸⁹ “chevalier, conseiller du roi en ses conseils, et grand prévôt de Bourgogne et Bresse” e “votre très humble et très affectionné serviteur”. Epístola de *Viagem à Lua*. CYRANO DE BERGERAC, Savinien de, LE BRET, Henry. *Histoire comique*: contenant les états et empires de la Lune par M. Cyrano de Bergerac. Paris: Éditeur Charles de Sercy, 1657, s. p. Tradução livre da autora.

⁹⁰ “votre très humble et obéissant serviteur”. Epístola de *Nouvelles Oeuvres*. CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les Nouvelles Oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac, contenant l'Histoire comique des États et Empires du Soleil, plusieurs lettres et autres pièces divertissantes*. Paris: Charles de Sercy, 1662, s. p. Tradução livre da autora.

⁹¹ DESAN, Philippe. “Préfaces, prologues et avis au lecteur: strategies préfacielles à la Renaissance”. In: François Cornilliat, Ullrich Langer, and Douglas Kelly (Eds.). *What is literature?: France, 1100-1600*. Lexington, Ky.: French Forum, 1993, p. 101.

de modo profundo a identidade de um grupo expressa pelos autores externos que apareciam nas citações e nas referências ao longo das obras.

A principal função dos prefácios era valorizar o narrador da obra e dar autoridade ao que estava escrito. Isso revela como os autores, assim como os editores, estavam preocupados em estabelecer uma relação com o público, no sentido de chamar a atenção do leitor para a compra do livro.⁹² Nesse sentido, a preocupação com o leitor introduz uma reflexão sobre a literatura durante o século XVII. Leila de Aguiar Costa ressaltou como nesse período se buscou a conciliação entre a utilidade e o prazer: o discurso da história, discurso de erudição e de saber, discurso da *utilitas* [utilidade], do *docere* [ensinar], os quais deveriam estar associados às técnicas narrativas capazes de atrair o público leitor. Para obter adesão, os literatos usavam de uma narração que provocasse profundas impressões, discurso do *movere* [comover] e do *delectare* [agradar]. Assim, os aliados do conhecimento eram o espírito apropriado e o talento literário.⁹³ Carlo Ginzburg também identificou essas questões durante o século XVI, ao estudar a *Utopia* (1516) de Thomas More (1478-1535), e atestou como *utilis* [útil], *festivus* [alegre], *elegans* [elegante] foram adjetivos que fizeram parte de uma constelação verbal que designava um conjunto de valores partilhados por More e Erasmo de Roterdã (1466-1536) em seus escritos. Ambos se inspiravam em Luciano de Samósata (120 d. C. – 192 d. C.), quem consideravam um exemplo a ser seguido por conseguir mesclar em suas obras à utilidade e o deleite (*utile dulci*) ou a utilidade e a diversão (*festivitas*). O que indica o reemprego de autores antigos entre os letrados modernos e a importância que reconheciam na brincadeira como uma máscara que velava uma verdade superior, para tratar de assuntos sérios.⁹⁴ Os autores se serviam da fábula para tornar mais atraente à verdade que queriam comunicar aos seus leitores.

Também podemos pensar no prefácio, na Época Moderna, como uma apresentação, a primeira impressão de determinada obra e uma oferta que incitaria a leitura, tal como atestou Philippe Desan, ao tratar dos prefácios durante o Renascimento. Do mesmo modo, o autor reconhece como esses textos estão incluídos numa lógica do mercado editorial que

⁹² DORÉ, Andréa. Vendre le monde: les préfaces des cosmographies à la Renaissance. *Margini*: Giornale della dedica e altro, n.11, 2017, p. 3.

⁹³ COSTA, Leila Aguiar. *Antigos e modernos: a cena literária na França do século XVII*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009, p. 24.

⁹⁴ GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. Tradução Samuel Titan Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 30 e 31.

transformou o texto preliminar numa garantia da recepção desejada da obra, o que eventualmente levaria à produção de outros objetos literários e o seu sucesso.⁹⁵

Numa leitura dos prefácios de *L'Ovide en belle humeur* [Ovídio bem humorado] (1650)⁹⁶ e de *Les rimes redoublées* [As rimas duplicadas] (1671)⁹⁷, de Dassoucy, de *Le Page disgracié* [O pajem desonrrado] (1642)⁹⁸, de L'Hermite, e de *Voyage de Chapelle et Bachaumont suivi de quelques autres voyages dans le même genre* [Viagem de Chapelle e Bachaumont seguida de outras viagens do mesmo gênero] (1661)⁹⁹, de Chapelle, percebe-se que eles tiveram os mesmos impressores, o que aponta para uma preferência do grupo. Os epigramas, os versos e os poemas contidos nas primeiras páginas das obras também são indicativos de um circuito que havia entre os autores libertinos e da importância da aprovação do grupo com relação aos escritos. Em alguns casos, os autores assinalavam os seus nomes ao final dos paratextos, o que permite identificar as relações entre os pensadores e a reciprocidade estabelecida entre eles. Os escritos paratextuais e as referências ao longo do texto também são indicativos da busca por uma validação, no sentido de que essas obras eram lidas entre eles e de que o texto escrito comprova o testemunho de um grupo.

Em 1650, em *L'Ovide en belle humeur* [Ovídeo bem humorado], obra de autoria de Dassoucy, aparece um poema assinado como “de Bergerac” com o seguinte título: Para Monsenhor Dassoucy em sua Metamorfose dos deuses Madrigal.¹⁰⁰ Para Alcover, a assinatura seria uma indicação de que era Cyrano. Outros pesquisadores também atribuíram a Cyrano o prefácio das *Oeuvres poétiques* [Obras poéticas], de Le Royer de Prade, impresso no mesmo ano e assinado como S.B.D, iniciais de Savinien Bergerac Dyrcona. Mas Alcover preferiu reconhecer que as iniciais nunca foram utilizadas por Cyrano, o que não impediu que ela

⁹⁵ DESAN, *op. cit.*, p. 105.

⁹⁶ DASSOUCY, Charles. *L'Ovide en belle humeur de Mr Dassoucy. Enrichy de toutes ses figures burlesques*. Paris: Chez Charles de Sercy, 1650.

⁹⁷ DASSOUCY, Charles. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*. Paris: Imprimerie de Claude Nego, 1671.

⁹⁸ L'HERMITE, Tristan. *Le Page disgracié, où l'on voit de vifs caractères d'hommes de tous temperamens et de toutes professions*, par M. Tristan L'Hermite. Première partie. Paris: Chez Andre Boutonne, 1667.

⁹⁹ CHAPELLE. *Voyage de Chapelle et Bachaumont, suivi quelques autres voyages dans le même genre*. Paris: Chez Lebègue, imprimeur-libraire, 1821.

¹⁰⁰ A oitava, poesia:

Pour Monsieur Dassoucy sur as Métamorphose des dieux Madrigal
Plus puissant que jadis Orphée,
Qui de chez les peuples sans yeux
Ne put ramener que as fée,
Tu ramènes em terre les dieux,
Malgré cette défense expresse
D'en avoir plus d'un parmi nous.
Mais de peur qu'on les reconnaisse
Tu les as déguisés en fous.
Ibid., p. XLVIII

pensasse em outra decodificação, como Savinien Bergerac de. No mesmo volume, existe outro epigrama assinado como De B. Mauvières, que Lachèvre atribuiu ao irmão de Cyrano, o que na verdade poderia ser interpretado como o próprio Cyrano. De qualquer forma, seguindo a opinião de Alcover, se o prefácio é ou não do escritor, o elogio evidente da *la pointe*, característica encontrada nas obras do livre-pensador que consiste em utilizar uma palavra sem se prender ao seu significado real – o que permite que o escritor crie a partir do que a realidade lhe oferece e resulta em uma narrativa com discursos que oscilam entre uma e outra ideia, tema que será explorado no capítulo –, e da imaginação no escrito estaria de acordo com a proposta dessa poética e caracteriza muito bem o que Antoine Adam chamou de “a Escola de 1650”, ao se referir à atuação dos autores que identificamos no parágrafo anterior.¹⁰¹

Naquele mesmo ano, Prade, em sua coleção *Oeuvres poétiques* [Obras poéticas], endereça ao autor das viagens um soneto e um epigrama, o que pode ser interpretado como um atestado de que havia a circulação de uma versão manuscrita de *Viagem à Lua*.¹⁰² A questão conduz às estratégias utilizadas pelos libertinos para a veiculação de seus escritos por meio dos manuscritos. Eles representam condutores importantes para a manifestação de suas

¹⁰¹ Ibid., p. XLVIII e XLIX.

¹⁰² O soneto: A L’auteur des Etats et Empires de la lune

Ton esprit qu’em son vol nul obstacle n’arrête,
Découvre un autre monde à nos ambitieux,
Qui tou également respirent as conquête,
Comme un noble chemin pour ariver aux cieux.

Mais ce n’est point pour eux que la palme s’apprête.
Si j’étais du conseil des destins et des dieux,
Pour prix de ton audace on chargerait ta Tetê
Des couronnes des rois qui gouvernent ces lieux.

Mais non, je m’em dédis. L’inconstante fortune
Semble avoir trop d’empire em celui de la lune:
Son pouvoir n’y parâit que pour tout renverser.

Peut-être verrais-tu dans ces demeures mornes,
Dès le premier instant ton état s’éclipser
Et du moins chaque mois em rétrécir les bornes.

O epigrama: Au pèlerin revenu de l’autre monde.
J’eusse fait um plus long ouvrage
Sur ce grand et fameux voyage
Dont ton livre nous fait rapport,
Mais ma veine la plus fécond
Se glacerait à ton abord,
Et déjà je me juge mort
A voir des gens de l’autre monde. In: Ibid., p. LII.

ideias, pois além de possibilitarem um controle da difusão, também evitavam a censura prévia. Os manuscritos permitiam que os escritos circulassem clandestinamente, e para um público selecionado. Ao mesmo tempo, os textos corriam menos riscos de caírem nas mãos de leitores incapazes de compreendê-los e dos censores.¹⁰³ Sendo o meio manuscrito o mais utilizado para a circulação das obras libertinas, McKenna reconheceu nele a importância e a relação íntima com a filosofia do Antigo Regime, pois os autores se apoiavam nos escritos para tecerem hostilidades à ortodoxia cristã. Por isso, os textos poderiam ser classificados como textos filosóficos. Para o autor, a clandestinidade também é representativa do embate das discussões filosóficas e das contradições que os libertinos encontravam na religião e na política.¹⁰⁴ Desse modo, os escritos revelam as constatações dos seus autores e os testemunhos de uma determinada época.

O manuscrito é um meio de veiculação que também foi utilizado nas viagens de Cyrano de Bergerac, que foram conhecidas, em âmbito privado e integralmente, pelos seus companheiros de livre-pensamento, antes mesmo da primeira publicação póstuma amputada por Henri Le Bret.¹⁰⁵ A questão pode ser comprovada a partir do que Dyrcona narra em *Viagem ao Sol*, sobre o processo de produção do seu manuscrito e o incentivo que recebe de seu amigo M. de Colignac para redigir as aventuras que viveu no mudo da Lua:

Eu coloquei a caneta na mão e, à medida em que terminava um caderno, impaciente pela minha glória, que lhe causava mais desejo que a sua própria, ele ia a Toulouse para pregar-lhe nas mais belas assembleias. Como lhe reputávamos um dos mais fortes gênios do seu século, meus louvores, dos quais ele parecia ser o incansável eco, me fizeram ser conhecido de todo o mundo.¹⁰⁶

A passagem faz uma descrição precisa da produção e da circulação do manuscrito durante o século XVII. O trecho também menciona a questão da reputação de um gênio forte,

¹⁰³ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 111.

¹⁰⁴ MCKENNA, Antony. Les manuscrits philosophiques clandestins à l'Age classique. *Actes du colloque de l'Université Jean Monnet Saint-Etienne du 29 septembre au 2 octobre 1993*. Paris, 1993, p. 12.

¹⁰⁵ Aqui me refiro às primeiras edições de 1657 e 1662, respectivamente. CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique: contenant les états et empires de la Lune par M. Cyrano de Bergerac*. Paris: Éditeur Charles de Sercy, 1657 e CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac: contenant l'histoire comique des estats & empires du Soleil*. Paris: Chez Charles de Sercy, 1662.

¹⁰⁶ “Je mis donc la plume à la main, et à mesure que j'achevais un cahier, impatient de ma gloire, qui lui démangeait plus que la sienne, il allait à Toulouse le prôner dans les plus belles assemblées. Comme on l'avait en réputation d'un des plus forts génies de son siècle, mes louanges, dont il semblait l'infatigable écho, me firent connaître de tout le monde.” CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 167. Tradução livre da autora.

essa é uma referência exata aos libertinos, o que indica que Cyrano assim se reconhece. De acordo com Roger Chartier, Cyrano transforma em tema de ficção as próprias condições de publicação de sua obra. Conforme a citação, *Viagem à Lua* circula em leituras em voz alta, feitas pelo amigo do narrador, o Senhor de Colignac, perante os pequenos e amigáveis círculos sociais e eruditos da cidade. “Essa primeira forma de publicação faz circular o manuscrito autográfico do autor em sua realidade material, caderno sobre caderno, e não segundo suas divisões textuais”.¹⁰⁷ A partir da primeira forma de publicação da obra, objeto de julgamentos favoráveis, depois críticos, nos círculos letrados, ela é reconhecida para que o retrato do seu autor fosse gravado e vendido. Então, Dyrcona relata o processo de publicação dos textos: “Já os gravadores, sem me terem visto, gravaram minha imagem; e a cidade retumbante, em cada encruzilhada, ouvia a garganta rouca dos vendedores ambulantes gritando em alta voz: Aqui o retrato do autor dos *Estados e Império da Lua*”.¹⁰⁸ Apesar de o trecho compor uma ficção, é um relato autobiográfico de Cyrano sobre a sua vida de escritor e de como as obras dos libertinos ganharam a circulação e o conhecimento entre os homens de letras.

A segunda modalidade de circulação da obra de Dyrcona, segundo Chartier, remete não mais a uma *authorial publication*, fundada sobre o manuscrito do autor, mas a um empreendimento comercial, uma *entrepreneurial publication*, que pressupõe a multiplicação dos exemplares copiados à mão. Segundo o autor, essa é a controvérsia nascida nas sociedades divididas entre aqueles que elogiam a obra e os que a condenam.¹⁰⁹ A reflexão sobre a obra, a publicação, os pares e a crítica atingem um tema extremamente relevante sobre a literatura, que é a questão do público. Merlin-Kajman, que se debruçou sobre a relação entre o público e a literatura na França do século XVII, reconheceu que um texto só tem efeito quando lido, escrito e testado de acordo com o horizonte de espera do leitor, por isso a importância de se pensar o público. Naquela época, para ela, o público literário tomava forma ao mesmo tempo em que o campo literário se desenvolvia e adquiria consistência. Inserido nesse cenário, o livro ocupa o lugar de um corpo em que se opera uma conversão recíproca. Por si só, ele é o sinal da autoridade, o mediador do modelo entre particulares: ele se torna parte do corpo político. Como um objeto nobre, ele testemunha a presença do público entre o

¹⁰⁷ CHARTIER, Roger. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 174.

¹⁰⁸ “Déjà les graveurs, sans m'avoir vu, avaient buriné mon image; et la ville retentissant, dans chaque carrefour, du gosier enroué des colporteurs qui criaient à tue-tête: Voilà le portrait de l'auteur des Etats et Empires de la Lune.” Ibid., p. 167. Tradução livre da autora.

¹⁰⁹ CHARTIER, *op. cit.*, p. 175.

autor e o leitor, proibindo-lhes do reflexo do particular. Ele lhes lembra de que o público, seja ele qual for, é antologicamente anterior e superior. No entendimento de Merlin-Kajman, o aspecto tem uma consequência jurídico-pública: a troca entre o autor e o leitor não se enquadra em um contrato de sociedade, e a publicação dos livros interessa necessariamente ao poder público.¹¹⁰

Naquele contexto, se formou na França uma querela que envolveu os literatos no debate sobre o exercício das letras. A querela, batalha declarada no campo intelectual entre duas facções de autores que se opunham e defendiam questões diferentes, em torno da representação do *Cid* durou cerca de um ano: começou em fevereiro de 1637, depois da aparição de *Cid* nos teatros, com a publicação do texto de Pierre Corneille (1606-1684), *Excuse à Ariste* [Desculpas a Ariste], e terminou no início do ano de 1638, com *Les sentiments de l'Academie française sur la tragi-comédie du Cid* [Os sentimentos da Academia francesa sobre a tragi-comédia do Cid], texto que possui duas partes, de autoria de Jean-Louis Guez de Balzac (1597-1654) e de Georges de Scudéry (1601-1667). Merlin-Kajman reconhece dois resultados dessa querela. O primeiro foi à manifestação do impacto de *Cid* que, apesar das críticas, continuou a agradar o público. O segundo foi o impacto da poesia dramática e como a Academia Francesa, fundada em 1635, se serviu dela para usar o discurso crítico ao nível de uma quase instituição. A obra *Excuse à Ariste* foi a faísca para a querela e logo depois surgiu a *Lettre apologétique* [Carta apologética], obra em que Corneille responde às críticas do seu adversário Scudéry. De modo geral, o escritor afirma a superioridade de *Cid* com relação às outras peças publicadas na época, o que sugeriria o seu brilhantismo e a superioridade da sua autoria com relação aos outros autores. Os seus adversários, de modo contrário, buscaram invalidar a primeira obra de Corneille e alegaram que ele teria usado o argumento de sucesso de *Cid* para justificar a autocelebração do seu gênio. De modo geral, o conflito entre os letrados ocorreu porque os adversários de Corneille entendiam que ele usurpou o poder da República das Letras ao se coroar como um grande poeta. Foi como se ele não tivesse esperado pelo julgamento de seus pares para a consagração de sua glória. Então, o que foi considerada intolerável para os autores foi à declaração de Corneille em primeira pessoa e não, necessariamente, o seu discurso elogioso.¹¹¹

A maneira como normalmente ocorria quando um autor publicava uma obra era a seguinte: o autor apresentava sua obra com modéstia, e dividia a responsabilidade da sua

¹¹⁰ MERLIN-KAJMAN, Hélène. *Public et littérature en France au XVII^e siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004, p.121.

¹¹¹ Ibid., p. 160.

publicação com um terceiro grupo desinteressado, o público. A presença de um terceiro constituía a prova de que o autor não deveria trabalhar para a sua glória, mas para o bem público. Era como se todo autor devesse contar com um censor público. Seguindo essa lógica, para Merlin-Kajman, a República das Letras era apresentada como uma república de magistrados, legisladores e censores que dividiam uma acidez aristocrática sobre as letras e os escritos. Assim, ela defendia a conformidade do bem literário com o bem público para garantir a sua utilidade pública. O autor não tinha autonomia porque não era nomeado como um autor que deveria decidir sobre a glória de uma obra própria. Esse era um ofício da República das Letras, aquela que aparece como uma espécie de comunidade perpétua, corpo místico que pertence a um presente intemporal dos antigos e dos modernos.¹¹²

Em *Cyrano*, no escrito do mundo do Sol, o narrador Dyrcona é seguro do sucesso do seu livro, pois conhece um grande número de pessoas que o aplaudem, o que se contrapõe às “pessoas ignorantes” que também o folheiam. As pessoas batem palmas para cada uma das suas palavras e exclamam: “Como ele é bom!”. Porém, “a superstição disfarçada de remorso” faz com que os leitores renunciem à reputação da filosofia. De acordo com Dyrcona, a obra que eles valorizam não é mais do que um *pot-pourri* de contos ridículos, um amontoado de farrapos desconstruídos, um repertório de contos para embalar crianças. O contraste de opiniões “entre os hábeis e os idiotas” é o que dá crédito para a obra e, pouco tempo depois, as cópias manuscritas são vendidas “sob o manto”; e todo o mundo, inclusive aqueles que estão fora do mundo, isto é, desde o nobre até o monge, compram a peça, e até as mulheres tomam partido. Assim, cada família se divide, os interesses da querela chegam longe e a vila é dividida em duas facções: a lunar e a antilunar.¹¹³

O termo *pot-pourri* também é utilizado por Cyrano em sua carta *Contre Scarron* [Contra Scarron], de 1654, para qualificar o *Virgile Travesti*, de Scarron. De acordo com Alcover, o *Dictionnaire de l'Academie* é o único dicionário do século XVII que esclarece o termo: “Livro ou obra de espírito composto de ramas de muitas coisas amontadas sem ordem e sem escolha”.¹¹⁴ A palavra também é usada por Sorel em sua obra *Francion* para falar do *pot-pourri* dos lugares comuns. Dessa forma, o que se entende é que ele foi um termo reempregado por alguns autores, como os exemplos indicados, para significar o modo como eles escreviam. Foi nesse sentido que Isabelle Moreau e Dejean destacaram como os

¹¹² Ibid., p. 166.

¹¹³ CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 168.

¹¹⁴ Ibid., p. 168.

libertinos desenvolveram uma estratégia de escrita. O método de escrita tinha como intuito possibilitar que os autores se expressassem sem que os seus textos fossem mal recebidos pelos censores e pelos críticos. Eles criaram anagramas com os seus próprios nomes e escreviam de maneira específica, optando pelas inversões, que criavam humor e jogavam com as palavras; ou utilizavam pseudônimos, como aqueles utilizados por Cyrano e Tristan.¹¹⁵ O texto escondia mensagens que eram compreendidas se lidas pelos indivíduos que faziam parte do grupo, eles priorizavam a mensagem das entrelinhas. A estratégia supõe a precaução e, ao mesmo tempo, revela os códigos, os excessos e os exageros das palavras, como se encontram nas viagens de Cyrano. Além disso, as citações ou os diálogos em seus escritos podiam se referir às discussões estabelecidas previamente em suas reuniões. Aqui, mais uma vez, se reconhece a sociabilidade libertina.

A estratégia de escrita que propõe o livre-pensamento trabalha com o dito e o não dito e é um elemento essencial para compreender a reflexão dos autores, como faz Cyrano, se utilizando da extravagância e do excesso imaginativo nas suas ficções para declarar a sua crítica. Existe um esforço contrário de subverter a ordem que prega a coerência do real e dos sentidos, pois para Cyrano o mais importante é ultrapassar os limites e reconhecer o poder da imaginação – questões que permitem o exercício do livre-pensamento. Para Darmon, a polifonia enunciativa, assim como a polissemia, em grande parte calculada pelos autores, revela as condições nas quais essas obras eram produzidas: em uma sociedade que vigiava as suas ações e os seus escritos. Por isso, a riqueza de detalhes encontrada nas obras de Cyrano não deve camuflar a sua dimensão política. As contradições e hesitações, promovidas pelo equívoco e pela polêmica (temas explorados no capítulo 4), servem para aumentar o debate filosófico do qual os libertinos participavam: o da reinterpretação do conhecimento humano e do entendimento do mundo.

As obras de Cyrano de Bergerac, apoiadas em inventividade e criatividade, revelam mais do que uma ficção divertida sobre seres lunares e solares. Elas são representantes de um debate filosófico e são os meios que servem para que o autor teorize a esse respeito.¹¹⁶ Desse modo, as obras dos libertinos representam as reflexões sobre o conhecimento humano e a compreensão do mundo habitado. Os mundos imaginados da Lua e do Sol conjugam tradições variadas e inauguram um estilo narrativo, que tinha como intuito falar da realidade através dos excessos e dos exageros que a imaginação permitia ao espírito dos escritos. Por isso o

¹¹⁵ DEJEAN, *op. cit.*, p. 18.

¹¹⁶ DARMON, Jean-Charles. *Le songe libertin*. Cyrano de Bergerac d'un monde à l'autre. Paris: Klincksieck, 2004, p. 9.

interesse de Cyrano em debater determinados assuntos sem se prender ao seu significado real, mas sim aos encantos que as palavras e os temas lhe oferecem.

1.3 A REPRESSÃO SOFRIDA PELOS LIBERTINOS ATRAVÉS DO CASO DO VIAJANTE DYRCONA DE *VIAGEM À LUA* E *VIAGEM AO SOL*

Além da perseguição sofrida por Dyrcona após seu retorno da Lua, a situação de repressão vivenciada pelos libertinos é muito bem representada nas obras de Cyrano quando o autor trata das condenações sofridas pelo viajante durante a viagem. A *perseguição* pode ser considerada como uma palavra-chave para compreender a lógica libertina, de acordo com Joan Dejean. Para a autora, os escritores libertinos não tinham casas para oferecer refúgio aos perseguidos que fugiam, mas podiam dar defesas escritas nas suas obras para aqueles que passavam pelo infortúnio. É por isso que os seus romances contêm listas surpreendentes de indivíduos encarcerados, exilados ou forçados a vagar devido à ousadia de suas ideias.¹¹⁷

A estada de Dyrcona, narrador de *Viagem à Lua*, no mundo lunar é demarcada por audiências que são convocadas pela corte lunar para definir a sua natureza e julgar as ideias defendidas por ele. O viajante é considerado como um macaco, o pequeno animal da rainha, e é emprestado para “um certo cidadão que guardava os animais raros” até chegar o dia em que passaria a viver com o “seu macho”. Naquela condição ele se torna um fantoche, aprende a dar cambalhotas, a fazer caretas e a receber dinheiro em troca da mostra de suas habilidades. Passa boa parte de seu tempo amarrado na ponta de uma corda pelo “charlatão” que o fazia saltar “para divertir os basbaques”.¹¹⁸ Contudo, boa parte do sofrimento do viajante é atenuada pela companhia do gênio de Sócrates, indivíduo de origem solar que serve de guia para Dyrcona e o diverte com as suas histórias sobre as aventuras que viveu em suas viagens pelo mundo. Além de ser o principal informante do humano sobre os costumes lunares, ele acompanhará boa parte das aventuras vividas pelo viajante naquele mundo (a sua participação na obra será tratada com mais detalhes no capítulo 4).

Outro personagem que o viajante encontra na Lua e que também vive em uma condição animalesca é a fêmea do pequeno animal da rainha, um humano que assim como Dyrcona é considerado macaco. O homem, de origem europeia, nativo da Ilha Castilha, teve o mesmo destino que o viajante, pois na Lua os macacos se vestem à espanhola, do mesmo modo que o homenzinho se vestia quando chegou ao mundo lunar, e então os selenitas não

¹¹⁷ DEJEAN, *op. cit.*, p. 16.

¹¹⁸ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 47.

tiveram dúvidas de que ele pertencia àquela mesma espécie. Naquela condição, o viajante passa os seus dias satisfeito pelo prazer de ter mais alguém com quem conversar durante a solidão, a qual chamou de sua “bestialização”. Em uma das suas conversas, o espanhol fala para Dyrcona que o que lhe fez abandonar a Terra para viver na Lua foi o fato de ela ser o único país em que a imaginação está de fato em liberdade. Na opinião do macaco macho (pois o viajante era considerado a sua fêmea), “a menos que useis barrete quadrado, um capuz ou uma sotaina, o que quer que possais dizer de belo, se ele for contra os princípios desses doutores de crítica, sois um idiota, um louco, ou um ateu”.¹¹⁹ A questão exposta pelo espanhol, que chegou a ser submetido à Inquisição em sua nação de origem, demonstra a própria contradição do mundo da Lua, que, apesar de ser considerado um ambiente propício para exercer o livre-pensamento, na verdade é uma nação que não reconhece a natureza humana de Dyrcona e de seu amigo.

Conforme “as bobagens que os espectadores” da Lua exprimem ao viajante ele aprende a falar a língua deles e, quando adquire a prática, expressa as suas ideias. Dyrcona passa os seus dias a entreter alguns grupos, o que faz com que eles reconheçam a finura de seus ditos espirituosos e aumentem o respeito dos lunares pelo seu espírito. Porém, a estima chega a um ponto em que o clero publica um decreto proibindo que a população pense que ele tenha alguma razão, “uma ordem expressa, a todas as pessoas de qualquer categoria e condição” para que acreditassem no que ele dissesse sob a alegação de que o instinto era quem o controlava e o mandava falar determinados pensamentos. A represália tomou maiores proporções e a definição sobre a sua natureza fez com que a cidade se dividisse em duas facções. Desse modo os partidários do viajante pedem pela assembleia dos Estados para resolver o que Dyrcona chama de “dificuldade religiosa”. O humano então é interrogado pelos examinadores, na sala da justiça, sobre filosofia e ele expõe “francamente” tudo o que o seu professor havia lhe ensinado sobre o assunto. Quando enfim os sujeitos viram que o viajante não “voiciferava outra coisa a não ser que eles não eram mais sábios do que Aristóteles”, e que haviam proibido discutir contra os que negavam os princípios, eles concluem, em uma opinião comum, que o viajante não era um homem, mas talvez, alguma espécie de avestruz, “visto que eu trazia como ela a cabeça reta, de maneira que se ordenou ao passarinho que me levasse de volta à gaiola”.¹²⁰

¹¹⁹ Ibid., p. 61.

¹²⁰ Ibid., p. 71-72.

Algum tempo depois de enclausurado, Dyrcona diz que foi necessário que alguém levantasse novamente as querelas sobre a definição do seu ser, pois enquanto ele só pensava em morrer na gaiola, vieram buscá-lo mais uma vez para uma audiência.¹²¹ Em seu terceiro julgamento, o viajante é condenado à água (forma como exterminavam os ateus naquele mundo) porque ousou dizer que a Lua era um mundo. A Lua a que o narrador está se referindo é a Terra, já que, para os lunares, a Terra avistada por eles era tida como uma lua. Portanto, o que causa espanto para os selenitas é a alegação do viajante sobre vir de um mundo que é concebido por eles como uma lua. Porém, o seu destino é modificado “quando um homem, que tivera muita dificuldade para atravessar a multidão, veio cair aos pés do rei e arrastou-se por muito tempo sobre as coisas”. Dessa maneira, o indivíduo interrompe o julgamento para dizer:

Justos, escutai-me! Não podeis condenar este homem, este macaco ou este papagaio, por ter dito que a Lua é um mundo do qual veio; pois, se ele é um homem é livre, não é ele livre de imaginar o que quiser? Como! Podeis obrigá-lo a dizer, todavia ele não acreditará; pois, para acreditar em alguma coisa é preciso que se apresentem à sua imaginação certas possibilidades maiores ao sim do que ao não desse fato; assim, a menos que não lhe forneçais esta possibilidade, ou que ela não venha sozinha oferecer-se ao seu espírito, ele vos dirá que acredita, mas não acredita por tal razão.¹²²

O pronunciamento é revelador da reflexão filosófica de Cyrano sobre a infinitude do universo e sobre a necessidade de ultrapassar os limites do conhecimento e daquilo que é conhecido. A parte que toca no aspecto do homem ser livre e dele poder imaginar o que quiser é o cerne do pensamento libertino e do momento vivido por Cyrano durante o século XVII. O autor coloca em prática a crítica aos sacerdotes, aos fiéis e aos aristotélicos, que ainda se mantinham reticentes frente às descobertas dos astrônomos da época e, também, à liberdade de pensamento. O final do trecho, que se refere a acreditar ou não em algo, demonstra a inspiração cética de Cyrano, já que para o autor a verdade é um objeto desejável, mas não realista. O seu defensor no tribunal diz que “para acreditar em alguma coisa é preciso que se apresentem à sua imaginação certas possibilidades maiores ao sim do que ao não desse fato”. A afirmação é totalmente representativa sobre o que se propõem as narrativas da Lua e do Sol, visto que Dyrcona passa boa parte dos escritos debatendo com outros seres os mais diversos temas, com o intuito de expandir a sua percepção sobre o que se sabe, ou não, sobre o mundo. Outra questão que perpassa a afirmação é a ideia de que é preciso estar suscetível a ouvir

¹²¹ Ibid., p. 77.

¹²² Ibid., p. 78.

outras explicações sobre o que se pretende acreditar e não se deixar levar pelos dados superficiais.

A reflexão feita pelo homem durante o julgamento de Dyrcona gera repercussão, ele é aplaudido, e faz com que os julgadores debatam. O rei, então, se pronuncia afirmando que o viajante pode ser considerado um homem e que será posto em liberdade. A punição de ser afogado é modificada para uma retratação humilhante (naquele mundo não havia retratação honrosa), que consistia em Dyrcona se desdizer publicamente por ter ensinado que a Lua é um mundo e “isso por causa do escândalo que a novidade daquela ideia teria podido causar na alma dos fracos”. Por causa da desonra que Dyrcona havia cometido, ele é vestido magnificamente e levado para um maravilhoso carro, até que é arrastado por príncipes e obrigado a pronunciar a seguinte frase: “Povo, declaro-vos que esta lua não é uma lua, mas sim um mundo, e que aquele mundo lá longe não é um mundo, mas uma lua. É isto o que os padres julgam conveniente que pensem”.¹²³ A retratação do viajante pode ser interpretada como uma possível inspiração na abjuração feita por Galileu Galilei (1564-1642), no ano de 1633, quando ele foi pessoalmente intimado pela Igreja, a se calar sobre o heliocentrismo, teoria considerada proibida e herética. O astrônomo vai até Roma, depõe e abjura diante da Inquisição, “ele se retratou diante da séria ameaça de ser envolvido num longo processo disciplinar que poderia terminar abarcando outros problemas mais graves como a interpretação das Escrituras, por exemplo.”.¹²⁴

Como foi manifestado pelo narrador da obra, os embates entre os humanos e os sacerdotes lunares expõem a crítica de Cyrano de Bergerac para com a sociedade em que ele vivia. Os trechos também evidenciam um contexto em que os libertinos ansiavam pelo debate e pela busca do conhecimento sobre o universo que habitavam. O escritor, de modo irônico, descreve o mundo da Lua como um espaço em que os pensadores poderiam ser livres, mas não totalmente, já que após a sua chegada são prontamente julgados como seres desprovidos de razão e condenados a uma vida irracional. Os escritos de Cyrano, além de servirem como espaços de refúgio para o seu autor e os seus leitores, descrevem a repressão sofrida pelos libertinos durante o período em que estiveram em ação.

No mundo do Sol Dyrcona enfrenta o aprisionamento, agora na républica das aves. A primeira coisa que as aves fazem é colocar o viajante na prisão, em um tronco oco pertencente a um grande carvalho. Uma das aves, que já acompanhava o viajante em suas andanças pelas

¹²³ Ibid., p. 80.

¹²⁴ CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *A cruz e a luneta: a ciência e religião na Europa Moderna*. Rio de Janeiro Access, 2000, p. 81.

outras regiões do Sol, a Fênix, é que intervém a favor do humano, que estava diante de um processo de acusação de assassinato. As aves governantes consideram o viajante como um animal e se negam a acreditar que ele fosse capaz de razão.¹²⁵ Alegam que talvez o compreendessem se ele fosse um animal que se aproximasse da aparência delas, mas ele é justamente o mais diferente e “o mais medonho”: um animal calvo, uma ave implume, uma quimera feita com toda espécie de natureza e que causa medo a todos eles. Para os pássaros, o homem é um ser estúpido que foi persuadido de que os animais foram feitos unicamente para ele, um homem que alega ter uma alma tão clarividente e que não é capaz de distinguir o açúcar do arsênio, um homem “que a natureza criou à semelhança dos monstros, mas no qual infundiu a ambição de comandar a todos os animais e exterminá-los”. Essas são as opiniões dos mais sábios que gritam sobre como é terrível acreditar num animal que não tem um rosto como o deles tenha razão: “Como, murmuravam uns aos outros, não tem bico, nem penas, nem garras; a sua alma havia de ser espiritual! Oh! deuses, que impertinência!”.¹²⁶

O modo como Cyrano retrata as aves é uma ironia sobre a prepotência dos seres humanos ao acreditarem que são seres superiores aos animais e aos outros seres que compõem a natureza. Apesar de as acusações serem uma crítica dirigida especialmente aos humanos, elas também se relacionam com as acusações que os libertinos sofriam no século XVII por parte dos religiosos. Com efeito, Cyrano une as suas duas críticas, a primeira ataca a glorificação feita pelos seres humanos a eles mesmos e a segunda ataca o modo como os sacerdotes e legisladores franceses acusavam os sujeitos sem provas factuais ou apoiam suspeitas superficiais, a partir da aparência ou do grupo a que pertenciam. Apesar de tudo, o escritor reconhece personagens nos outros mundos que são partidários de uma opinião crítica, assim como os libertinos, principalmente com relação ao modo como os sacerdotes defendiam a ortodoxia cristã, um dos grupos que detiam o poder na sociedade francesa da época, e como que eram feitas as acusações do Estado.

O que se pretendeu com a análise da perseguição sofrida pelo viajante no mundo da Lua e do Sol foi evidenciar como possivelmente Cyrano se inspirou no cenário em que vivia e fez a sua crítica através das suas ficções literárias, questões que indicam que mesmo diante do controle extremo dos sacerdotes e do estado, o livre-pensamento florescia entre os letrados e ganhava espaço nos salões literários. Além disso, se pode evidenciar como na busca por ambientes amigáveis e seguros para a troca prazerosa de ideias e a promoção do

¹²⁵ CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 255.

¹²⁶ CYRANO DE BERGERAC. *op. cit.*, p. 136.

conhecimento, a aristocracia forjou novas maneiras de sociabilidade para fugir do sistema hierárquico e controlador.¹²⁷

¹²⁷ ZECHLINSKI, *op. cit.*, p. 94.

CAPÍTULO 2 – UM CONTEXTO NEBULOSO PARA A IMAGINAÇÃO DE MENTES LIVRES

O século XVII vivenciou afirmação do Estado absolutista e da Igreja, dois poderes que intensificaram as repressões dirigidas aos indivíduos após os conflitos decorrentes das guerras de religião e da imersão e afirmação da ciência mecanicista. As descobertas feitas e apontadas pela nova astronomia contribuíram para que as estruturas ordenadoras daquele mundo fossem questionadas, situação que permitiu com que os atores sociais buscassem respostas e outros meios de explicações para as realidades. É nesse sentido que a dessacralização dos céus, tratada por Jean Delumeau, e a ruptura instauradora, denominada por Michel de Certeau, proposições interpretativas que guiarão a construção deste capítulo, que objetiva investigar a emergência do livre-pensamento de Cyrano de Bergerac a partir de *Viagem à Lua* (1657) e de *Viagem ao Sol* (1662). Em um primeiro momento, dissertarei sobre a ampliação do imaginário cósmico moderno sobre o universo; o rompimento com a “única” visão do universo fechado, que foi sustentado pela teologia e pelos aristotélicos; e a situação política da França do século XVII, que propiciou o estabelecimento dos espaços de reflexões em que os libertinos puderam articular os seus pensamentos e suas críticas de frente ao Estado absolutista. No segundo momento, problematizo a associação entre o livre-pensamento e a possível incredulidade dos autores, em virtude de suas opiniões cétricas com relação ao pensamento religioso da época.

2.1 A DESSACRALIZAÇÃO DOS CÉUS E A INVERSÃO DO PENSÁVEL: CONDIÇÕES PARA A EMERGÊNCIA DE UMA NARRATIVA DESCRITIVA DA REALIDADE

“O universo fechado transmitido pela Antiguidade à Idade Média caracterizava-se por uma harmonia que se pode dizer ‘sagrada’”.¹²⁸ Essa harmonia se viu em risco diante das descobertas de astrônomos como Nicolau Copérnico (1473-1543), Galileu Galilei (1564-1642) e Johannes Kepler (1571-1630). Com Copérnico, em sua obra *As Revoluções dos Orbes Celestes* (1543), encontra-se a hipótese de que o centro do universo era ocupado pelo Sol e a de que a Terra se movimentava conforme rotações, uma diurna e outra anual, em torno do astro luminoso.¹²⁹ Em *Mensagem das Estrelas* (1610), Galileu divulgou o resultado de suas observações telescópicas sobre a Lua, representada com uma superfície cheia de crateras e

¹²⁸ DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 445.

¹²⁹ COPÉRNICO, Nicolau. *De revolutionibus orbium coelestium*. Nurembergue: Johannes Petrejus, 1543.

montanhas, e Júpiter, descrito em conjunto com quatro de seus companheiros satélites.¹³⁰ Kepler, por sua vez, procurou observar os astros celestes a partir de uma perspectiva astronômica, como o fez ao atribuir ao Sol uma força motriz responsável pela condução dos planetas, e em *Somnium* (1643), onde narrou uma viagem à Lua conjugando visões científicas e imaginárias sobre o astro lunar.¹³¹

As obras dos astrônomos ofereceram um novo ponto de vista sobre a posição dos astros, modificando a condição central atribuída ao planeta Terra que era encontrada no sistema geocêntrico de Cláudio Ptolomeu (90-160 d. C.). O matemático foi quem se empenhou em explicar as variações de brilho e de tamanho dos planetas, assim como dos satélites. Ele imaginou que os astros, presos às esferas, giravam em torno de círculos cujos centros giravam ao redor da Terra. Esse modelo mantinha centrada no globo terrestre apenas a esfera que carregava as estrelas, e as demais, a Lua, o Sol e os planetas, se movimentavam no sistema de círculos e esferas gigantes.¹³² Porém, com o heliocentrismo, que colocava o Sol no centro do mundo, as esferas de Ptolomeu foram questionadas. Essa perspectiva ganhou destaque com Copérnico, que propôs que a Terra girava ao redor do Sol, assim como os demais planetas e a Lua encontravam-se em volta da Terra. O modelo de Copérnico explicava de um modo mais simples as voltas dos planetas no céu e, colocava no centro o Sol que era capaz de iluminar e vivificar os astros dependentes deles.¹³³ O heliocentrismo logo interessou as mentes de Galileu, Kepler e outros astrônomos da época, trazendo a reflexão sobre o funcionamento dos céus. Diante disso, uma questão constante era: como conciliar o heliocentrismo defendido pelos astrônomos com a fé cristã? De fato, a Igreja não mediu esforços para que isso não fosse possível. Condenou a teoria heliocêntrica, as hipóteses presentes nas obras de Galileu e Giordano Bruno, já que esse último defendeu em *De l'infinito universo e mondi* (1584) a infinitude e a eternidade do universo.

As divisões de mundo entre celestial e terrestre elaboradas por Aristóteles (384-322 a. C.) possibilitaram que o cristianismo localizasse o paraíso nos céus e os relacionassem com a narrativa das Sagradas Escrituras sobre a formação do mundo. Mas o novo sistema solar extinguiu a localização do paraíso e do inferno, retirando toda incorruptibilidade do mundo

¹³⁰ GALILEI, Galileu. *Sidereus nuncius*. Venice: Thomas Baglionum, 1610.

¹³¹ KEPLER, Johannes. *Somnium*. Frankfurt: Sagani Silesiorum, 1634. Sobre a tradução do *Sonho*, ver RIBEIRO, Jair Lúcio Prados. O Sonho de Johannes Kepler: uma tradução do primeiro texto de *hard sci-fi*. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, História da Física e Ciências Afins, v. 40, n. 1, 2018.

¹³² CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *A cruz e a luneta: ciência e religião na Europa moderna*. Rio de Janeiro: Access, 2000, p. 36.

¹³³ *Ibid.*, p. 47.

supralunar e eliminando as esferas diáfanas e os anjos que supostamente os faziam girar. E, como consequência, banalizava a Terra, tirando-lhe a um só tempo a sua miséria e a sua grandeza. De acordo com Delumeau, a Igreja romana resistiu bastante tempo à nova astronomia, não só porque a antiga estava de acordo com o texto bíblico, mas também porque tinha a seu favor uma forte coerência interna e a vantagem de situar claramente o paraíso em relação ao resto do mundo. Porém, essa construção lógica e grandiosa, centrada na Terra e envolta pelo empírio, logo desabou. Sendo assim, a nova astronomia originava um “sismo cultural”, pois dessacralizava o céu e tornava o mundo só mais um entre outros.¹³⁴

A contenda entre a nova astronomia e a Igreja Católica a respeito do posicionamento da Terra e do Sol se estendeu durante todo o século XVII, pois a teoria heliocêntrica desestabilizava as concepções que ordenavam o mundo. Para Carlo Ginzburg, os séculos XVI e XVII se baseavam em uma lógica na qual havia um “âmbito separado, cósmico, religioso e político, definível como ‘alto’ e vedado ao conhecimento humano”. Existia uma dualidade, em que ao alto eram designados o poder cósmico e o poder político. Havia uma hierarquia em que os saberes eram considerados ocultos, o segredo do poder era reservado à política, o segredo dos céus era reservado à natureza e o segredo de Deus era reservado à religião. Essa estrutura impunha um valor ideológico que reforçava a manutenção da ordem, o que estava no alto era apresentado como uma instância inacessível à inteligência humana, e era dificultada a possibilidade de decifração ou acesso àquele conhecimento. Ainda, para o autor, esse esquema gerava um efeito marginal de certa importância, os pensadores que ousassem questionar a ordem eram censurados por causarem a desestabilização da suposta coerência do mundo.¹³⁵

Michel de Certeau, em sua investigação sobre a mística, conceituou o segredo, que pode contribuir para a compreensão da estrutura dicotômica em que a sociedade moderna estava baseada, investigada por Ginzburg. Conforme o autor, o oculto é algo que escapa ao saber ou pode só ser revelado a partir dele. Existe um jogo entre atores, aquele que procura pelo que está oculto e aquele que esconde o que não pode ser revelado. O segredo seria constituído pela habilidade de afastar, atrair ou unir interlocutores, pois visa um destinatário e age sobre ele. Em nota, Certeau acrescenta que o mistério serve como um complemento, de autoridade, sobre o que não é revelado: “quanto mais uma verdade for escondida, secreta,

¹³⁴ DELUMEAU, *op. cit.*, p. 444 e 454.

¹³⁵ GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 99.

mais força ela terá”. Então, o segredo é o resultado de uma contradição, ele se insinua sem se declarar: envolve a possibilidade da revelação e a recusa ao desejo do saber do outro.¹³⁶

A sustentação do segredo gerava uma ordenação, entre a “coisa calada e a que vela” (aquilo que esconde), para que a hipótese de interpretação não se desmoronasse.¹³⁷ A ordem na disposição entre o alto e o baixo era o que estruturava as instituições do Antigo Regime. Em contrapartida, o segredo pode ser entendido como um gerador de expectativas sobre o saber. Quero dizer que a ocultação pode ter alimentado o desejo pelo conhecimento: ao passo que o saber era vedado ao questionamento humano, ele era almejado e foi oportunizado através dos desvios. Ainda, naquele contexto, havia dois lados. De um lado o reino da ciência, almejado pelos letrados entusiastas da nova astronomia e dos astrônomos, e do outro lado estava o reino da política, que era vedado aos indivíduos que tentassem penetrar nos segredos do poder. Então, a contraposição entre a previsibilidade da Natureza e a imprevisibilidade da política introduzia “um tema muito diferente, em torno do qual presumivelmente construíra-se todo um discurso: a necessidade de impedir que o povo interviesse nas decisões políticas”.¹³⁸ Foi nessa conjuntura que os libertinos se manifestaram, questionando e transgredindo os segredos do poder.

A despeito da dessacralização dos céus e do interesse pelas coisas altas é preciso apontar outro processo de ruptura que ocorreu ao longo dos séculos XVI e XVII. Começamos pela reorganização das ciências eclesiásticas. Ocorreu uma mudança no critério do conhecimento: no lugar da interpretação espiritual da tradição, se buscou por fatos constatáveis. O fato religioso foi colocado para fora do procedimento científico, ele se tornou um objeto diante da ciência, um estatuto de motivação interior e “de um lugar na sociedade”. A relação dos indivíduos com a religião mudou, ela não era mais o princípio explicativo para o mundo e foi progressivamente dirigida para o âmbito da prática. Ao se tornar um objeto de estudo, a religião deixou de ser o único meio que conduzia o pensamento dos indivíduos. Desse modo, o meio explicativo passou a ser compreendido como um resultado da experiência, da investigação prática da natureza, como aquela empregada pelos astrônomos em suas pesquisas. Para Certeau, houve uma “inversão do pensável”. Ocorreu uma ruptura sobre o que a sociedade estava pensando sobre ela mesma. Isso quer dizer que os indivíduos não estavam mais de acordo quanto ao modelo de explicação sobre o mundo e, para tanto, se

¹³⁶ CERTEAU, Michel de. *A fábula mística séculos XVI e XVII*: volume 1. Tradução Abner Chiqueri. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 150, 151.

¹³⁷ Ibid., p. 152.

¹³⁸ GINZBURG, *op. cit.*, p. 108.

fez necessária uma inversão, uma alteração do próprio pensamento para que se pudesse refletir sobre ele.¹³⁹

Em decorrência da inversão do pensável se sucedeu a cisão entre a religião e a moral. O quadro das crenças se modificou e elas foram substituídas por uma ética social formuladora da ordem das práticas sociais, que relativizava as crenças religiosas, transformando-as em objeto. A religião fendida, não mais condutora das atitudes humanas, fez com que a vida social e a investigação científica, pouco a pouco, abandonassem “as infeudações religiosas”. Desse modo, a religião foi relegada do campo da crença e da convicção e o seu papel passou a ser representado pela ética. Mediante o processo de ruptura e da divisão das Igrejas, que não eram mais unidades referenciais, se criou um novo espaço social para a heresia. Isso fez com que a Igreja se tornasse a alteridade daquilo que insinuava.¹⁴⁰ De um jeito mais claro, Certeau descreve os sintomas da ruptura com as unidades:

As referências englobantes e os discursos que vêm da tradição, aparecem como particularidades. Estão lá, na própria experiência dos crentes, elementos entre outros, num quadro onde tudo fala de uma unidade desaparecida. O que era totalizante não é mais senão uma parte nesta paisagem em desordem que requer um outro princípio de coerência. Os critérios de cada comunidade crente se encontram, por isso, relativizados. Ao lado destas formações religiosas parcializadas, se descobrem zonas inteiras (como os Novos Mundos) impossíveis de enquadrar nos balizamentos tradicionais. Desta maneira, massas populares sem âncoras e como que errantes através dos enquadramentos sociais e simbólicos, são entregues a alucinações feiçoas que esta ausência cria. O ceticismo que se estende atesta a mesma ausência, mas nos meios cultivados. Feitiçaria e ceticismo, com efeito, esboçam o vazio que uma Razão universal ou uma Lei natural irão preencher.¹⁴¹

Em meio à “ruptura instauradora”, que dividia e modificava a realidade, emergiu uma linguagem para se lidar com a perda, linguagem essa que vinha “abaixo da superfície oficial do país” e demonstrava uma nova situação na qual as Igrejas não forneciam mais os únicos meios para a vida social.¹⁴² Desse modo, os libertinos podem ser entendidos como as expressões da falta dessa unidade, que antes era representada pela religião. Os livres-pensadores estavam em busca de um elemento que pudesse dar unidade àquela sociedade, e a reflexão sobre a constituição do conhecimento emergia como uma tentativa de formular um esquema de reintegração do pensamento filosófico moderno. Os “vazios” nomeados, as incertezas e as instabilidades foram os substantivos que a ciência e a política tentaram modificar para reencontrar um meio integrativo ao grupo social.

¹³⁹ CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, 2017, p. 151.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 153.

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 156.

¹⁴² *Ibid.*, p. 140.

A falta de unidade que era percebida pelos libertinos fez com que eles se voltassem para o questionamento dos segredos da religião e do poder. François La Mothe Le Vayer (1588-1672), Gabriel Naudé (1600-1653), Guy Patin (1601-1672) e Pierre Gassendi (1592-1655), ao tecerem críticas aos dogmas, estavam refletindo sobre o conhecimento e a obtenção da verdade, que não eram mais considerados elementos completamente seguros. Também havia uma preocupação, um sentimento de angústia sobre como o conhecimento era ou seria constituído dali para frente. Por isso o século XVII é descrito como um período demarcado pela mobilidade das ideias, momento propício para a reflexão filosófica dos autores.

O *Dictionnaire critique de la langue française* (1787) definiu o ceticismo como uma “seita” que duvidava de tudo e no *Dictionnaire de l'Académie Française* (1798) o termo foi considerado didático e definido como a filosofia dos “céticos” ou da pessoa que coloca tudo em dúvida.¹⁴³ Esses significados exemplificam a crise renovada dos anos de 1600 até 1730 já emergente desde o Renascimento, onde as certezas estavam desgastadas pelas críticas advindas do ceticismo. O autor Gianni Paganini, estudioso da filosofia dita clandestina, interpretou o ceticismo empregado pelos libertinos como um movimento voluntário de liberação das crenças.¹⁴⁴ Seguindo essa concepção, a contestação cética dos livre-pensadores ainda pode ser interpretada como uma reflexão sobre o conhecimento e uma tentativa de ressignificação das rupturas vivenciadas pelo período em que viveram.

La Mothe Le Vayer, autor reconhecido pelo ceticismo enfático, em *De la vertu des payens* [Da virtude dos pagãos] (1642), concebe a ideia de que os autores considerados pagãos são virtuosos e demonstra como eles podem oferecer contribuições para o pensamento filosófico da época. No prefácio, o autor debate a *Cidade de Deus* (426 d. C) de Santo Agostinho com o intuito de desmistificar a ideia de que os autores pagãos eram infiéis e não virtuosos. La Mothe Le Vayer estuda Sócrates, Pitágoras, Epicuro e Pirro para denunciar a maneira como eles foram interpretados pelo cristianismo e romper com a divisão feita pelos estoicos entre autores infiéis e fiéis.¹⁴⁵

¹⁴³ Como aparecem nos dicionários: “SCEPTICISME, s. m. SCEPTIQUE, adj. et subst. Ils se disent d'une Secte qui doutait de tout. "On affiche aujourd'hui le scèpticisme: on adopte, ou l'on fait semblant d'adopter une Philosophie Sceptique, de suivre les principes des Sceptiques. "Ces hommes qui dogmatisent avec hauteur, en se donnant pour Sceptiques. Ils sont synonymes de Pyrrhonisme, Pyrrhonien”. *Dictionnaire critique de la langue française* T. 3 (O-Z), 1787 ou “SCEPTICISME, sub. masc. Terme didactique. Il se dit De la philosophie des Sceptiques. Il se dit aussi Des personnes qui affectent de douter de tout. *Cet homme se pique de scepticisme; son scepticisme n'est que l'entêtement d'un ignorant qui ne sait pas se rendre.* Le *Dictionnaire de l'Académie française*. Cinquième Edition. T. 2, 1798.

¹⁴⁴ PAGANINI, Gianni. apud MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 213-214.

¹⁴⁵ LA MOTHE LE VAYER, François de. *De la vertu des payens*. François Targa: Paris, 1642, p. 16.

A obra de Le Vayer teve relevância renovada diante da polêmica em torno da graça, da predestinação ou do livre arbítrio, discutida entre os letrados franceses da época. *De la vertu des payens* versava sobre “se filósofos antigos não podiam, por uma graça especial de Deus, serem salvos, na medida em que eles teriam se aproximado das verdades reveladas e da virtude cristã, tanto quanto era possível somente por meio de sua luz natural”.¹⁴⁶ Além disso, o escrito apresentava uma reflexão de interesse filosófico sobre um assunto que na época era uma demanda teológica. Nesse sentido, o autor atravessava o debate sobre o direito que o poder monárquico tinha em tratar das questões religiosas.¹⁴⁷ Esse aspecto está relacionado com a maneira como os libertinos expressavam as suas insatisfações perante as instituições políticas e religiosas. Para Jean-Charles Darmon a ação libertina perpassava o pensamento político moderno e a crítica ao poder é revelada no modo como eles experimentavam a política naquele período.¹⁴⁸

A reação ao poder por parte dos libertinos fez com que Sylvia Giocanti interpretasse o ceticismo como uma manifestação da “política libertina”, que sediou a contestação da ordem. A crítica tecida pelos autores ao poder não quer dizer que eles preferiam outro sistema que o vigente, mas anuncia a presença de uma heterodoxia em suas ideias. O ceticismo empregado pelos autores possibilitava o reconhecimento da ausência de um fundamento legítimo para o poder político através da libertinagem, mas, ao mesmo tempo, oferecia o disfarce para discordância através da própria retórica cética, pois havia uma “articulação cética do privado e do público” que autorizava o filósofo a se afastar da política. O que ocorria era que a concepção cética sobre a legitimidade do estado político sujeitava a política “a um tempo que abole tudo” e, ao mesmo tempo, autorizava “todas as revoluções políticas possíveis”.¹⁴⁹ A expressão libertina se unia a esse debate e procurava disseminar, amplamente, as considerações sobre a política de forma pública, convidando os possíveis leitores para a reflexão sobre a legitimidade do poder. Porém, a questão era que essas ideias contestatórias

¹⁴⁶ “Il s’agit de savoir si des philosophes antiques ne pourraient pas, par une grâce spéciale de Dieu, être sauvés, dans la mesure où ils se seraient approchés des vérités révélées et de la vertu chrétienne, autant que cela était possible par le seul moyen de leur lumière naturelle.” MOREAU, Isabelle. *Stratégies d’écriture et pouvoir politique: le cas de La Mothe Le Vayer. Littératures classiques*, no 55, 2004/3, p. 149. Tradução livre da autora.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 151.

¹⁴⁸ DARMON, Jean-Charles. *Libertinage et politique: remarques sur l’utilité et les incertitudes d’un questionnement. Littératures classiques*, v. 55, n. 3, 2004, p. 5.

¹⁴⁹ GIOCANTI, Sylvia. *Ce que le libertinage politique, s’il existe, doit au scepticisme. Littératures classiques*, v. 55, n. 3, 2004, p. 66.

circulavam apenas entre o “grupo dos libertinos”, entre indivíduos que eram escolhidos a dedo, não ocorrendo uma distribuição ampla de suas ideias.¹⁵⁰

A relação entre o pensamento libertino e a política era complexa, mas a complexidade é o que permite seu entendimento. Ao mesmo tempo em que o ceticismo incitava a dúvida sobre os dogmas, ele sustentava uma atitude conservadora perante eles. Era como se não pudesse mais haver certeza absoluta sobre as verdades do mundo e tudo passasse a ser incerto, até aquilo que permitia a interpretação sobre a dúvida.¹⁵¹ Era nesse sentido que o indivíduo cético, mesmo incitado pela dúvida, ainda primava pela ordem política, ou seja, as suas críticas não tinham o interesse de instituir um novo tipo de governo, apenas o desejo de discutir sobre ele. Essa posição era o que tornava possível a libertinagem, a vontade de discutir sobre o que estava instituído. Embora o lado cético recusasse a se pronunciar sobre a ordem política, devido a uma relativização máxima, ele ainda fazia críticas às possíveis debilidades do estado. O ceticismo despertava o espírito da crítica, mas não subvertia a política ao ponto de fazer com que os libertinos apontassem soluções concretas para a resolução do conflito, pois o ceticismo não permitia que as próprias reflexões fossem tomadas sem também serem postas em questão.¹⁵²

No estudo sobre a crítica e a crise política que perpassou o território francês durante os séculos XVII e XVIII, Reinhart Koselleck apontou questões importantes sobre como funcionava a conjuntura daquele momento. De acordo com ele, dois acontecimentos foram marcantes e os responsáveis pelo início e o fim do Absolutismo clássico. O primeiro deles foi a guerra civil religiosa, momento em que o Estado moderno se ergueu dos conflitos mediante lutas penosas e alcançou a sua forma e fisionomia plenas ao superá-los. O segundo também foi um conflito derivado de uma guerra civil, a Revolução Francesa, a qual preparou o seu fim. O estudioso alegou que, a partir da segunda metade do século XVI, um problema que não podia ser resolvido pelos meios da ordem tradicional tornava-se cada vez mais virulento: a época precisava encontrar uma solução para os conflitos em meio às igrejas intolerantes, que travavam duros combates e se perseguiam cruelmente, e em meio a frações estamentais ligadas pela religião.¹⁵³ Aqui está sendo apontada a necessidade da época em buscar uma

¹⁵⁰ Ibid., p. 4.

¹⁵¹ POPKIN, Richard H. *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Tradução Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000, p. 162.

¹⁵² Ibid., p. 67.

¹⁵³ KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999, p. 19- 21.

solução que apaziguasse os conflitos. A então resolução foi o Estado absolutista que Koselleck considerou como uma resposta à guerra civil religiosa.

O Estado absolutista fez com que os príncipes se colocassem acima dos partidos religiosos, mesmo quando partidários de determinada religião. O monarca absoluto não reconhecia nenhuma instância superior a si mesmo, a não ser Deus. A missão histórica da realeza da época era: “Ou restituís a liberdade do povo, ou lhe assegureis a liberdade interior, pela qual o povo sacrificou sua liberdade”.¹⁵⁴ O que ocorreu foi que para o Estado prosperar se fez necessário subjugar os indivíduos ao seu poder e governo. Isso quer dizer que, diante desses conflitos e da impossibilidade de conciliação, foi preciso reduzir todos os indivíduos ao mesmo ponto de interesse, em busca pela paz. Para que isso se efetivasse, o súdito teve que refugiar as suas consciências nos recantos secretos de seu coração, onde permaneceu seu próprio juiz, ao passo que os fatos externos deveriam ser submetidos ao juízo e ao tribunal soberano. A voz da consciência não deveria nunca alcançar o exterior. Koselleck resumiu a situação da seguinte forma: quem se submetia ao soberano vivia por meio do soberano; quem não se submetia a ele era aniquilado, mas a culpa recaía sobre o próprio aniquilado. Para sobreviver ao momento era preciso que o súdito escondesse sua consciência.¹⁵⁵

Foi nesse sentido que Maria Machado reconheceu a libertinagem como uma “crítica mascarada” complexa. Para ela, os libertinos faziam uma suposta conversão ao discurso dominante, que era superficial e abafado pelas mesmas palavras que permitiam as suas críticas ao sistema. Era o que permitia que eles pudessem se libertar apenas interiormente.¹⁵⁶ Por isso, havia uma espécie de dualidade no comportamento do indivíduo libertino: publicamente ele adería aos dogmas da sociedade e utilizava em seus escritos uma carga humorada e divertida, mas no privado ele subvertia a ordem e fazia a crítica, causando a ironia, o efeito humorístico de suas obras. O contexto vivenciado por Cyrano fez com que ele acobertasse o seu desejo por uma consciência livre através da ficção e talvez seja por isso que o viajante encontra nos mundos da Lua e do Sol os espaços propícios para libertar o seu espírito e seja recebido pelos filósofos da Lua, que se mostraram partidários da filosofia atomista, críticos do modo como os religiosos terráqueos entendem como os humanos devem

¹⁵⁴ BARCLAY, *Argenis*, 245 apud KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999, p. 22.

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 23.

¹⁵⁶ MACHADO, Maria. *La Mort d'Agrippine, De Cyrano de Bergerac: Uma Tragédia Sem Eternidade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p. 39.

viver e questionadores do cristianismo da Terra, que “é contra a natureza e inveja das satisfações dos homens”.¹⁵⁷

Porém, os mundos imaginários de Cyrano também relatam momentos em que o narrador aventureiro passa pela repressão do aparato governamental da Lua e do Sol, através de julgamentos, situação que é explorada no primeiro item, mais especificamente no item 1.3 deste trabalho. O viajante é julgado por alegar que a Lua e o Sol são mundos, e também, por ser um ser humano que se diz ser dotado de razão em solo estrangeiro. Esses aspectos demonstram as outras facetas dos mundos fictícios e que se aproximam do contexto político da França do século XVII. De acordo com Joel Cornette, o reinado de Luís XIV foi um momento no qual a afirmação do Absolutismo pareceu ser mais evidente. A grande nobreza em face ao Estado absoluto se submeteu ao governo devido à dependência econômica que era assegurada pelo rei através do confisco monárquico e dos dispositivos de patronagem, classificados por Cornette como a “royalização” dos processos de recompensa e promoção. Em paralelo, ocorria o mecenato, que patrocinava os artistas para prestarem serviço exclusivo ao Rei Sol. Conforme o autor, todos esses fenômenos estavam a favor do fortalecimento do Estado absoluto.¹⁵⁸

A forma de governo absolutista foi efetivada a partir de uma estrutura que colocava o monarca acima do direito de todos, ele era quem decidia o que era justo ou injusto, ao mesmo tempo em que era o legislador e o juiz. Dessa maneira, o conteúdo do direito público se desligava dos interesses sociais e das esperanças religiosas. Koselleck argumentou que para além de igrejas, estamentos e partidos, o direito marca um domínio formal de decisões políticas, contando que a finalidade máxima seja a proteção dos seres humanos, independentemente de seus interesses e esperanças. A decisão política do príncipe tinha força de lei. Para que o Estado cumprisse com a obrigação de proteger, foi exigido que os súditos transferissem os seus direitos ao soberano, que os representaria em seu conjunto. Para que a lei soberana fosse alcançada, era preciso que os indivíduos separassem a consciência interior e a ação exterior. Além disso, era preciso que o súdito se identificasse com as leis políticas:

[...] o homem, como cidadão, não deve mais buscar a prima causa das leis em Deus, mas em uma construção temporal, isto é, no poder que põe fim à guerra civil. As leis são morais – embora este possa ser o caso – mas porque se originaram em um mandamento ditado pela situação política. Estas são as leis da moral política, sobre as quais o soberano decide, por razões inerentes a esta mesma moral. Uma virtude é

¹⁵⁷ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 87.

¹⁵⁸ CORNETTE, Joel. *La monarchie absolue*. De la Renaissance aux Lumières. Paris: La documentation française, 2007, p 7-12.

uma virtude não por causa da convicção ou da justa medida, mas do seu fundamento político. Contudo, para o homem como homem, a convicção, ou a própria consciência, permanece o último critério da moral. Resta apenas esperar que a convicção também se oriente pela necessidade política.¹⁵⁹

Diante dessa situação descrita por Koselleck, o que aconteceu foi que o indivíduo foi dividido em dois: a parte que corresponde ao privado e a que corresponde ao público. Os atos e as ações são submetidos, sem exceção, à lei de Estado, mas a convicção é livre. A partir disso, era possível que o indivíduo se refugiasse em sua convicção sem ser responsável. Na medida em que o indivíduo tomou parte no mundo da política, a sua consciência se tornou apenas uma instância de controle do dever de obediência, pois a ordem soberana dispensava o indivíduo da responsabilidade política.¹⁶⁰

A situação política francesa durante os Seiscentos separou o ser humano em duas instâncias, fazendo com que tudo o que ele pensasse ou discutisse estivesse em âmbito privado e entregasse para o rei soberano o seu poder de decisão ou a sua ação efetiva na política. É por isso que os libertinos, mesmo que críticos da política e movidos pelo ceticismo, não transformavam os seus questionamentos privados em uma efetiva insurreição pública contra o poder, pois esse era um contrato que já estava firmado com o príncipe em troca da paz. Além disso, desde que o súdito estivesse cumprindo o seu dever de obediência, o soberano não se interessava pela sua vida privada. Ao estarem subordinados ao Estado, os libertinos seguiam as regras e faziam do seu âmbito interior o espaço para a reflexão política, filosófica e literária.

Com relação ao que foi dito, o pensamento de Antonio Hespanha sobre a política em Portugal do século XVII é esclarecedor. Ele trouxe a ideia de que a “revolução”, de modo muito geral, existia nas sociedades do Antigo Regime, mas o seu significado era outro. Ela significava “um retorno ao ponto inicial, uma ‘restauração’”. As “revoluções” daquela época tinham sempre um sentido orgânico e conservador, e era “veiculado por um discurso jurisdicista, pois era o direito estabelecido que decidia a ordem natural da sociedade e, portanto, não apenas legitimava a revolta contra o “mau governo”, mas indicava o caminho para um reestabelecimento da ordem justa”.¹⁶¹ Isso posto, se pensarmos nos libertinos como autores revolucionários, eles devem ser entendidos conforme a elucidação de Hespanha. O fato é que os libertinos questionavam a religião e a política, mas não intentavam derrubá-la

¹⁵⁹ KOSELLECK, *op. cit.*, p. 37.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 37.

¹⁶¹ HESPANHA, António Manuel. *Caleidoscópio do Antigo Regime*. São Paulo: Alameda, 2012, p. 44.

devido à disciplina social que detinha os mecanismos quotidianos e periféricos, conforme explicado acima.

Richard Popkin, estudioso que teve as suas explicações sobre o ceticismo contestadas, tal como destacou o historiador Georges Minois em seu livro¹⁶², defendeu que o ceticismo teve um papel diferente no período que vai da Reforma até a formulação da filosofia cartesiana, devido ao fato de que a crise intelectual ocasionada pela Reforma coincidiu com a redescoberta dos antigos cétricos gregos, como os manuscritos de Sexto Empírico (II e III a. C), que tratavam do ceticismo pirrônico. Ainda de acordo com o autor, durante os séculos XVI e XVII ocorreu a “crise pirrônica”, que exigia dos libertinos que eles mostrassem que as evidências utilizadas como fundamentos para as crenças não eram mais satisfatórias para o momento.¹⁶³ De forma geral, Popkin viu o ceticismo desse período como uma “consequência da crise religiosa da Reforma e, ao mesmo tempo, uma resposta elaborada pelo pensamento católico a partir de Erasmo, a fim de se opor ao dogmatismo subjetivo dos protestantes”.¹⁶⁴

Como um contraponto em relação à possível descrença e às críticas dos libertinos à religião, Popkin sugeriu, especificamente sobre o caso de La Mothe La Vayer, que o objetivo da libertinagem erudita não necessariamente era o de destruir ou minar o cristianismo, “mas servir de apoio a um certo tipo de catolicismo liberal que se opunha tanto às crenças supersticiosas quanto ao fanatismo protestante”. A visão de La Vayer foi compreendida como uma continuação do desenvolvimento “típico” dos séculos XVI ao invés de uma “distorção maliciosa”. Ou seja, Popkin sugeriu uma possível continuação de pensamento entre os humanistas cétricos do século anterior com os libertinos, por defenderem um ceticismo em que tudo deveria ser questionado e nada poderia ser aceito como verdadeiro.¹⁶⁵ O autor relacionou o ceticismo não com a política, mas com a religião. A questão é que os libertinos teceram críticas a ambas e seria mais produtivo pensar no ceticismo da época como uma tentativa de compreensão ou interpretação da própria realidade, através da dúvida e do questionamento, sem que isso seja explicado apenas como uma continuação dos pensadores anteriores a eles.

O ceticismo empregado pelo livre-pensamento enfrentou um embate com as teses de René Descartes (1596-1650). Mas antes de tratar sobre isso se faz necessário discorrer sobre alguns aspectos da concepção de mundo dos modernos. Claude-Gilbert Dubois identificou que o cosmo era lido a partir de três metáforas: o universo-imagem, o universo-mensagem e o

¹⁶² MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 214.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 4.

¹⁶⁴ MINOIS, *op. cit.*, p. 214.

¹⁶⁵ POPKIN, *op. cit.*, p. 166-167.

universo-máquina ou universo-objeto. No primeiro, o mundo era visto como a imagem de Deus e representava a infinitude e o poder, ou também, podia ser a imagem do homem, uma concepção antropocêntrica que privilegiava a centralidade universal. No segundo, o mundo podia ser uma canção, um poema ou uma peça teatral; ele trazia uma mensagem intermediada pelos anjos e podia ser decifrada através de seus sinais. No terceiro, o mundo era comparado a uma máquina que estava incluída em uma ordem de funcionamento, cada peça desempenhava uma função específica; também compreendido como um objeto, objeto de estudo em que a natureza vista era transcrita e transformada por termos matematizáveis.¹⁶⁶

O imaginário cósmico da época oscilava entre aquelas duas primeiras concepções até que uma terceira foi desenvolvida conforme a linguagem dos artesãos, que falavam de técnicas, e dos mercadores, que falavam de operações e cifras. O universo visto como uma máquina também foi uma metáfora adotada pelos pensadores científicos para as explicações sobre o funcionamento do mundo e sobre como o sistema heliocêntrico podia ser regido. Porém, foi durante a Renascença que emergiu um novo grupo metafórico, que se interessou por tratar o objeto cósmico, a Terra, como um objeto que podia ganhar forma a partir da demonstração ou pela transcrição em números, fórmulas ou imagens. Essa mudança revelou a evolução das relações entre o homem e o animal: o animal humanizado ou portador de símbolos da Renascença que cedeu lugar à concepção cartesiana de um animal-máquina, que podia e deveria ser usado como um animal.¹⁶⁷

O modo como a natureza podia ser vista se alterava, se fosse pensada como uma máquina por exemplo, era permitido que ela pudesse ser desmontada para ser investigada, observada mais de perto para verificar como as peças agiam umas sobre as outras. Para isso, os filósofos naturais adotaram uma abordagem chamada de filosofia mecânica, que possibilitou a investigação do ambiente e serviu como um meio interpretativo para determinar o que fazia com que as coisas pulsassem.¹⁶⁸ A filosofia mecânica se dedicou ao estudo das macrociências, correspondentes à astronomia planetária, à mecânica terrestre e aos processos que permitiam medir e observar. De acordo com esse pensamento, a realidade era referida a uma relação entre corpos ou partículas materiais em movimento que podia ser interpretada mediante as leis do movimento descobertas pela estática e pela mecânica. O mundo de coisas ordinárias, do dia a dia, que antes era de interesse dos naturalistas da Renascença, não exercia

¹⁶⁶ DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença*. Tradução Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 93.

¹⁶⁷ Ibid., p. 92.

¹⁶⁸ GRANT, Edward. *História da filosofia natural do mundo antigo ao século XIX*. Tradução Tiago Attore. São Paulo: Madras, 2009, p. 365.

mais o mesmo fascínio entre os entusiastas naturalistas do século XVII.¹⁶⁹ Priorizava-se a interpretação da experiência das circunstâncias contrariantes, as ideias daquilo que não eram semelhantes aos objetos que as produziam, pois a não semelhança era o que permitia a elaboração de um modelo. A mecânica se voltou para o estudo de como o universo era ou podia ser constituído e levou os filósofos a imaginarem um modelo. Assim, os filósofos e os cientistas explicavam a natureza para compreenderem o funcionamento do mundo, ainda que através de uma linguagem com a qual não estavam totalmente familiarizados.¹⁷⁰

A concepção de espaço como domínio do ser humano, assim como o interesse pela realidade não observável, levou os cientistas a imaginarem como alguns fenômenos aconteciam, pois “para a ciência, é necessário passar de uma realidade observável para outra não-observável”. A ciência experimental se preocupou em determinar a veracidade das alegações sobre as operações da natureza. Foi nesse mesmo ambiente de investigação que a filosofia natural sofreu uma fusão com as ciências exatas. Esse acontecimento permitiu uma ampliação do escopo que antes era restrito às ciências exatas antigas e medievais. Assim, a filosofia natural procurou causas físicas para todos os tipos de fenômenos naturais, e não fez somente cálculos e quantificações.¹⁷¹

O mundo como uma máquina fez com que a natureza fosse entendida como um objeto que podia ser pesquisado e experienciado. Como objeto, coube ao ser humano dominá-lo e estudá-lo. Essa mesma ideia foi reempregada pelos filósofos, como foi o caso de Descartes, que defendeu um universo composto de matéria e partículas divisíveis. Mas a matéria em movimento cartesiano se diferenciava daquela defendida pelos atomistas. O viajante de Cyrano na visita ao mundo solar se depara com Campanella e Descartes. Antes de tecer uma conversa com este último reflete em conjunto com Campanella sobre as filosofias de Descartes:

Embora ele fosse epicurista, a fim de dar um princípio aos princípios de Epicuro, quer dizer, aos átomos, estabeleceu, para começo das coisas, um caos de matéria inteiramente sólida, que Deus dividiu num número incalculável de pequenos quadrados, a cada um dos quais imprimiu movimentos opostos. Ora, quer ele que esses cubos, atritando-se uns contra os outros, se hajam pulverizado em parcelas de toda espécie de figuras. Mas como pode ele conceber que esses pequenos quadrados tenham começado a girar separadamente, sem confessar que se tenha feito o vácuo

¹⁶⁹ ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Editora Edusc, 2001, pp. 239-240.

¹⁷⁰ Ibid., p. 239.

¹⁷¹ GRANT, *op. cit.*, p. 387.

entre os seus ângulos? Não existiria ele necessariamente nos espaços que os ângulos desses quadrados eram obrigados a abandonar, a fim de se moverem?¹⁷²

O viajante se mostra questionador do que Descartes defendeu com relação aos átomos, questão que estava em conflito com a concepção de Epicuro. As perguntas feitas por Dyrcona demonstram como havia uma diferença de concepção muito clara entre os filósofos daquela época e Cyrano. Diante disso, ele não se mostra indiferente à situação. Na continuação do trecho anterior, o narrador ainda se pergunta se os quadrados de Descartes, “que não ocupavam senão uma certa extensão, antes de girar, podiam mover-se em círculos, se não houvessem ocupado, na sua circunferência, ainda uma vez, outros tantos círculos?”. Ao lançar essas questões, afirma que “a geometria ensina que isso é impossível; portanto, a metade desse espaço deve ter necessariamente permanecido vazia, pois não havia ainda átomos para enchê-la”.¹⁷³

Para Descartes não podia haver átomos indivisíveis. Na sua concepção, “qualquer partícula mínima extensa (que possa existir no mundo) pode ser sempre dividida, como é próprio da sua natureza”.¹⁷⁴ Além disso, para o autor, esses corpúsculos não se moviam em um vazio infinito, pelo contrário, os intervalos ocasionados pelos seus movimentos eram preenchidos pela matéria. Portanto, “a identificação cartesiana de espaço e matéria implicava uma série de consequências: 1) a identidade da matéria que constitui o mundo; 2) a extensão ilimitada do mundo; 3) a divisibilidade ao infinito da matéria; 4) a impossibilidade do vazio”.¹⁷⁵ Na segunda parte da obra *Princípios da Filosofia* (1644), onde dissertou sobre as coisas materiais, Descartes afirmou a existência da matéria e descreveu o seu movimento:

Logo, só há uma matéria em todo o universo e só a conhecemos porque é extensa. Todas as propriedades que nela apercebemos distintamente apenas se referem ao facto de poder ser dividida e movimentada segundo as suas partes e, por consequência, pode receber todas as afecções resultantes do movimento dessas partes. Com efeito, embora mediante o pensamento possamos imaginar divisões nesta matéria, contudo é verdade que o nosso pensamento não pode alterar nada, e a diversidade das formas que nela se encontram dependem do movimento do local; sem dúvida que isto foi também observado pelos filósofos em muitas ocasiões: a natureza é o princípio do movimento e do repouso. Por natureza entendiam aquilo que faz com que os corpos disponham, tais como os vemos por experiência.¹⁷⁶

¹⁷² CYRANO DE BERGERAC. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Tradução José Maria Machado. São Paulo: Edição Clube do Livro, 1955, p. 159.

¹⁷³ Ibid., p. 159.

¹⁷⁴ DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Tradução João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997, p. 68.

¹⁷⁵ ROSSI, *op. cit.*, p. 204.

¹⁷⁶ DESCARTES, *op. cit.*, p. 69.

Assim, para o autor, a natureza era resultado do movimento da matéria. Essa concepção revelou a dependência e o viés mecanicista da filosofia cartesiana. A partir disso, pode-se reconhecer um elemento harmonioso na composição de Descartes. No caso, a máquina operava somente se todas as peças estivessem em absoluto funcionamento. A sua teoria descreveu o movimento ordenado das partículas, elas não eram obras do acaso. A tentativa de estabelecimento de uma teoria matematizada do espaço também se baseou na hierarquia. Cada um dos componentes da máquina desempenhava uma função, assim como era a relação entre o ser humano e a natureza, o animal que se servia do animal-máquina.¹⁷⁷

Aliado a uma ideia mecanicista de mundo, Descartes reconhecia a existência de um Deus criador da máquina do mundo, sendo para ele possível se chegar ao conhecimento de que havia um Deus. Para isso era preciso compreender que os humanos eram seres dotados de mentes finitas, em contraposição ao ser divino que era, ao mesmo tempo, incompreensível e infinito. Essas condições ligadas ao infinito não seriam possíveis de serem compreendidas pelo ser humano e era por isso que Descartes se voltava para o estudo da natureza, pois a entendia como algo material, que estava no campo de conhecimento possível do ser humano. Houve a censura às investigações sobre Deus, ou seja, sobre o infinito, pois para Descartes a Ele era reservada apenas a crença e não o questionamento.¹⁷⁸ Diferentemente do que faziam os libertinos, que questionavam a realidade a partir da dúvida ou da incerteza sobre a verdade, Descartes fazia uma interpretação contrária, parte da concepção de uma verdade. Isto é, ele questiona a realidade considerando o que era verdadeiro sobre ela, logo ele se questionava sobre o que ele podia encontrar de verdadeiro e seguro naquilo que estava pesquisando.¹⁷⁹

Nesse sentido, para Descartes a busca pela verdade somente era possível a partir de uma imaginação controlada, pois uma imaginação puramente livre conduziria o indivíduo ao erro, já que os poderes malignos poderiam facilmente influenciá-la. Esses poderes malignos podem ser entendidos como tudo aquilo que perturba a ordem divina ou causa a angústia ou a incompreensão humana pela impossibilidade de se obter respostas concretas sobre o que estava sendo duvidado. Esse pode ser entendido como um dos primeiros pontos que distinguiu os libertinos, pois pensando no caso de Cyrano, ele se utiliza da imaginação como um aparato que possibilita a sua interpretação de mundo. O desconhecido lhe parecia mais interessante do que aquilo que era verdade ou coerente.

¹⁷⁷ DUBOIS, *op. cit.*, p. 92.

¹⁷⁸ BRAGA, Gabriel Elysio Maia. *O natural e o sobrenatural na modernidade: a polêmica erudita sobre os mortos-vivos (1659-1751)*. Dissertação de Mestrado em História. UFPR, Curitiba, 2017, p. 27-39.

¹⁷⁹ DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Tradução Marina Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 23-37.

Os libertinos estavam interessados em buscar pela dúvida e não pela verdade, como fez Descartes. Era nesse sentido que as suas reflexões não entravam em harmonia. Gassendi, que foi preceptor de Cyrano, foi um dos libertinos que mais teceu críticas a Descartes. Isso ocorreu porque o libertino era partidário do atomismo, filosofia que reconhecia a existência do vazio, algo que Descartes considerava improvável, justamente porque vazio pressupunha a inexistência de alguma coisa. Como dito anteriormente, o filósofo cartesiano partia do princípio de que existia uma verdade, por isso, para ele a existência do vazio seria uma contradição de tudo aquilo que confere realidade ou, de acordo com a sua concepção sobre a existência do espaço e da matéria, identidade à matéria que constitui o mundo.

Nesse item se discorreu sobre a resposta dos libertinos perante as rupturas e as mudanças vivenciadas no século XVII, no sentido de como as reflexões desses autores faziam parte de uma discussão mais ampla, que acometia todos os âmbitos da sociedade: político, religioso, científico e filosófico. A respeito dos embates entre Descartes e os libertinos, pode-se entender que diante da reflexão sobre o conhecimento humano de mundo, as interpretações podiam seguir caminhos diferentes ou contraditórios, mas ainda assim serviam como uma possibilidade de reflexão e discussão sobre o conhecimento e o saber humano sobre a natureza e sua interpretação que era esboçada pela narrativa. Isto é, a narrativa literária, como é o caso de Cyrano e o que ele faz, devia transcender a realidade conhecida e ser lançada para o âmbito da imaginação e da possibilidade.

2.2 ATEUS E EPICURISTAS: O LUGAR DE DEUS NA FILOSOFIA LIBERTINA E A POSSIBILIDADE DA DESCRENÇA

Quando se aborda o pensamento libertino, o tema da descrença sempre aparece, como se essa fosse uma condição inerente ao livre-pensamento. Essa ideia esteve presente na crítica que os libertinos sofreram por parte dos teólogos e foi uma concepção que se manteve posterior aos seus escritos. O termo ateu foi utilizado desde o século XVI pelos devotos e padres com a intenção de desqualificar os argumentos da filosofia libertina, e foi reforçado pelo significado de ‘libertino’, também um termo que aparecia relacionado às concepções negativas de transgressão, devassidão ou perversão.¹⁸⁰

Para uma melhor compreensão do pensamento libertino se faz necessário compreender os livres-pensadores para além de suas tendências irreligiosas, pois a possível descrença e o

¹⁸⁰ MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo, Editora UNESP, 2014.

questionamento do divino não significam a mesma coisa e, ainda se elas fossem reconhecidas em seus escritos, elas revelariam o interesse desses indivíduos pela reflexão e pelo conhecimento humano.

Lucien Febvre foi um dos autores que fez questão de demonstrar como a incredulidade durante o período da Renascença não seria possível. Febvre considerou a possibilidade da descrença, que foi atribuída a François Rabelais, como uma atitude anacrônica para um século que queria acreditar, já que a religião ocupava todas as esferas da vida daqueles indivíduos. Ao se debruçar sobre os escritos de Febvre, Minois concluiu que o autor fez interpretações um pouco precipitadas sobre o caso de François Rabelais, atestando que são verificáveis os sintomas de descrença entre os autores do século XVI. Esses sintomas foram reconhecidos no novo contexto sociocultural europeu de florescimento urbano, industrial e comercial, que foi acelerado com a ascensão de uma classe burguesa cuja mentalidade não se adaptava mais aos limites da piedade medieval. O burguês do final do século XVI era desconfiado, independente, menos crédulo e lia, sobretudo porque a imprensa recém-criada imprimia obras que preocupavam as autoridades, obras religiosas de todas as tendências, obras literárias que detinham toda a espécie de ideias, obras técnicas e científicas que ampliavam o conhecimento do mundo e da natureza. Essa situação revela um momento menos favorável à fé conforme a proliferação dos livros e das ideias ocorreu, ao mesmo tempo, da emergência das concepções de tipo neoplatônica e animista, em que a Renascença redescobriu o atomismo democritiano, epicurista e lucreciano.¹⁸¹

Stephen Greenblatt tentou demonstrar que, no século XV, a redescoberta e a disseminação dos humanistas, especificamente na obra *De rerum Natura* de Lucrécio escrita no século I a. C., inspiraram os filósofos modernos a ponto de causar uma completa modificação no pensamento sobre a modernidade.¹⁸² Apesar de algumas generalizações cometidas pelo autor, suas reflexões são úteis para se pensar no debate sobre o conhecimento do cosmo vivenciado pelo período e sobre as perturbações que o atomismo ofereceu à Igreja.¹⁸³ Para Edward Grant, a partir das obras antigas, antes ignoradas e desconhecidas, que foram traduzidas para o latim e para as línguas vernáculas, surgiram as “filosofias rivais” que

¹⁸¹ Ibid., p. 129 e p. 132.

¹⁸² GREENBLATT, Stephen. *A virada: o nascimento do mundo moderno*. Tradução Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

¹⁸³ Ver JÚNIOR, Luiz César de Sá. O renascimento sobre o cadafalso. *Revista Topoi*, v. 14, n. 27, Rio de Janeiro, 2013. O autor teceu críticas e apontou as possíveis incongruências no pensamento defendido por Greenblatt.

em conjunto com as descobertas da ciência experimental, apresentaram uma nova possibilidade de estudo e compreensão da natureza.¹⁸⁴

Para os humanistas do século XV, as obras antigas continham o conhecimento e eram diretamente úteis para a ciência e a sua prática. Os filósofos subsequentes, como Francis Bacon (1561-1626) e René Descartes (1596-1650), viam a retomada dos clássicos antigos como uma maneira de aperfeiçoar as ideias do presente. Eles advogavam a favor da busca de um novo rumo para a filosofia e a ciência da modernidade, tomando os antigos apenas como guias e não mais como modelos a serem imitados.¹⁸⁵

Porém, a filosofia epicurista conhecida pelos modernos através da obra de Lucrécio demonstrou ser um problema para a religião. Para muitos dos autores que tiveram contato com as ideias atomistas, a busca pelo prazer foi uma das reflexões que mais chamaram a atenção e fascinaram os filósofos modernos. De acordo com Lucrécio, a busca pela felicidade e a ampliação do prazer deve ser o objetivo mais elevado da vida humana, pois não haveria propósito ético maior do que propiciar essa busca a si próprio e às demais criaturas humanas.¹⁸⁶ Os libertinos, enquanto autores que dialogavam com as ideias epicuristas, foram vistos como aqueles que enfrentavam as proibições da Igreja e buscavam pelos prazeres terrestres, ou como céticos e descrentes, que não esperavam nada depois da morte e acreditavam que o inimigo era o tempo que passava. Era preciso aproveitar todos os prazeres que se apresentavam em vida. Uns o faziam na devassidão e na algararra e outros com refinamento e discrição. Entre os partidários mais radicais das ideias epicuristas estava Gassendi, que se utilizou da filosofia de Epicuro para tentar reconciliar e explicar a existência de Deus. A respeito da busca da felicidade, ele compreendeu que para isso era necessário buscar o bem, mas que a dificuldade viria do fato de que não sabemos o que seria essa felicidade. Para ele, o verdadeiro prazer era honesto e honorável e não tinha relação com a sensualidade ou a depravação. A felicidade deveria coincidir com o bem, e o bem era agradável, o que propiciava aos humanos um prazer honesto.¹⁸⁷

As ideias epicuristas ofereciam um problema e uma ameaça para todo o universo mental que era defendido pela Igreja durante os séculos XVI e XVII. Para Lucrécio, os deuses

¹⁸⁴ GRANT, Edward. *História da filosofia natural do mundo antigo ao século XIX*. Tradução Tiago Attore. São Paulo: Madras, 2009, p. 354.

¹⁸⁵ ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Editora Edusc, 2001, pp. 89, 91.

¹⁸⁶ GREENBLATT, *op. cit.*, p. 165.

¹⁸⁷ MINOIS, Georges. *Idade de ouro: história da busca da felicidade*. Tradução Christiane Fonseca Gradwohl Colas. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 190.

são intocáveis e indiferentes às ações humanas, fazendo com que as práticas de culto fossem desprovidas de sentido, já que os deuses que a religião prometia estavam afastados e separados do mundo humano. Para ele, o mundo é composto por partículas invisíveis e tudo se forma através dessas “sementes” imutáveis e multiplicadas ao infinito e que estavam em constante movimento. Elas se chocavam umas contra as outras e agrupadas davam formas às coisas ou podiam se reagrupar e se recombinar novamente. Essas partículas elementares da matéria eram eternas, indestrutíveis e imortais, mas os objetos do universo eram transitórios e finitos. Todas as formas observadas são temporárias e o que as compõe é a redistribuição. Essas partículas se movimentam em um vazio infinito e a existência do vazio é o que possibilita o movimento das partículas. Uma das ideias mais problemáticas que o pensamento de Lucrécio oferecia para a religião era a concepção de que o universo não possui um criador e um projetista, assim como a existência não dispõe de um fim ou de um propósito, já que os objetos são criados através de destruições incessantes, através do pleno acaso. A máxima disso é que o universo não é criado para o benefício do ser humano. A partir dessa perspectiva, Lucrécio adverte que não há motivos para acreditar que os seres humanos enquanto espécie sobrevivam para sempre, eles seriam vulneráveis e fadados a crescerem, se desenvolverem e morrerem. A alma humana é constituída do mesmo material que o corpo, sendo assim, o espírito humano consiste em minúsculos elementos e quando o corpo morre ou quando a matéria é dispersada a alma morre com ele. Nesse sentido, não existe vida após a morte, pois se a alma morre com o corpo, se entende que não existem recompensas em um *post-mortem*.¹⁸⁸

As ideias atomistas se mostraram extremamente atraentes para as concepções críticas dos libertinos contra os dogmas religiosos. Em *Viagem à Lua*, durante uma conversa entre os sábios professores da Lua e o viajante, na casa de seu hospedeiro naquele mundo, um desses doutores toma a palavra e alega que há mundos infinitos num mundo infinito e que, para ele, o universo seria como um grande animal:

[...] as estrelas, que são mundos, como outros animais dentro dele, que servem, reciprocamente, de mundos para outros povos, assim como a nós, aos cavalos e aos elefantes, e que nós, por nossa vez, somos também mundos de certas pessoas menores, como cancrs, pulgas, vermes, ácaros; estes são a terra de outros imperceptíveis; assim como nós parecemos um grande mundo para esse pequeno povo, talvez nossa carne, nosso sangue e nossos espíritos não sejam mais do que uma urdidura de pequenos animais que se comunicam, nos transmitem seus movimentos e se deixam conduzir cegamente pela nossa vontade que lhes serve de

¹⁸⁸ GREENBLATT, *op. cit.*, p. 155-165.

cocheiro, nos conduzem, e produzem ao mesmo tempo esta ação que chamamos vida.¹⁸⁹

A defesa do erudito se torna mais clara quando no final do seu argumento se utiliza do termo ‘espíritos’, o que manifesta a referência à ideia dos corpúsculos invisíveis de uma concepção atomista de mundo. A sua crítica ataca duas coisas, a primeira se dirige ao antropocentrismo, com o objetivo de desmistificar a ideia da superioridade humana diante do universo e dos outros seres que o habitam. A segunda está voltada contra o criacionismo, com a finalidade de depreciar a proposta da natureza teológica de que a origem do mundo e da vida adveio da plena vontade divina. A oposição heterodoxa do filósofo é mantida e ele alega que os seres incorrem em absurdos quanto à eternidade do mundo, pois, nas suas palavras:

o primeiro obstáculo que nos detém é a eternidade do mundo; e não sendo o espírito dos homens suficientemente forte para concebê-la, e não podendo também imaginar que este grande universo tão belo, tão bem regulado, possa ter-se feito a si mesmo, recorrem à Criação. Mas, assim como aquele que mergulha no rio por medo de ser molhada pela chuva, salvam-se dos braços de um anão na misericórdia de um gigante. Mesmo assim não se salvam, pois essa eternidade que retiram do mundo, por não ter podido compreendê-la, eles a dão a Deus, como se lhes fosse mais fácil imaginá-la num do que em outro. Este absurdo, portanto, ou este gigante do qual falei, é a Criação, pois, digei-me, na verdade, concebeu-se alguma vez como se pode fazer alguma coisa do nada?¹⁹⁰

Aqui a sua posição se torna mais efetiva e feroz contra o criacionismo, explica que o que faz os indivíduos recorrerem à Criação é a falta de imaginação, a obediência ao relato das Sagradas Escrituras e a concepção de perfeição do mundo, o qual só poderia ser fundado por uma entidade divina e milagrosa. Contudo, ele oferece argumentos que favorecem o questionamento sobre a efetiva origem do universo, pois o sábio acredita que “entre um nada e um átomo há desproporções de tal forma infinitas que o cérebro mais aguçado não poderia penetrá-las”. Uma forma de escapar desse labirinto inexplicável seria admitir “uma matéria eterna com Deus, e então não será mais preciso admitir um Deus, visto que o mundo poderá ter sido sem ele”.¹⁹¹ Desse modo, ele quer dizer que é possível considerar outra explicação para a criação do mundo que não esteja baseada na figura divina. Esse tipo de crítica presente nas narrativas libertinas fez com que os teólogos, como no caso do padre François Garasse, classificassem os livres-pensadores como ateus e epicuristas, como se a utilização de uma

¹⁸⁹ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 93.

¹⁹⁰ Ibid., p. 99.

¹⁹¹ Ibid., p. 99.

determinada concepção filosófica reduzisse as suas reflexões a uma atitude descrente. Nesse sentido, se faz necessário retomar o sentido atribuído à palavra libertino para aquela época.

De acordo com *Le dictionnaire de l'Académie Française*, de 1694, o significado de libertino é

Adj. Quem toma muita liberdade e não é assíduo no seu dever. *Este aluno não vai muito à classe, ele se tornou bem libertino.* Também se diz no substantivo. *Ele é um libertino.* Ele significa também Licencioso nas coisas da Religião, professando não crer no que se crê, seja condenando os costumes piedosos, ou ao não observar os mandamentos de Deus, da Igreja e de seus superiores. E nesse sentido, ele não é usado apenas no substantivo. *Ele é um libertino, ele faz insultos das coisas sagradas. Ele é um libertino, ele come carne na Quaresma, os ateus, os libertinos.*

¹⁹²

A conceituação dada pelo dicionário privilegia um ponto de vista bem específico ao identificar no libertino alguém que não cumpre com as suas obrigações, um indivíduo desobediente. As palavras escolhidas dão uma conotação completamente negativa à definição de libertino e sobrecarregam o caráter irreligioso e contrário aos costumes da época. O libertino é associado à licenciosidade, um indivíduo que perverte as crenças. De maneira sutil, o dicionário relaciona o termo a uma ideia de indivíduo pecador e provocador. A definição se refere, em resumo, àquele indivíduo que é entregue à devassidão. É, assim, um ateu e partidário do ateísmo. Tal constatação incentiva a busca pela definição dada pelo mesmo dicionário ao termo ‘ateu’:

Adj. de todo gênero. Aquele que não reconhece nenhum Deus. Diz-se de pessoas e de opiniões. *Homem ateu, essa proposta é ateia.* Ele é também substantivo. *É um ateu.*¹⁹³

A descrição aqui é breve e define ateu como aquele que não identifica Deus. Nesse caso, não há menção ao libertino, mas a definição de ateísmo encontrada logo abaixo, revela o seguinte:

¹⁹² “Adj. Qui prend trop de liberte e ne se rend pas assidu a son devoir. *Cet escolier ne va guere en classe, il est devenu bien libertin.* On dit aussi dans Le substantif. *C’est un libertin.* Il signifie aussi, Licencieux, dans les choses de la Religion, soit en faisant profession de ne pas croire ce qu’il faut croire, soit en condamnant les constumes pieuses, ou en n’observant pas les commandemens de Dieu, de l’Eglise, de ses superieurs. Et en ce sens Il ne s’employe guere qu’au substantif. *C’est un libertin, Il fait des railleries des choses saintes. C’est un libertin, Il mange de la chair le Caresme, les athées, les libertins*”. ACADÉMIE FRANÇOISE. *Le dictionnaire de l’Académie Française, dédié au Roy.* Tome Premier. Paris: A-L. Vve J. B. Coignard et J. B. Coignard, 1694, p. 645. Tradução livre da autora.

¹⁹³ “Adj. de tout genre. Celuy qui ne reconnoist point de Dieu. Il se dit des personnes e des opinions. *Homme athée, cette proposition est athée.* Il est aussi substantif. *C’est un athée*”. Ibid., p. 62. Tradução livre da autora.

F. m. Impiedade que consiste em não reconhecer nenhuma divindade. A libertinagem conduz ao ateísmo, é opinião próxima do ateísmo.¹⁹⁴

O ateísmo aqui é considerado uma impiedade e, conseqüentemente, seguindo a ideia do primeiro trecho sobre o indivíduo libertino, é relacionado à libertinagem. Já na segunda citação, o verbo utilizado para explicar a prática ateísta é *reconnoistre* e não *croire*. Esse detalhe é importante, pois crer remete a uma relação muito mais íntima e profunda, que é diferente do ato de reconhecer ou não reconhecer algo ou alguém.

Michel de Certeau enfatizou que “*ateu, ateísmo* remetiam, inicialmente, à divisão das Igrejas. Protestantes e católicos tratavam-se mutuamente por *ateus*: à ‘ateia’ a religião do outro. No século XVIII, o ateu do século XVII é o ‘Libertino’”.¹⁹⁵ Os conceitos dados pelo *Dictionnaire* explicitam essa mesma ideia, o que explicaria o sentido de “reconhecimento” utilizado para a definição de ateu. Mas, ainda assim, o termo ‘ateísmo’ aparece relacionado com a prática da libertinagem como uma atividade negativa, impiedosa ou pecaminosa.

As definições do *Dictionnaire* revelam o viés de interpretação dado pela sociedade francesa do século XVII aos indivíduos libertinos. Além disso, sugerem como esses sujeitos que, teoricamente, demonstravam tendências libertinas, eram vistos por aqueles que não concordavam com as suas ideias. O termo ‘libertino’ foi empregado com o intuito de qualificar algo ou alguém como descrente e tinha como propósito deslegitimar os argumentos construídos por autores como Cyrano. Desse modo, é preciso esclarecer que o ateísmo não caminhou necessariamente ao lado do pensamento libertino e nem todo livre-pensador era declaradamente ateu. Muitos tiveram formação religiosa e outros só foram descobertos ateus depois de suas mortes. Dessa forma, o livre-pensamento não deve ser entendido como uma expressão declarada da descrença, pois uma análise nesse sentido impossibilita que sejam reconhecidas as contradições humanas, as variações de ideias e as argumentações críticas próprias desses autores. Porém, isso não quer dizer que a possibilidade da descrença deva ser completamente excluída do que se entende por livre-pensamento, já que, como o caso de Cyrano indica, existem sinais que podem ser detectados em seus escritos.

Isabelle Moreau declarou o seu constrangimento ao perceber como os autores libertinos, em muitos casos, tinham pouca ou mínima relação com o “caráter insignificante do

¹⁹⁴ “F. m. Impiété qui consiste à ne reconnoistre aucune divinité. *Le libertinage mene à l’atheisme, cette opinion approche de l’atheisme*”. Ibid., p. 62. Tradução livre da autora.

¹⁹⁵ CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017, p. 158.

ateísmo irreligioso”.¹⁹⁶ Mas essa foi uma construção, como afirma Van Damme, que a história social do século XIX fez dos libertinos, a de sujeitos relegados ao subterrâneo com seus códigos próprios, relacionados a uma ilusão literária, ou apenas como produtos da denúncia teológica.¹⁹⁷ Parte dessa constatação advém da incompreensão dos escritos dos libertinos, como já citado na Introdução e no capítulo 1 desta dissertação, e da limitação de pensamento sobre esses autores, que contribuíram de modo proporcional àqueles considerados como os célebres pensadores do século XVII – como René Descartes, Jean-Baptiste Molière e Blaise Pascal, por exemplo.

Quanto à relação entre a religião e o pensamento libertino é preciso reconhecer que o pensamento religioso fazia parte da realidade vivida por esses autores. Febvre observou como a religião influenciava diretamente a vida dos indivíduos do século XVI. De acordo com ele, todos os atos e todos os dias eram saturados pela religião. Naquele período tudo parecia depender da Igreja. Desde o nascimento os indivíduos eram condicionados a viver e conviver em torno da capela e de suas atividades. Os acontecimentos principais aconteciam na paróquia, como o batismo, o noivado, o casamento e a morte, e era na Igreja que os indivíduos podiam se informar sobre os acontecimentos públicos. Em resumo, a paróquia era onde aconteciam as principais questões que marcam a existência humana: as celebrações, as alegrias e os temores. Esses elementos foram considerados por Febvre como atestados da influência da religião sobre os sujeitos e como algumas práticas eram realizadas quase que de maneira automática, sem que eles pensassem que algo deveria ser diferente do que era, pois as coisas aconteciam daquela maneira.¹⁹⁸ Refletindo de modo diferente sobre isso, pode-se dizer que os indivíduos poderiam questionar algumas das práticas que lhes eram impostas diariamente, mas isso não implicou que eles se manifestassem explicitamente. As atividades e os hábitos cotidianos devem ser considerados como os refúgios das inquietações humanas e dos mecanismos da tática, ato praticado pelos indivíduos que podem ser expressos através do “habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na

¹⁹⁶ “tiercelet d’athéiste irrégulier” MOREAU, Isabelle. *Guérir du sot. Les stratégies d’écriture des libertins à l’âge classique*. Paris: Honoré Champion, 2007 apud CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Le “libertinage érudit”: fertilité et limites d’une catégorie historiographique, *Les Dossiers du Grihl* [En Ligne]. Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Libertinage, athéisme, irrégulier.

¹⁹⁷ VAN DAMME, Stéphane. La mappemonde sceptique: une géographie des “libertins érudits”, *Littératures classiques*, v. 92, n. 1, 2017, p. 79.

¹⁹⁸ FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 304.

ordem estabelecida pelo ‘forte’”.¹⁹⁹ Essa “arte de dar golpes no campo do outro” torna mais compreensível a relação dos sujeitos do Antigo Regime com a religião, o que significa que eles tinham suas inquietações, dúvidas e pensamentos próprios, mesmo que vivendo em uma sociedade de imposições e obrigações.

Ainda sobre a heterodoxia que Cyrano injeta em seus personagens em *Viagem à Lua* e em *Viagem ao Sol*, esse elemento não deve ser entendido como uma abdicação total do escritor às suas convicções particulares religiosas, pois a questão que deve ser reconhecida é que esse era um pensamento que fazia parte da sociedade em que o autor vivia. O pensamento religioso ou a busca por aquilo que é divino perpassa as situações vivenciadas em sociedade pelos seres humanos. Entretanto, isso não impediu uma atitude descrente da parte de alguns autores e, além disso, é importante destacar que os pensamentos religioso, filosófico e científico da época estiveram interligados em muitas circunstâncias.

Ao constatar que os libertinos criticavam o cristianismo e todas as religiões, Minois identificou que alguns eram deístas, panteístas, outros ateus, e todos detinham várias nuances filosóficas e políticas.²⁰⁰ Isso quer dizer que os libertinos não eram motivados pela descrença, mas sim por “uma resposta a um problema existencial” que faz parte do contexto de mudanças e reflexão que eles viviam.²⁰¹ Então, as críticas e os exageros imaginários dos escritos de Cyrano e da sua pessoa, enquanto objetos de estudo, devem ser entendidos a partir de uma ótica não estigmatizada ou limitadora de suas potencialidades.

¹⁹⁹ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 98.

²⁰⁰ MINOIS, *op. cit.*, p. 252.

²⁰¹ *Ibid.*, p. 270.

CAPÍTULO 3 – ENTRE A CARAVELA E A LUNETA: CONHECIMENTO SOBRE O MUNDO NA PRIMEIRA MODERNIDADE

Ao longo dos séculos XVI e XVII, o que impulsionava viajantes e cartógrafos era a necessidade que tinham de obter informações sobre a realidade do mundo. O interesse pelo conhecimento também permeou o universo dos astrônomos e foi motivo de inspiração para os literatos da época, tal como Cyrano de Bergerac, que propõe as viagens imaginárias de um viajante para a Lua e outra para o Sol. As informações geográficas dos relatos de viagem e das cartografias, e o conhecimento astronômico gerado pelas observações dos astros, são elementos que, ao serem associados, fizeram com que a Lua emergisse como um objeto de estudo e fosse considerada um globo, assim como a Terra.

As viagens de Cyrano aparecem no mesmo século em que Francis Godwin (1562-1633), Johannes Kepler (1571-1630), Athanasius Kircher (1602-1680) e John Wilkins (1614-1672) publicaram obras com o tema da viagem para a Lua. Todos esses autores parecem seguir uma tradição, já antiga, da viagem para as alturas ou para o espaço lunar, de Luciano de Samósata (120-192 d.C.). Esses escritos revelam como o século XVII, também no domínio da literatura, transformou o céu em um espaço para a projeção de ideias.

Este capítulo objetiva compreender como Cyrano interagiu com os escritos que circulavam em sua época, ou melhor, como *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* se relacionam com outras obras e até que ponto elas teceram influências sobre as viagens do livre-pensador. Sendo assim, o primeiro item se concentra nas narrativas de viagens e na cartografia, ambas interligadas, pois tratam do mapeamento do espaço. No segundo, serão exploradas as idealizações sobre os paraísos terrestres e as projeções utópicas, que possivelmente tiveram inspirações nas navegações e na literatura de viagem. O terceiro momento está voltado para o olhar dos astrônomos, que viram a Lua como uma possibilidade de estudo, tal como atestam as selenografias com suas representações visuais do satélite. E, enfim, por último será tratada a ideia de ciência como ficção, tema que perpassa as narrativas de Cyrano e que está em sintonia com os outros escritos que trataram de viagens para a Lua.

3.1 MAPEAMENTO DO UNIVERSO: NARRATIVAS DE VIAGEM E CARTOGRAFIA

Viagem à Lua e *Viagem ao Sol*, publicadas em 1657 e 1662 respectivamente, são representantes da tópica do deslocamento, tema que floresceu entre as narrativas dos séculos XVI e XVII nas sociedades europeias. A emergência do tema revela o interesse que os sujeitos dos Seiscentos tinham pela geografia e, como disse Raymond Trousson, essa atitude

estava ligada ao desenvolvimento de uma paixão humana pelas relações longínquas, pois elas ofereciam a possibilidade de compreensão da imensidão do mundo, ao passo que incitavam o saber sobre as particularidades dos ambientes ainda inexplorados.²⁰²

Seguindo esse caminho, as primeiras páginas de *Viagem à Lua* contêm a declaração do viajante de “que a Lua é um mundo como este, ao qual o nosso serve de lua”.²⁰³ Essa ideia é o que impulsiona o narrador a percorrer grandes distâncias para encontrar um mundo ainda desconhecido. A hipótese de que a Lua era um mundo tal como a Terra é autorizada por Pitágoras, Epicuro e Demócrito, como representantes dos antigos, e por Copérnico e Kepler, representantes dos modernos, autores que, supostamente, compartilhavam da mesma ideia que o viajante. Esse modo de abertura da obra indica a presença do tema do deslocamento e atesta que as obras de Cyrano têm aspectos compartilhados com as literaturas de viagem, influências que serviram como meio para que Cyrano exprimisse a sua própria interpretação de mundo. Dessa maneira, aqui será tratado do aspecto do relato de viagem e do olhar cartográfico, emergentes no século XVI, e que tiveram influências sobre os escritos literários do século XVII, como Cyrano Bergerac atesta em suas viagens.

No século XIV, o “gênero de viático” era destinado a uma minoria de humanistas e cosmógrafos, mas no século XVII as fronteiras entre os escritos eruditos e a cultura geral floresceram, como atesta Sylvie Requemora, que lembrou como os anos de 1660 foram marcantes para as narrativas de viagem, promovidas ao posto da “literatura de massa do público cultivado”.²⁰⁴ Esses relatos atraíam os leitores que buscavam por leituras que falassem sobre ambientes diferentes da realidade em que viviam e, entre os sujeitos das classes letradas, serviam como inspiração para a criação de outros escritos. O sucesso dos relatos também pode ser explicado pelos seus roteiros, principalmente aqueles fantásticos, que focavam em descrever locais imaginados e contornados pela excentricidade dos costumes de seus habitantes.²⁰⁵ Entre os exemplos encontrados, podem-se citar *Os gigantes peludos, ou uma descrição de duas ilhas nos mares do Sul* (1671), de Henry Schooten, que trata do encontro da ilha de Benganga, “uma monarquia absoluta de gigantes adoradores do diabo”²⁰⁶, e *Uma nova descoberta de Terra Incognita Australis* (1676), de Gabriel de Foigny, que narra

²⁰² TROUSSON, Raymond. O mito americano: utopias e viagens imaginárias desde a renascença. Tradução Emerson Tin. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006, p. 324 e 325.

²⁰³ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 17.

²⁰⁴ “littérature de masse du public cultivé”. REQUEMORA, Sylvie. L’espace dans la littérature de voyages. *Revue Études littéraires*, n. 34, v. 1-2, 2002, p. 249 e 250. Tradução livre da autora.

²⁰⁵ CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. Tradução Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013, p. 83.

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 83.

a viagem de Nicolas Sadeur ao ambiente austral dos hermafroditas, seres descritos como racionais que não têm política nem religião.²⁰⁷

As inspirações da literatura de viagem advinham do que os navegadores europeus encontraram nas Américas: povos de vivências e valores diferentes, “populações que viviam nuas como antes do pecado original, desprezavam o ouro e os metais preciosos, organizavam-se em comunidades igualitárias e ignoravam a propriedade”.²⁰⁸ Esse contato repercutiu fortemente no âmbito cultural e fez com que o domínio geográfico fosse rapidamente modificado. Para Frank Lestringant, “as primeiras viagens transoceânicas tiveram como resultado o esfacelamento da imagem da Terra, antes reduzida a um ecúmeno monolítico”.²⁰⁹ Sendo assim, algumas certezas europeias foram colocadas em dúvida, precisamente no que dizia respeito ao plano religioso e que foram somadas às especulações sobre o cosmo feitas pelos astrônomos.

Os relatos de viagem, que chegaram a constituir um gênero literário, são materiais expressivos de um contexto em que os europeus buscavam pela reelaboração do conhecimento humano e sobre o mundo vivido. Aqui, talvez, a palavra ‘mundo’ devesse ser empregada no plural, já que as narrativas são reconhecidas por comportarem dois aspectos: a descrição do ambiente do outro e a representação do imaginário dos autores, os europeus, sobre a sociedade da qual são produtos. Então, os relatos descreviam visões de mundos. Seguindo essa ideia, Andréa Doré, em uma pesquisa sobre o estabelecimento e a presença portuguesa em enclaves na Ásia durante o século XVI, afirma, a partir do estudo de Greenblatt, a necessidade do conceito de representação para se compreender os relatos de viagem e a relação que os seus autores tinham com o objeto que descreviam. Assim, o contato entre os europeus e o Novo Mundo se estabeleceu “entre representantes munidos de representação”. Representação essa que fez com que o que era visto, pelos viajantes e autores dos relatos, se transformasse em testemunho.²¹⁰

De acordo com Doré, numa investigação sobre os escritos de viajantes italianos, era a viagem que concedia autoridade ao testemunho dos relatos. Essa ideia era a mesma encontrada em Heródoto, autor antigo que teve influência durante o contexto das grandes

²⁰⁷ Ver RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. A Intertextualidade em *A Terra Austral Conhecida* (1676), de Gabriel de Foigny. *Letras* (UFSM), v. 43, 2011 e FOIGNY, Gabriel. *A terra austral conhecida* (1676). Tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

²⁰⁸ TROUSSON, Raymond. O mito americano: utopias e viagens imaginárias desde a renascença. Tradução Emerson Tin. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006, p. 321.

²⁰⁹ LESTRIGANT, Frank. O impacto das descobertas geográficas na concepção política e social da utopia. Tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006, p. 157.

²¹⁰ DORÉ, Andréa. *Sitiados: os cercos às fortalezas portuguesas na Índia*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 150.

viagens de descobertas, que “considerava a importância crucial da viagem para compreender o mundo; em última instância para distinguir o que era fábula do que era verdade”.²¹¹ Além disso, a autora reconhece que os escritos ofereciam uma visão “de fora” da presença portuguesa na Índia, já que os italianos não estavam submetidos à mesma jurisdição ou imbuídos de um mesmo objetivo que os portugueses que lá estavam. Os italianos não estavam preocupados em “descobrir” novas terras ou relatar visões inéditas sobre as terras incógnitas, mas estavam interessados em verificar e confirmar informações acerca do que já havia sido dito.²¹² “A Índia, sobretudo para os mercadores das cidades italianas como Veneza e Gênova, era a *India recognita* da narrativa de Niccolo di Conti, que começou a circular em 1447”. Portanto, o que levava muitos desses viajantes a se lançarem ao mar era o desejo de ver e verificar o que já tinham ouvido falar sobre os locais longínquos que estavam destinados a conhecer.²¹³

Contudo, em *Cyrano*, o deslocamento é empregado de maneira diferente, ele é um meio que possibilita ver o mundo de uma outra forma e, também, de instruir aquele que realiza a viagem. Existe outra questão que aparece relacionada com as citadas anteriormente: a de que os mundos de *Cyrano* são ficções literárias. Logo, elas são destinadas a um público leitor, e o saber adquirido pelo viajante é uma oportunidade de reflexão para aqueles que leem as suas aventuras. De forma geral, o escritor traça um caminho imaginário de possibilidades que fornece expectativa e oportunidade para aquilo que é pensável. As propostas das viagens para outros mundos são por si só um exemplo dessa ideia de que o pensamento está a serviço da imaginação e, também, permeado por aquilo que a época de *Cyrano* estava debatendo ou permitindo a sua reflexão. Sobre isso, o caso dos frascos de orvalho na narrativa da Lua é ilustrativo. Em sua primeira viagem, o viajante enrola frascos de orvalho em seu corpo para ascender aos céus. Ele se eleva até o ponto que aterrissa na Nova França, primeira parada de Dyrcona, localizado no Canadá, que no século XVII era colônia francesa. Para Alcover, o fenômeno tinha uma explicação para a época: a de que a luz solar incidente sobre o frasco

²¹¹ Ibid., p. 151.

²¹² As narrativas dialogaram diretamente com a questão da autoridade sobre o conhecimento daquele que escrevia e da relação com os antigos. Muitos foram os editores que se preocuparam em reunir relatos de viajantes, alguns exemplos sempre citados são as obras *Paesi nuovamente ritrovati et Novo Mondo da Alberico Vesputio Florentino intitolato* (1507) de Fracanzio da Montalboddo, *Navigazioni et Viaggi* (1563) de Giovanni Battista Ramusio e *The principal Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation* (1589) de Richard Hakluyt. A coleção *Theasaurus de Viagens* ou *Collectiones Peregrinatorum in Indiam Occidentalem et Indiam Orientalem* (1590), conhecidas como *As Grandes Viagens e as Pequenas Viagens*, de Théodore de Bry foram destaque no âmbito da pintura, com gravuras e mapas que enfatizavam o encontro entre os europeus e os indígenas.

²¹³ DORÉ, Andréa. Cristãos na Índia no século XVI: a presença portuguesa e os viajantes italianos. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 312.

derretia a “cera” que obstruía o orifício do objeto e permitia a soltura do ar aprisionado. Essa interpretação era tida como um efeito da “atração magnética”.²¹⁴ Desse modo, o trecho exemplifica como Cyrano se utiliza das informações ou explicações que estavam disponíveis em sua época para reempregá-las em seus escritos de maneira irônica e criativa.

A literatura de viagem emergiu em conjunto com a expansão marítima europeia, e foi a partir de seu conteúdo – descrição de aventuras e histórias curiosas sobre o ambiente do outro – que ela se consolidou como um avanço do novo saber sobre a natureza, o ser humano e o mundo. Michel de Certeau oferece interpretações esclarecedoras a esse respeito. Para ele, o olho estava a serviço da descoberta do mundo, onde o raro, o diferente e o singular eram apreendidos no “fervor” da ambição de que nada permanecesse estranho ao ser humano e de que tudo estivesse a seu serviço. A busca pelo saber e pelo prazer do desconhecido foi gerada por uma “curiosidade conquistadora” e os relatos de viagem apareciam como os símbolos do desvelamento desse oculto. Tais considerações são fundamentadas em *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* [História de uma viagem feita na terra do Brasil] (1578), de Jean de Léry. A obra foi pensada por Certeau como uma etnografia, um registro sobre o outro que demonstrava uma nova relação, escriturária, que os indivíduos modernos tiveram com o mundo. Essa relação era efeito de um saber que necessitava sentir, pisar ou percorrer visualmente a Terra para construir uma representação que conjugasse todas as experiências vivenciadas em sua superfície. Tudo isso fazia parte de um processo de “conquista do mundo enquanto imagem concebida”, que era emergente do olhar científico moderno.²¹⁵

A valorização do olhar na obra de Cyrano é uma ideia que aparece em Leila Costa. Para ela, o escritor tem uma preocupação considerável com a narrativa e a maneira como descreve os detalhes do outro mundo.²¹⁶ Por isso, talvez, seja interessante pensar nos relatos de Cyrano como intermediários do olhar ficcional, pois ao passo que Dyrcona narra o que encontra no outro mundo, o leitor se torna um espectador de “imagens escritas”, o escritor descreve de forma minuciosa os elementos que compõem a cena que vê. O trecho que se refere à chegada do viajante no paraíso terrestre é emblemático para esse argumento. O local é tomado pela beleza natural, repleto de flores e árvores. A descrição traz a imagem escrita de

²¹⁴ ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, p. 24.

²¹⁵ CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, 2017, p. 252, 257.

²¹⁶ COSTA, Leila de Aguiar. Um faro para a modernidade: breves notas sobre o(s) outro(s) mundo(s) de Cyrano de Bergerac, *Carnets*, Première Série – 3, 2011.

um bosque, exaltando a natureza e o ambiente primaveril. Após o narrador enaltecer as plantas que identificou no paraíso, ele enfatiza o seu relato sobre o ambiente:

Ao lado do bosque *vêm-se* dois prados cujo alegre verde contínuo compõe uma esmeralda a perder de *vista*. A confusa mistura das pinturas que a primavera põe em cem florzinhas dispersa as nuances uma na outra, e aquelas flores agitadas parecem correr atrás de si mesmas para fugir às carícias do vento.

Seria possível *ver* esse prado como um oceano, mas como se trata de um mar que não oferece margens, meu *olhar*, assustado por ter corrido tanto sem descobrir a praia, para lá envio rapidamente meu pensamento; e meu pensamento, perguntando se não seria o fim do mundo, queria persuadir-se de que lugares tão encantadores haviam talvez obrigado o céu a unir-se à Terra. No centro de um tapete tão vasto e tão perfeito, corre os borbotões prateados uma fonte rústica que coroa suas margens com uma relva ornada de margaridas, de botões-de-ouro, de violetas, e essas flores, que se comprimem ao redor, fazem pensar que se comprimem para ser a primeira a *mirar-se*; ela está ainda no berço, pois acabou de nascer, e seu rosto jovem e distinto não mostra uma única ruga. Os grandes círculos que ela desenha, voltando mil vezes sobre si mesma, *mostram* que é com grande pesar que ela sai de sua região natal; e, como se tivesse vergonha por se sentir acariciada perto de sua mãe, ela afastou, sempre resmungando, minha mão jocosa que queria tocá-la. Os animais que lá iam desalterar-se, mais judiciosos do que os de nosso mundo, mostravam surpresa ao *ver* que era dia claro no horizonte, enquanto *olhavam* o Sol nos antípodas e quase não ousavam debruçar-se na borda, por medo de cair no firmamento.²¹⁷ (destaques da autora).

A paisagem idílica descrita pelo viajante enfatiza a sensação de bem-estar que ele sentia estando lá e convida o leitor, a partir do emprego de palavras ligadas ao sentido semântico da visão, como “*veêm-se*”, “*vista*”, “*olhar*”, “*mirar-se*”, “*mostram*”, “*ver*” ou “*olhavam*”, a percorrer os detalhes do espaço junto a ele. A descrição cria condições para a adesão do leitor e confere “materialidade ao que pareceria ser apenas simulacro”, pois o seu relato coloca “sob os olhos de um leitor extra-diegético” – por extra-diegético a autora Leila de Aguiar Costa quer dizer aquele que está de fora – “o que apenas os olhos de um *je* [eu] narrativo (pretensamente) viu”. Esse aspecto descritivo, para Costa, revela uma perfeita hipotipose, que encena a verossimilhança em razão de seus poderes de visualização e permite que o leitor reconstitua o espaço narrado de maneira clara e viva, como se ele próprio estivesse sentado nos galhos da árvore em que o viajante “estava” para observar a paisagem. Logo, “a habilidade da descrição cyraniana reside precisamente aí: em reter o olhar do leitor ou solicitar, indiretamente, que ele se detenha”.²¹⁸

²¹⁷ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 32. Palavras destacadas pela autora.

²¹⁸ COSTA, Leila de Aguiar. Um faro para a modernidade: breves notas sobre o(s) outro(s) mundo(s) de Cyrano de Bergerac. *Carnets*, Première Série – 3, 2011, p. 43.

A questão do olhar, da imagem e da descrição lembra uma tendência do modo como os viajantes do século XVI narravam o espaço visitado. Seria a maneira como eles tendem a “buscar por aquilo que é familiar num ambiente exótico”. Tanto os italianos como os portugueses, pesquisados por Doré, descreveram as igrejas, os conventos e as fortalezas que encontraram, pois esses pontos carregavam uma simbologia ou uma arquitetura que correspondia ao que já conheciam.²¹⁹ Esse aspecto revela como os autores conduziram suas narrativas. A busca pelo conhecido servia como um ponto de referência em meio a um ambiente que se aspirava compreender. Isso possibilitava uma comparação entre dois mundos, o mundo dos próprios autores com aquele que estava sendo descrito. Nos escritos de Cyrano se encontra uma contraposição semelhante quanto à descrição dos habitantes dos outros mundos. Na Lua, quando o narrador quer enfatizar as virtudes da natureza ou dos costumes dos lunares, sempre há uma invocação de padrões terráqueos como contraponto. Na ocasião em que se encontra com os habitantes lunares, o viajante repara nas suas aparências: “Quando pude discerni-los de perto, percebi que tinham o tamanho, o aspecto e o rosto como nós. Este fato fez-me lembrar que outrora ouvira minha ama-de-leite contar sobre as sereias, faunos e sátiros”. O trecho se torna ainda mais interessante, pois Dyrcona mistura o que conhece como uma aparência humana com seu imaginário sobre os seres fantásticos ou fabulosos que ouviu falar ainda quando pequeno. Em seguida, ele faz outra comparação significativa:

Tendo-me um daqueles bichos-homens agarrado pelo pescoço, como fazem os lobos quando agarram uma ovelha, atirou-me sobre seu dorso e levou-me para a sua cidade. Espantei-me, quando vi que de fato eram homens, por não encontrar nem mesmo um que não caminhasse de quatro.²²⁰

Esse momento do relato se refere aos primeiros contatos que o viajante estabelece com os lunares, quando ele chega desorientado ao solo do outro mundo. A primeira questão traz as seguintes comparações: o habitante lunar com um lobo e, o viajante, ele próprio, com uma ovelha. Os elementos familiares acionados aqui são os animais terráqueos. Essa equiparação exprime uma explicação sobre a condição diferente que encontra no local e, além disso, faz pensar sobre a relação entre os lobos e ovelhas, na qual os lobos seriam superiores. Aqui pode ser uma referência ou uma inspiração advinda de *Fábulas* de Esopo (620 a. C.- 564 a.C), histórias que propõem uma moral e onde os aspectos humanos são atribuídos aos animais. Jean de La Fontaine (1621-1695) se inspirou em Esopo para criar as suas *Fables nouvelles et*

²¹⁹ DORÉ, Andréa. *Sitiados: os cercos às fortalezas portuguesas na Índia (1498-1622)*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 156.

²²⁰ CYRANO DE BERGERAC, *op. cit.*, p. 46.

autres poesies [Novas fábulas e outras poesias]. No conto *O Garoto e o Lobo* de Esopo, um menino, que está “sobre o telhado de uma casa, livre de qualquer perigo”, vê um lobo e começa a zombar e provocar o animal. O lobo olha para cima e diz “Senhor! Eu te ouço: ainda que não sejas tu quem graces e sim o telhado no qual te encontras”. A moral da história é de que “o Tempo e o lugar geralmente dão vantagem ao fraco sobre o forte”.²²¹ Pensando no caso de Cyrano, a sua ideia reside muito mais numa questão representativa do episódio e da ideia criativa (a de perverter a normalidade) do que na moral de suas comparações.

Em outro trecho o narrador propõe um questionamento e, ao mesmo tempo, uma justificativa de elucidação sobre a natureza dos selenitas, os habitantes lunares:

Quando me viram passar, tão pequeno (pois eles têm doze côvados do comprimento) e meu corpo sustentado por apenas dois pés, não puderam acreditar que eu fosse um homem, pois afirmavam que, tendo a natureza dado aos homens como aos animais duas pernas e dois braços, deveriam servir-se como eles. E, de fato, pensando mais tarde no assunto, percebi que aquela posição do corpo não era por demais extravagante, quando lembrei que nossas crianças, enquanto são instruídas apenas pela natureza, caminham de gatas e somente se levantam sobre duas pernas pelo cuidado de suas amas, que os levantam em pequenos carrinhos atando-as com correias para impedi-las de cair sobre as quatro...²²²

O espanto inicial do viajante é amenizado com a interpretação oferecida pelos próprios bichos-homens sobre o jeito que caminhavam, era uma dádiva da natureza. O narrador também traz o lado inverso e demonstra como os lunares, assim como o viajante, estranharam a sua “aparência humana”. Aqui o incômodo é resolvido em conjunto, ao ponto de que o viajante compara a posição que os lunares andam com a de uma criança humana e faz questão de lembrar como nessa fase as crianças são instruídas “apenas pela natureza”. Desse modo, o escrito traz “dois olhares”, o dos humanos e o dos lunares, embora ambos sejam as impressões do próprio viajante que está tomando como ponto referencial a Terra e a projeta para a Lua.

No mundo do Sol, assim como no mundo da Lua, Dyrcona expõe como constrói as suas máquinas de transporte aéreo e os trechos que percorre. Nesses momentos, existe um ponto significativo de análise, que é a relação do viajante com a sua elevação aos céus. Durante o percurso inicial da viagem interplanetária para o mundo do Sol, proporcionada pela máquina voadora chamada de icosaedro, o viajante descreve o que seus olhos contemplavam enquanto estava no alto:

²²¹ ESOPPO. *Fábulas de Esopo*. Tradução Joana Albuquerque. Editora Marco Zero, 1977, p. 28. Versão digitalizada por Grupo Digitals em 2000.

²²² CYRANO DE BERGERAC, *op. cit.*, p. 47.

Eu reconheci muito distintamente, como antigamente eu suspeitava quando subi até a lua, que na verdade é a terra que gira do oriente ao ocidente ao redor do sol, e não o sol ao seu redor; porque eu vi ao lado da França, o pé da bota da Itália, depois o mar Mediterrâneo, depois a Grécia, depois o Bósforo, o Mar Negro, a Pérsia, as Índias, a China, e enfim o Japão, passar sucessivamente em frente do buraco de minha caixa, e algumas horas depois da minha elevação, todo o Mar do Sul tendo virado colocou em seu lugar o continente da América.²²³

A passagem expõe a rotação da Terra e sugere a contemplação do mundo pelo seu lado de fora. Nesse sentido, Dyrcona revela dois aspectos sobre a sua subida, o primeiro reitera a sua posição privilegiada como observador do mundo e o segundo revela a sua filiação libertina ao jogar com o caráter divino sobre a ascensão aos céus, ao passo que adquire o atributo de um ser humano iluminado. No relato parece que o escritor quer transmitir a sensação, através da observação feita de longe, de que do alto tudo podia ser visto. A citação também revela como era a noção geográfica para os franceses do século XVII e de como ela era importante.

Além disso, o trecho citado anuncia ao leitor que o viajante, naquele momento, era um espectador entre dois mundos, a Terra e o Sol. Nos céus, Dyrcona se transforma em um observador ocular da Terra, mas em breve se torna aquele que visita o Sol. O viajante simboliza um olho solar ou divino, que exalta a elevação como uma condição para a leitura precisa do ambiente. O que ocorre é que Cyrano promove em suas narrativas uma exaltação da “pulsão escópica e gnóstica”. Isto é, o seu viajante imaginário se torna o único ponto que vê e isso faz dele um ser privilegiado, alguém que conhece o desconhecido, vê o que antes não era visto. A observação do alto vivenciada por Dyrcona é o que autoriza a sua descrição sobre a realidade dos outros mundos. Contudo, os mundos da Lua e do Sol encenam a perspectiva de uma “cidade-panorama”, um simulacro teórico e visual dos espaços fictícios, e um quadro que tem como condição de existência o apagamento das práticas dos habitantes daqueles locais.²²⁴ O olhar do narrador, o método descritivo utilizado por Cyrano, é o que permite que Dyrcona se “infiltre” na comunidade do outro e que a sua expectativa pelo desconhecido seja maior do que as possíveis dificuldades que o deslocamento gera ao

²²³ “Je connus très distinctement, comme autrefois j’avais soupçonné en montant à la lune, qu’en effet c’est la terre qui trône d’orient en occident à l’entour du soleil, et non pas le soleil autour d’elle; car je voyais en suite de la France, le pied de la botte d’Italie, puis la mer Méditerranée, puis la Grèce, puis le Bosphore, le Pont-Euxin, la Perse, les Indes, la Chine, et enfin le Japon, passer successivement vis-à-vis du trou de ma loge, et quelques heures après mon élévation, toute la mer du Sud ayant tourné laissa mettre à sa place le continent de l’Amérique.” CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 212 e 213. Tradução livre da autora.

²²⁴ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 158.

viajante, pois ele está em busca das experiências que “revelem” os hábitos dos nativos, embora opte pela manutenção de uma escrita em que o observador parece externo ao fato descrito. “O ver do alto” explorado por Cyrano possibilita a demonstração da grandeza do universo e faz com que o narrador Dyrcona possa, ao longo da viagem, tomar conhecimento sobre as diversas realidades existentes no universo.

A contemplação do alto, experienciada pelo viajante de Cyrano, desvela a questão sobre o conhecimento do mundo, do interesse que a época tinha por esse assunto e de como ele influenciou o desenvolvimento de uma ampla reflexão na sociedade francesa a respeito como os seres humanos lidam e interpretam o universo, tal como os autores libertinos atestaram. A aquisição de informações sobre os outros continentes ou povos, ainda que imaginários como os encenados por Cyrano, mobilizou os letrados pelo interesse no deslocamento. Foi, também, nesse contexto que os indivíduos buscaram por uma redefinição da imagem do mundo que não fosse mais baseada unicamente no que diziam os antigos. O mundo precisava ser mapeado para ser compreendido. Para isso, a produção cartográfica nos séculos XVI e XVII, que também se baseou nas narrativas sobre o outro, compartilhava do anseio de decifrar a natureza e tudo o que se encontrava na superfície da crosta terrestre. A Terra, definida como espaço habitado e local da morada dos seres humanos, conduzia os olhos geográficos para a sua observação.²²⁵ O campo da geografia viu o globo terrestre como um ambiente disponível para a exploração humana, concepção que esteve orientada por uma visão expansionista sobre o mundo. As monarquias, após o contato com as terras do Novo Mundo, se utilizavam do conhecimento geográfico como uma garantia do poder e do domínio territorial. Ademais, a redefinição da “imagem do mundo” trouxe um novo conceito sobre o cosmos e reconfigurou a experiência dos indivíduos com o espaço: ele passou a ser visto como objeto de estudo.²²⁶

A cosmografia, atividade que teceu imagens possíveis para o mundo, manipulava as fronteiras naturais da Terra e remodelava a estrutura dos continentes, alterando a representação do que o terreno realmente abrigava, transformando o espaço em objeto de

²²⁵ BESSE, Jean-Marc. Cartographie et grandeurs de la Terre. Aspects de la géographie européenne (XVIe-XVIIIe siècle). In: PESTRE, Dominique; VAN DAMME, Stéphane. *Histoire des sciences et des savoirs*. 1. De la Renaissance aux lumières. Paris: SEUIL, 2015, p. 155. Seguindo a conceituação dada por Tissier: “La perspective “oekouménale” est inégalement explicite dans les ouvrages de géographie humaine. Elle est affichée quand l’auteur tient à donner à son propos une valeur éthique ou ontologique, et ambitionne de refonder le projet de la géographie humaine, en retournant aux origines et en soulignant la nouveauté” ou “De l’oikoumène comme notion de référence à la connaissance proprement géographique, la géographie antique occidentale de fondation est grecque dans sa langue et dans sa problématique”. TISSIER, Jean-Louis. Oekoumène. *Hypergeo*, 2014, s.p.

²²⁶ Ibid., p. 162.

estudo que serviu de inspiração para a confecção de materiais como mapas, pinturas e outras atividades que exigiam espectadores.²²⁷ O mapa oferecia uma experiência visual gerada pelo processo de contemplação, o mundo estava exposto e inscrito no papel para ser admirado. Nesse sentido, a Terra era remodelada a partir de uma imagem que captava a sua totalidade e reconduzia o planeta a ser observado do alto pela visão humana. Jean-Marc Besse equiparou esse fenômeno ao teatro, onde o indivíduo poderia ser “ao mesmo tempo ator e espectador e ao mesmo tempo interior e exterior à cena” que admirava.²²⁸ Essa concepção também foi comentada por Dubois, através da metáfora do universo-teatro, na qual o mundo era um espetáculo que tinha a capacidade de maravilhar, ao passo que abria espaço para as comparações mecânicas conforme as observações dos cientistas.²²⁹ Essa analogia foi também adotada por Abraham Ortelius em *Theatrum Orbis Terrarum* (1570), que ofereceu um palco para o mundo encenar a sua magnitude. Ele reuniu em um pequeno espaço de papel a totalidade dos caracteres do mundo terrestre.²³⁰ Isso indica como a cosmografia se desdobrou em uma cartografia – o mapa-múndi ou atlas, que corta o mapa-múndi em fatias – e um livro, que faz uma compilação das histórias no quadro tetrádico dos quatro elementos. Dessa maneira, o mapa não possibilitou somente ver um estado do mundo num momento preciso, mas sim um mosaico de traçados cuja cronologia podia se estender por vários séculos, tudo reunido num espaço flutuante.²³¹

Os mapas indicavam as operações que possibilitavam a fabricação do próprio plano geográfico. Além de exibirem o espaço, eles retratavam o percurso que permitia a representação do descoberto. Era como se os planos fossem proporcionais à jornada e ao trajeto percorrido.²³² Essa concepção pode ser encontrada em *Americae Tertia Pars*, gravura de Theodore de Bry que revela a preocupação do autor em retratar o que o território podia oferecer aos europeus e o interesse que tinha pela representação do “cotidiano” do local e de algumas criaturas, como grandes peixes que nadavam próximos ao litoral. Assim, o mapa se tornava o resultado de um sistema de projeções ensaiadas, como um teatro, onde o espaço e a

²²⁷ LESTRINGANT, Frank. *A oficina do cosmógrafo: ou a imagem do mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 21.

²²⁸ BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 30.

²²⁹ DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença*. Tradução Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995, p. 90.

²³⁰ BESSE, *op. cit.*, p. 25.

²³¹ LESTRINGANT, *op. cit.*, p. 187 e 198.

²³² CERTEAU, *op. cit.*, p. 188 e 189.

Terra se tornavam o suporte, o próprio cenário de desdobramento do espetáculo ou do quadro, convertidos em paisagem a ser apreciado.²³³

A partir da análise das obras de André Thevet (1502-1590), Lestringant verificou que o cartógrafo elaborava os seus escritos através da bricolagem, conjugando uma cartografia prática, extraída da ciência dos navegadores, com uma cartografia teórica, que subordinava os dados da experiência a um método rigoroso de construção geométrica. Essa prática era efeito de uma determinação geral da geografia da época, a de que um dado mapa nunca era estabelecido sobre novidades, sempre herdava de mapas anteriores uma parte das informações. A imaginação do autor, nesse sentido, estava a serviço do mapa e o resultado da representação deixava implícita a combinação de conhecimentos e saberes dos navegadores e cartógrafos. A tendência enciclopédica, a partir da reunião dos saberes e das práticas, tinha o intuito de fazer desta conjunção uma experiência visual. “Do mesmo modo, o pintor e o cartógrafo, ambos observadores de espaços e de fenômenos do mundo terrestre, desenvolvem uma arte de leitura visual dos signos que constituem a qualidade própria de uma paisagem”.²³⁴ Assim, a cartografia e a pintura tinham a mesma aspiração enciclopédica e compartilhavam o mesmo objeto de estudo: a Terra.

A reflexão sobre a relação dos modernos com a cartografia e o modo como ela era entendida nos séculos XVI e XVII auxilia no entendimento das obras de Cyrano. A imensidão do mundo visualizada por Dyrcona, através de sua elevação aos céus, referencia o modo como os mapas encenaram o espaço, pois eles anunciam as descrições encontradas em *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* conforme a ideia do mundo como imagem, em que Dyrcona narra as suas aventuras e o que encontra no espaço numa tentativa de representar ao leitor a totalidade e a vivacidade daquilo que ele vive. Ocorre uma transformação do visto para o escrito, aliás, do pensável e imaginável em escrito. Esse processo, em algum grau, pode ser encontrado nos mapas, já que eles representam o imaginado e ilustram as experiências e os saberes dos sujeitos que os criam: o espaço observado era transformado em um saber geográfico e em uma imagem.

O olhar do pintor e o olhar do cartógrafo eram uma atitude cognitiva e uma competência visual que eram, também, comuns aos médicos, arquitetos e engenheiros da época. Os indivíduos se interessavam pelas marcas naturais do mundo, as cores das árvores e rochas, a orientação do ar ou o movimento das águas, aspectos que eram identificados

²³³ BESSE, *op. cit.*, p. 26.

²³⁴ *Ibid.*, p. 19.

somente a partir da observação da paisagem.²³⁵ Definida como uma extensão do país, a paisagem era equivalente ao território, ao lugar ou ao espaço, e era considerada do ponto de vista de suas características físicas e não estéticas, embora ela também pudesse ser entendida como uma representação de um quadro.²³⁶ Besse atentou para o fato de que numa perspectiva geográfica, a paisagem foi entendida como espaço objetivo da existência, mais do que como vista abarcada por um sujeito. Mas, no século XVI, a paisagem vai extravasar os limites de uma região em particular para abrir o espaço para além do horizonte. Mais precisamente, a paisagem vai traduzir o visual e imaginariamente a promoção da geografia como discurso específico. Esses apontamentos expressam, novamente, a relação entre a cartografia e a pintura da paisagem, que mediando a apreciação e o desenvolvimento concomitantes da noção de uma “paisagem de mundo” dá uma nova representação cartográfica para o ecúmeno.²³⁷

Do mesmo modo que o olhar do cartógrafo e o olhar do pintor, o olhar do escritor, como de Cyrano, explora o território, com a única diferença de que ele se refere ao extraterrestre. Para isso, o escritor se utiliza da mesma preocupação que os pintores e cartógrafos tinham com a natureza e a sua constituição. O viajante-narrador se concentra em descrever uma paisagem, proporcionando um estado em que o leitor se sente o observador de tudo que acontece naqueles outros mundos. Além disso, esse tema também está relacionado com o conhecimento sobre o globo, no caso de Cyrano, a medida que Dyrcona percorre os outros mundos e descreve o que lá encontra ele produz um saber sobre aqueles ambientes.

Não se sabe até que ponto Cyrano se inspirou nos textos cartográficos, mas o que está determinado é que as imagens e as representações sobre a natureza tiveram uma função importante para a modernidade, assim como atestou Febvre ao reconhecer como a imprensa permitiu que os livros concedessem uma base mais segura ao trabalho da modificação, de complemento e de readaptação dos autores do século XVI em suas investigações sobre o mundo.²³⁸ Destacou como houve, então, publicações significativas preocupadas em tratar de temáticas relacionadas à natureza, às plantas e aos animais, como *Herbarum vivae ad naturae imitationem effigiatae* [Retratos vivos de plantas ilustrados à imitação da natureza] (1530) de Otto Brunfels, *Historia stirpium* [História dos arbustos] (1542) de Léonard Fuchs, *Poissons*

²³⁵ Ibid., p. 19.

²³⁶ Definição de paisagem: “PAYSAGE. s.m. Étendue de pays que l'on voit d'un seul aspect. Voilà un beau paysage. Un riche paysage. Agréable paysage. Paysage riant. Il se dit aussi d'Un tableau qui représente un paysage. Grand paysage. Petit paysage. C'est un paysage d'un tel Peintre. Il ne travaille qu'en paysage. Il fait des paysages.” Dictionnaire de l'Académie française, 4a edição, 1762.

²³⁷ BESSE, *op. cit.*, p. 21-23.

²³⁸ FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 333.

[Peixes] (1554) de Guillaume Rondelet, *Oiseaux* [Pássaros] (1555) de Pierre Belon, ou sobre a natureza inanimada, os minerais, com Georgius Agricola que publica *De ortu et causis subterraneorum* [A formação e as causas dos elementos subterrâneos] (1546) e *De re Metallica* [Os metais] (1555). Paolo Rossi, através do que ressaltou Erwin Panofsky sobre a rigorosa descrição da realidade natural encontrada nas obras dos pintores e talhadores do século XV ao XVII, constatou a relevância da colaboração dos artistas nas ciências descritivas e o seu efeito revolucionário para a astronomia e as ciências humanas. Os desenhos nos livros de botânica, anatomia ou zoologia não eram meras integrações do texto. A insuficiência das descrições verbais ou de uma linguagem mais técnica para a explicação dos fenômenos da natureza fez com que as ilustrações desempenhassem um papel elucidativo.²³⁹ Com isso, fica evidente como a imagem era um meio importante para a anunciação interpretativa dos autores, que tinham como preocupação representar a natureza para assim conhecê-la.

O *Dictionnaire de l'Académie française* de 1694 definiu ‘imagem’ como “representação de algo, em escultura, pintura, ou gravura, diz-se mais particularmente as impressões” ou, também, como semelhança, que faz referência a “Deus que fez o homem a sua imagem e semelhança deste” ou a “criança que é a imagem do pai, sua verdadeira imagem, sua imagem vívida”.²⁴⁰ Em Aristóteles encontra-se a ideia de que a imagem exterior deveria, sempre, estar em consonância com a imagem interna. “Isto equivale dizer que, aristotelicamente pensadas, as imagens nunca se libertam de sua relação com o verossímil” e com os efeitos verossímeis, pois elas representam uma mensagem sobre o que querem dizer, como se tivessem um compromisso com a verdade e em transmitir uma mensagem.²⁴¹ Em contraposição à definição aristotélica sobre a imagem, Cyrano de Bergerac esteve muito mais próximo do que diz o *Dictionnaire* sobre a relação entre imagem e imaginação:

Imagem, também se refere às espécies que representam objetos para os olhos, ou para a imaginação. A imagem dos corpos atinge nossos olhos, durante o sono essas

²³⁹ ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Edusc, 2001, p. 93.

²⁴⁰ “IMAGE. s. f. Representation d'une chose en sculpture, peinture, graveure. *Les images des faux Dieux. les images des Saints. une belle image. une image bien faite, bien ressemblante. l'image du Roy. briser, rompre les images. abattre les images. il faut honorer les images des Saints.* Il se dit plus particulièrement des estampes. *Image en taille-douce, en taille de bois. il y a de belles images en ce livre. un vendeur d'images. il amuse les enfans avec des images.* On dit figur. d'Une belle personne, mais qui n'a guere d'action, qui n'est guere animée, que *C'est une image, c'est une belle image.* On dit prov. & par raillerie à quelqu'un. *Vous avez bien fait, vous aurez une image.* Il est bas. *Image* signifie encore, Ressemblance. *Dieu a fait l'homme à son image & semblance cet enfant est l'image du pere, sa vraye image, sa vive image.*” ACADÉMIE FRANÇOISE. *Le dictionnaire de l'Académie Française*, dédié au Roy. Tome Premier. Paris: A-L. Vve J. B. Coignard et J. B. Coignard, 1694.

²⁴¹ COSTA, *op. cit.*, p. 33.

imagens se movem. Resta-nos em espírito as imagens do que vimos. Ele nunca entrou nesta casa, mas na narrativa que nós o fizemos, ele fez uma imagem. Faz uma bela imagem do espírito. A imagem da morte. A imagem do perigo. Ele nos fez uma bela imagem do Paraíso”.²⁴²

Cyrano, contudo, inverte essa significação em seus escritos da Lua e do Sol. Os espaços narrados pelo viajante tomam forma ao passo que o leitor lê as palavras gravadas no papel. As letras tomam forma de imagens, imagens que atingem os olhos para serem contempladas e, em muitas vezes, ilustram um sonho. A concepção geográfica, que transformou a Terra em uma imagem a ser contemplada e em um espaço a ser percorrido, possibilitou vivenciar uma prática e uma experiência nova sobre a sua superfície, com isso a paisagem torna-se a ilustração da nova experiência com o mundo. É como se Cyrano insinuasse esse processo em seus astros imaginados. O tom das viagens é dado a partir de figuras que encenam a descontinuidade, a incongruência, o paradoxo, que agem por meio de metáforas, alegorias ou anáforas.²⁴³

3.2 OS PARAÍÇOS TERRESTRES E AS UTOPIAS

O ambiente do outro também ofereceu a possibilidade do encontro com a verdadeira felicidade, o paraíso terrestre. Cristovão Colombo em *Livro das profecias* observou como a fauna, a flora, a simplicidade e a bondade dos habitantes o convenciam disso. Outros viajantes confirmavam a ideia de que aqueles indivíduos viviam em plena felicidade. Pietro Bembo em *Histoire du Nouveau Monde* escreveu que “Os de Cuba e das ilhas próximas [...] na maior parte vivem em um século de ouro”.²⁴⁴ Marc Lescarbot disse em *Histoire de la Nouvelle France* que “Todos os selvagens vivem geralmente e por toda parte em comunidade [...] a vida do antigo século de ouro”.²⁴⁵ Américo Vespúcio reconheceu que “se o paraíso subsiste em algum lugar da terra, estimo que não deva ficar muito longe dessas regiões”.²⁴⁶ Francesco Hernandez indicou que “a terra produz tudo espontaneamente”.²⁴⁷ E Pietro Martire

²⁴² “Image, Se dit aussi des especes qui representent les objets aux yeux, ou a l'imagination. *L'Image des corps frappe nos yeux. durant le sommeil ces images se remuent. il nous reste dans l'esprit des images de ce que nous avons veu. il n'est jamais entré dans cette maison, mais sur le recit qu'on luy en a fait, il s'en est fait une image. cela fait une belle image dans l'esprit. l'image de la mort. l'image du peril. il nous fit une belle image du Paradis.*” ACADÉMIE FRANÇOISE, *op. cit.*, s.p. Tradução livre da autora.

²⁴³ COSTA, *op. cit.*, p. 33.

²⁴⁴ BEMBO, Pietro. *Histoire du Nouveau Monde*, p. 11 apud MINOIS, Georges. *A idade de ouro: história da busca da felicidade*. Tradução Christiane Fonseca Gradwohl Colas. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 164.

²⁴⁵ LESCARBOT, Marc. *Histoire de la Nouvelle France*, p. 759 apud *Ibid.*, p. 164.

²⁴⁶ VIGNAUD, Henry. *Americ Vespuce: sa bibliographie, sa vie, ses voyages, ses découvertes, l'attribution de son nom à l'Amérique, ses relations authentiques et contestées*. Paris, 1917, p. 411 apud *Ibid.*, p. 164.

²⁴⁷ HERNANDEZ, Francesco. *Antiguedades de la Nueva Espanā* apud *Ibid.*, p. 165.

d'Anghieta descreveu como os nativos da América viviam uma era de ouro em que a terra, o sol e a água pertenciam a todos, e eles “não veem diferença entre *meum* [eu] e *tuum* [tu], a fonte de todos os males”.²⁴⁸ Em *Dos Canibais* de Michel de Montaigne, onde se encontra o mito do “bom selvagem”, os nativos são descritos como superiores aos europeus e o local foi considerado representante da era de ouro. Para a infelicidade desses autores, essas visões não se passavam de uma ilusão de viajantes carregados de mitos sobre a Idade de Ouro ou o paraíso terrestre, de intelectuais humanistas desiludidos com as injustiças e os malefícios gerados pelo mundo moderno, e que sonhavam com pureza, simplicidade, felicidade. Mas isso tudo era inevitável e revelador: “a civilização mais sofisticada engendra ao mesmo tempo, pela reflexão, o sentimento de sua superioridade e de sua culpabilidade; dominar e se autoflagelar é um traço permanente da cultura ocidental”.²⁴⁹

As impressões dos viajantes encontrados nos relatos de viagem auxiliaram na criação de uma nova realidade sobre o espaço do outro, tais como atestam os escritos que anunciam o desejo do encontro com a felicidade. A experiência do contato enquanto imagem mental foi transformada em palavra, em um texto escrito que relatava o desejo por algo a ser praticado. Mas esse processo representava um imaginário da Idade de Ouro, em que o paraíso poderia ser encontrado na Terra. Esses escritos representaram as projeções humanas sobre o espaço e também sobre o mundo.

O que se descobriu nos novos mundos também serviu de inspiração para que os modernos criassem sociedades que existiam somente no âmbito da imaginação. A literatura utópica, que teve seu ápice nos séculos XVI e XVII, explorou o espaço das projeções e revelou aquilo que seus autores desejavam encontrar mas que não estava ao seu alcance na realidade em que viviam.

Inicialmente a utopia, um lugar bom em lugar nenhum, obedecia à fórmula inaugurada por Thomas More, que tinha como plano uma sociedade longínqua regida pela harmonia.²⁵⁰ A estrutura da narrativa seguia, quase sempre, um modelo: no princípio, ocorria um deslocamento, proveniente do naufrágio ou de algum outro incidente que proporcionasse a inserção do sujeito que narrava em outra sociedade. A descrição se pautava em detalhar o

²⁴⁸ D'ANGHIERA, Pietro Martire. *De Orbe Novo*. Londres: G. P. Putnam's Sons, 1912, v. 1, pp. 104 apud CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. Tradução Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013, p.78.

²⁴⁹ MINOIS, Georges. *A idade de ouro: história da busca da felicidade*. Tradução Christiane Fonseca Gradwohl Colas. São Paulo: Editora UNESP, 2011, p. 167.

²⁵⁰ BACZKO, Bronislaw. Utopia. In: *Enciclopédia Einaudi*, INCM, Anthropos-Homem: Lisboa, v. 5, 1989, p. 28.

percurso ou as dificuldades enfrentadas pelo personagem principal durante o deslocamento. A chegada ao local, muitas vezes ocasionada por ordem do acaso, continha as primeiras impressões do ambiente, que normalmente estava isolado ou tinha uma posição geográfica desconhecida para o seu visitante e para os leitores. O contato com os habitantes da sociedade descoberta era narrado conforme o que o viajante observava sobre a aparência, a linguagem, os costumes ou os hábitos dos nativos. Em algumas obras, também havia uma descrição detalhada sobre as leis, as regras e a estrutura governamental. As impressões do narrador eram intermediadas por um habitante local que, em alguns casos, era estrangeiro, mas que habitava há muito tempo a região. Os diálogos entre o viajante e os habitantes ultrapassavam a mera descrição de observador e, sempre, incitavam o debate sobre as diferenças culturais entre o seu ambiente de origem e o mundo a ser conhecido.

O gênero utópico foi definido por Jean-Michel Racault como uma representação social imaginária gerada pelo deslocamento, também imaginado. Como característica geral, revelava as regras habituais de uma sociedade que era existente somente no tempo de escrita.²⁵¹ O caráter utópico foi reconhecido em *Gargantua* [Gargântua] (1534) de François Rabelais, *The Tempest* [A Tempestade] (1611) de William Shakespeare, *Cidade do Sol* (1602) de Thommaso Campanella, *New Atlantis* [A Nova Atlântida] (1627) de Francis Bacon, *The Blazing Word* [O mundo resplandescente] (1666) de Margaret Cavendish, *The History of Sevarites or Severambi* [História de Sevarites e Severambi] (1657), de Denis Vairaisse d'Allais e em *Les Aventures de Télémaque* [As aventuras de Telêmaco] (1699), de François Fénelon. Sob diversas roupagens e enquanto exemplos da emergência da literatura utópica durante a primeira modernidade, essas obras relataram experiências de viagem, perspectivas culturais diferentes sobre alhures e esboçaram planos de governo. Como uma alternativa para se tentar alcançar um estado de coisas supostamente ideal, o relato utópico demonstrou as insatisfações da sociedade, se apresentando como uma antítese da realidade ou enquanto uma crítica ao contexto de origem. Dessa maneira, os relatos trouxeram esperança, esboçaram tentativas de reivindicação do pensar e, no caso daqueles científicas, anunciaram um mundo em que a tecnologia podia libertar os indivíduos de suas obrigações materiais.²⁵²

Alcover destacou alguns dos componentes utópicos que aparecem nas duas obras de Cyrano. Do ponto de vista formal, há uma primeira pessoa que narra a viagem. Do ponto de

²⁵¹ RACAULT, Jean-Michel. Da ideia de perfeição como elemento definidor da utopia: as utopias clássicas e a natureza humana. Tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n.6, 2009, p. 31.

²⁵² MINOIS, Georges. *História do Futuro: dos profetas à prospectiva*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora UNESP, 2016, p. 478.

vista temático, os escritos oferecem questões para se pensar sobre o estatuto do indivíduo e da família no Estado; os meios de interação social como a língua e o dinheiro; a comunidade dos bens e das pessoas; a regulamentação da sexualidade aos fins eugênicos e a parte concedida ao desejo; e o problema crucial da legitimidade da lei. Porém, esses aspectos permitem o questionamento sobre se os elementos encontrados nos escritos são suficientes para reconhecer as viagens enquanto utopias. Para Alcover, a resposta é negativa, o que não impede a confrontação entre as obras de Cyrano e as obras utópicas, ação que permite esclarecer o que as viagens representam.²⁵³ No gênero utópico reside a proposta de um projeto fundador ou reparador de determinada sociedade, aspecto que estaria ligado à organização política ou social e que possibilita uma reflexão sobre a legitimidade da lei. Essas questões não são reconhecidas em Cyrano, pois ele propõe viagens imaginárias com elementos utópicos. A literatura utópica também propõe um mundo com muito mais pontos positivos do que negativos que normalmente são reconhecidos em um território nunca antes conhecido. Em *Viagem à Lua* e em *Viagem ao Sol* há a proposta do encontro do ser humano com o conhecimento, situação que acontece em mundos imperfeitos e pode ser facilmente reconhecida como exemplo de inversões da sociedade francesa do século XVII. Portanto, nos mundos imaginários visitados por Dyrcona, o elemento mais utópico que se pode encontrar é o paraíso localizado na Lua, em que o viajante se depara com árvores que têm caules de ouro ou pedras preciosas que são como flores.

3.3 A DESCOBERTA DA LUA E A SELENOGRAFIA

Tal como demonstrado nos subitens anteriores, no século XVII havia uma exaltação pelo o que estava distante, o interesse pelo desconhecido que incitava o desejo de ser compreendido. Isso explica o fato de a Lua ter se tornado um espaço de estudo assim como a Terra, e com uma cartografia própria denominada selenografia. As observações sobre a Lua de Galileu, feitas através do telescópio e que possibilitaram as suas ilustrações lunares, permitiram que o satélite se tornasse um “local de conhecimento”.²⁵⁴ O espaço poderia ser analisado, explorado e em última instância compreendido. Para isso, os saberes cartográficos sobre o mundo terráqueo são transportados para a investigação do astro lunar, assim como a

²⁵³ “(...) si l’on fait du collectif le sujet principal de la pensée utopique.” ALCORVER, Madeleine. Analyse In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. CLXXIX-CLXXX. Tradução livre da autora.

²⁵⁴ HADDAD, Thomás A. S. Lunar maps and astronomical careers in 17th-century Iberian Peninsula. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, v. 10, 2011, p. 42.

percepção geográfica que se tinha da Terra, que fez da Lua um globo a ser explorado. Ademais, essa ciência impactou o modo como os céus e os astros seriam vistos pelos olhos humanos, condição que sensibilizou Cyrano ou, ao invés disso, permitiu que ele contasse uma versão da história do mundo por um olhar não mais ilustre que o dele mesmo.²⁵⁵

De acordo com Thomás Haddad, no século XVII existiram duas luas, a dos cartógrafos e a dos astrônomos. Os primeiros visaram aproximar a Lua do mundo terrestre e a representaram na fase cheia, quando a iluminação solar perpendicular borrava a topografia, pois valorizava as grandes divisões entre claros e escuros e enchia a superfície de pontos brilhantes. Os segundos se especializaram em ilustrar a Lua em suas fases crescente ou minguante, pois era quando a iluminação oblíqua realçava as características do relevo que se faziam presentes em sua superfície. Esses últimos utilizaram a representação sobre o relevo como argumento antiaristotélico.²⁵⁶ Ou seja, os astrônomos estavam preocupados em explorar as particularidades científicas da Lua.

Foram reconhecidos dois momentos culminantes na emergência selenográfica durante o século XVII, conforme a publicação da obra *Selenographia* de Johannes Hevelius, em 1647, e a aparição dos mapas lunares dos jesuítas Giovanni Battista Riccioli e Francesco Maria Grimaldi, em 1651. Esses últimos foram considerados os definidores de uma linguagem visual específica da representação da Lua, de padrão toponímico, que teve notável estabilidade a partir de seus mapas. Antes desses marcos houve outras diversas propostas de cartografias lunares, que atendiam a funções e públicos variados. Para melhor compreensão desse cenário de publicações, Haddad sugere uma classificação de duas grandes categorias. Aquela que tinha preocupação toponímica, envolvida na determinação de grandes fronteiras, derivada dos mapas de Thomas Harriot (1560-1621) (figura 1). E outra que tinha como objetivo a representação topográfica, reconhecida nas ilustrações de Galileu Galilei. Desse modo, as observações da Lua tiveram uma certidão de nascimento através das observações telescópicas feitas por Harriot no verão de 1609, em Londres, e de Galileu, que o fez em outubro do mesmo ano, em Pádua. Foi a partir dessas fontes que se formou a selenografia seiscentista, “que teve vidas paralelas até sofrer uma síntese entre os anos 1647 e 1651”, datas que marcam as publicações elencadas no início do parágrafo.²⁵⁷

²⁵⁵ ALCOVER, *op. cit.* p. CLXXXIII.

²⁵⁶ HADDAD, Thomás A. S. Um império de outro mundo: a Lua dos Austrais e a Lua dos astrônomos. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro (org.) *Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Paz e Terra, 2014, p. 126 e 127.

²⁵⁷ HADDAD, *op. cit.*, p. 40.

Galileu evidenciou em seus retratos, publicados na obra *Sidereus Nuncius* de 1610, os relevos lunares, com a presença de rugas e manchas, demonstrando as imperfeições do astro (figura 2). Ele tinha como preocupação dar forma aos detalhes não visíveis a olho nu, para isso as luas foram sombreadas e coloridas com o preto e o branco, dando movimento e tridimensionalidade ao terreno. O relevo que aparece na representação de Galileu foi utilizado para atacar o aristotelismo, que não reconhecia essa possibilidade no astro. Com base em um programa cartográfico, Harriot, por sua vez, optou pelo mapeamento bidimensional da Lua. Sua representação enaltecia o formato global do astro e identificava linhas costeiras e possíveis lagos lunares (figura 3). “Seus mapas e escritos sobre a Lua, jamais publicados, não deixam dúvida sobre o projeto colonial que está na raiz de sua selenografia: a Lua tem mares e continentes, lagos e ilhas, montanhas e florestas – um mundo a desbravar”.²⁵⁸

Michael Van Langreen foi o cartógrafo responsável pela publicação da carta lunar *Pleniluni lumina Austriaca Philippica* em 1645 (figura 4). Também interessado na medição da longitude, explorou o assunto no tratado *La verdadera longitude por mar y tierra, demonstrada y dedicada a Su Magestad Catholica Philippo IV*, publicado um ano antes de sua selenografia. Seu mapa parece seguir o modelo de representação do astrônomo anterior, dá ênfase para a presença dos lagos e nomeia as regiões, prática que revela, mais uma vez, o interesse pelo domínio colonial dos solos lunares. Johannes Hevelius, autor do livro *Selenographia*, propõe gravuras da Lua (figura 5), e na mesma obra discorre sobre outros fenômenos celestes e revela o interesse particular pela astronomia telescópica, que permitiu que ele estudasse outros astros.²⁵⁹ Em sua ilustração lunar estão representadas crateras e lagos que podem ser facilmente reconhecidos. Hevelius ilustrou um astro semelhante aos mapas terrestres, conforme as demarcações que fez das águas e a moldura que envolveu o mapa, os anjos e os instrumentos relacionados com a observação celeste. Com uma perspectiva jesuítica, *Almagestum Novum* de Giambattista Ricciolo tratou de sumarizar o conhecimento astronômico e matemático de sua época e abrigou a ilustração lunar de Francesco Maria Grimaldi (figura 6). A representação lunar de Grimaldi estava preocupada com os topônimos e exemplifica uma associação clara entre a Terra e Lua, relação que os jesuítas propori- am com frequência. Além disso, Nydia Pineda De Avila identificou que o astro lunar do autor

²⁵⁸ Ibid., p. 42.

²⁵⁹ WINKLER, Mary G; VAN HELDEN, Albert. Johannes Hevelius and the visual language of astronomy. In: FIELD, J. V; JAMES, Frank A. J. L. (orgs.). *Renaissance and Revolution: humanists, scholars, craftsmen and natural philosophers in early modern Europe*. University Press, Cambridge, 1993, p. 99.

estava ligado à teoria da quintessência, que reconhecia que o satélite era feito da mesma substância incorruptível que os planetas que giravam em torno da Terra.²⁶⁰

As representações lunares, que demonstram uma tópica da época, exemplificam o conflito e as relações entre as visões geográficas, astronômicas, políticas e religiosas. Na busca pelo desenvolvimento de uma interpretação sobre o desconhecido, os autores uniam diferentes perspectivas conceituais. A Lua e a Terra, transcritas em formas simétricas, evidenciaram a importância dos instrumentos como o quadrante, a bússola, o microscópio e o telescópio para melhor mapear do mundo. Ao passo que os equipamentos mediam a natureza, eles aproximavam a humanidade de sua própria realidade. Além disso, o estudo dos astros revelou como o conhecimento sobre o cosmo não estava restrito ao âmbito teológico: as “verdades científicas” eram mostradas pelas máquinas e interpretadas pela lógica humana.²⁶¹ Com relação a isso, Roberto Hooke anunciou em *Micrographia* (1665) a importância do raciocínio lógico ou comparativo para a sua metodologia de estudo, a qual propunha que os experimentos deviam ser interpretados a partir do método da observação e da semelhança. Hooke explicou o seu método de observação e interpretação em uma descrição sobre um pedaço de seda, mas optou pelo mesmo processo quando estudou a aparência da Lua.²⁶²

As narrativas e as imagens produzidas durante os séculos XVI e XVII indicaram como o ambiente e o céu se tornaram objetos de fascínio. Essa relação que se estabeleceu com a natureza foi possibilitada pelo desejo humano de entender a complexidade do mundo que habitava. Do mesmo modo, ofereceu uma alternativa ao antropocentrismo reinante e a humanidade percebia a sua insignificância frente à magnitude do cosmo. As ficções, então, como é o caso das viagens de Cyrano, podem ser entendidas como um espaço incentivador e entusiasta do debate sobre o conhecimento científico em um período em que se estava buscando pela ampliação do debate crítico e filosófico sobre o funcionamento da sociedade.

²⁶⁰ AVILA, Nydia Pineda de. Crater-Pear-Vale: earth-moon analogis in Robert Hooke’s *Micrographia*. *Newberry Essays in Medieval and Early Modern Studies*, v. 9, 2015, p. 34.

²⁶¹ CLAYES, *op. cit.*, p. 164.

²⁶² AVILA, *op. cit.*, p. 33.

Figura 1 – Desenhos de Thomas Harriot que demonstram o terreno acidentado da Lua²⁶³

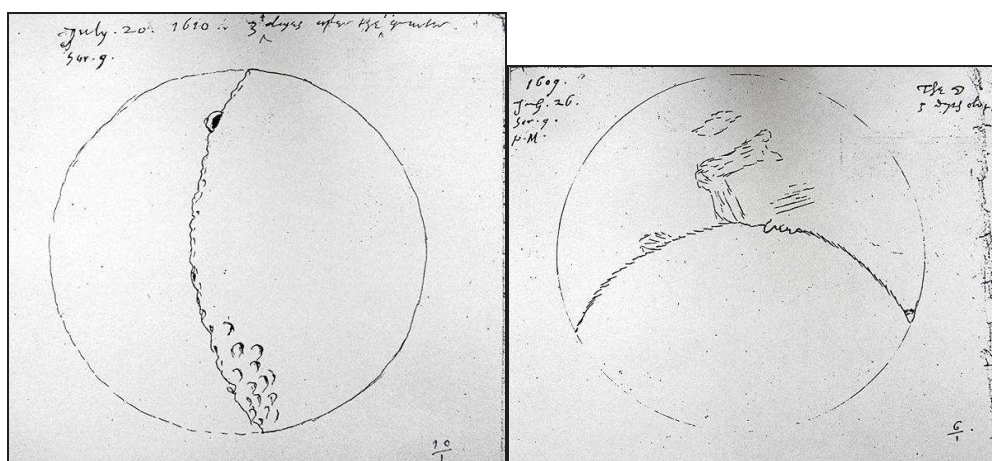
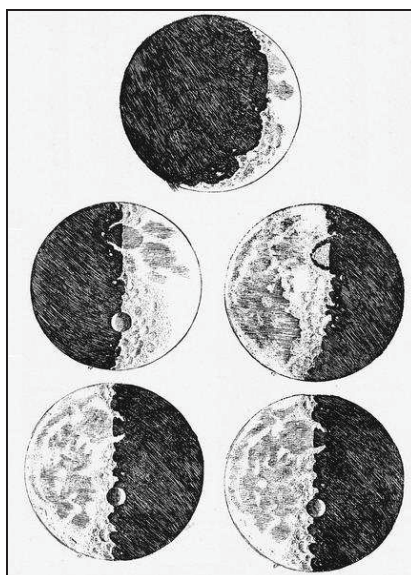
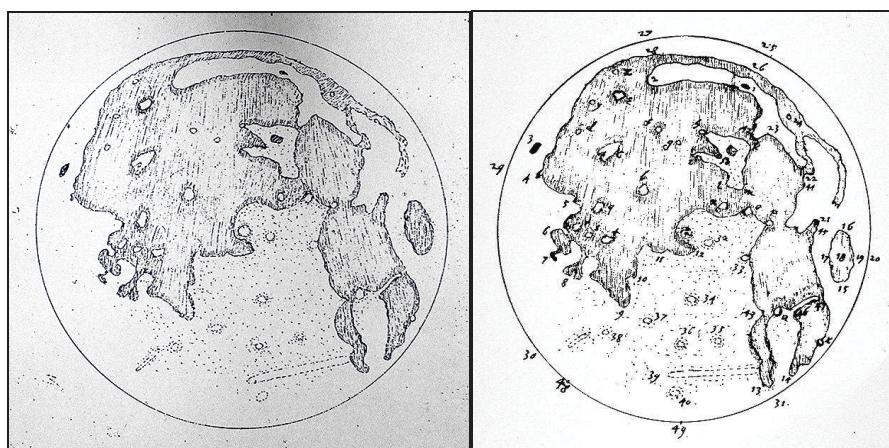
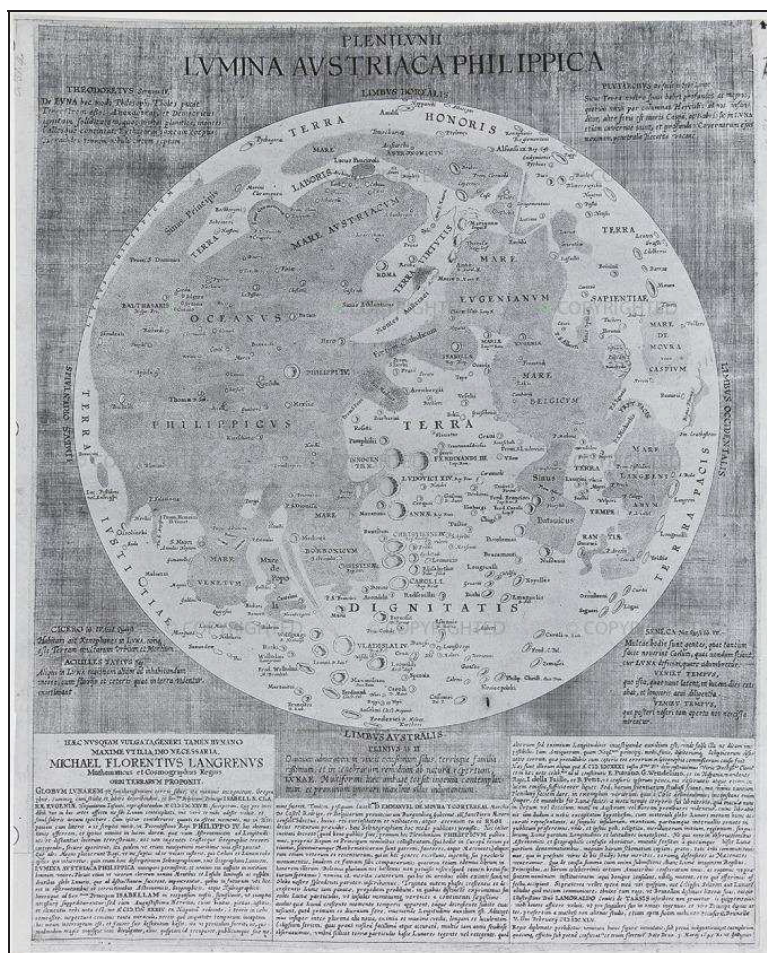


Figura 2 – Os mapas lunares de Galileu e a representação de suas imperfeições²⁶⁴



²⁶³ Observações de Thomas Harriot de 26 de julho de 1609 e de 17 de julho de 1610. Imagens de Galileo Project <http://galileo.rice.edu/sci/harriot_moon.html>.

²⁶⁴ Desenho de Galileu publicado em conjunto da obra *Sidereus Nuncius* em 1610. Imagem de domínio público.

Figura 3 – Os mapas da Lua de Harriot e as suas costas²⁶⁵Figura 4 – A Lua de Van Langren e a denominação de suas regiões²⁶⁶

²⁶⁵ Mapas de Thomas Harriot de 1610. Imagens de Galileo Project.
http://galileo.rice.edu/sci/harriot_moon.html.
²⁶⁶ Imagem de domínio público.

Figura 5 – Um dos mapas da Lua do livro *Selenographia* (1647) de Hevelius²⁶⁷

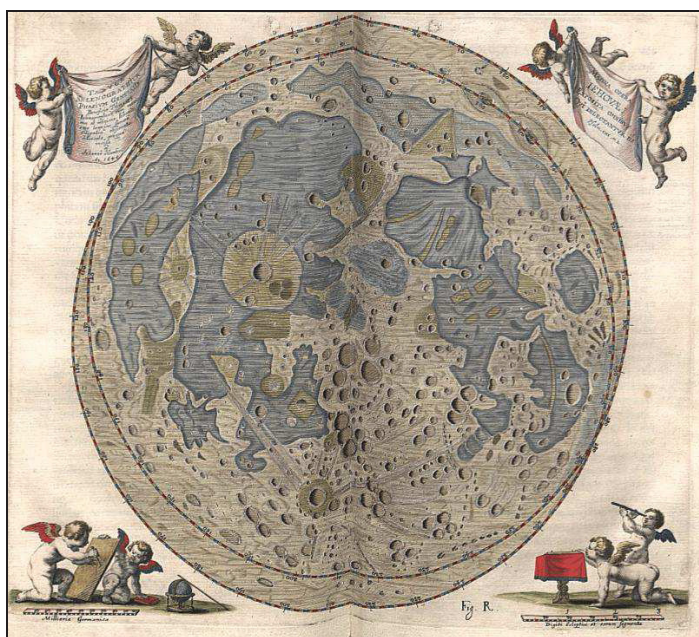
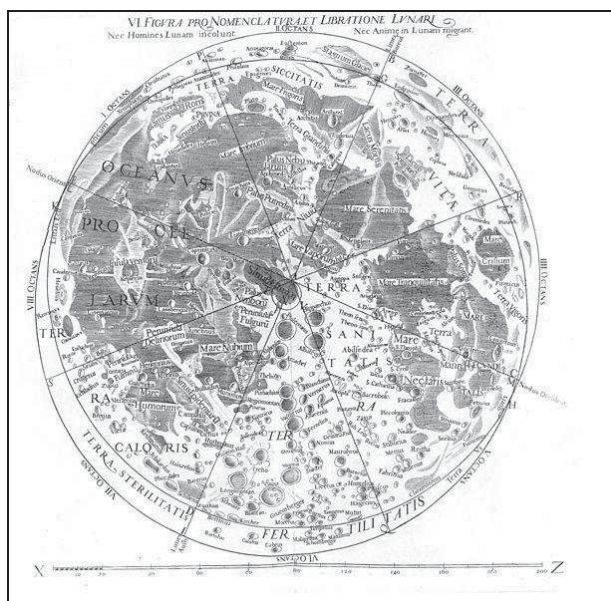


Figura 6 – Mapa da Lua em *Almagestum novum* (1651), ilustração de Francesco Maria Grimaldi



3.4 A CIÊNCIA COMO FICÇÃO: A LUA E O SOL LITERÁRIOS

A Lua também foi um espaço explorado pela ficção. O que chamarei aqui de lua dos literatos se inspirou em representações geográficas e astronômicas do astro lunar para criar

²⁶⁷ Mapa da Lua de Johannes Hevelius de 1647. Imagem de domínio público.

mundos imaginários no satélite. A manta imaginativa envolta no globo lunar fez dele o palco que sediava projeções de novos mundos e servia como meio para a produção do conhecimento filosófico e científico de uma época. A partir dessa perspectiva, identifico a Lua de Cyrano de Bergerac, onde foram encontrados o paraíso terrestre e uma sociedade imperial comandada por seres gigantes que andavam sob quatro patas e viviam por muitos anos.

Cyrano não foi o único autor a tratar de uma viagem para a Lua, ele segue uma tradição e um modelo já antigo que podem ser encontrados em *Icaromenipo* e em *Narrativas Verdadeiras*, de Luciano de Samosáta (125-180 d.C.). No caso da primeira obra, o viajante Menipo declara que a sua motivação de viagem é poder observar o universo, “o kósmos, com os seus astros e os fenômenos atmosféricos”.²⁶⁸ Era como se Menipo quisesse penetrar em todos os mistérios que os céus guardavam. Em *Narrativas Verdadeiras*, a motivação do viajante é expressa nas seguintes palavras: “A causa e proposta da viagem eram para mim a excessiva curiosidade do intelecto, o desejo de coisas novas e a vontade de conhecer qual é o fim do oceano e os homens que habitam o outro lado”.²⁶⁹ Como muito bem expressado pelos viajantes de Luciano, o deslocamento servia como possibilidade de adquirir conhecimento de natureza científica e filosófica. Entre os contemporâneos de Cyrano, os viajantes se lançam para outros ambientes com intuito de vivenciar outras realidades, que são encontradas em *Somnium* [Sonho] (1634) de Johannes Kepler, *The Man in The Moon* [O homem na Lua] (1638) de Francis Godwin, *Discovery a New World* [Descobrimo um novo mundo] (1638) de John Wilkins e *Itinerarium exstaticum* [Itinerário em êxtase] (1656) de Athanasius Kircher.²⁷⁰ Mas antes de tecer relações entre essas obras, é preciso falar sobre a presença científica nos mundos criados por Cyrano.

As descrições imaginárias dos escritos de Cyrano, não são somente uma fantasia literária, mas são os caminhos que assinalam o que é reconhecido. Elas seriam uma metaforização do real. As inversões ou os excessos imaginativos que descrevem o funcionamento do outro mundo são o artifício para que o viajante compreenda a realidade da qual ele é originário. As aproximações com a vivência do outro e a comparação com a forma

²⁶⁸ SAMÓSATA, Luciano. *Luciano VII*. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Universidade de Coimbra, 2013, p. 61.

²⁶⁹ SAMOSÁTA, Luciano. Tradução. In: SANO, Lucia. *Das Narrativas Verdadeiras*, de Luciano de Samósata: Tradução, Notas e Estudo *Dissertação de mestrado*. Universidade de São Paulo, 2008, p. 6.

²⁷⁰ KEPLER, Johannes. *Somnium, Seu Opvs Posthvmvm de Astronomia Lynari*. Frankfurt: Sagani Silesorium, 1634; GODWIN, Francis. *The Man in the moone*. London: Joshua Kirton, 1657; WILKINS, John. *The Discovery of a world in the moone*. London: E.G. Michael Sparke and Edward Forrest, 1638; KIRCHER, Athanasii. *Itinerarium exstaticum*. Romae: Typis Vitalis Mascardi, 1656.

como os lunares e os solares viam o mundo capacitavam o entendimento do viajante sobre as formas reais da vida humana. Para Alcover, a ciência enquanto uma narrativa permite que os graus de ficção sejam medidos pela sua capacidade de explicar as aparências e de controlar o real. Logo, a filosofia e a ciência possibilitam a criação das ficções, tal como explica a presença da diversidade de pontos de vista que Cyrano remonta nos longos diálogos e nos debates com os sujeitos que encontra em cada lugar que passa.²⁷¹ Essa questão pode ser relacionada com a reflexão de Frédérique Aït-Touati sobre a importância da ficção lunar no século XVII. Para ela, o conto da viagem à Lua, imerso no contexto da nova astronomia, não era mais apenas um “capricho”, mas uma possibilidade, pois a viagem ótica possibilitada pelo telescópio transformava as antigas fábulas lunares em verdades que tinham nas máquinas voadoras os seus transportes. A autora continua o argumento falando sobre as implicações das propostas de viagens espaciais durante esse contexto específico:

A eficácia desses discursos cosmológicos – fictícios, possíveis ou prováveis – que fazem do vôo lunar seu tema principal joga precisamente na materialidade da fuga da fantasia, na explicação de seus aspectos físicos e técnicos. Mudando a fábula lunar do impossível para o possível, a mecanização da viagem à Lua modifica o próprio status da ficção. Pois, ao descrever essa jornada o mais possível, confia-se à ficção um peso ontológico e cognitivo que, ao mesmo tempo, transforme a relação entre ficção e conhecimento.²⁷²

Nos escritos de Cyrano, assim como naquelas obras que foram publicadas durante o século XVII com a temática da viagem para a Lua, se utilizam do debate científico como um meio para propor uma reflexão sobre a relação do ser humano com o conhecimento e o mundo habitado. Jacyntho Brandão, no pós-fácio da tradução brasileira da obra *Viagem à Lua*, abordou o fato de a ciência ser revestida de ficção. Isso explicaria as possíveis referências científicas de Cyrano no conjunto da argumentação *pointue* do autor, que garantem uma argumentação prazerosa para o leitor. A tradição luciânica, em que o autor e os seus contemporâneos estavam incluídos, era utilizada para tornar as novidades científicas da época

²⁷¹ ALCOVER, Madeleine. Analyse. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. CLXXXV.

²⁷² “The effectiveness of these cosmological discourses — fictional, possible, or probable — that make lunar flight their principal theme play precisely on the materiality of the flight of fancy, on accounting for its physical and technical aspects. By shifting the lunar fable from the impossible to the possible, the mechanization of the trip to the Moon modifies the very status of the fiction. For in describing such a journey as possible, fiction is entrusted with an ontological and cognitive weight that at the same time transforms the relation between fiction and knowledge.” AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the cosmos: science and literature in the seventeenth century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 72. Tradução livre da autora.

mais palatáveis aos leitores.²⁷³ Porém, o que estava em jogo era o direito de expressão, da apresentação de hipóteses ficcionais ou somente pelo direito de propor “e se”. O autor libertino acredita na progressão indefinida da ciência, que baseada na experiência passa pela observação e também pelas contribuições da técnica. Alcover citou um exemplo disso: a observação do alto que Dyrcona faz dos satélites de Júpiter, que não podiam ser observados da Terra. Isso é uma demonstração feita pelo viajante de como os humanos sentem falta dos sentidos e as ferramentas são as expressões e as extensões dessa falta. As máquinas de Dyrcona são os meios que possibilitam a sua chegada aos céus. Aqui ele reforça a ideia de que o saber é tributário dos instrumentos e as criações humanas suplantam as suas próprias insuficiências.

O desejo de conhecimento do mundo da Lua, em sua primeira viagem, foi impulsionado pela criatividade. Dyrcona se empenha em construir seus próprios mecanismos, assim como na segunda viagem, na qual a máquina possibilita a sua subida aos céus, mesmo que a subida tenha ocorrido por acaso. O icosaedro pode ser uma referência aos cinco sólidos regulares de Kepler. Para ele, esses sólidos explicavam a estrutura da chamada máquina do mundo, e mais, as figuras propostas giravam em torno da possibilidade de que um mundo fosse o dobro ou o quádruplo de um outro mundo.²⁷⁴ Com sentido semelhante, Cyrano propõe os outros mundos a partir da concepção de mundo que conhecia, mas quando seu viajante chega à Lua e ao Sol ele se depara com realidades às avessas em relação àquelas vivenciadas na Terra. A máquina pode ser também uma alusão a uma tradição antiga das figuras geométricas elementares de Platão, em que o icosaedro era a figura que representava a água. Essa referência pode ser lida da seguinte forma: “Poderíamos dizer que a máquina do Narrador, que usa a energia do fogo e do ar, é composta da figura da Terra coroada pela figura da água; assim, pela mediação da tecnologia, harmoniza os elementos fundamentais do universo”.²⁷⁵ A questão aqui é que Cyrano se utilizava das referências de outros autores para propor os mundos fictícios que Dyrcona encontra.

²⁷³ BRANDÃO, Jacyntho Lins. Posfácio Cyrano de Bergerac e a Tradição Luciânica. In: CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 210.

²⁷⁴ Os cinco sólidos regulares de Johannes Kepler seriam: o cubo, o tetraedro, o dodecaedro, o icosaedro e o octaedro. ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Edusc, 2001, p.134.

²⁷⁵ “We might say that the machine of the Narrator, who uses the energy of fire and air, is composed of the figure of the Earth surmounted by the figure of water; thus by the mediation of technology, it brings into harmony the fundamental elements of the universe”. PARMENTIER, Bérengère, “Imagination et fiction dans *Les Etats et Empires* de Cyrano de Bergerac”, *Littératures classiques*, no 45, 2002, p. 228 apud AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the cosmos: science and literature in the seventeenth century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 67. Tradução livre da autora

É nesse sentido que Aït-Touati reconhece a utilização dos novos conhecimentos astronômicos presentes nas obras de Cyrano. As hipóteses lançadas por Cyrano precisavam de aportes reais e o conhecimento científico contribuía para a criação imaginária, ao passo que permeava as opiniões expressas na ficção. Essa relação está presente nos debates que o viajante empreende com habitantes que, a partir de ideias já consolidadas, criam novas possibilidades.²⁷⁶ A relação entre o campo científico e os mundos imaginados de Cyrano faz recair sobre a ficção a possibilidade de esta ser um “instrumento de divulgação científica para dar a conhecer ao público os recentes avanços da ciência”.²⁷⁷ A divulgação do conhecimento através das histórias remete à relação entre a ciência e a ficção que, naquele período, estavam associadas justamente pelo fato de ambas as áreas abrigarem a formulação de hipóteses.²⁷⁸

Certeau, ao estudar a produção de conhecimento decorrente da escrita historiográfica, reconheceu o caráter explicativo contido na ficção. Para ele, a ficção era uma narrativa esclarecedora sobre determinado assunto e não um relato falso da realidade.²⁷⁹ Partindo dessa perspectiva, pergunto: os mundos da Lua e do Sol não poderiam ser uma tentativa de entendimento sobre os conhecimentos humanos? O que Cyrano de Bergerac fez foi usar da imaginação e da ficção para a reflexão, em amplitudes filosóficas do livre-pensamento, e, talvez, da compreensão da natureza humana.

A obra *Somnium* de Johannes Kepler, publicada em 1634, serviu como principal inspiração para os futuros escritos de Godwin, Wilkins e Cyrano. No ano de 1593, quando Kepler começou a redigir o manuscrito, ele buscou desenvolver uma argumentação a favor do sistema heliocêntrico de Copérnico, mas diante das críticas que sofreu reescreveu o seu texto a partir da perspectiva de um sonho. Sua obra é tida como uma fonte importante, pois é considerada o primeiro texto em que a viagem espacial foi abordada a partir dos conceitos da ciência moderna.²⁸⁰ Sendo assim, Kepler influenciou seus contemporâneos, principalmente, no que diz respeito ao conhecimento cosmológico e à representação figurativa da Lua.²⁸¹ Em sua fábula, Kepler utilizou da *vantage-point* como um meio para fazer observações óticas

²⁷⁶ Ibid., p. 69.

²⁷⁷ “c’est un instrument de vulgarisation scientifique qui contribue à Donner à connaître, à un lectorat souvent peu au fait, les avancées récentes de la science (...)” NÉDELEC, Claudine. Cyrano de Bergerac, entre science et fiction, *L’information littéraire*, v. 57, n. 1, 2005, p. 15. Tradução livre da autora

²⁷⁸ AÏT-TOUATI, op. cit., p. 74.

²⁷⁹ CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

²⁸⁰ RIBEIRO, Jair Lúcio Prados. O Sonho de Johannes Kepler: uma tradição do primeiro texto de *hard sci-fi*. *Revista Brasileira de Ensino de Física, História da Física e Ciências Afins*, v. 40, n. 1, 2018, p.1.

²⁸¹ AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the Cosmos: science and literature in the Seventeenth Century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 45.

sobre o satélite. Essa estratégia pode ser definida como “uma poética particular em que a viagem lunar é a condição para uma redescrição do mundo”.²⁸² Cyrano faz referência a uma espécie de sonho após ingerir a maçã não descascada da Árvore da Ciência:

Mal saboreara, uma espessa noite caiu sobre a minha alma: não vi mais minha maçã nem Elias ao meu lado, e meus olhos não reconheceram em todo o hemisfério um único traço do paraíso terrestre e, mesmo assim deixei de lembrar tudo o que lá me acontecera. [...] Surpreendi-me ao me ver sozinho no centro de uma região que não conhecia. Em vão olhei ao redor e lancei os olhos através de campo; não havia nenhuma criatura para consolar-me.²⁸³

O viajante é automaticamente levado a um delírio e quando acorda já está entre os habitantes lunares. O fruto agiu como um alucinógeno que fez o viajante perder os seus sentidos. A ironia do trecho reside na referência ao ditado cristão do pecado original. A maçã foi o fruto proibido ingerido por Adão e Eva, que deixam de merecer os céus e são expulsos do paraíso, e então, destinados a viver na Terra, o mundo da corruptibilidade que abrigou os pecadores. Minutos antes da ingestão da maçã proibida, o viajante foi acusado de ateísmo e convidado a ser expulso daquele ambiente santo por Elias, o morador do paraíso, que reprimiu Dyrcona pela audácia de ter feito uma intervenção libertina sobre a subida de João Evangelista aos céus. Talvez essa passagem possa ser interpretada como se o destino daqueles que zombam das coisas santas fosse a Lua, lugar que poderia ser entendido como o inferno.

Quanto às possíveis influências de Francis Godwin, a partir da obra *The Man In The Moone*, na viagem lunar de Cyrano, verifica-se que ambos os autores ofereceram demonstrações de similaridade da natureza entre a Terra e a Lua. Fizeram isso ao projetarem as situações vivenciadas pelo mundo terráqueo no astro lunar. Outro exemplo, é como arquitetaram, na Lua, uma comunidade controlada por governantes poderosos e quando reconhecem a rotação da Terra a partir da Lua. Nesse sentido, as duas histórias narraram uma trajetória lunar que promove “a transformação visual da Terra em Lua e da Lua na Terra”.²⁸⁴ A similaridade e a transformação entre os dois globos sugerem que as viagens cósmicas não tinham apenas o caráter de entretenimento, mas também o de reflexão.

²⁸² “defines a particular poetics in which the lunar voyage is the condition for a redescription of the world”. Ibid., p. 45. Tradução livre da autora.

²⁸³ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 45 e 46.

²⁸⁴ “The lunar trajectory achieves the visual transformation of Earth into Moon and of Moon into Earth.” AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the cosmos: science and literature in the seventeenth century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011, p. 47. Tradução livre da autora.

Para Kepler o Sol era reconhecido como detentor de uma força motriz, a “alma do mundo” e organismo divino: “as estrelas fixas estão na posição de repouso; os planetas têm uma atividade secundária em relação ao movimento ao Sol, que supera em esplendor e beleza todas as coisas”.²⁸⁵ Em *Viagem ao Sol* o astro luminoso é descrito como tão importante que é determinado como o destino *post-mortem* dos filósofos da Terra, ou seja, era o local onde habitavam as pessoas sábias. O astro é reconhecido como a morada dos seres que se metamorfoseiam, que são matérias da força de suas imaginações, e como a morada da Fênix e dos pássaros, os quais se consideram seres superiores. A magnitude solar também é evidenciada pelas belezas naturais que o viajante lá encontra e descreve como um ambiente tomado por bosques, árvores e animais, que remetem a cenas idílicas. Além disso, enquanto ascendia aos céus, quanto mais próximo Dyrcona estava do Sol mais revigorado ele se sentia, o que indica o poder das luzes.

O astro solar em comparação com o satélite lunar foi menos explorado entre as narrativas literárias do século XVII, mas isso não impediu que Cyrano fizesse dele um tema de suas obras. A ideia do globo habitável é transportada para o Sol, porém, o autor o descreve como um mundo sem centro onde o peso não existia, o que tornava possível a flutuação dos corpos que lá habitavam. A referência ao Sol divino de Kepler pode ser identificada uma vez que o narrador reconheceu a importância do astro para a existência dos outros planetas do sistema solar. O astro de Cyrano é o responsável por alterar o corpo de Dyrcona e atraí-lo por meio de uma força magnética.²⁸⁶ Assim, a estrela de Cyrano ganha destaque e revela o seu posicionamento a favor do heliocentrismo.

Tommaso Campanella em *Cidade do Sol* (1602) descreveu uma sociedade que tinha adoração pela estrela laranja-vermelhada. Para Trousson, a inspiração do autor italiano talvez tenha partido da leitura de *Relazioni universali* (1596) de Giovanni Botero (1544-1617), onde ele pôde encontrar informações do culto ao Sol praticado pelos indígenas do México e do Peru.²⁸⁷ No caso de Cyrano, sua inspiração pode ter partido da ideia ficcional de Campanella, onde os astros, ou mais especificamente o Sol, regiam as atividades cotidianas da sociedade em *Cidade do Sol*.²⁸⁸

²⁸⁵ ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Edusc, 2001, p. 143.

²⁸⁶ LIBRAL, Florent. Entre science et fiction: le voyage cosmique comme exercice spirituel (Cyrano et Kircher). In: BALESTRIERI, Fulvia; MARZI, Eleonora (éds.). *Science et fiction. RILUNE — Revue des littératures européennes*, n. 11, 2017, p. 46.

²⁸⁷ TROUSSON, Raymond. O mito americano: utopias e viagens imaginárias desde a renascença. Tradução Emerson Tin. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006, p. 323.

²⁸⁸ CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Outra inspiração pode ter advindo das obras *Les Etats, empires, Royaumes et Principautés du Monde* [Os estados, impérios, reinos e principados do Mundo] (1625) e *Le Monde ou la Description Générale de ses Quatre Parties* [O mundo ou a descrição geral das quatro partes] (1643)²⁸⁹ de Pierre D'Avity. Essas referências são explícitas no título das viagens de Cyrano.²⁹⁰ As obras de D'Avity estavam preocupadas em tratar dos assuntos geográficos e foram destinadas a um público muito mais restrito, devido a seu alto custo e conteúdo enciclopédico. Cyrano utiliza essas obras como uma paródia para a sua própria ironia, mais uma manifestação de seu estilo sarcástico e libertino.²⁹¹

Os mundos imaginários de Cyrano se relacionam com a ideia da pluralidade de mundos, perspectiva defendida principalmente por Giordano Bruno e que também aparece nas obras dos autores como John Wilkins e Pierre Borel.²⁹² Assim como eles, o libertino identifica a possibilidade de habitação em outros astros. O globo terrestre e a existência humana são condicionados à imensidão do universo. Essa ideia não serviu apenas para gerar uma vertigem psicológica em seus leitores, mas o “infinito fora do centro”, que é exemplificado em seu escrito do Sol, constituiu a aspiração pela liberdade de pensamento, ou seja, ela seria uma alegoria para a crítica do antropocentrismo e das hipocrisias que Cyrano verificou na sociedade francesa do século XVII.

As associações entre ciência e ficção abrigam uma discussão filosófica complexa para o indivíduo moderno: a necessidade de rompimento com o orgulho humano e com o controle da natureza. O universo que se tornou inconstante e infinito foram algumas das concepções empregas nos romances de Cyrano para incitar a produção de conhecimento sobre o mundo. Com isso, ele também convidou os seus leitores para uma reflexão sobre a realidade que viviam através da imaginação.

²⁸⁹ D'AVITY, Pierre. *Le Monde, ou La description générale de ses quatre parties. Avec tous ses empires, royaumes, stats et républiques* par Pierre d'Avity. Seconde édition. Revue, corrigée & augmentée au Tome de la France par F. Ranchin. Paris: Claude Sonnius e Denys Bechet, 1643.

²⁹⁰ Roger Chartier também concorda com a ideia de Madeleine Alcover. Ver CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 173; CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. CLXVI-CLXIX.

²⁹¹ CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. CLXVIII-CLXIX.

²⁹² ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Editora Edusc, 2001, p. 225- 231.

CAPÍTULO 4 – SABER E IMAGINAÇÃO NA LUA E NO SOL DE CYRANO DE BERGERAC

(...) o jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como “sentido” remeter à realidade de que se distinguiu *em vista de mudá-la*. Tem como alvo uma eficácia social. O laboratório da escritura tem como função “estratégica”: ou fazer que uma informação recebida da tradição ou de fora se encontre aí coligida, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e transformá-lo.²⁹³

O objetivo deste capítulo é analisar como Cyrano de Bergerac entendia o conhecimento do mundo e da realidade humana no século XVII. Para essa reflexão, o capítulo está dividido em dois momentos. O primeiro aborda o estilo escriturário de Cyrano, que repousa sobre a utilização da *la pointe* e que o auxilia na impulsão da liberdade de pensamento para com os seus leitores, possibilitando que ao longo das narrativas o raciocínio de seu narrador expanda em conjunto com o de seus leitores. O segundo se concentra em compreender como o mundo é lido por Cyrano e apresenta o questionamento máximo do escritor com relação à suposta preposição de busca pela verdade única, que era alimentada pelos dogmáticos, como explicação do mundo habitado e vivido pelos seres humanos. Para isso, o autor se utiliza das viagens ficcionais, que são entendidas aqui como experiências que permitem que o narrador exerça o livre-pensamento, propondo interpretações diferentes baseadas no “quem sabe?”, no “talvez” ou no “por que não?” para apresentar a sua crítica para com o aristotelismo, o dogmatismo, a Igreja e os escolásticos do século XVII, pois, para Cyrano, esses setores defendiam ideias que acentuavam a objeção quanto ao empreendimento de uma mente livre para imaginar.

4.1 OS EXCESSOS IMAGINÁRIOS DE *LA POINTE*: EXCEDER O SENTIDO PARA IMPULSIONAR A COMPREENSÃO

Cyrano de Bergerac, no Prefácio da obra *Les Entretiens Pointus* [As conversas afiadas], publicada em 1654, oferece uma significação do que é *la pointe*. Para ele:

La pointe não está de acordo com a razão, é o agradável jogo do espírito, e maravilhoso deste modo, que reduz todas as coisas ao nível necessário aos prazeres, sem considerar sua própria substância. Se é necessário que *la Pointe* faça algo feio de uma coisa bonita, essa metamorfose estranha e imediata pode ser realizada sem

²⁹³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 205.

escrúpulos, e sempre se fez bem, desde que se tenha bem falado; Não se pesa as coisas; pois se elas brilham, quem se importa; e se há vários defeitos lá, eles são purificados pelo fogo que os acompanha.²⁹⁴

Cyrano considera que *la pointe* não está de acordo com a faculdade intelectual pela qual o ser humano julga e conhece as coisas do mundo, ainda que aqui ele esteja se referindo às palavras. Ela é agradável ao princípio do pensamento e da reflexão, e, por causa disso, ela é maravilhosa, pois é o que possibilita que as palavras sejam transformadas. Para o escritor, o exercício de *la pointe* consiste em transformar as palavras, porque, para fazer isso, é necessário que se desenvolva uma mudança que não cause arrependimento a quem assim o fizer, pois as palavras, depois de modificadas, podem comunicar coisas tão mais belas. Nesse sentido, para Cyrano a escrita *pointue* é uma experiência de transformação e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para ampliar aquilo que já é conhecido. Esse processo está ligado ao prazer, uma vez que diverte quem escreve e oferece a quem lê uma perspectiva diferente daquela conhecida. As palavras passam pela aplicação de uma poética, os seus significados servem de produto para a criação de uma nova significância, que pode consistir no emprego antes inimaginável de determinada palavra.

De modo intenso, Cyrano aponta que para a realização de *la pointe* é necessário transmutar. O desejo máximo do autor é que em seus textos as palavras se sobressaíam por elas mesmas, considerando as suas tantas acepções, mesmo que durante o processo poético existam defeitos, uma vez que eles serão ofuscados pela ação escriturária em que as palavras inscritas no papel se tornam sentenças agradáveis ao espírito humano. Com relação a isso, em certos casos, Cyrano excede os sentidos das palavras em razão de uma liberdade desconhecida, na busca por uma liberdade de pensamento não encontrada em seu contexto e que se localiza no anseio pelo livre-pensamento durante o século XVII. Sendo assim, a excelência da escrita de Cyrano consistiria em se desprender dos significados das palavras para apresentá-las de forma diferente daquela esperada com o objetivo de comunicar algo, ação que consiste em colocar as palavras em um jogo de oposições que se movem e se transformam no desenrolar de seus escritos. Ele faz com que as palavras sejam deportadas

²⁹⁴ “La pointe n’est pas d’accord avec la raison; c’est l’agréable jeu de l’esprit, et merveilleux en ce point qu’il réduit toutes choses sur le pied nécessaire à ses agréments, sans avoir égard à leur propre substance. S’il faut que pour la pointe l’on fasse d’une belle chose une laide, cette étrange et prompte métamorphose se peut faire sans scrupule, et toujours on a bien fait pourvu qu’on ait bien dit; on ne pese pas les choses; pourvu qu’elles brillent, il n’importe; et s’il s’y trouve d’ailleurs quelques défauts, ils sont purifiés par le feu qui les accompagne.” CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres diverses: Lettres satiriques, amoureuses, etc. Les entretiens pointus, Le pédant joué, comédie, La mort d’Agrippine, tragédie*. Nouvelle édition par Frédéric Lachèvre. Paris: Librairie Garnier, 1933, p. 163.

para um campo poético, onde elas começam a brilhar por elas mesmas, isto é, pelo brilho que elas são capazes de produzir.²⁹⁵ Essa seria a maneira como funciona a escrita *pointue*, palavra que poderíamos livremente traduzir como ‘aguda’.

Ainda sobre *la pointe*, Alan Charles Kors apresentou algumas palavras em inglês que podem esclarecer melhor o termo, são elas *wit*, *pungency*, *sting* e *sharpness*.²⁹⁶ Numa tradução para português, elas significam respectivamente ‘sagacidade’, ‘pungência’, ‘picada’ (que pode ser entendida como ironia) e ‘nitidez’ (que pode ser entendida como perspicácia ou acuidade). Todas essas palavras estão correlacionadas e os seus sinônimos se aproximam das seguintes significações: ‘picada’, ‘incitação’, ‘inteligência’, ‘esperteza’ e ‘inteligibilidade’, ‘contraste’ e/ou ‘resplendor’. As palavras, mais uma vez, revelam como *la pointe* remete ao sentido de intensidade e de clareza, questões que estão relacionadas com a sensibilidade do escritor e se aproximam da ideia de metáfora. Jean-Vincent Blanchard, ao estudar a retórica dos jesuítas durante o século XVII trouxe, de modo breve, uma explicação do termo através do que disse Mercedes Blanco, quando afirmou que a metáfora é o primeiro degrau de *la pointe*, porque ela substitui uma coisa por outra. Além disso, Blanchard abordou como a escrita *pointue* provoca o “maravilhamento” e estimula o espírito do escritor, oferecendo uma verdadeira revolta de significado.²⁹⁷ Já para Jean-Charles Darmon, em *Cyrano* encontramos uma retórica agressiva, subordinada à estética de *la pointe*, que indicaria a pura encenação de espírito do escritor.²⁹⁸

O debate sobre *la pointe* irradia uma relação com o chamado ‘equívoco’. O termo é utilizado no âmbito dos estudos literários, em francês *équivoque*, e significa aquilo que tem duplo sentido, que contém mais de um significado. Uma escrita equívoca é aquela que faz uso dos múltiplos sentidos das palavras e os empregam em diferentes momentos privilegiando os vários significados. A autora Bérengère Parmentier considerou o equívoco como uma palavra, uma expressão ou um enunciado que está aberto aos vários sentidos e que pode provocar a indução ao erro ou o clamor à cumplicidade. O que foi observado por Parmentier indica que *équivoque* também pode ser entendido a partir da ideia de ambiguidade, algo que está em constante oscilação e possui grande versatilidade. Apesar disso, o equívoco não exclui a

²⁹⁵ DARMON, Jean-Charles. *Le songe libertin*. *Cyrano de Bergerac d’un monde à l’autre*. Paris: Klincksieck, 2004, p. 52 e 53.

²⁹⁶ KORS, Alan Charles. *Epicureans and Atheists in France, 1650-1729*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 74.

²⁹⁷ BLANCHARD, Jean-Vincent. *L’optique du discours au xvii^e siècle*. De la rhétorique des jésuites au style de la raison moderne (Descartes, Pascal). Canada: Presses Université Laval, 2005, p. 65.

²⁹⁸ DARMON, *op. cit.*, p. 53.

tomada de posição, pois “ele exerce uma função ofensiva e ao mesmo tempo defensiva. É o pivô de uma escrita que avança sobre o fio, entre provocação e prudência, entre a ironia crítica e a dissimulação tática”.²⁹⁹ Pensando na escrita de Cyrano, a alusão ao equívoco é explícita, pois não há uma frase inequívoca e os seus locutores, inclusive o narrador, apresentam afirmações versáteis, diversas e em certa medida incertas. Cada um dos fatos apresentados ou os fenômenos descritos são mediados pela ironia; e a multiplicação das âncoras referenciais confere a cada elemento da história, começando pela estrutura geral das viagens, uma pluralidade de significações.³⁰⁰ No estudo sobre as histórias dos equívocos a partir da obra de Baltasar Gracián (1601-1658), Jean-Pierre Cavaillé observou como o significado e a avaliação estética do equívoco dependem das interações sociais nas quais ele intervém e das quais ele faz parte. Um equívoco, como qualquer outra figura da mente, deve ser belo e também eficaz. A eficiência social e a beleza devem estar juntas para se obter o efeito desejado. Foi por isso que Cavaillé identificou uma relação entre o equívoco e *la pointe*. Ambos surgem como uma resposta do espírito do escritor às circunstâncias. Resposta que se manifesta em um exercício que pode ser chamado de “arte de espírito” e significa “a arte pela qual o ator excepcional manifesta sua excelência na exploração fulgurante de contingência”.³⁰¹ ‘Fulgurante’ pode ser qualificado como aquilo que possui a capacidade de relampejar intensamente, que possui um brilho intenso; a palavra ‘contingência’ está ligada à possibilidade de que algo aconteça ou não, algo que pode ou não ser. Assim, a arte do espírito intensifica o brilho das palavras e, ao fazer isso, produz uma narrativa plural que invoca os mais variados elementos que possuem significados inconstantes e uma alta carga imaginativa. O que tudo indica é que o equívoco e *la pointe*, ou melhor, *la pointe* por equívoco, são unidas por Cyrano no seu exercício da literatura, por causa da capacidade que elas dispõem de intensificar a mensagem ficcional que o escritor deseja transmitir aos seus leitores.

Nas viagens de Cyrano até os seus personagens podem ser reconhecidos como seres equívocos por utilizarem discursos diversos baseados em referências distintas e conflitantes. Em *Viagem à Lua*, pode-se encontrar um exemplo com o Demônio de Sócrates, indivíduo de

²⁹⁹ “(...) elle exerce une fonction offensive en même temps que défensive. C'est le pivot d'une écriture qui avance sur le fil, entre provocation et prudence, entre ironie critique et dissimulation tactique.” PARMENTIER, Bérengère. Le démon de Socrate. L'allusion equivoque dans L'Autre monde de Cyrano de Bergerac. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques* [En ligne], n. 33, 2004, p. 3. Tradução livre da autora.

³⁰⁰ “chacun des faits présentés ou des phénomènes décrits est médié par l'ironie; et la multiplication des ancrages référentiels possibles confère à chaque élément du récit, à commencer par la structure d'ensemble du voyage cosmique, une pluralité de significations”. Ibid., p. 2. Tradução livre da autora.

³⁰¹ “l'art de l'esprit est l'art par lequel l'acteur d'exception manifeste son excellence dans l'exploitation fulgurante de la contingence”. CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Histoires d'équivoque. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques* [En ligne], n. 33, 2004, p. 2. Tradução livre da autora.

origem solar que vive na Lua e serve de guia para Dyrcona. O guia representa, com sua origem diferente, uma voz divina que também aparece como familiar, como natural ou como sobrenatural, e as suas opiniões oscilam conforme a variedade de referências filosóficas contraditórias que apresenta. Em *Viagem ao Sol*, o personagem equívoco é Campanella, filósofo que habita a Província dos Filósofos e é o responsável por apresentar a região para Dyrcona. Assim como o demônio, o filósofo experimenta duas naturezas, a humana, antes de habitar o Sol, e a espiritual, após habitar o globo solar. Além disso, o filósofo é defensor de discursos epicuristas e cartesianos, o que também indica uma contradição.³⁰²

A primeira conversa estabelecida entre Dyrcona e o demônio de Sócrates é em grego, questão que surpreende o viajante, em razão de encontrar no mundo da Lua um habitante que se comunica através de um idioma terreno. Conforme o demônio, os seres humanos o qualificam como oráculo, ninfa, gênio, fada, deus, lêmure, larva, lâmia, duende, incubu, sombra, espectro ou fantasma. A listagem indica que os humanos teriam tido contato com ele e, por conta de sua natureza diferente, assumiram que sua aparição fosse sobrenatural. Na verdade, o gênio possui origem solar, condição que não impede que ele visite a Terra e a Lua, pois o Sol, seu mundo de origem, se encontra muito povoado “por causa da longa vida de seus habitantes, e porque está quase livre de guerras e de doenças” e “de tempos em tempos” os seus magistrados enviam colônias aos mundos circunvizinhos, condição que explica os seus deslocamentos. O demônio relata que vive na Lua e faz questão de mencionar as suas expedições anteriores. Em sua primeira viagem, visitou a Grécia e conheceu Sócrates, Tebas, Epaminondas, Catão e Brutus e, em solo italiano, sob o reinado de Augusto, afirma ter aparecido para Drusus, filho de Lúvia. Em sua segunda viagem para a Terra, andou pela Europa e conversou com Cardano, Agripa, o abade Triteme, o doutor Fausto, La Brosse, César, os Cavaleiros da Rosa-Cruz e Campanella. Na França, conviveu com La Mothe Le Vayer, Gassendi e Tristan L’Hermite.³⁰³ Depois de citar quem foram os grandes personagens com quem conviveu em solo terreno, o demônio anuncia para Dyrcona como não somente conviveu, mas também influenciou muitos desses grandes homens ao “aparecer” e lhes instigou, com as suas próprias inspirações, nos momentos em que eles mais precisavam tomar decisões importantes. Dessa maneira, o demônio de Sócrates sente que foi o responsável por iluminar as ideias daqueles com quem conviveu, o que explica como ele ficou conhecido como um oráculo, um gênio ou um espectro entre os humanos. Nesse sentido, o demônio de

³⁰² PARMENTIER, *op. cit.*, p. 6-9.

³⁰³ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 48-49.

Sócrates se descreve para Dyrcona como um mentor e um conselheiro, alguém que quer inspirar e orientar os seres humanos.

Não é uma coincidência o fato de Cyrano ter escolhido o personagem do demônio de Sócrates para ser o guia particular de Dyrcona durante a sua passagem pela Lua. Nesse sentido, o ser é representante da experiência e da busca pelo conhecimento, aspectos que Sócrates adquiriu durante as suas viagens e conforme o convívio com diferentes pensadores, situações que autorizam o seu discurso. Embora, em alguns momentos, ele revele o seu lado provocador, como quando compara os seres humanos com os vegetais para questionar as naturezas e os destinos finais elegidos para cada ser, Sócrates desempenha o seu papel como guia de modo exemplar e apresenta as mais belas maravilhas do mundo lunar para Dyrcona. Além disso, Sócrates é quem advoga a favor do viajante quando ele é quase “condenado à água”, forma como o tribunal do Império lunar extermina os ateus. O ser equívoco pode ser entendido como um mediador das situações de embate que o viajante perpassa com os sacerdotes lunares. Consequentemente, o demônio é requisitado em praticamente todo o momento do romance e passa boa parte da trama ao lado de Dyrcona e envolvido em diversas reflexões sobre as semelhanças e diferenças do mundo lunar com relação ao mundo terráqueo.

Interessado pelos mistérios da natureza do demônio, o viajante questiona se os corpos dos habitantes do Sol são como os dos habitantes da Terra. Sócrates afirma que eles são corpos, mas são diferentes da constituição física do ser humano, que pode ser tocada, pois eles estão mais próximos de um agregado de partículas, apesar de serem obrigados, quando desejam ser vistos pelos terráqueos, a tomarem corpos proporcionais aos que os seus sentidos são capazes de identificar. Diante da explicação, Dyrcona assegura que o que fez com que os seres humanos pensassem que a história narrada sobre os solares era apenas “efeito do delírio dos fracos procedia do fato de eles só apareceram à noite”. O demônio de Sócrates então argumenta que como

eram obrigados a construir ele mesmo, e apressadamente, os corpos de que precisavam servir-se, muito frequentemente somente tinham tempo de torná-los dependentes de um sentido, ora do ouvido como as vozes dos oráculos, ora da vista como os fogos-fátuos e os espectros, ora do tato como os incubos e os pesadelos, e que essa massa sendo apenas ar espessado desta ou daquela maneira, a luz destruiria com seu calor, assim como a veremos dissipar a névoa, dilatando-a.³⁰⁴

A descrição de Sócrates indica que os solares são espíritos, a forma pela qual o ser humano pode identificá-los, ainda que eles se materializem em vozes ou apareçam como

³⁰⁴ Ibid., p. 51.

espectros e apareçam em sonhos. A carência de assimilação é o motivo que impede com que os humanos percebam os espíritos, logo, para que os solares estabeleçam uma comunicação com a humanidade – de modo a instruir sobre os segredos da natureza – eles precisam se transformar. Aqui Cyrano está demonstrando o seu lado sarcástico, pois a falta de conhecimento da natureza e do universo entre os humanos são as condições que fazem com que eles atribuam significados misteriosos para tudo aquilo que é desconhecido ou inexplicável. Desse modo, o escritor convoca um diálogo sobre as possíveis interpretações que se pode ter sobre os impulsos humanos com relação aos limites da natureza e sobre as mediações possíveis que existem entre o humano e o divino.

A grande crítica de Cyrano, expressa através da explicação da origem da figura do demônio, está direcionada às crenças sobrenaturais e às crenças populares da época que reivindicavam um pensamento mágico. A sátira é evidente no trecho em que Dyrcona assegura ao demônio que os humanos pensavam que as histórias sobre os espíritos eram apenas efeito do delírio dos fracos, pois eles apareciam somente à noite. O demônio de Sócrates pode ser entendido como uma personificação da crença nos espíritos, assim como acreditavam os religiosos do século XVII, por isso que a condição do demônio e a sua redução à natureza humana atingem o sobrenatural cristão e os fundamentos da doutrina e da tradição cristãs. Com relação a isso, Parmentier alertou como a crítica se tornou maior para os teólogos, que são levados a admitirem e consagrarem as mais diversas concepções do demonismo ao integrá-las como prova na ordem sobrenatural cristã. Os demonologistas cristãos tinham outra frente para defender: eles não se opunham somente à construção de uma natureza onde todo o prodígio era excluído, mais também a integração do prodígio em uma natureza que toma o lugar de Deus. Para a autora, essa foi uma linha de ataque que se desvaneceu gradualmente no início do século XVII, e que emergiu no tempo de Cyrano como um passo intelectual antiquado, o que explica a crítica do escritor.³⁰⁵

As constatações identificadas anteriormente explicam a escolha do demônio como o guia de Dyrcona. Um personagem que representa o interesse histórico de Cyrano por uma figura que é equívoca por natureza e que foi invocada, durante muitos séculos, pela tradição cristã ou pagã. O personagem do demônio de Sócrates também pode ser entendido como um eco dos homens daquele tempo, do século XVII, o contexto da caça às bruxas e dos casos de possessões demoníacas que desencadearam uma verdadeira obsessão pelos “demônios”, como

³⁰⁵ PARMENTIER, *op. cit.*, p. 8.

evidenciaram os escritos dos demonólogos e também grandes áreas da literatura.³⁰⁶ Além disso, o escritor reivindica através do personagem demônio de Sócrates os fenômenos espantosos e fantasiosos, monstros e maravilhas, que se integram na ordem de uma natureza em que o conhecimento, por assim dizer racional, despertava a admiração. Questão que pode ser interpretada como uma influência do naturalismo, ideia que baseou e influenciou Cyrano naquele momento – outros pensadores do período também o fizeram, mas o relacionaram com o pensamento mágico. Em todo caso, o escritor deixa evidente, através das viagens, a sua posição naturalista e materialista, pois em *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* tudo é natureza e matéria, dois elementos que para Cyrano são fundamentais para compreender o mundo em que os seres humanos vivem.

O personagem de Sócrates, com suas várias facetas, se mostra diverso e conflitante. Apesar de ser um espírito, ele se comunica com os seres humanos através da transformação. Em virtude do seu poder, ele pode influenciar muitos seres em vários ambientes, ora na Terra, ora na Lua ou no Sol. O que é impressionante são as menções sobre os pensadores com quem o personagem alegou ter convivido e as referências que ele reivindica em suas falas. As considerações de Sócrates exploram filosofias divergentes, com formas de ficção distintas: o real e a lenda, o passado e o presente, o antigo e o atual, como alertou Parmentier. As multifacetadas do demônio são elementos que contribuem para qualificá-lo como um personagem equívoco. Além disso, o status do personagem é exemplar da prática de escrita de Cyrano que materializa as suas ideias em textos que possuem uma característica específica: de projetarem “a cada frase, a cada palavra, não somente um duplo sentido, mas uma pluralidade de sentidos possíveis”.³⁰⁷ Assim, o leitor das obras de Cyrano se vê aberto às novas possibilidades de interpretação e livre de possíveis pontos referenciais, pois ele se torna um voador e um explorador como Dyrcona e juntos empreendem viagens que permitem o conhecimento das novas realidades da Lua e do Sol, que transcendem o esperado, o certo e o errado.

Em *Viagem ao Sol*, o personagem equívoco pode ser reconhecido em Campanella. Dyrcona o encontra durante as suas andanças pelas regiões opacas do mundo solar. Ele se apresenta como Campanella, um calabrés de nação, que após a sua chegada ao Sol utiliza o seu tempo para visitar os climas daquele globo e descobrir as suas maravilhas. Mediante a surpresa do viajante com a ideia de que existem filósofos no Sol, o calabrés responde que eles

³⁰⁶ Ibid., p. 7.

³⁰⁷ Ibid., p. 2.

são os principais habitantes do mundo solar, “aqueles mesmos com que a gente do vosso mundo enche a boca”.³⁰⁸ O ancião esclarece que as almas dos filósofos chegam até a massa luminosa do Sol pelo princípio de semelhança, são atraídos pelo calor, o que faz com que aquele mundo seja formado por espíritos dos mortos dos orbes circunvizinhos, como Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno. Existem três ordens de espíritos em todos os planetas. “Os mais grosseiros servem simplesmente para reparar a gordura do sol. Os mais sutis insinuam-se no lugar de seus raios, mas os dos filósofos, sem nada terem contraído de impuro no exílio, alcançam, íntegros, a esfera da luz, para ali habitarem”. Os filósofos são diferenciados, pois são considerados seres completos, condição que não permite que eles se tornem partes integrantes da massa solar como os outros seres que ascendem aos céus. “As almas dos filósofos, em comparação das outras almas, são o que o ouro, os diamantes e os astros são a respeito dos outros corpos, de sorte que Epicuro no sol é o mesmo Epicuro que outrora viveu na terra”.³⁰⁹ As almas e os espíritos são intercambiáveis na explicação de Campanella e sua última reflexão reitera que os filósofos, quando sobem aos céus, mantêm o seu ser integralmente, como eram antes de estarem mortos, diferente das outras almas.

Para Alcover, nada em *Viagem à Lua* e em *Viagem ao Sol* justificaria a última suposição feita pelo filósofo. Ela então propõe que a suposição seja entendida a partir da ideia da tradição hermética, pois “os filhos de Hermes ambicionavam se tornar como os deuses, porque para eles, segundo as palavras de Hesíodo: ‘uma é a raça dos homens, uma é a dos deuses, todas as duas da mesma mãe’”. A partir da influência hermética, a transição de uma para outra natureza, embora excepcional, foi considerada como um fato possível conforme as ideias propostas por Campanella. De acordo com a teoria das duas naturezas, no caso dos espíritos que se misturam à massa do astro, procede-se o conhecimento do destino de uma morte, e, na situação dos filósofos, que possuem uma imortalidade condicionada pela iniciação para outros, ocorre uma sobrevivência residual.³¹⁰ De qualquer forma, mais uma vez as temáticas do sobrenatural e do natural aparecem nos escritos do Cyrano. O humano, o espiritual e o maravilhoso são os principais pontos que aparecem entrelaçados nas narrativas

³⁰⁸ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Tradução José Maria Machado. São Paulo: Edição Clube do Livro, 1995, p. 155.

³⁰⁹ Ibid, p. 156-157.

³¹⁰ “les fils d'Hermès ambiontionnaient de devenir semblables à des dieux, parce que pour eux, suivant le mot d'Hésiode: "une est la race des hommes, une celle des Dieux, toutes deux issues d'une même mère". EVOLA, Julius. *La tradition hermétique*, Paris: Éd. Traditionnelles, 1962, p. 110 apud ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970, p. 133. Tradução livre da autora.

de Cyrano, circunstância que pode ser entendida como uma maneira do escritor constatar que tudo é natureza, a essência formadora dos seres e do próprio mundo.

Após a explicação de Campanella sobre como os espíritos e as almas chegam até o astro luminoso, ele confessa para o viajante que está com pressa, porque está indo ao encontro de um amigo “chegado de pouco” na província. Dyrcona então reconhece que o amigo “era o famoso filósofo do nosso tempo, o Sr. Descartes” e pergunta para Campanella se ele possui estima pela Física do amigo. Para o ancião, o pensador deveria ser lido “com o mesmo respeito com que se ouve pronunciar os oráculos”. Para Campanella, os princípios da ciência cartesiana são tão simples e naturais que uma vez exposta, não existe mais nenhuma que melhor satisfaça a todas as aparências. As obras de quem considera um “grande homem”, um verdadeiro e consumado filósofo, são consideradas tão profundas e sutis que necessitam de muita atenção para serem compreendidas, motivo que faz com “que não haja um filósofo no sol que por ele não sinta grande veneração, tanto que ninguém lhe contesta o primeiro lugar, se a isso não se opuser a sua modéstia”.³¹¹ Os elogios de Campanella para com a figura do filósofo cartesiano esbarram com as possíveis inclinações epicuristas das suas explicações sobre como os espíritos formam o Sol. O atomismo, ideia de que Epicuro e Lucrécio eram partidários, propunha que as partículas da matéria eram eternas, indestrutíveis e imortais, embora os objetos do universo fossem transitórios e finitos. Dessa maneira, as formas observadas no mundo são temporárias e o que as compõe é a redistribuição, tal como o processo vivenciado pelas almas e os espíritos que chegam até o Sol, como é explicado pelo guia Campanella.

As referências retomadas pelo filósofo no Sol ilustram a ambiguidade dos personagens de Cyrano, o que pode ser entendido ao contextualizarmos as suas obras. Durante o século XVII, o debate entre libertinos, cartesianos e atomistas eram intensos, a ponto de existirem discordâncias consideráveis, como foi o caso de Gassendi e Descartes, em que ambos tinham ideias diferentes sobre o vácuo. Os guias de Dyrcona e os temas que eles reivindicam demonstram o envolvimento e o interesse do escritor pela disputa de ideias. *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* representam os conflitos vivenciados no contexto letrado por Cyrano, que buscava maneiras de interpretar o mundo vivido. Desse modo, as ideias apresentadas pelas suas obras, que oscilam entre referências conflitantes e temas complexos, indicam a busca do escritor pela compreensão do universo através de sua pena. Mais uma vez, o recurso do

³¹¹ CYRANO DE BERGERAC, *op. cit.*, p. 157-160.

equívoco, aliado a imaginação, aparece como uma estratégia de escrita que ilumina as questões existenciais de Cyrano e dos escritores libertinos.

Outra questão que está relacionada com a escrita *pointue* e equívoca de Cyrano são as figuras de uma argumentação polêmica, que foram reconhecidas por Darmon, principalmente no caso de *Lettres* [Cartas], publicada em 1654. Em termos gerais, a polêmica envolve o exercício da disputa, de causar controvérsias em determinado campo, e está relacionada com as refutações ou com a busca por comprovações de determinada tese por aquele que escreve. Assim como Darmon, o tema da polêmica mobilizou autores como Claudine Dédélec e Gérard Ferreyrolles, os quais o classificaram como uma característica atinente do século XVII. Inclusive, o tema da polêmica também pode ser observado no burlesco, elemento que corresponde à literatura barroca da época³¹² – com relação a isso é importante salientar que a literatura barroca também se encontra em produções anteriores, como do século XVI, tal como as obras de François Rabelais exemplificam. Para Ferreyrolles, um dos elementos relacionados ao discurso polêmico é o espaço que ele abre para o discurso de um combate perpétuo. Além disso, todo discurso é um discurso polêmico, partindo de uma perspectiva metafísica heraclitiana. O mesmo autor também reconhece que a estética de *la pointe* de Cyrano só faz sentido dentro de um universo concebido em discórdia permanente.³¹³ Tal concepção também foi compartilhada por Darmon, ao dizer que a *polémicité* oferece um campo de eleição para os fogos de artifício de *la pointe*, uma matriz de engendramento ao texto satírico, e que constitui um princípio de movimento indispensável à imaginação. Os elementos de funcionamento do discurso polêmico coincidem com o deslocamento experimental do ponto de vista cujas dimensões científicas, morais, políticas e metafísicas se manifestam nas viagens para a Lua e o Sol.³¹⁴ A polêmica apresentada por Cyrano em suas obras, com sua dimensão crítica e, ao mesmo tempo, experimental, é uma defesa do prazer através da escrita, de poder imaginar, apoiar ou questionar qualquer coisa que o escritor queira, não importando o quê. E essa seria uma espécie de *la pointe* bem conduzida.³¹⁵ Além disso, a polêmica das viagens anuncia a presença da verossimilhança, que para Darmon aparece nos escritos da Lua e do Sol como uma figura pertencente ao paradoxo e ao movimento de posição-oposição das palavras que estimulam o discurso do escritor. Nesse

³¹² NÉDELEC, Claudine. Burlesques et polemiques. *Littératures classiques*, v. 59, n. 1, 2006.

³¹³ FERREYROLLES, Gérard. Le XVII^e siècle et le statut de la polémique. *Littératures classiques*, v. 59, n. 1, 2006, p. 8.

³¹⁴ DARMON, *op. cit.*, p. 52.

³¹⁵ ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970, p. 158.

sentido, a escrita polêmica serve para Cyrano como um método de escrita e serve de auxílio para que o autor se distancie das crenças comuns, das muitas superstições ou das afirmações dogmáticas, que cercavam a sociedade francesa da época. Com relação a isso, o livre-pensador, de modo sagaz – arguta, *pointue* –, extrai das crenças e normas, que eram impostas, os germes mais ativos de sua inventividade.³¹⁶

Uma última consideração a ser feita com relação à polêmica repousa sobre a aparente crítica do autor para com os pensadores da fé, questão que se relaciona com o que diz Erica Harth sobre as viagens da Lua e do Sol oferecerem perspectivas destinadas a destruir a mentalidade estreita do ser humano.³¹⁷ Para Cyrano, a mentalidade estreita do ser humano não estaria somente com os homens da fé e sim com todos os indivíduos presunçosos que acreditam em ideias que limitam a potencialidade do pensamento humano sobre o universo e a natureza.

Os elementos explicados anteriormente sobre a escrita de Cyrano são de extrema importância para a compreensão de suas obras, pois auxiliam no entendimento da escrita *pointue*, que caminha ao lado da imaginação excessiva do escritor. O que deve ficar claro é que os excessos imaginários são provenientes do exercício literário do século XVII, assim como da cultura daquele período. Em outras palavras, o contexto vivido por Cyrano era permeado por uma conjuntura de disputa, da pluralidade de discursos e de ideias sobre como interpretar as pesquisas sobre o mundo diante das descobertas da época. Ademais, na interpretação de Liebel, em sua análise sobre Cyrano e *Viagem à Lua*, ela reconheceu como o escritor estava inserido em um contexto em que “a poesia libertina de base naturalista é ofuscada por textos racionalistas, voltados à compreensão do funcionamento de universo, imiscuindo-se a contestação filosófica à contestação política”.³¹⁸ Assim, o escritor se inspira em reflexões advindas do naturalismo, do materialismo e do racionalismo e as mesclam com toques ficcionais – questão que indica como a literatura não está descolada do universo cultural e social que a produz. Desse modo, Cyrano explora as várias possibilidades escriturárias que o emprego da imaginação lhe permite.

A questão do emprego da imaginação pode ser exemplificada através de uma passagem de *Viagem ao Sol*, em que o viajante, Dyrcona, recebe uma elucidação sobre o princípio de metamorfose vivenciado pelos seres que habitam a região luminosa do Sol. O

³¹⁶ DARMON, *op. cit.*, p. 58.

³¹⁷ HARTH, Erica. *Cyrano de Bergerac and the polemics of modernity*. Columbia University Press, New York and London, 1970, p. 137.

³¹⁸ LIEBEL, Silvia. *Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta-cabeça em Cyrano de Bergerac*. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, v. 11, n. 2, 2016, p. 493.

pequeno rei de todos os seres que se metamorfoseiam e se tornam um só ou vários seres, se transforma em um “grande jovem” e faz a seguinte declaração para o viajante: “Agora, sem danificar a delicadeza dos meus pulmões, eu poderei falar sobre coisas que você terá paixão em saber”. Ele continua a sua reflexão dizendo:

É bastante razoável descobrir diante de você os segredos ocultos da nossa origem. Saiba, então, que nós somos animais nativos do Sol das regiões iluminadas. A mais comum como a mais útil de nossas ocupações é viajar pelas vastas terras deste grande mundo. Nós observamos curiosamente os costumes dos povos, o gênio dos climas e a natureza de todas as coisas que podem merecer nossa atenção, por meio das quais nós nos formamos uma ciência correta do que é.³¹⁹

O trecho trata de como os seres iluminados conhecem o mundo: através das suas viagens e no decorrer dos seus deslocamentos, acumulam informações que lhes tornam seres conscientes do espaço em que vivem. A descrição pode ser entendida como uma referência à instrução através da observação da natureza, que é o que faz o narrador das duas obras. O pequeno rei diz estar revelando um segredo oculto, pois eles adentram em outros ambientes metamorfoseados, sem que possam ser detectados. Tal informação pode ser uma crítica explícita ao ser humano da época, ao modo como ele supostamente proclamava o seu desejo de ser considerado o mais importante habitante do universo e que, por causa disso, seria o primeiro ser contemplado com os indícios da possível existência de outras “naturezas”. A imaginação de Cyrano, de maneira inversa ao que defendiam os sacerdotes, leva o seu viajante até o mundo solar e permite que ele se depare com outras possibilidades de vida, da existência de novos mundos, de seres e até mesmo de costumes, questões que demonstram o seu interesse pela exploração do lúdico, do possível ou do impossível e as evidências da sua irônia.

Em *Viagem à Lua*, o momento em que o viajante debate com o demônio de Sócrates sobre a vida sensitiva das plantas é um exemplo de como Cyrano excede os sentidos em seus escritos. Durante um jantar, o gênio, o hospedeiro de Dyrcona na Lua, questiona o viajante sobre a possibilidade da couve, um vegetal, ser ou não ser uma criatura criada por Deus, tal

³¹⁹ “C'est maintenant que, sans endommager la délicatesse de mes poumons, je pourrai t'entretenir des choses que tu passionnais de savoir (...) il est bien raisonnable de te découvrir auparavant les secrets caches de notre origine. Sache donc que nous sommes des animaux natifs du soleil dans le régions éclairées. La plus ordinaire, comme les plus utile de nos occupations, c'est de voyager par les vastes contrées de ce grand monde. Nous remarquons curieusement les moeurs des peuples, le génie des climats et la nature de toutes les choses qui peuvent mériter notre attention, par le moyen de quoi nous nous formons une science certaine de ce qui est.”. CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 241. Tradução livre da autora.

como os seres humanos são, de acordo com o pensamento difundido pelos cristãos. De acordo com o gênio, se a planta pudesse falar diria:

Homem, meu caro irmão, que te fiz eu para merecer a morte? Eu somente cresço em teu jardim e nunca me encontro em lugares selvagens onde viveria em segurança; não quero ser obra de outras mãos, somente das tuas, mal acabo de sair delas, a elas já estou de volta. Levanto-me do chão, desabrocho, estendo-te os braços, ofereço-te meus filhos germinados e, como recompensa à minha gentileza, mandas cortar-me a cabeça.³²⁰

Para corroborar com a mensagem dotada de sensibilidade da citação acima, o gênio continua: “pelo fato de ela não saber queixar-se, podemos fazer-lhe exatamente todo o mal que ela não poderia impedir? Se encontro um miserável amarrado, posso, sem crime, matá-lo, porque ele não pode defender-se?”. Em resposta, ele alega: “pelo contrário, minha fraqueza agravaria minha crueldade; pois, por mais que esta infeliz criatura seja pobre e seja privada de todas as nossas vantagens, não merece a morte por tal razão. Como!”, pois, “de todos os bens da existência, ela possui o de vegetar e nós lho arrancamos. O pecado de massacrar um homem não é tão grande porque um dia ele irá reviver, quanto cortar uma couve e tirar-lhe a vida, a ela que não pode esperar nenhuma outra”.³²¹

As passagens são críticas voltadas à ideia da imortalidade e do paraíso como o destino final dos seres humanos, crença que era alimentada pelas instituições eclesiásticas. A ironia reside na comparação feita pelo gênio entre os vegetais e os humanos. O que Cyrano ataca através dessas passagens é o lado prepotente da raça humana, que se considera superior até mesmo com relação à criação “dada” por Deus. O gênio, numa tentativa de igualar as espécies, se volta contra a ideia da imortalidade da alma. Ao passo que os vegetais foram considerados diferentes da espécie humana, eles foram excluídos da possibilidade de acessarem o paraíso e, por causa disso, as couves foram destinadas a viver apenas uma vez, uma vida, uma única chance que lhes foi concedida e é ceifada justamente pelo ser que dispõe da possibilidade de reviver após a morte. Cyrano fez uma releitura avessa ao que as Sagradas Escrituras propõem para o fim humano e questiona a própria crença no paraíso. Para tanto, o autor se utiliza de uma comparação incômoda, que revela o complexo de superioridade em que os seres humanos acreditam sobre si mesmos e com relação à natureza que os cerca.

O gênio continua a sua reflexão, agora com um tom muito mais impiedoso diz:

³²⁰ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 90.

³²¹ *Ibid.*, p. 90.

Destruís a alma de uma couve ao fazê-la morrer: mas, ao matar um homem, apenas mudais seu domicílio; e digo ainda mais: visto que Deus, o Pai comum de todas as coisas, ama igualmente suas obras, não é razoável que ele tenha partilhado igualmente seus benefícios entre nós e as plantas? É verdade que fomos os primeiros a nascer, mas na família de Deus não há morgadio: portanto, se as couves não receberam como nós sua parte do feudo da imortalidade, tiveram, sem dúvida, outras vantagens que, por sua grandeza, compensa sua breve duração; talvez seja um espírito universal, um conhecimento perfeito de todas as coisas em suas causas, e é talvez também por isso que este sábio princípio não lhes tenha dado órgãos semelhantes aos nossos, que possuem como única finalidade um simples raciocínio fraco e muitas vezes enganador, mas outros mais engenhosamente trabalhados, mais fortes e mais numerosos, que lhes servem para realizar suas especulativas conversas.³²²

A citação faz um questionamento a partir da reinterpretação de que: “se as couves não receberam como nós sua parte do feudo da imortalidade, tiveram, sem dúvida, outras vantagens que, por sua grandeza, compensa sua breve duração”. O gênio transforma a possível disparidade entre vegetais e humanos em uma particularidade e uma vantagem das couves com relação aos segundos. Além da crítica central sobre a alma, o trecho conduz a pensar sobre a importância da natureza como um todo, uma clara proposta naturalista do escritor. A questão é uma das grandes reflexões que aparecem nas obras de Cyrano. A couve, que representa as plantas, é considerada detentora dos instintos, revelados através dos órgãos e dos sentidos. Já o ser humano, enquanto animal racional, não segue o instinto, mas sim a razão, faculdade que substitui o instinto. O instinto seria a verdade. É por isso que o ser humano não consegue atingir o conhecimento total da natureza, embora ele possa alcançar, em certo grau, algo próximo da verdade. Diante da insuficiência da razão, ao ser humano só resta ampliar seus dados com os instrumentos científicos, as investigações e os livros. Se a busca humana for o instinto, talvez ele seja alcançado em algum tempo, pois ele pode vir a se manifestar conforme certo grau de evolução, mas, para isso, é preciso se desprender dos sentimentos de medo e orgulho. Sendo assim, Cyrano convida os seus leitores a seguirem os sentidos e os significados provenientes da natureza.³²³

O gênio esclarece o que acabou de ser explicado. Ele, então, questiona: “Perguntar-me-eis, talvez, o que nos comunicaram em referência a estes grandes pensamentos?” e ele responde da seguinte maneira:

Como não há proporção, relação nem harmonia entre as faculdades imbecis do homem e as dessas divinas criaturas, essas couves intelectuais esforçar-se-iam em

³²² Ibid., p. 91.

³²³ ALCOVER, *op. cit.*, p. 152-155.

vão para fazer-nos compreender a causa oculta de todos os acontecimentos maravilhosos, faltam-nos sentidos capazes de receber estes altos conhecimentos.³²⁴

O trecho expressa os significados de exceder o sentido, que serve para impulsionar a compreensão. Portanto, é preciso ir além do que os costumes ou os teólogos dizem saber sobre o funcionamento das coisas. Para isso é necessário que o ser humano deixe de lado a vaidade e o antropocentrismo. A crítica de Cyrano é precisa nesse sentido, pois evidencia que para o ser humano atingir uma possível verdade seria necessária que a humanidade se tornasse crítica de si mesma ou se tornasse mais próxima de uma opinião relativista sobre as coisas.

Diante disso, pode-se reconhecer como as viagens de Cyrano contém uma tópica que perpassa as narrativas e se relaciona com a escrita *pointue*, que é questão do saber humano. A busca pelo conhecimento é um tema que atravessou os debates dos filósofos do século XVII, pois, entre polêmicas metafísicas e polêmicas científicas, discutia-se sobre o entendimento da natureza. No campo da literatura, as obras de Cyrano são os exemplos máximos da busca pelo saber e pela reflexão humana sobre a razão, ainda que o autor tenha os seus limites enquanto poeta. Dessa forma, os exageros pontuais de Cyrano e os seus significados implícitos, os não ditos, favorecem o repertório imaginativo do leitor, fazendo com que ele se pergunte “por que não?”. Foi nesse sentido que Alcover afirmou que tudo o que Cyrano propõe em seus mundos ficcionais é explicado por ele, nenhum problema é rejeitado porque ultrapassa os limites do conhecimento, seja do ser humano ou da natureza sobre-humana do demônio de Sócrates ou de Campanella, que servem de guias do viajante Dyrcona na Lua e no Sol, respectivamente.³²⁵

O que pode ser destacado na literatura de Cyrano é como através de uma escrita aguda, equívoca e polêmica ele oferece ideias flutuantes e discursos que oscilam entre uma e outra ideia, com o desejo de potencializar o pensamento humano. Essa habilidade é decorrente de uma grande erudição que acompanha os bastidores do escritor, que devido aos seus métodos de escrita não aparece de forma explícita e consagrada em seus romances. A questão é que Cyrano possui uma bagagem considerável de autores, antigos e modernos, que aparecem de modo sutil em decorrência da alusão equívoca dos seus escritos. Nesse caso, para Parmentier, a função do equívoco só pode ser polêmica: o apelo a uma erudição sem fontes nem referências desestabiliza as doutrinas estabelecidas, multiplicando ao infinito as linhas virtuais. A função polêmica, a erudição e o equívoco permitem que Cyrano implante as potencialidades subversivas das doutrinas convocadas, sem ter que aderir nem engajar a sua

³²⁴ CYRANO DE BERGERAC, *op. cit.*, p. 91.

³²⁵ ALCOVER, *op. cit.*, p. 151.

palavra. É uma tática permanente e um modo de se esquivar, que distribui sobre os locutores fictícios, sobre as teorias antigas, as referências incertas, o lugar da responsabilidade.³²⁶ A opinião de Parmentier sobre Cyrano se esquivar do que escreve não é totalmente convincente, pois, mesmo que ele buscasse atenuar as suas críticas através da sagacidade, ainda assim não foi o suficiente para que as suas obras não sofressem com a censura, através da modificação dos escritos, quando publicadas postumamente. De qualquer forma, a reflexão é válida e importante de ser debatida, pois indica a potencialidade da escrita aguda de Cyrano, de como ela é encantadora e, ao mesmo tempo, subversiva, a ponto de pluralizar as interpretações que podem ser feitas sobre os seus escritos.

4.2 LER O MUNDO EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO ATRAVÉS DAS VIAGENS

No início de *Viagem ao Sol* Dyrcona anuncia ser um recém-chegado do mundo da Lua. Ele ainda diz que o piloto da embarcação em que se encontrava “ficou satisfeito, pelo preço do transporte e a honra de ter carregado em seu navio um homem caído do céu”.³²⁷ O trecho demonstra o desejo do autor de glorificar o ato do viajante e, ao mesmo tempo, ironizar a partir da expressão “caído do céu”, como se o retorno para a Terra fosse um milagre. A passagem expõe como o personagem está animado com o fato de estar de volta, pois poderá relatar aos terráqueos as aventuras vividas no mundo da Lua que, inclusive, são transformadas em livro durante a sua estadia na casa do amigo Colignac, em Toulouse. No decorrer das primeiras páginas de *Viagem ao Sol*, o narrador alimenta a expectativa do leitor sobre como o viajante fará para, novamente, subir aos céus e visitar o espaço solar, pois, assim como em *Viagem à Lua*, a ideia de que existem outros mundos no universo é lançada. Agora o Sol é considerado um mundo. Uma questão que também aparece no início da narrativa é o tema da viagem. Para além do que os títulos das obras indicam, o trecho transmite a ideia do deslocamento entre mundos feito por Dyrcona, que ora está na Lua, ora está na Terra ou, ainda, no Sol. A movimentação por espaços diferentes é o que alimenta o desejo de Cyrano em explicar tudo. O tema da viagem é, assim, um elemento importante e deve ser entendido como uma condição explicativa para reflexão filosófica libertina do autor.

³²⁶ PARMENTIER, *op. cit.*, p. 11.

³²⁷ “(...) le pilote se contenta, pour le nolage, de l’honneur d’avoir porte dans son navire un homme tombe du ciel”. CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 165. Tradução livre da autora.

O elemento da viagem se relaciona com o que disse Stéphane Van Damme sobre o deslocamento e a tópica da geografia, que esteve em evidência nas produções dos autores libertinos do século XVII. Para o autor, a prática da geografia se expressa de diferentes formas nos escritos. A narrativa que propõe o deslocamento para um ambiente imaginário pode ter o próprio escritor como narrador ou um personagem principal que vivencia a jornada. O fato é que, para Van Damme, a viagem é um elemento próprio do mundo libertino. Ele entende que existe uma clara relação entre a mobilidade real e o “quadro mental” dos céticos do século XVII que viram no tema da geografia uma oportunidade de ultrapassar os limites impostos pelos âmbitos religiosos, políticos e morais da época. Pensando no caso de Cyrano, as suas obras são exemplos claros da união entre o exercício do livre-pensamento e a temática das viagens. O resultado dessa comunhão revela escritos que se propõem a identificar meios de ler o mundo através da imaginação. O viajante-narrador e seus leitores vivenciam ficcionalmente uma jornada de transformação do pensamento e da visão sobre o próprio universo.

De acordo com Van Damme, o tema da mobilização nas narrativas dos libertinos e os lugares que são visitados em suas obras estão longe de serem espaços neutros. As viagens normalmente estão escritas em prosa e são consideradas “romances filosóficos”, o que significa que elas podem ser entendidas como experimentos de pensamento e não como uma desrealização ficcional. Elas conservam um valor heurístico na tradição retórica.³²⁸ A questão do valor heurístico se torna relevante. Enquanto substantivo, ‘heurístico’ significa a ‘descoberta dos dados’, a ‘investigação’ de algo ou uma ‘hipótese de pensamento’. Ao transportarmos essa ideia para as obras de Cyrano poderíamos entendê-las como reflexões, exercícios de raciocínio que apresentam discussões sobre os fatos através da literatura. Além do mais, o tema do deslocamento está na essência dos romances da Lua e do Sol, pois os contrastes entre os supostos habitantes e os modos de vida dos lunares e solares integram o método analógico do autor. São várias as aproximações, entre semelhanças e dessemelhanças, entre a Terra e a Lua ou entre a Terra e o Sol, mundos que têm os seus costumes imbricados através do recurso da viagem e servem como os propulsores das descobertas feitas por Dyrcona, quem busca ampliar os limites impostos ao universo pelos seres humanos.

Cyrano de Bergerac se preocupa com a potencialidade do raciocínio humano, já que vivia em um período que estava voltado para a expansão das ferramentas psíquicas e dos

³²⁸ VAN DAMME, Stéphane. La mappemonde sceptique: une géographie des “libertins érudits”. *Littératures classiques*, v. 92, n. 1, 2017, p. 95.

materiais que potencializavam a compreensão do universo, tais como as descobertas sobre o mundo feitas pelos astrônomos através do telescópio. A visão sobre a Terra se alterou conforme os céus se tornaram os objetos de análise. Desse modo, as viagens de Cyrano servem como meios de expressão das inquietações de uma época. É nessa direção que o demônio de Sócrates, conselheiro de Dyrcona durante a estada na Lua, alega o motivo de escolher a Lua como moradia: “os homens aqui amam a verdade, é que aqui não se veem pedantes, é que os filósofos se deixam persuadir pela razão, e nem a autoridade de um sábio, nem a da maioria, vencem a opinião de um debulhador, se o debulhador raciocina solidamente”.³²⁹ A passagem indica o clamor de Cyrano pela liberdade de pensamento e a luta contra a tradição da Igreja, dos escolásticos e do dogmatismo. A necessidade de pensar ou propor ideias sem ser julgado, perseguido ou condenado por elas é considerada motivo suficiente para se viver em outro mundo. Além disso, “amar a verdade” se refere à preocupação dos libertinos com a autenticidade do que é considerado como uma verdade. Para isso é preciso estar, ao menos, preocupado em alcançá-la, mesmo que, em alguns casos, Cyrano se aproxime de uma espécie de relativismo.

Enquanto obras literárias, *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* propõem a reflexão filosófica através da imaginação e estão alinhadas com uma proposta filosófica específica, a do materialismo. Para Alexandra Torero-Ibad, a imaginação em Cyrano é concebida como a principal modalidade de pensamento que, mesmo quando desenvolve ficções, continua a nos permitir apreender o real. É nesse sentido que Cyrano se diverte com a filosofia, o que não quer dizer que ele não propõe algo substancialmente filosófico em suas obras. Na verdade, ele leva muito a sério o trabalho filosófico precisamente porque ele concorda em rir disso. Assim, o exercício do pensamento é para o autor algo que lhe traz alegria, algo fantástico. Torero-Ibad indica que a posição filosófica elaborada por Cyrano é uma posição materialista. O escritor então considera que a matéria é um elemento fundamental que agrega todas as partículas existentes no universo, pois é o que constitui a natureza. Portanto, Cyrano, imbuído de sua posição material e de uma concepção naturalista de mundo, é original em responder à exigência sobre a realidade constituinte do universo de modo pluralista. Ele não foca em uma única hipótese, mas considera várias maneiras de apreender o real como material, de um mundo para o outro e de um jeito para o outro.³³⁰

³²⁹ CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007, p. 50.

³³⁰ TORERO-IBAD, Alexandra. *Libertinage et science dans le premier XVII^e siècle: le matérialisme de Savinien Cyrano de Bergerac*. Paris: Centre d'Etudes en Rhétorique, Philosophie et Histoire des Idées (CERPH), Institut d'Histoire de la Pensée Classique, 2006, s. p.

Com relação a isso, pode-se pensar a respeito da rejeição da autoridade que se encontra nas obras de *Cyrano de Bergerac*. A ideia, que também é defendida por Erica Harth, valida a importância que a autonomia de pensamento tem para escritor. Ela é vista como uma possibilidade alcançável, admirável e necessária para que o ser humano alcance o conhecimento. Segundo a tese da autora, a autoridade é um ponto central para *Cyrano*, pois é completamente negada nos dois romances. Autoridade para ele é tudo aquilo que remete a Aristóteles, à teologia e à combinação destes dois com a escolástica.³³¹ O viajante não se mantém sozinho nessa rejeição, pois Gonzales, espanhol considerado um macaco pelos lunares, também despreza a autoridade e parte para aquele mundo em busca da verdade. O espanhol reitera que no país em que vivia quiseram condená-lo à Inquisição, após declarar que existia o vácuo na natureza e que ele não conhecia outra matéria no mundo “mais pesada, uma do que outra”.³³² O personagem faz alusão às acusações dos sacerdotes aos indivíduos que defendem teorias que vão contra o que foi definido pelos escolásticos. Além disso, a passagem pode ser entendida como uma referência ao debate entre Pierre Gassendi e René Descartes sobre a existência do vácuo ou a negação dessa condição.

Na verdade, *Cyrano* defende o pluralismo de ideias, pois é um método utilizado para decidir dogmaticamente entre os diferentes sistemas de explicações que ele referencia durante as narrativas da Lua e do Sol. Ainda assim, ele opta por examinar o sistema materialista para mostrar que é possível se contentar com a matéria para explicar tudo que é vivo no universo. A sua tese não é proposta dogmaticamente e sim de maneira progressiva, um pensamento que vai se construindo aos poucos. Desse modo, diante de várias hipóteses possíveis, que são propostas pelos habitantes da Lua e do Sol, *Cyrano* demonstra que há apenas uma matéria e que ela basta para explicar tudo, o que não impede que ele se refira a uma diversidade de concepções de matéria, suas propriedades e as leis que a governam.³³³

Em decorrência das obras de *Cyrano* apresentarem múltiplos sentidos em cada uma de suas linhas, Michel de Onfray propõe uma ideia para decodificar o que *Cyrano* escreve: a anamorfose, que faz referência à reprodução de um objeto, que dependendo do ângulo em que ele for observado, ele aparecerá distorcido da realidade. A proposta do autor é de que *Cyrano* anuncia através das suas obras uma imagem deformada da realidade, o que produziria em seus leitores um sentimento estranho, ao lidarem com algo que pode parecer inédito e, ao mesmo

³³¹ HARTH, Erica. *Cyrano de Bergerac and the polemics of modernity*. Columbia University Press, New York and London, 1970, p. 114.

³³² CYRANO DE BERGERAC. *op. cit.*, p. 61.

³³³ TORERO-IBAD, *op. cit.*, p. 5.

tempo, monstruoso e diferente. Para Onfray, se pode reconhecer nos escritos de Cyrano uma anamorfose catóptrica, que seria como se o leitor estivesse lendo e olhando para acima de sua cabeça, como se contemplasse a abóbada de um edifício.³³⁴ Assim, a “observação” do mundo da Lua e do Sol pode revelar dois universos que anunciam representações distorcidas da realidade e que talvez indiquem a existência de uma verdade escondida ou apenas concepções diferentes que geram a reflexão. A observação do mundo proposta por Cyrano também implica que o universo seja visto como um grande animal em que viveriam pequenos animais, os quais só conseguem serem avistados ou encontrados se todas as partes que compõem o mundo animado sejam percorridas. O que indica que o escritor está propondo que o ser humano não pode se contetar com uma única verdade sobre as coisas, e que existem outros pequenos mundos que podem ser descobertos quando se ampliam as visões sobre eles ou os indivíduos simplesmente imaginam que existam modos e perspectivas diferentes e infinitas para serem observadas.

O mundo às avessas, estudado por Silvia Liebel, é uma perspectiva que também é acionada por Cyrano, pois é o que permite que ele denuncie ordenação de mundo defendida pelos sacerdotes e também pelo Estado absoluto. As diferentes perspectivas encontradas na Lua, onde se devem respeitar os mais novos ao invés dos mais velhos e onde a morte é recebida com alegria, ou aquelas encontradas no mundo do Sol, onde o viajante anda de ponta cabeça e as aves são tidas como seres dotados de razão, todas elas demonstram como a inversão possui um método que permite a denúncia dos erros humanos. O escritor transforma e apresenta o mundo do Lua e do Sol em espelhos disformes da sociedade francesa do século XVII, fazendo com que as similaridades entre a Terra e os costumes da Lua e do Sol sejam distorcidas pelas suas diferenças, que são manifestadas através da inversão de valores.³³⁵ Por isso, as viagens imaginárias de Cyrano revelam um questionamento máximo ao egocentrismo dos seres humanos e indicam o grande pavor humano diante do desconhecido.

A desconfiança é outro elemento que foi considerado, nas análises de Isabelle Moreau, como um princípio metodológico fundamental para a compreensão da escrita e da leitura das obras dos autores libertinos. A desconfinança também é alimentada por Cyrano e caracteriza a sua relação com os textos. Um ponto crucial para o escritor. *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* incitam a dúvida e estão embasadas na suspeita. As questões aparecem de forma clara no

³³⁴ ONFRAY, Michel. Les libertins baroques. *Contre-histoire de la philosophie III*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 2008, p. 209.

³³⁵ LIEBEL, Silvia. *O mundo às avessas na europa dos séculos XVI e XVII*: humor, sandice e crítica social. Dissertação de Mestrado em História. UFPR, Curitiba, 2006, p. 50.

mundo do Sol, no momento em que os pássaros solares falam sobre a morte e comparam as suas almas com a alma do ser humano. Para as aves, a alma do viajante não é imortal, o que justifica a causa da situação deplorável em que os humanos vivem, pois a morte é ruim apenas para aqueles que a enfrentam como um fim permanente. As aves declaram para Dyrcona que, depois de sua própria morte, ele será como aquele que não nasceu: um piscar de olhos, como se ele nunca tivesse existido antes. O ser emplumado continua a sua reflexão dizendo: “você será o que você foi uma piscadela na frente, e em uma piscadela do passado, você estará morto por tanto tempo quanto aquele que morreu mil séculos atrás”.³³⁶ A passagem expõe a crítica de Cyrano à crença na imortalidade da alma e no paraíso, ideia que foi alimentada pela doutrina cristã. A definição de morte dada pelas aves se aproxima da concepção de morte defendida por Lucrécio, de que a alma morre com o corpo, que não existe vida após a morte e que o fim não representaria nada para os seres humanos. Apesar do trecho estar voltado para uma rejeição da explicação teológica da morte, ele também anuncia o tom de desconfiança encarnado pelas aves. São elas que lançam a ideia de que a alma morre, pois entendem que a morte é um fenômeno que acontece de forma natural, sem avisos, causando a dúvida sobre a existência do paraíso e a possível aleatoriedade da existência humana. Então, a desconfiança de Cyrano pode ser entendida da seguinte forma: uma única contradição pode ser o suficiente para demonstrar a falsidade de alguma suposição, mas se nenhuma contradição for encontrada, não se deve concluir que uma suposição representa uma verdade. Para Harth, tal proposta não quer dizer que o autor não tente erradicar o seu ceticismo inicial, mas consegue modificá-lo. É por isso que a verdade para ele é um objeto desejável, mas que talvez não seja realista, dada as fraquezas da razão humana. Cyrano apenas se contenta com o que acredita que sua razão é capaz de alcançar.³³⁷ Ele, então, prefere lidar com o provável, o “quem sabe?”, o “talvez”, assim como o “por que não?”. Partidária de opinião semelhante, Alcover alega que para o escritor a verdade pode ser vislumbrada a partir da Terra, pois aquilo que é verdadeiro não faz parte de uma realidade sobrenatural, ela é possível de ser conhecida. Aqui está importância das viagens de Cyrano, que lançam para os seus leitores a oportunidade deles

³³⁶ “Tu seras ce que tu étais un clin d’œil devant, et ce clin d’œil passe, tu seras mort d’aussi longtemps que celui qui mourut il y a mille siècles”. CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. 270. Tradução livre da autora.

³³⁷ HARTH, *op. cit.*, p. 129.

examinarem a natureza da matéria, de buscarem por explicações diferentes para os fenômenos e buscarem pela essência das coisas.³³⁸ Sendo assim, tudo é possível, mesmo o extraordinário.

Quando Dyrcona, em *Viagem à Lua*, observa a Lua e a considera como um mundo, ele está tratando do vislumbre de uma nova possibilidade de pensamento. É uma metáfora para a busca do conhecimento sobre o mundo e, ainda, permite com que o viajante observe a Terra sob uma nova perspectiva, à distância que a transforma em outra Lua. O escritor promove uma inversão sublime: o que faz Dyrcona partir para a Lua pode ser entendido como uma representação do desejo humano pela verdade e a reivindicação da razão humana, mas ao longo do processo de busca, é preciso que o indivíduo esteja consciente das limitações que acompanham a sua razão. É preciso seguir os sentidos para reconhecer os estímulos do raciocínio, da razão e, mais do que isso, a analogia de avaliar os fatos.³³⁹ Caso não sejam fornecidas informações favoráveis àquilo que se pretende provar, o indivíduo pode até chegar a dizer que acredita em determinada coisa, o que não necessariamente significa que ele realmente acredite naquilo, pois a partir do momento em que se debate sobre algo, o indivíduo se arrisca ou é capaz de identificar outra possibilidade, uma compreensão expandida daquilo que nunca foi pensado antes.

Sobre a possível reflexão expandida proposta pelo demônio de Sócrates, eis uma fala simbólica para se pensar as possibilidades de interpretação do universo:

Imaginais que o que não poderíeis compreender é espiritual, ou que não o é; a consequência é muito falsa, mas é certo que há no universo um milhão, talvez, de coisas que, para serem conhecidas, exigiriam em nós um milhão de órgãos totalmente diferentes. Eu, por exemplo, concebo através de meus sentidos a causa da simpatia do ímã e do pólo, a do refluxo do mar, como se transforma o animal depois da morte; quanto a vós, não poderíeis chegar a essas altas concepções porque nos faltam as condições para essas maravilhas, assim como um cego de nascença não poderia imaginar o que é a beleza de uma paisagem, o colorido de um quadro, as nuances do arco-íris; ou então os imaginariais ora como algo palpável, ora como uma comida, ora como um odor. Mesmo assim, se eu desejasse explicarvos o que percebo através dos sentidos que vos faltam, vós o imaginariais como algo que pode ser ouvido, visto, tocado, cheirado ou saboreado, e, contudo, não é nada de tudo isso.³⁴⁰

Uma primeira questão a ser detectada a partir da declaração do demônio é que para a natureza ser dotada de todos os sentidos, ela deve ser entendida sem mistérios e longe da ideia do milagre. De acordo com Alcover, o trecho contém uma ideia de que tudo na natureza é

³³⁸ ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970, p. 154.

³³⁹ Ibid., p. 155.

³⁴⁰ CYRANO DE BERGERAC. *op. cit.*, p. 52.

material.³⁴¹ O universo, na concepção do gênio, não foi completamente conhecido pelo ser humano, pois nele há muitas coisas a serem exploradas, assim como fez o viajante ao subir aos céus. O que é mais simbólico no trecho é que o demônio reconhece a necessidade de recorrer a diferentes órgãos, pois são eles que possibilitam a sua investigação. Os sentidos são os meios pelos quais o demônio de Sócrates consegue chegar até as suas constatações, por isso a dificuldade dos seres humanos em certificar-se dos tantos mundos que o universo pode possuir.

As indagações presentes nos romances sobre a Lua e o Sol condizem com o desejo de Cyrano de criar um tipo de visão telescópica sobre o mundo. Ele mostra o planeta Terra em relação a outros globos e o universo.³⁴² O olhar do escritor pode ser entendido como uma referência à ciência emergente do período, que faz com que sejam levantadas reflexões importantes sobre a origem da vida, o pensamento e o propósito da existência humana, além daquelas relacionadas à física e à astronomia. As meditações do escritor constituem a consequência da inserção, nas obras de Cyrano, de um agente duplo, participante do científico e do ficcional, e também do filosófico e do religioso, que é o exercício espiritual. Esse agente, que foi importante para a antiguidade e para a era moderna, se refere aos procedimentos meditativos e práticos que as escolas de pensamento ofereciam aos seus alunos na Antiguidade, para que eles pudessem levar uma vida verdadeiramente filosófica. De acordo com Florent Libral, mais tarde, os padres da Igreja assumiram a tradição de levar seu rebanho à vida cristã, um processo que se perpetuou em alguns pontos na obra de Inácio de Loyola, *Exercícios Espirituais*, publicada em 1548.³⁴³ Cyrano de Bergerac se beneficiou dessa tradição com a sua proposta de uma visão da Terra do alto. O procedimento que envolve uma reflexão filosófica e meditativa do viajante que observa o mundo do alto serve como uma mecânica de invenção textual. A nova imagem, a de cima, quer representar o que o olho humano nunca viu: os lunares, os solares e as superfícies da Lua e do Sol. Assim, o exercício espiritual, em vez de representar o real, seria desviado para a ficção.³⁴⁴

Embora em vários momentos se tenha destacado que as narrativas de Cyrano se pretendem heterodoxas, de maneira irônica, elas também se inspiraram nas concepções religiosas que tratam o céu como a residência dos deuses e das almas. A questão pode ser

³⁴¹ ALCOVER, *op. cit.*, p. 51.

³⁴² HARTH, *op. cit.*, p. 138.

³⁴³ LIBRAL, Florent. Entre science et fiction: le voyage cosmique comme exercice spirituel (Cyrano et Kircher). In: BALESTRIERI, Fulvia; MARZI, Eleonora (éds.). Science et fiction. *RILUNE* — Revue des littératures européennes, n. 11, 2017, p. 36.

³⁴⁴ *Ibid.*, p. 37.

reconhecida na Lua, com a localização do paraíso no mundo lunar, e no Sol. Essa representação está centrada na Província dos Filósofos, em que Tommaso Campanella e René Descartes são encontrados por Dyrcona na parte opaca do mundo solar e podem ser classificados como uma referência aos deuses do céu religioso. A busca de Cyrano por maiores explicações sobre o mundo se encontra no exercício do pensamento, que permite a exploração imaginária por parte do escritor. Com relação a isso, se pode reconhecer que ao final desta jornada do visível e do invisível proposta por Cyrano, o eu/meu/ mim pode ser melhor colocado no universo, cumprindo assim o propósito fundamental dos exercícios espirituais desde a antiguidade: “fazer com que o conhecimento sirva ao ‘cuidado de si’”.³⁴⁵ O cuidado de si pode ser reconhecido na proposta de reflexão sensorial dos escritos de Cyrano. A explicação da natureza e das sensações dos sentidos são dadas pelo escritor como tudo aquilo que os seres humanos podem conhecer, pois o que os indivíduos conhecem pode ser classificado como uma sensação e não como os objetos externos, cujo conhecimento exige o raciocínio.³⁴⁶

Ainda sobre o exercício espiritual, Libral aponta que a visão de cima, de origem estoíca, platônica, epicurista ou cristã, permite que o ponto de vista humano seja descentralizado, transportando para um ponto alto de observação, no cume de uma montanha, em uma torre ou nas estrelas. O tema da observação do alto emergente do contexto do século XVII se misturam com as pesquisas desenvolvidas pela ciência moderna e as reflexões da filosofia, o que instigou e permitiu que os literatos imaginassem um universo material e ilimitado.³⁴⁷ Sendo assim, a reflexão de Cyrano, de fato, através do exercício espiritual, transforma as suas viagens em um exercício de leitura e de reescrita do que ele entende sobre a natureza e sobre a relação do sujeito que se indaga sobre os objetos em movimento no universo. As viagens, através da ficção, se tornam espaços para a criação de narrativas, que integravam uma forma de conhecimento e de debate sobre o mundo em que Cyrano estava incluído.

Para traçar um paralelo entre a questão filosófica e metodológica das obras de Cyrano, se faz necessário voltar ao tema do deslocamento investigado por Van Damme. O pesquisador citou Isabelle Moreau, quem reconheceu que a narrativa de viagem representou para os libertinos um “lugar de experimentação filosófica” e abrigou a prática do entretenimento e da diversão – algo evidente em Cyrano –, para destacar como a aventura e as maravilhas sobre

³⁴⁵ “(...) faire servir la connaissance au « souci de soi »”. Ibid., p. 38. Tradução livre da autora.

³⁴⁶ HARTH, *op. cit.*, p. 125.

³⁴⁷ LIBRAL, *op. cit.*, p. 38.

ambientes diferentes oferecem múltiplos estímulos para os sentidos dos escritores e dos seus leitores. Sylvia Giocanti, por sua vez, considerou que a narrativa de viagem ofereceu uma arte de “aborrecimento”, da contradição e do paradoxo; o que pode explicar a crítica dos libertinos para com a norma, os costumes e a verdade absoluta. Ademais, os libertinos estavam interessados em proporcionar e incentivar o pensamento curioso para os seus leitores, a partir da apresentação das diferenças entre a terra natal e o ambiente desconhecido, que serviu para que os autores criticassem ou defendessem alguma questão relevante ao serem apresentadas aos leitores.³⁴⁸

Em suas obras, Cyrano reflete sobre a necessidade humana dos indivíduos da sua época: o desejo por ferramentas psíquicas, materiais e literárias que lhes inspirassem a compreender o universo pouco conhecido. A aspiração do momento talvez possa ser interpretada e relacionada com a situação de nebulosidade ou de crise de consciência que os indivíduos do século XVII estavam vivenciando, mesmo instante em que ocorreu o aumento do espírito crítico.³⁴⁹ Com relação à crise de consciência vivida pelos modernos, por oposições e, até mesmo, momentos de desacordos entre visões científicas e religiosas, ocorreram alterações na forma como as Sagradas Escrituras foram vistas e como o campo religioso foi (re)considerado, mediante o cismo causado pela Reforma e o abalo sofrido pelas instituições religiosas diante das descobertas científicas. Michel de Certeau é um dos autores que sintetiza o que se passava durante esse momento e posteriormente. Para ele, o texto sagrado é uma voz, que ensina,

é a chegada de um “*querer dizer*” do Deus que espera do leitor (de fato, o ouvinte) um “*querer-ouvir*” do qual depende o acesso à verdade. Ora, por razões analisadas em outra instância, a “modernidade” se forma descobrindo aos poucos que essa Palavra não se ouve mais, que ela foi alterada nas corrupções do texto e nos avatares da história. Não se pode ouvi-la. “A verdade” não depende mais da atenção de um destinatário que se assimila com uma grandiosa mensagem identificatória. Será o resultado de um trabalho – histórico, crítico, econômico. Depende de um *querer-fazer*. A voz hoje alterada ou extinta é em primeiro lugar esta grandiosa Palavra cosmológica, que se percebe não vir mais: ela não atravessa a distância das eras. Desapareceram os lugares fundados por uma palavra, perderam-se as identidades que se julgava que elas recebiam de uma palavra. É preciso guardar o luto.³⁵⁰

A visão de Certeau sobre a relação do período moderno com a Bíblia se ajusta ao que está em jogo nas obras de Cyrano: o desejo de que a Palavra que é ouvida não seja tomada

³⁴⁸ VAN DAMME, *op. cit.*, p. 95 e 96.

³⁴⁹ MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014, p. 212.

³⁵⁰ Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 207.

como a única explicação e que o desejo da emergência do querer-fazer, de argumentar, de interrogar se mantenha como guia e a verdade seja sempre um princípio questionável. Assim, nas narrativas de Cyrano todos os “problemas” são explicados e as elucidações são apresentadas para cada questão colocada pois, para um livre-pensador, é preciso entregar-se à imaginação para que se realize o exercício do pensamento.

CONCLUSÃO

O presente trabalho verifica como Cyrano de Bergerac busca por uma liberdade de pensamento através de suas ficções literárias. O escritor estava imerso em uma conjuntura de instabilidade, na qual o Estado buscava apaziguar as relações políticas e os reflexos causados pelos conflitos religiosos; e as instituições religiosas procuravam manter e angariar fiéis devido ao “sismo cultural” desencadeado pela confirmação do heliocentrismo e do avanço da ciência – discussão que não estava mais com os escolásticos como era o caso no século XVI.³⁵¹ Ainda assim, se reconhece que no século XVII havia uma conjuntura que tentava reprimir, instaurar a ordem e incutir a norma vigente nos indivíduos, embora esse tenha sido o século que vivenciou o desenvolvimento do questionamento das certezas e da emergência do pensamento libertino. Tal proposição pode ser entendida através do que Roger Chartier atentou: sobre a necessidade de reconhecer as nuances e as sutilezas que atravessaram o século XVII, o que quer dizer que o século não viveu apenas sufocado pelo Estado absolutista, centralizador e unificador, ou pela Igreja da Reforma católica, repressiva e aculturante³⁵², sendo um período que teve uma vasta produção cultural nos seus mais variados âmbitos, como o filosófico, o científico, o literário e o artístico, por exemplo.

Ao estarem incluídas em um contexto de ebulição da reflexão e das perguntas por parte dos letrados, *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* são interpretadas por Madeleine Alcover como obras indicativas da busca de Cyrano de Bergerac pela ampliação da visão sobre o mundo vivido dos seus leitores, o que implicava romper com a ideia de um pensamento único acerca das coisas. Nesse sentido, o escritor pode ser entendido como o autor que propõe o “por que não?”.³⁵³ Numa ânsia pela liberdade de pensamento, o pensador se utiliza de suas narrativas como espaços de apresentação das suas abstrações, dos seus sonhos e das suas críticas, elementos que aparecem encobertos pelo véu da ficção e da imaginação. Assim, os mundos da Lua e do Sol são apresentados através da ótica da pluralidade de ideias, ostentando a relativização e oferecendo perspectivas diferentes dos argumentos imperativos defendidos pelos escolásticos e pelos sacerdotes.

³⁵¹ DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 444.

³⁵² CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 14.

³⁵³ ALCOVER, Madeleine. Analyse. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004, p. CLXXXV.

Aqui é necessário reconhecer a importância da escrita *pointue*, que é o que possibilita que Cyrano exceda os sentidos e transforme as suas narrativas em exercícios poéticos integrais. Ao se entregar aos múltiplos significados das palavras, o escritor fabrica obras que contemplam discursos polêmicos e equívocos, com metáforas que ora confundem ora esclarecem o que está sendo narrado. Por isso, o estilo escriturário do autor é um caminho que ele percorre em conjunto com o leitor, para enfatizar, inversamente, uma “metaforização do real”.³⁵⁴ Cyrano opta pela ficção literária e através de ironia e metáforas descontraí a narrativa para tratar dos temas sérios e relevantes para o debate filosófico do século XVII. Assim, a imaginação reivindicada nos escritos da Lua e do Sol é concebida como uma modalidade de pensamento que permite desenvolver a ficção e a apreensão do real.

Em busca da compreensão do pensamento libertino do século XVII, de como Cyrano entende a sua realidade e, principalmente, de como ele interpreta o conhecimento, já que este último representou um entusiasmo entre os pensadores da época, esta dissertação apresentou o escritor, as suas obras e o círculo dos libertinos. Optou-se por iniciar por essa reflexão pois se entende que as fontes não são exemplos isolados do pensamento libertino e do debate sobre o conhecimento, elas constituem uma rede em que os espaços literários se tornam locais protegidos para que os autores debatam e reflitam sobre as suas realidades, ideia que também aparece nos escritos de Cyrano. O contexto histórico e político dos escritos foi debatido através da proposição de dessacralização dos céus apontada por Jean Delumeau, e das leituras sobre a conjuntura dos seiscentos, diante do abalo sofrido pelas instituições religiosas, de Michel de Certeau, para pensar a emergência do livre-pensamento no século XVII e da crise, gestada séculos antes, que gerou um amplo questionamento na sociedade europeia. Em conjunto com essas questões, interrogou-se sobre o fato dos libertinos serem considerados, ou retratados, apenas como pensadores descrentes. Essa ideia foi alimentada pelos sacerdotes da época e retomada por estudos historiográficos posteriores, sem que fosse reconhecido como esse estereótipo limita a compreensão dos libertinos e de seus escritos.

Verificou-se a influência do pensamento científico nas obras de Cyrano e do diálogo que provavelmente foi estabelecido com os mapas, as narrativas de viagem, as selenografias, as utopias e com outros escritos que privilegiaram a temática da viagem. Com relação a essas questões, se reconheceu como as fontes se utilizam da ficção como um meio para introduzir os debates científicos enquanto elementos da crítica dirigida à religião. De todo modo, foram propostas estas análises para evidenciar o debate sobre o conhecimento do mundo, tema que

³⁵⁴ Ibid., p. CLXXXV.

permeou a reflexão dos autores dos seiscentos e resultou em escritos que narram o desbravamento do mundo para assim compreendê-lo.

Em outro momento da dissertação, tratou-se sobre o estilo escriturário de Cyrano e o modo como ele faz uma leitura do mundo e propõe a sua explicação, desencadeada pela ascensão ao alto do viajante, que permitiu que ele avistasse a Terra, a Lua e o Sol por outra perspectiva. Os seus escritos propõem que o mundo seja visto a partir de uma visão materialista. A matéria é tida como uma explicação para tudo, um elemento essencial que é constitutivo de tudo o que vive no universo. Esse ponto de vista pressupõe que a natureza e os fenômenos naturais sejam formados pela matéria, ideia que retira o aspecto sagrado da criação e da suposição de que um ser todo poderoso foi o criador de todas as coisas. Outra ideia verificada por meio da análise das fontes é a de que Cyrano entende o mundo como um grande animal que possui pequenos habitantes, como os bichos que se desenvolvem na farinha e no queijo e não são perceptíveis a olho nu, conforme o exemplo de Michel Onffray.³⁵⁵ O mundo seria como um imenso animal que abriga plantas, pequenos animais e os seres humanos, todos pequenos animais se comparados com a imensidão do universo. Desse modo, Cyrano encena em suas obras uma ideia semelhante para mostrar como existem muitas coisas que ainda são desconhecidas pelos pequenos seres e por quê não se pode acreditar que existe uma única verdade sobre o mundo. Ainda, se verificou que para Cyrano não existe uma diferença entre os animais e os seres humanos, há apenas uma diferença de degrau que foi inventada pelo ser humano, o que demonstra a vaidade humana.

As provocações do livre pensador resultaram na censura de suas edições impressas e, para além disso, promoveram uma reflexão sobre o modo como os indivíduos lidavam com suas convicções, pois Cyrano subverte a lógica, transforma o mundo da Lua e do Sol em inversões: os lunares não temem a morte, guerreiam baseados na equidade, escutam livros e valorizam os mais novos; os solares têm as aves como governantes, não acreditam na vida após a morte e não temem a vastidão do universo. E uma das questões que perpassa as duas obras é que nenhum dos habitantes da Lua e do Sol professa alguma religião. Com efeito, a crítica de Cyrano vai além da crítica dirigida à religião e aos aspectos que envolvem a prepotência e o antropocentrismo dos seres humanos, pois para o autor os sistemas das crenças limitam a expansão do pensamento. Uma solução para o “problema” seria se utilizar da imaginação como um despertar dos limites que são impostos ao pensável.

³⁵⁵ ONFRAY, Michel. Les libertins baroques. *Contre-histoire de la philosophie III*. Éditions Grasset & Fasquelle, 2008, p. 211.

Outra questão relacionada ao materialismo de Cyrano é que as diversas modificações que uma matéria perpassa não impedem a existência de uma única substância. Onfray interpreta essa questão sugerindo que um único mundo, ou um grande animal, pode abrigar infinitas variações em um só.³⁵⁶ Cyrano é partidário dessa ideia e faz com que o seu viajante narre as variações observadas nos mundos da Lua e do Sol. Alguns exemplos disso podem ser encontrados nas obras, como o caso do demônio de Sócrates, guia do viajante no mundo da Lua, já que a sua natureza espiritual permite com que ele tenha vários corpos diferentes; ou o caso dos seres que se metamorfoseiam no mundo do Sol e se transformam em vários homenzinhos ou apenas em um homem; há também o caso dos mortos que no mundo da Lua e do Sol se transformam em pequenas partículas e se reintegram à massa corpórea do mundo solar. Todos esses exemplos podem ser interpretados a partir da ideia da variação da matéria. Dessa maneira, tudo o que é proposto por Cyrano é uma questão de transformação e perspectiva que possibilita infinitas ideias e faz com que o escritor se aproxime de um possível relativismo.

Uma última reflexão propõe discutir como as viagens de Cyrano servem enquanto meios de expressão das inquietações da época. Na verdade, a ficção literária é em si mesma uma grande propulsora do florescimento da imaginação, que permite que dentro de um espaço imaginário tudo se torne possível. Essa ideia pode ser corroborada a partir da constatação de que nas sociedades europeias modernas, durante o século XVI e XVII, as narrativas de viagem e do gênero utópico ganharam força e obtiveram uma grande quantidade de publicações. O que se pode compreender com isso é que a literatura ofereceu um espaço para que um novo mundo fosse descoberto pelos leitores. Roger Chartier confirma essa questão ao dizer que nas sociedades do Antigo Regime, entre os séculos XVI e XVII, a circulação multiplicada do escrito impresso modificou as formas de sociabilidade, autorizou novos pensamentos e transformou as relações de poder.³⁵⁷ Com isso se pretende pensar a ficção, que muitas vezes foi acusada de não possuir um discurso unívoco ou carecer de uma limpeza, e como ela lida, nas palavras de Michel de Certeau, com a estratificação de sentido – que relata uma coisa para exprimir outra – e se configura em uma linguagem que extrai, indefinidamente, efeitos de sentido que não podem ser circunscritos, nem controlados.³⁵⁸ Por isso, a literatura deve ser entendida como uma representação, pois representar, acionando a

³⁵⁶ Ibid., p. 213.

³⁵⁷ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991, p. 177.

³⁵⁸ CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 48.

explicação de Sandra Pesavento, significa estar no lugar de, é uma presentificação de um ausente ou um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência.³⁵⁹ Logo, a ficção literária não pode ser um reflexo por completo da sociedade e do meio em que foi produzida, mas é possível reconhecer como a ficção permite a criação de algo inesperado, ao converter uma realidade em uma fantasia desconhecida, fascinando as mentes humanas justamente pelo seu poder de idealização.

É importante destacar como esta pesquisa motivou a reflexão sobre a relação que os seres humanos estabelecem com a produção de conhecimento, que no caso de Cyrano se deu através da ficção e da escrita, e de como esse é um tema significativo para se pensar sobre o desenvolvimento do pensamento crítico nas sociedades modernas. Diante da investigação desenvolvida ao longo deste trabalho, respeitando uma delimitação espaço-temporal previamente definida, se buscou fugir das leituras que entendem os libertinos e o pensamento libertino como uma mera resposta herética a conjuntura em que viviam ou de que as suas produções não propõem reflexões atreladas às discussões filosóficas do século XVII. O que se optou foi reconhecer como as obras dos libertinos, especialmente no caso de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol*, estavam incluídas no grande debate filosófico e também literário da época, e estavam inspiradas em discussões iniciadas séculos antes com os humanistas e as redescobertas dos textos antigos como de Lucrécio ou de Sexto Empírico, por exemplo. Para mais, os questionamentos que podem ser evidenciados nas narrativas dos libertinos, possivelmente lançaram as bases e os germes para o desenvolvimento da libertinagem do século XVIII e para a reflexão deste mesmo período em torno da “razão crítica”, termo que foi formulado por Immanuel Kant, que animou muitos dos pensadores do século das luzes.

Embora tenha se buscado pela iluminação da grande parte das questões que se levantavam ao longo da pesquisa, algumas reflexões ainda se mantêm em aberto como: o debate editorial em que as fontes estão incluídas, sobre a natureza das censuras sofridas pelas edições póstumas de *Viagem à Lua* e *Viagem ao Sol* e sobre as alterações de conteúdo que talvez tenham advindo do círculo familiar de Cyrano. Essas questões necessitam de uma discussão mais completa sobre a autoria e todo o processo que envolveu a publicação de uma obra impressa durante o século XVII, debates que certamente aparecerão em trabalhos futuros. Conjunto a isso, a presente pesquisa deu um ponta pé inicial para as investigações sobre as relações que os escritores estabeleciam entre si e a importância do meio literário e social que conviviam, temas que trazem à tona a discussão sobre as relações de poder no meio

³⁵⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 9.

libertino ou quanto à relação estabelecida entre os pensadores e a esfera pública e política do momento, ideias que devem aparecer mais profundamente analisadas em outros trabalhos.

Para concluir, se espera que a pesquisa tenha gerado a curiosidade e fomentado o interesse pelos estudos históricos sobre o pensamento libertino, sobre a figura de Cyrano de Bergerac e as suas obras literárias. Temas que ainda são muito pouco estudados no Brasil, assim como internacionalmente e aguardam para que uma história seja contada sobre eles. Sobre outras pesquisas que podem ser lançadas no futuro, elas poderiam pensar de modo mais profundo sobre a sociabilidade dos círculos dos libertinos, a circularidade literária dos autores e as possíveis difusões de manuscritos clandestinos entre os livre-pensadores. Seria muito bem vinda uma análise que alargasse as relações entre as obras dos libertinos com reflexões de outros pensadores advindos de outro meio, como uma possível análise comparativa. De todo modo, muitos são os espaços que podem ser preenchidos para se pensar sobre a atuação dos libertinos. Assim, o que se pode concluir aqui foi que Cyrano se utilizou da imaginação como uma modalidade de pensamento para criticar a sociedade em que vivia e elaborar uma alternativa de pensamento, que se mostrou materialista e naturalista, mas não se limitou em ser séria, pois para o escritor o exercício do pensamento livre é uma oportunidade para filosofar de maneira bem-humorada e divertida.

REFERÊNCIAS

FONTES

ACADÉMIE FRANÇOISE. *Le dictionnaire de l'Académie Française*, dédié au Roy. Tome Premier. A-L. Paris: Vve J. B. Coignard et J. B. Coignard, 1694.

BERNIER, François. *Abrégé de la philosophie de Gassendi*. Tome I. Lyon: Chez Anisson & Posuel, 1678.

CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

CHAPELLE. *Voyage de Chapelle et Bachaumont, suivi quelques autres voyages dans le même genre*. Paris: Chez Lebègue, imprimeur-libraire, 1821.

CHARRON, Pierre. *De la sagesse, trois livres. Nouvelle édition, publié avec des sommaires et des notes explicatives, historiques et philosophiques par Amaury Duval*. Paris: Rapilly, passage des panoramas, 1827.

COPÉRNICO, Nicolau. *De revolutionibus orbium coelestium*. Nurembergue: Johannes Petrejus, 1543.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de; LE BRET, Henry. *Histoire comique*: contenant les états et empires de la Lune par M. Cyrano de Bergerac. Paris: Éditeur Charles de Sercy, 1657.

CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Les nouvelles oeuvres de Monsieur de Cyrano de Bergerac*: contenant l'histoire comique des estats & empires du Soleil. Paris: Chez Charles de Sercy, 1662.

CYRANO DE BERGERAC. *Histoire Comique des États et Empires de la Lune et du Soleil*. Nouvelle édition par P. L. Jacob. Paris: Adolphe Delahays, Libraire-Éditeur, 1858.

CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres diverses*: Lettres satiriques, amoureuses, etc. Les entretiens pointus, Le pédant joué, comédie, La mort d'Agrippine, tragédie. Nouvelle édition par Frédéric Lachèvre. Paris: Libraire Garnier, 1933.

CYRANO DE BERGERAC. *Viagem aos Impérios do Sol e da Lua*. Tradução José Maria Machado. São Paulo: Edição Clube do Livro, 1955.

CYRANO DE BERGERAC. *Oeuvres complètes*. Édition critique, textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: H: Champion, 2000.

CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.

CYRANO DE BERGERAC. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.

DASSOUCY, Charles. *Le Jugement de Paris em vers burlesques de Mr. Dassoucy*. Paris: Chez Toussaint Quinet, 1648.

DASSOUCY, Charles. *L'Ovide en belle humeur de Mr Dassoucy. Enrichy de toutes ses figures burlesques*. Paris: Chez Charles de Sercy, 1650.

DASSOUCY, Charles. *Les rimes redoublées de Monsieur Dassoucy*. Paris: Imprimerie de Claude Nego, 1671.

D'AVITY, Pierre. *Le Monde, ou La description générale de ses quatre parties. Avec tous ses empires, royaumes, estats et républiques par Pierre d'Avity. Seconde édition. Revue, corrigée & augmentée au Tome de la France par F. Ranchin*. Paris: Claude Sonnius e Denys Bechet, 1643.

DESCARTES, René. *Princípios da Filosofia*. Tradução João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997.

DESCARTES, René. *Meditações metafísicas*. Tradução Marina Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Tradução Joana Albuquerque. Editora Marco Zero, 1977. Versão digitalizada por Grupo Digitals, 2000.

FOIGNY, Gabriel. *A terra austral conhecida (1676)*. Tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

GALILEI, Galileu. *Sidereus nuncius*. Venice: Thomas Baglionum, 1610.

GARASSE, François, *La Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps, ou pretenduz tels, contenant plusieurs maximes pernicieuses à l'Estat, à la Religion et aux bonnes Mœurs, combattue et renversee par le P. François Garassus de la Compagnie de Jésus*. Paris: Sébastion Chappelet, 1623.

GASSENDI, Pierre. *De vita et moribus Epicure libri octro*. Ed. Hagae-Comitum: Adrianum Vlacq, 1656.

GASSENDI, Pierre. *Opera Omnia*. Ed. Tullio Gregory. Sttugart-Bad Cannstatt: Friedrich Frommann Verlag, 1964.

GODWIN, Francis. *The Man in the moone*. London: Joshua Kirton, 1657.

KEPLER, Johannes. *Somnium, Seu Opvs Posthvmvm de Astronomia Lvnari*. Frankfurt: Sagani Silesorium, 1634.

KIRCHERI, Athanasii. *Itinerarium exstaticum*. Romae: Typis Vitalis Mascardi, 1656.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *De la vertu des payens*. François Targa: Paris 1642.

LA MOTHE LE VAYER, François de. *De la liberté et de la servitude*. Paris: Sommaville, 1643.

LACHÈVRE, Frédéric. *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac*, t. I, II. Paris: Champion, 1921.

LACHÈVRE, Frédéric. *Les oeuvres libertines de Cyrano de Bergerac*. Précédées d'une notice biographique. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1921.

L'HERMITE, Tristan. *Le Page disgracié*, où l'on voit de vifs caractères d'hommes de tous temperamens et de toutes professions, par M. Tristan L'Hermite. Première partie. Paris: Chez Andre Boutonne, 1667.

NAUDÉ, Gabriel. *Apologies pour tous les grands personnages qui ont este faussemment soupçonnez de magie*. Paris: A La Haye, 1653.

SAMÓSATA, Luciano. *Luciano VII*. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Universidade de Coimbra, 2013.

SAMOSÁTA, Luciano. Tradução. In: SANO, Lucia. *Das Narrativas Verdadeiras, de Luciano de Samósata: Tradução, Notas e Estudo Dissertação de mestrado*. Universidade de São Paulo, 2008.

WILKINS, John. *The Discovery of a world in the moone*. London: E.G. Michael Sparke and Edward Forrest, 1638.

BIBLIOGRAFIA

AÏT-TOUATI, Frédérique. *Fictions of the cosmos: science and literature in the seventeenth century*. Translated by Susan Emanuel. Chicago: The University of Chicago Press, 2011.

ALCOVER, Madeleine. *Biographie e Analyse*. In: CYRANO DE BERGERAC. *Les États et Empires de la Lune et du Soleil* (avec fragment de physique). Édition critique. Textes établis et commentés par Madeleine Alcover. Paris: Honoré Champion, 2004.

ALCOVER, Madeleine. *La pensée philosophique et scientifique de Cyrano de Bergerac*. Paris-Genève: Librairie Droz, 1970.

ALCOVER, Madeleine. *Cyrano relu et corrige*. Genève: Droz, 1990.

ALCOVER, Madeleine. *Un gay trio: Cyrano, Chapelle, Dassoucy*. In: HEYNDELS, Ralph; WOSHINSKY, Barbara. *L'autre au XVII^{ème} siècle. Actes du 4^e colloque du Centre International de Rencontres sur le XVII^e siècle*. University of Miami 23 au 25 avril, Biblio 17, 1998.

ALCOVER, Madeleine. *Cyrano et les dévots*. In: BENITEZ, Miguel; MCKENNA, Antony; PAGANINI, Gianni; SALEM, Jean. *Materia actiosa. Antiquité, Âge classique, Lumières*. Mélanges em l'honneur d'Oliver Bloch. Paris: H. Champion, 2000.

ALCOVER, Madeleine. *Éphémérides ou biographie sommaire de Savinien de Cyrano de Bergerac. Les Dossiers du Grihl* [En ligne]. Les dossiers de Jean-Pierre Cavaillé, Libertinage, athéisme, irréligion. Essais et bibliographie, 2010.

AVILA, Nydia Pineda de. *Crater-Pear-Vale: earth-moon analogis in Robert Hooke's Micrographia. Newberry Essays in Medieval and Early Modern Studies*, v. 9, 2015.

BACZKO, Bronislaw. *Utopia*. In: *Enciclopédia Einaudi*, INCM, Anthropos-Homem: Lisboa, v. 5, 1989.

BESSE, Jean-Marc. *Cartographie et grandeurs de la Terre. Aspectes de la géographie européenne (XVI^e-XVIII^e siècle)*. In: PESTRE, Dominique; VAN DAMME, Stéphane. *Histoire des sciences et des savoirs*. 1. De la Renaissance aux lumières. Paris: SEUIL, 2015.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BLANCHARD, Jean-Vincent. *L'optique du discours au xvii^e siècle*. De la rhétorique des jésuites au style de la raison moderne (Descartes, Pascal). Canada: Presses Université Laval, 2005.

BRAGA, Gabriel Elysio Maia. *O natural e o sobrenatural na modernidade: a polêmica erudita sobre os mortos-vivos (1659-1751)*. Dissertação de Mestrado em História. UFPR, Curitiba, 2017.

BRANDÃO, Jacyntho Lins. Posfácio Cyrano de Bergerac e a Tradição Luciânica. In: CYRANO DE BERGERAC, Savinien de. *Viagem à Lua*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Globo, 2007.

BURKE, Peter. A República das Letras Europeia, 1500-2000. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, 2011.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *A cruz e a luneta: a ciência e religião na Europa Moderna*. Rio de Janeiro Access, 2000.

CAROZE, Michel. *Cyrano de Bergerac. Libertin libertaire*. Editions Jean-claude Lattès, 1994.

CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Histoires d'équivoque. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques* [En ligne], n. 33, 2004.

CERTEAU, Michel de. *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CERTEAU, Michel de. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Tradução Abner Chiqueri. Rio de Janeiro: Forense, 2015.

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. *Inscriver e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Tradução Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. Tradução Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

CORNETTE, Joël. *La monarchie absolue*. De la Renaissance aux Lumières. Paris: La documentation française, 2007.

COSTA, Leila de Aguiar. *Antigos e modernos: a cena literária na França do século XVII*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2009.

COSTA, Leila de Aguiar. Um faro para a modernidade: breves notas sobre o(s) outro(s) mundo(s) de Cyrano de Bergerac, *Carnets*, Première Série – 3, 2011.

DARMON, Jean-Charles. *Le songe libertin*. Cyrano de Bergerac d'un monde à l'autre. Paris: Klincksieck, 2004.

DARMON, Jean-Charles. Libertinage et politique: remarques sur l'utilité et les incertitudes d'un questionnement. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, 2004.

DEJEAN, Joan. *Libertine strategies*. Freedom and the novel in seventeenth-century. Columbus: Ohio State University Press, 1981.

DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DESAN, Philippe. Préfaces, prologues et avis au lecteur: strategies préfacielles à la Renaissance. In: François Cornilliat; Ullrich Langer; Douglas Kelly (eds.). *What is literature?: France, 1100-1600*. Lexington, Ky: French Forum, 1993.

DORÉ, Andréa. Cristãos na Índia no século XVI: a presença portuguesa e os viajantes italianos. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

DORÉ, Andréa. *Sitiados: os cercos às fortalezas portuguesas na Índia*. São Paulo: Alameda, 2010.

DORÉ, Andréa. Vendre le monde: les préfaces des cosmographies à la Renaissance. *Margini: Giornale della dedica e altro*, n.11, 2017.

DORÉ, Andréa. Damião de Góis, Sebastian Münster e a sociabilidade dos humanistas em torno do saber geográfico. In: DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos. (orgs.) *O que é sociabilidade?* São Paulo: Intermeios, 2019.

DUBOIS, Claude-Gilbert. *O imaginário da Renascença*. Tradução Sérgio Bath. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

DUPAS, Matthieu. La sodomie dans l'affaire Théophile de Viau: questions de genre et de sexualité dans la France du premier xvii^e siècle. *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], 2010.

FEBVRE, Lucien. *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREYROLLES, Gérard. Le XVII^e siècle et le statut de la polemique. *Littératures classiques*, v. 59, n. 1, 2006.

GERMAIN, Anne. *Monsieur de Cyrano-Bergerac. Biographie littéraire*. Lausanne-Paris: Éditions Acatos, 1996.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. Tradução Samuel Titan Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GIOCANTI, Sylvia. Ce que le libertinage politique, s'il existe, doit au scepticisme. *Littératures classiques*, v. 55, n. 3, 2004.

GRANT, Edward. *História da filosofia natural do mundo antigo ao século XIX*. Tradução Tiago Attore. São Paulo: Madras, 2009.

GREENBLATT, Stephen. *A virada: o nascimento do mundo moderno*. Tradução Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

HADDAD, Thomás A. S. Lunar maps and astronomical careers in 17th-century Iberian Peninsula. *Circumscribere: International Journal for the History of Science*, v. 10, 2011.

HADDAD, Thomás A. S. Um império de outro mundo: a Lua dos Austrais e a Lua dos astrônomos. In: GESTEIRA, Heloisa Meireles; CAROLINO, Luís Miguel; MARINHO, Pedro (orgs.). *Formas do Império: ciência, tecnologia e política em Portugal e no Brasil, séculos XVI ao XIX*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

HARTH, Erica. *Cyrano de Bergerac and the polemics of modernity*. Columbia University Press, New York and London, 1970.

HESPANHA, António Manuel. *Caleidoscópio do Antigo Regime*. São Paulo: Alameda, 2012.

JÚNIOR, Luiz César de Sá. O renascimento sobre o cadafalso. *Revista Topoi*, v. 14 n. 27, Rio de Janeiro, 2013.

KORS, Alan Charles. *Epicureans and Atheists in France, 1650-1729*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

KOSELLECK, Reinhart. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Tradução Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.

LESTRIGANT, Frank. O impacto das descobertas geográficas na concepção política e social da utopia. Tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006.

LESTRINGANT, Frank. *A oficina do cosmógrafo: ou a imagem do mundo no Renascimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

LIBRAL, Florent. Entre science et fiction: le voyage cosmique comme exercice spirituel (Cyrano et Kircher). In: BALESTRIERI, Fulvia; MARZI, Eleonora (éds.). *Science et fiction. RILUNE — Revue des littératures européennes*, n. 11, 2017.

LIEBEL, Silvia. *Viagem à Lua: utopia, viagem imaginária e o mundo de ponta cabeça em Cyrano*. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, v. 11, n. 2, 2016.

LIEBEL, Silvia. *O mundo às avessas na europa dos séculos XVI e XVII: humor, sandice e crítica social*. Dissertação de Mestrado em História. UFPR, Curitiba, 2006.

MACHADO, Maria. *La Mort d'Agrippine, De Cyrano de Bergerac: Uma Tragédia Sem Eternidade*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002.

MCKENNA, Antony. Les manuscrits philosophiques clandestins à l'Age classique. *Actes du colloque de l'Universtié Jean Monnet Saint-Etienne du 29 septembre au 2 octobre 1993*. Paris, 1993.

MERLIN-KAJMAN, Hélène. *Public et littérature en France au XVII^e siècle*. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

MINOIS, Georges. *A idade de ouro: história da busca da felicidade*. Tradução Christiane Fonseca Gradvohl Colas. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

MINOIS, Georges. *História do ateísmo: os descrentes no mundo ocidental, das origens aos nossos dias*. Tradução Flávia Nascimento Falleiros. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

MINOIS, Georges. *História do Futuro: dos profetas à prospectiva*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Editora UNESP, 2016.

MOREAU, Isabelle. Stratégies d'écriture et pouvoir politique: le cas de La Mothe Le Vayer. *Littératures classiques*, n. 55, 2004.

MUCHEMBLED, Robert. *Uma história do diabo: séculos XII-XX*. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NÉDELEC, Claudine. Cyrano de Bergerac, entre science et fiction. *L'information littéraire*, v. 57, n. 1, 2005.

NÉDELEC, Claudine. Burlesques et polemiques. *Littératures classiques*, v. 59, n. 1, 2006.

ONFRAY, Michel. Les libertins baroques. *Contre-histoire de la philosophie III*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 2008.

PARMENTIER, Bérengère. Le démon de Socrate. L'allusion equivoque dans L'Autre monde de Cyrano de Bergerac. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques* [En ligne], n. 33, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POPKIN, Richard H. *História do Ceticismo de Erasmo a Spinoza*. Tradução Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

PRÉVOT, Jacques. *Cyrano de Bergerac poète et dramaturge*. Paris: Eugène Belin, 1978.

RACAULT, Jean-Michel. Da ideia de perfeição como elemento definidor da utopia: as utopias clássicas e a natureza humana. Tradução Ana Cláudia Romano Ribeiro. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n.6, 2009.

REQUEMORA, Sylvie. L'espace dans la littérature de voyages. *Revue Études littéraires*, n. 34, v. 1-2, 2002.

RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. A Intertextualidade em A Terra Austral Conhecida (1676), de Gabriel de Foigny. *Letras (UFSM)*, v. 43, 2011.

RIBEIRO, Jair Lúcio Prados. O Sonho de Johannes Kepler: uma tradução do primeiro texto de *hard sci-fi*. *Revista Brasileira de Ensino de Física, História da Física e Ciências Afins*, v. 40, n. 1, 2018.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. *História da ciência*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012, v. 2.

ROSELLINI, Michèle. Homosexualité et esprit fort dans la première moitié du xvii^e siècle: indices poétiques d'une « invisible affinité ». *Les Dossiers du Grihl* [En ligne], v. 1, 2010.

ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos: aspectos da Revolução Científica*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Editora Edusc, 2001.

ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Tradução Antonio Angonese. São Paulo: Edusc, 2001.

TISSIER, Jean-Louis. Oekoumène. *Hypergeo*, 2014.

TORERO-IBAD, Alexandra. *Libertinage et science dans le premier XVII^e siècle: le matérialisme de Savinien Cyrano de Bergerac*. Paris: Centre d'Etudes en Rhétorique, Philosophie et Histoire des Idées (CERPH), Institut d'Histoire de la Pensée Classique, 2006.

TROUSSON, Raymond. O mito americano: utopias e viagens imaginárias desde a renascença. Tradução Emerson Tin. *Revista MORUS – Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006.

VAN DAMME, Stéphane. La mappemonde sceptique: une géographie des “libertins érudits”. *Littératures classiques*, v. 92, n. 1, 2017.

WINKLER, Mary G; VAN HELDEN, Albert. Johannes Hevelius and the visual language of astronomy. In: FIELD, J. V; JAMES, Frank A. J. L. (orgs.). *Renaissance and Revolution: humanists, scholars, craftsmen and natural philosophers in early modern Europe*. University Press, Cambridge, 1993.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. Produção literária e sociabilidades letradas nos salões franceses do século XVII. In: DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos. (Orgs) *O que é sociabilidade?* São Paulo: Intermeios, 2019.